

**LYNDA
LA
PLANTE**



AS VIÚVAS





**LYNDA
LA
PLANTE**



AS VIÚVAS



AS VIÚVAS

Lynda La Plante

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © La Plante Global Limited 2018

Publicado originalmente em uma edição revisada em inglês, por Bonnier Zaffre, Londres.

Os direitos morais do autor foram garantidos.

TÍTULO ORIGINAL

Widows

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Laís Curvão

Daniel Austie

DESIGN DE CAPA

Rafael Nobre

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0392-3

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Ann Mitchell, que era e sempre será Dolly Rawlins

Prólogo

Londres, 1984

O plano do assalto era perfeito: caso contrário, Harry Rawlins não o levaria adiante. Rico negociante de antiguidades especializado em obras de arte, prataria e joias valiosas, ele e a esposa, Dolly, formavam um casal extraordinário. Mas Harry Rawlins tinha outro lado. Criminoso estabelecido e especialista em lavagem de dinheiro, inspirava grande respeito e lealdade em seus homens, embora fosse um inimigo frio, calculista e letal. E, apesar de a polícia suspeitar que ele estava profundamente envolvido com o crime, Harry Rawlins nunca passou um único dia atrás das grades.

O plano era simples e, como qualquer coisa liderada por Harry Rawlins, fora ensaiado repetidas vezes, em todos os detalhes. Quatro deles usando balaclavas interceptariam um carro-forte em um ponto pré-determinado da passagem subterrânea de mão dupla da Strand. À frente do carro-forte, ao volante de um caminhão de pão, um dos membros da gangue pisaria no freio, bloqueando a passagem. Assim que o carro-forte parasse, três homens que viriam mais atrás em uma van Ford Escort assumiriam suas posições. Um deles deteria o trânsito sob a mira da arma enquanto os outros dois, usando gelatina explosiva e um detonador ligado a fios, arrombariam as portas traseiras do carro-forte. O motorista do caminhão se juntaria aos demais, e os assaltantes encheriam as mochilas uns dos outros com sacos de dinheiro. Então três dos assaltantes armados atravessariam correndo os últimos cinquenta metros até a saída da passagem subterrânea, na qual um carro de fuga os estaria esperando. Cobrindo a evasão, o quarto assaltante dirigiria o caminhão de pão até um esconderijo também pré-determinado.

Quando o caminhão de entrega de pão, o carro-forte e a van Ford Escort entraram na passagem subterrânea da Strand, tudo parecia correr conforme o planejado. Os assaltantes, todos bandidos experientes, estavam preparados para a próxima etapa. Mas de repente... o inesperado aconteceu. Logo atrás deles surgiu

uma viatura da polícia, que entrara na passagem subterrânea perseguindo dois rapazes que haviam roubado um carro.

Quando as sirenes foram ligadas, o motorista da van entrou em pânico, se virou para olhar para trás e, naquela mesma fração de segundo, dando continuidade ao plano, o homem ao volante do caminhão pisou no freio, forçando o carro-forte a fazer o mesmo. Quando o motorista da van voltou a olhar para a frente, já era tarde demais. Ele bateu no carro-forte e os rapazes que fugiam da polícia bateram em sua traseira.

Os impactos quase simultâneos fizeram com que o assaltante no banco do carona fosse lançado para a frente. A gelatina explosiva foi arrancada de sua mão e bateu no painel, provocando uma explosão e formando uma bola de fogo que tomou conta do interior da van.

Os três assaltantes armados ficaram presos dentro do veículo. As chamas e a fumaça impediam a abertura da porta do motorista. Ninguém podia se aproximar, ninguém podia ajudá-los, mas todos ouviram seus gritos quando o tanque de combustível explodiu e destruiu o que restava da van.

Na terrível confusão que se seguiu, ninguém notou o motorista do caminhão de pão. Sem acreditar no que acontecia, ele observou tudo por alguns segundos, correu de volta ao caminhão e saiu da passagem subterrânea.

* * *

Os três corpos carbonizados da van foram levados para o necrotério de Westminster. Dois dias depois, o patologista forense terminou a análise e identificou-os oficialmente como Harry Rawlins, Joe Pirelli e Terry Miller.

O motorista da van, Harry Rawlins, recebeu todo o impacto da explosão da gelatina. A parte superior do seu corpo foi despedaçada, o crânio, tão fragmentado que não pôde ser reconstituído, e as pernas foram carbonizadas até os ossos. No entanto, preso ao pulso esquerdo queimado e mutilado, havia um Rolex de ouro com a inscrição agora borrada: *Para Harry – com amor, Dolly – 12/2/62*.

Embora a polícia suspeitasse desde o início que o segundo corpo era de Joe Pirelli, um lado do seu rosto estava queimado demais para terem certeza. Joe tinha ficha criminal, mas não foi possível extrair impressões digitais porque nenhuma de suas mãos fora encontrada intacta. Um odontologista forense teve que ser

chamado e acabou identificando o corpo com relativa certeza analisando a arcada dentária.

Com três condenações anteriores, Terry Miller foi reconhecido pelas impressões parciais de um polegar e de um indicador do que restara de sua mão esquerda carbonizada.

Os três homens eram casados. Agora suas três mulheres estavam viúvas.

CAPÍTULO 1

Dolly Rawlins estava na cozinha, passando o colarinho e os punhos da camisa que ela cuidadosamente engomara, do jeito que Harry gostava. Ao lado dela, o cesto de roupas acumulava uma pilha de lençóis e fronhas já passadas. Wolf, o poodlezinho branco que Harry trouxera para casa depois que Dolly dera à luz um bebê natimorto e suas esperanças de constituir uma família foram por água abaixo, sentou-se aos seus pés com a cabeça baixa. Sempre alerta, ia atrás da dona toda vez que ela se mexia.

Dolly estava lavando, passando e aspirando desde que voltara da delegacia. Já passava das 13h. Às vezes, ela parava e simplesmente ficava olhando para o nada, então a dor aumentava e Dolly voltava ao trabalho; qualquer coisa para deter o que sentia. A polícia não deixou que ela visse o corpo de Harry, pois estava muito desfigurado, e parte dela se recusava a aceitar o que lhe disseram. Dolly tinha certeza de que estavam mentindo. A qualquer momento, Harry voltaria para casa.

* * *

Linda Pirelli ficou imóvel no necrotério frio, o cabelo comprido e castanho-escuro emoldurando o rosto pálido. Ela queria ter alguém ali ao seu lado, queria várias coisas, mas, naquela hora, o que mais queria era que tudo fosse um pesadelo e que, a qualquer momento, ela acordasse.

— A arcada dentária sugere que este é o seu marido, Sra. Pirelli, mas, como não encontramos todos os dentes, gostaríamos que a senhora também desse uma olhada — disse o agente funerário. — Um lado do rosto não está muito queimado, então, se a senhora permanecer onde está, vai ficar bem. Pronta?

Antes que Linda pudesse responder, ele puxou o lençol branco. Ela ofegou, levou a mão à boca e ficou paralisada. Depois sentiu algo quente escorrer por entre as pernas.

— Banheiro, eu preciso ir ao banheiro... — começou a murmurar baixinho.

— Esse é o seu marido, Joseph Pirelli? — perguntou a policial que a escoltava.

— Sim, sim, é ele. Agora me tire daqui, por favor — implorou Linda.

A policial segurou Linda pelo braço e gentilmente a guiou até um banheiro no corredor.

* * *

Audrey, a mãe de Shirley Miller, estava farta e esgotada. Olhou com repugnância para seu velho vestido de lã sem caimento, as pernas nuas e as botas na altura dos tornozelos. Ao ter um vislumbre de si mesma no reflexo da janela da cozinha, viu que raízes grisalhas brotavam em seu cabelo pintado de ruivo. Precisava de uma tintura para se sentir humana novamente. Enquanto observava seu reflexo extenuado, ouvia a filha se debulhando em lágrimas no andar de cima.

Shirley estava deitada na cama, os olhos vermelhos de chorar. Sempre que fechava os olhos voltava a chorar, repetindo o nome dele várias vezes:

— Terry... Terry... Terry... — gritava, pressionando contra o peito um porta-retratos com a foto do marido.

Audrey se apressou em lhe trazer uma bandeja com um copo de leite quente e torradas amanteigadas, mas Shirley não conseguiu tocar em nada, então a mãe raspou o prato sozinha. Enquanto comia, olhou para a pequena foto com moldura prateada que Shirley abraçava.

Sentada na beirada da cama, Audrey admirou a bela filha, o orgulho de sua vida. Shirley era uma jovem deslumbrante, com um corpo curvilíneo e cabelo comprido e cacheado passando dos ombros. Tinha um temperamento muito doce e confiável e só contrariou os desejos de Audrey uma vez, ao se casar com Terry Miller. Ela vai superar, disse Audrey a si mesma. Com o tempo, vai voltar a si. Mas, por enquanto, era melhor deixar que chorasse.

* * *

Às 14h, Dolly arrastou a tábua de passar roupa escada acima de sua casa imaculada em Potters Bar. Wolf a seguiu, sonolento. Ele costumava dormir na sala, no espesso tapete persa diante da lareira ornamentada. Na cornija da lareira havia

fotos de toda uma vida de Dolly e Harry: o casamento no cartório em Chelsea, Dolly usando um vestido Chanel e segurando um pequeno buquê de rosas brancas, a lua de mel em Paris e, então, cada aniversário, Natal e baile de caridade que veio em seguida. No inverno, a lareira acesa aquecia o corpinho de Wolf e, no verão, o cachorro aproveitava o ar fresco que circulava pela sala quando as janelas estavam abertas. Contudo, quando Harry estava fora a trabalho, Wolf sempre se aninhava ao lado de Dolly no elegante sofá de veludo vermelho com franjas douradas.

Dolly abriu a porta do quarto. Lá dentro, a lâmpada da cabeceira fornecia um brilho quente e tênue ao cômodo impecável: cortinas drapeadas combinando, colcha e algumas almofadas cuidadosamente arrumadas; nada fora do lugar. Depois de guardar a tábua de passar, Dolly levou a mão ao bolso do avental e acendeu o centésimo cigarro do dia. Ao tragar, sentiu o coração pesar em seu peito.

De volta ao térreo, abriu as portas de mogno do armário onde ficava o som, ligou o aparelho e posicionou a agulha no LP que já estava no prato. Ela colocara aquela música para tocar diversas vezes desde que chegara da delegacia: a voz suntuosa e profunda de Kathleen Ferrier cantando “What is Life” parecia acalmá-la.

Fumando, Dolly sentou-se na sala, com Wolf enroscado ao seu lado. E ali ela ficou a noite inteira. Não chorou, não conseguia — era como se alguém tivesse esvaziado todas as emoções que existiam dentro dela. Dolly pensou na manhã da antevéspera, quando Harry lhe dera um beijo de despedida. A viagem de negócios para comprar antiguidades demoraria só alguns dias, dissera. Dolly sentiu saudades de Harry durante todo o tempo em que ele esteve ausente e, na noite anterior, preparava uma lasanha para jantarem assim que ele voltasse — Harry gostava do queijo gratinado sobre a massa — quando a campainha tocou.

Enxugou as mãos em um pano de prato enquanto Wolf latia e se aproximava da porta de mogno. Ela o seguiu até o corredor e então ficou imóvel. Ali, nos painéis de vitrais, viu duas silhuetas escuras. A campainha tocou outra vez.

Os dois detetives mostraram as credenciais e perguntaram se o marido dela estava em casa. A lei já tinha batido à sua porta algumas vezes, de modo que Dolly imediatamente se fechou, reservada, e disse que Harry estava ausente, a trabalho. Então os detetives pediram que ela calçasse os sapatos, vestisse um casaco e os

acompanhasse até a delegacia para identificar algo que acreditavam pertencer ao marido dela. Na viatura, foram de pouca ajuda, recusando-se a responder a suas perguntas, o que a assustou. E se tivessem prendido Harry? Dolly decidiu não falar nem perguntar mais nada até que tivesse mais informações.

Na delegacia, levaram-na a uma sala fria e despojada com uma mesa com tampo de fórmica e quatro cadeiras idênticas e duras. Uma policial uniformizada ficou ao lado de Dolly enquanto um detetive lhe entregava um saco de provas de plástico contendo um relógio de ouro Rolex com mostrador incrustado de diamantes. Quando ela tentou abrir o saco, o detetive arrancou-o de sua mão.

— Não toque! — exigiu ele.

Então, vestiu luvas brancas de látex, tirou o relógio do saco e virou-o para deixar à mostra a inscrição desbotada no verso.

— “Para Harry – com amor, Dolly – 12/2/62” — murmurou ela.

De algum modo, Dolly conseguiu manter o controle.

— Isso é do meu marido. Esse relógio é de Harry.

E seu mundo entrou em colapso.

— Nós o tiramos do pulso de um cadáver. — O detetive principal parou de falar para avaliar a reação dela. — Do cadáver carbonizado de um homem.

Dolly pegou o relógio, afastando-se do detetive até bater na parede oposta da sala. A policial se aproximou com a mão estendida.

— Isso é uma prova! — disse ela. — Devolva!

Dolly apertou o relógio com toda a força. O choque a fizera perder toda a inibição.

— Vocês estão mentindo! — gritou. — Ele não morreu. Ele não morreu!

Quando o precioso relógio de Harry foi arrancado de seus dedos, ela sibilou:

— Eu quero vê-lo. Preciso vê-lo!

A policial perdeu a paciência e disse com frieza:

— Não sobrou nada para ser visto.

Durante todo o caminho de volta para casa, na viatura da polícia, Dolly ficou repetindo para si mesma que não poderia ser Harry, mesmo que uma voz em sua cabeça sussurrasse... Ela dera aquele relógio para o marido no aniversário de dez anos de casamento. Ele a beijara e prometera que nunca o tiraria do pulso. Dolly adorava o modo como ele olhava para o relógio, estendendo o braço, virando o punho e observando a luz refletir nos diamantes. Ele nunca tirava o Rolex, nem

mesmo na cama. No aniversário de casamento seguinte, ela comprou um isqueiro de ouro maciço Dunhill com as iniciais dele gravadas. Harry riu e disse que, assim como o relógio, sempre o levaria consigo.

Mas, mesmo assim, ela não conseguia aceitar que ele não voltaria para casa.

* * *

Audrey organizou o funeral de Terry. Foi uma reunião familiar tranquila, apenas algumas coisas para beber em casa, nada especial. Além disso, o estado de Shirley era tão crítico que a recepção foi o único momento para o qual Audrey conseguiu convencê-la a se arrumar.

Greg, o irmão punk de Shirley, ajudou como pôde, mas ainda era muito jovem e não sabia lidar com os rompantes da irmã mais velha. Quando Shirley tentou pular no túmulo em cima do caixão, ele ficou tão envergonhado que se infiltrou em outro enterro, totalmente diferente e muito mais digno.

Nenhuma lápide foi encomendada porque Audrey não quis pedir dinheiro a ninguém, mas planejava providenciar algo assim que Shirley se recuperasse. Tinha grandes esperanças de que ela voltasse ao circuito dos concursos de beleza. Audrey achava que a filha poderia se tornar Miss Inglaterra com sua aparência deslumbrante. Na verdade, ela já a inscrevera no concurso de Miss Paddington... Mas mencionaria isso mais tarde, quando Shirley não estivesse chorando tanto.

* * *

Linda estava na sala superlotada da família Pirelli. Todos os parentes de Joe haviam sido convidados para o funeral e para a vigília e estavam uivando e tagarelando em italiano loquaz, vestidos de preto da cabeça aos pés. Sua sogra, Mama Pirelli, havia cozinhado por dias, preparando um banquete: massas, pizza, salame, tudo o que você pudesse imaginar havia naquela mesa. Linda era órfã e não tinha família para convidar. Quanto aos amigos, o pessoal do fliperama onde ela trabalhava não conhecia Joe muito bem. Sendo assim, Linda estava se embebedando sozinha. Sentia os olhares dos convidados, balançando a cabeça ao notar seu vestido vermelho-vivo. Mas não se importava.

Olhando para o mar de rostos chorosos, Linda subitamente viu uma mulher do

outro lado da sala e percebeu que era a loirinha vulgar que vira na companhia de Joe algumas semanas antes. Furiosa, abriu caminho em meio aos convidados até a mulher, que chorava.

— Quem foi que convidou você? — gritou.

Linda fazia questão de lhe deixar uma lembrança de Joe! Jogou a taça de vinho na garota e a teria agredido se Gino, o irmão mais novo de Joe, não a tivesse afastado a tempo. Segurando com força uma Linda aos prantos, ele sussurrou gentilmente em seu ouvido para reconfortá-la e de forma casual colocou a mão ébria em seu seio direito.

* * *

Consumida pelo luto, Dolly Rawlins quase não comera. Noite e dia pareciam misturados, mas, funcionando no piloto automático, de algum modo concordou em enterrar o marido. Sentou-se na sala usando vestido e chapéu pretos com um véu pequeno. Alisou as luvas de couro preto diversas vezes, sentindo o anel de noivado e a aliança sob o couro fino e macio. Wolf estava sentado no sofá ao seu lado, pressionando o corpo quente no seu quadril.

Mesmo naquele dia, Dolly estava extremamente serena. Seu cabelo cor de areia estava impecável, a maquiagem era discreta e os modos, formais. Era uma mulher decidida a não compartilhar seu sofrimento, algo muito pessoal, muito particular. Ninguém conseguiria entendê-lo, e a última coisa que ela queria era que alguém sugerisse entender.

* * *

A parceria de Dolly e Harry fora muito especial. Os dois se conheceram quando ela administrava a loja de antiguidades e o brechó do seu falecido pai em Petticoat Lane, mas não foram o jaguar E-Type de Harry, sua boa aparência ou charme que a atraíram, embora, é claro, tivesse notado tudo isso. Não, a conexão foi muito mais profunda.

Quando Harry lhe pediu em casamento com um solitário de diamante, Dolly ficou sem fôlego. A mãe de Harry, Iris, ficara igualmente sem fôlego, mas por motivos bem diferentes. Ela não conseguia acreditar que o filho queria se casar

com uma garota que, a seus olhos, era uma vadiazinha aproveitadora. Iris criou o filho único sozinha depois que o marido foi preso por assalto à mão armada e morreu de câncer logo após ser libertado. Ela abriu um comércio de antiguidades bem-sucedido — e aparentemente legítimo —, o que garantiu que Harry tivesse uma boa educação, e providenciou para que ele viajasse bastante com o intuito de aprofundar seus conhecimentos em arte clássica, prataria e pedras preciosas. Quando Harry assumiu o negócio, Iris lutava contra artrite e enxaquecas incapacitantes e estava pronta para se aposentar. O que desejava para o filho único era vê-lo casado com uma moça rica, com classe e bem relacionada. Aquela foi a primeira vez que ele desafiou a mãe.

Dolly nunca contou para Harry sobre o dia em que visitou Iris no elegante apartamento de St. John's Wood comprado por seu filho amado. Naquela época, Dolly não era o que se podia chamar de elegante, mas também não chegava a ser a loura cafona que Iris imaginava. Era atraente, corpulenta para uma mulher e tinha as mãos de quem havia trabalhado duro, embora fosse recatada, feminina e se expressasse com discrição. Iris se conteve e ofereceu-lhe chá.

— Não, obrigada, Sra. Rawlins — respondeu Dolly.

Iris estremeceu ao ouvir o sotaque do East End da garota.

— Eu só gostaria que a senhora soubesse que eu amo Harry e, a senhora gostando ou não, nós vamos nos casar. Sua constante desaprovação e suas ameaças só nos aproximam mais, porque ele me ama e precisa de mim.

Dolly fez uma pausa para que Iris retrucasse, para pedir desculpas caso tivesse algum bom senso. Em vez disso, Iris olhou Dolly de cima a baixo com todo cuidado, claramente desprezando suas roupas simples e seus sapatos sem salto e nada originais.

Dolly deu de ombros e prosseguiu:

— Meu pai trabalhava no ramo de antiguidades e conhecia seu marido, portanto não me venha com esse ar de superioridade. Todo mundo sabe que ele era receptador de bens roubados e que, por anos, cumpriu pena em Pentonville por assalto à mão armada. Todos sabem que a senhora usou o dinheiro do roubo para administrar o negócio enquanto ele estava preso. E, vamos ser sinceras, a senhora teve sorte de escapar.

Ninguém nunca falara com Iris daquele jeito.

— Você está grávida? — perguntou ela, atônita.

Dolly ajeitou a saia.

— Não, Sra. Rawlins, não estou, mas pretendo ter uma família, e se a senhora quer fazer parte dela, então deveria ficar de bico calado. Harry e eu vamos nos casar, com ou sem a sua permissão, e ameaçar tirá-lo do negócio vai ser o mesmo que cuspir para cima — declarou Dolly, virando-se para ir embora. — Vou embora.

— Se é dinheiro que você quer, posso fazer um cheque agora mesmo — disse Iris. — Diga o seu preço.

Dolly estendeu a mão esquerda, exibindo o diamante do anel de noivado.

— Eu quero uma aliança de ouro que combine com isto aqui, porque a senhora não tem dinheiro suficiente para me comprar. Ele é tudo o que eu quero, e vou fazê-lo feliz. Como já disse, fazer ou não parte da nossa vida depende apenas da senhora.

Mais uma vez, Dolly dirigiu-se para a porta. Mais uma vez, as palavras de Iris a detiveram.

— Se você pretende administrar o negócio de antiguidades com Harry é melhor dar um jeito nesse seu sotaque vulgar do East End.

— É o que pretendo, Sra. Rawlins. — Dolly encarou-a por cima do ombro. — Assim como a senhora deu um jeito no seu.

* * *

Eddie Rawlins, o primo que Dolly não suportava, entrou com o rosto corado de frio e interrompeu seus pensamentos. Era fisicamente parecido com Harry, apesar de Harry ser forte e musculoso — portanto Eddie era uma versão mais fraca dele.

Ele esfregou as mãos e apontou para o cortejo fúnebre que se desenrolava do lado de fora da janela.

— Estão todos aqui — disse, radiante. — Uma multidão. Os Fisher vieram, isso sem falar dos policiais na viatura no fim da rua, observando tudo. Não dá nem para ver o fim da fila, deve ter uns cinquenta carros lá fora!

Dolly mordeu o lábio. Ela não queria que fosse assim, mas Iris insistira: Harry era um homem importante que precisava ser enterrado com estilo. Dolly sabia como Iris também estava ferida, então cedeu. Nunca a agradeceriam por isso, mas, em longo prazo, essa decisão deixaria a vida de Dolly menos estressante.

Pegando a bolsa de couro preto, Dolly levantou-se e ajeitou a saia, examinando-se no espelho do corredor. Assim que chegou à porta da frente, Eddie a deteve e tirou um pequeno embrulho marrom do bolso. Então se inclinou e falou em voz baixa, embora estivessem a sós:

— Para você, Dolly. Sei que provavelmente não é apropriado neste momento, mas a polícia andou bisbilhotando minha casa e Harry me pediu para entregar isso a você se alguma coisa acontecesse com ele.

Dolly olhou para o embrulho. Eddie se aproximou e disse:

— Acho que são as chaves do cofre dele.

Dolly guardou o pacote na bolsa e saiu com Eddie. Não conseguia acreditar que estava prestes a enterrar Harry. Só queria deitar e morrer. Agora, seu cachorrinho era tudo o que a mantinha viva.

Os vizinhos estavam nas entradas de suas garagens, e, quando Dolly atravessou jardim da frente de casa, sentiu que todos a observavam. Havia uma longa fila de carros esperando pacientemente para seguirem o carro fúnebre, por sua vez coberto de grinaldas e coroas de flores. Dolly nunca vira tantos corações e cruzeiros; os respingos de cor destacados em contraste com a fila de carros escuros.

Eddie levou Dolly até a traseira de um Mercedes-Benz preto com janelas escurecidas. Enquanto baixava a cabeça para entrar no carro, ela viu a sogra no Rolls-Royce logo atrás mexendo os lábios para formar a palavra “vadia”. Dolly a ignorou, assim como fez durante a maior parte da sua vida de casada.

Assim que se acomodou, acenou para que Eddie seguisse o lento carro fúnebre. Pelo retrovisor, ele viu as lágrimas começarem a escorrer pelo rosto abatido da viúva. Ela não fez qualquer esforço para enxugá-las enquanto falava com a voz trêmula:

— Espero que você tenha dito que não vou fazer nada em casa depois do funeral... Absolutamente nada. Quanto antes isso acabar, melhor.

— Sim, eu disse — respondeu Eddie, cauteloso. — Mas acho que Iris vai receber algumas pessoas no apartamento dela. Ela me pediu para ir e disse que pagou por tudo.

Dolly fechou os olhos e balançou a cabeça. Iris não era financeiramente independente desde a aposentadoria, de modo que “pagou por tudo” na verdade significava que era Harry quem pagaria. Ou, mais precisamente agora, Dolly.

Harry Rawlins foi enterrado do jeito que a mãe quis, com centenas de pessoas

reunidas no cemitério e um número ainda maior de flores ao redor do túmulo. Durante a cerimônia, Dolly permaneceu solitária e imóvel. Foi a primeira a se afastar do túmulo, e a multidão intrometida ergueu a cabeça para vê-la ir embora.

Entre os enlutados estava Arnie Fisher, usando casaco de casimira azul-marinho, terno e camisa impecáveis. Assim que o carro de Dolly se afastou, ele acenou com a cabeça para um homem enorme que estava de pé no fundo da multidão. Boxer Davis se aproximou. Seu terno, em contrapartida, era de má qualidade e estava puído, e até a camisa estava manchada e encardida. Seu rosto grande e estúpido exibia comoção pela cerimônia, e ele limpou o nariz achatado — pingando coriza — com as costas da mão. Arnie Fisher olhou para o Mercedes de Dolly, que se afastava lentamente, e indicou com a cabeça para que Boxer fosse atrás dela. Boxer estremeceu, bastante envergonhado.

— Não acha melhor esperar alguns dias, chefe? Quero dizer, ela acabou de enterrá-lo.

Arnie olhou fixamente para Boxer por alguns segundos, indicou mais uma vez o Mercedes com a cabeça e se virou. Fim de papo.

A poucos metros de Arnie estava seu irmão mais novo, Tony, que se destacava acima de todos, fazendo até mesmo Boxer parecer pequeno. O sol frio fazia o brinco de diamante em sua orelha direita brilhar, e ele o tocava enquanto conversava com alguns amigos. Tony terminou a piada que estava contando e todos caíram na gargalhada. Ao contrário do irmão, Tony era bonito. De fato, a única semelhança entre os dois eram os gélidos olhos azuis. Arnie era míope, portanto usava óculos sem aro — mas havia algo naqueles olhos insensíveis e sem emoção que ambos compartilhavam. Boxer encarou Tony, então voltou a olhar para Arnie e, obediente, abriu caminho pela multidão de enlutados que se dispersava para seguir Dolly até a enorme casa vazia onde ela e Harry foram tão felizes por tanto tempo.

Perto dali, o sargento Fuller recostou-se em uma lápide, fazendo uma nota mental de todos os presentes. *Meu Deus*, pensou, *é como olhar as fotos de registro dos criminosos na Yard*. Todos os marginais da cidade apareceram: a velha guarda e o sangue novo. Como um jovem e diligente policial disposto a impressionar, Fuller ficou irritado por ter sido convocado para uma tarefa que considerava idiota. Seu chefe, o inspetor George Resnick, já era obcecado por pegar Harry Rawlins antes mesmo de Fuller nascer.

— Algo vai surgir, Fuller — disparara Resnick para ele e para o detetive assistente Andrews naquela manhã. — Todos os bandidos de Londres vão estar naquele cemitério hoje, tanto para prestar homenagens quanto para garantir que Rawlins não ressuscite. Então, algo vai surgir. E eu quero saber o quê.

O inspetor Resnick sempre acreditara que Harry Rawlins era o mentor de três assaltos a carros-fortes. Suas tentativas de provar isso transformaram-se em uma obsessão opressiva e uma fonte de irritação constante para Rawlins. Até que, por fim, Harry reagiu. Resnick fora fotografado aceitando um envelope de um criminoso conhecido e, quando a história vazou para o *News of the World*, ele foi investigado por corrupção. Resnick levou meses para provar sua inocência, e, ao retomar o posto, esse estigma arruinou qualquer esperança de promoção. O dano irreparável à carreira alimentou um ódio furioso, e ele jurou que um dia, não importava quanto tempo demorasse, veria Harry Rawlins atrás das grades. A morte superara Resnick, mas aquela obsessão aparentemente se estendia para além-túmulo.

Fuller não se preocupava com Resnick porque não acreditava nem por um segundo que o inspetor se preocupasse com ele — o homem não colocava nada nem ninguém acima da prioridade de pegar o maldito Harry Rawlins. No entanto, ambos se preocupavam com o que os irmãos Fisher estavam fazendo e com quem conversavam, de modo que Fuller observou-os como um falcão. Fuller queria subir na carreira e os Fisher estavam na lista de “mais procurados” da polícia desde seus tempos de recruta uniformizado. Com a morte de Rawlins, pegá-los seria a captura do século!

Depois que a multidão se dispersou, Fuller abriu caminho até a saída em meio às lápides. Estava prestes a entrar na viatura da polícia que o esperava quando notou uma mancha de lama em seus sapatos de quarenta libras e, irritado, limpou-os no limiar do gramado. O detetive assistente Andrews sorriu para ele do banco do motorista. Fuller não estava de bom humor, principalmente porque a barra da sua melhor calça também estava enlameada.

Fuller abriu a porta do carro e se jogou no banco. Pegou um lenço limpo, branco, perfeitamente passado, e cuspiu no tecido antes de limpar a lama da perna direita da calça.

— Viu algo interessante?

Andrews tentava puxar conversa. Percebera que Fuller estava muito entediado

havia uma hora.

— Esse babaca do Resnick pode arruinar a carreira dele se quiser, mas não vai fazer isso com a minha — respondeu Fuller.

— Lembro que li alguma notícia sobre ele no *News of the World*.

Andrews sabia de todas as fofocas. Achava que isso impressionava as policiais da delegacia.

— Suspenso por aceitar propina — acrescentou. — O policial corrupto que foi subornado.

— Eu deveria me importar? — grunhiu Fuller.

Então fechou a porta do carro e indicou com a cabeça para que Andrews começasse a dirigir.

— Ele recebeu duas condecorações por bravura do Comissariado antes de se tornar sargento — disse Andrews enquanto dava a partida. — Era um bom policial.

— Bem, agora não é mais!

Todos sabiam que as chances de uma promoção para Resnick eram nulas. Embora tenha mantido o cargo de inspetor, sempre que seu nome era mencionado para alguma promoção, alguém colocava o dedo na ferida e ele era preterido. E fazia pouco tempo que o inspetor-chefe Saunders convencera o comandante do Departamento de Investigações Criminais a deixar Resnick voltar a ter um cargo operacional. Com relutância, ele fora encarregado de liderar uma pequena equipe de investigação de crimes menores.

— Todo policial associado a esse dinossauro fumante é visto como uma piada tão grande quanto ele próprio. E lhe digo uma coisa, Andrews, não vou aturar isso.

Fuller abriu seu eterno bloco de notas e olhou para a lista de nomes que fizera no funeral.

— Esse cara é um idiota perseguindo fantasmas. Devemos voltar nossa atenção para os vivos.

Quando o carro se afastou, Fuller virou-se e olhou para a multidão que esperava no estacionamento em busca de Arnie Fisher, mas ele já tinha ido embora. Fuller franziu a testa e deu um tapinha no bloco.

— Vamos dar uma olhada na casa da velha Rawlins, ver quem está prestando as últimas homenagens àquele desgraçado.

CAPÍTULO 2

Sentada na luxuosa poltrona de veludo, Dolly observava Boxer lhe servir cuidadosamente uma dose de conhaque. Ele estava bebendo suco de laranja, sem dúvida tentando passar uma boa impressão. Por que diabo permitiu que esse completo idiota entrasse? Por que ele, entre todas as pessoas? No entanto, achou sua presença estranhamente reconfortante. De um modo engraçado e muito particular, Boxer parecia comovido de verdade pela morte de Harry. Ela estendeu a mão para tocar em Wolf, que como sempre estava ao seu lado. O cãozinho ergueu os olhos e lambeu as patas. Dolly sentiu-se terrivelmente sozinha.

Boxer era um desperdício de espaço, mas gostava muito de Harry e o considerava um amigo. Harry não era amigo de Boxer, é claro; ele escolhera cuidar de Boxer e ajudá-lo, não porque gostasse dele, mas porque poderia manipulá-lo. Boxer seguia Harry como Wolf seguia Dolly. A diferença era que Wolf era inteligente o suficiente para perceber que era amado em troca.

Beberam em silêncio. Boxer, ainda de pé, parecia pouco à vontade, como se não tivesse certeza se deveria mover o corpo volumoso e ir até uma das poltronas. Dolly assentiu e ele se sentou, apoiando o copo agora vazio no joelho. Dolly estava cansada e com dor de cabeça. Queria que ele fosse embora, mas Boxer permaneceu sentado. Até que ele pigarreou e tocou o colarinho da camisa.

— Eles querem os livros contábeis do Harry — falou.

— Eles?

Dolly escondeu a frustração enquanto olhava para ele. Não lhe daria nada.

Boxer levantou-se e vagou nervosamente pela sala.

— Estou trabalhando para os irmãos Fisher agora, Dolly... Eles... eles querem os livros contábeis do Harry.

— Não sei do que você está falando — retrucou ela.

— Vão pagar um bom dinheiro por eles — disse Boxer com a voz um pouco trêmula.

Estava tentando parecer sério sem soar exigente.

A aparente falta de interesse de Dolly estava começando a deixá-lo ansioso. Ela o conhecia bem o bastante para saber que, uma vez ansioso, Boxer também ficava descuidado e então contava tudo sem nem perceber o que estava expondo.

— Os livros contábeis — repetiu. — Harry era famoso por causa deles. Ele fez listas de nomes, Dolly, você sabe. Cada marginal que ele conheceu e talvez alguns que ainda não tinha conhecido, mas que sabia que conheceria. Se a polícia pegar esses livros não vai sobrar um bandido decente nas ruas de Londres.

— Eu já disse que não sei...

Rápido como um relâmpago, Boxer surgiu ao lado de Dolly, curvando-se, seu grande rosto em forma de lua cheia aproximando-se do dela enquanto lhe apontava o dedo indicador. Dolly não se retraiu. Boxer não estava com raiva: estava com medo.

— Você sabe, sim! Você sabe! Onde estão os livros, Doll?

Em um instante de raiva indomada, Dolly levantou-se. Boxer recuou.

— Não me chame assim, está ouvindo? Só Harry me chamava assim! Não sei nada sobre livro contábil nenhum! E o que isso tem a ver com os irmãos Fisher, afinal?

Boxer agarrou os braços dela e, desesperado, tentou novamente:

— Os irmãos assumiram o território de Harry. Eles me mandaram aqui e, se eu voltar de mãos vazias, Tony vai vir aqui. Então me faça esse favor e diga onde estão!

Dolly deu um passo para trás, o rosto contorcido de raiva, as unhas cravando nas palmas das mãos ao cerrar os punhos.

— Pelo amor de Deus, eu acabei de enterrá-lo!

Por uma fração de segundo, o sofrimento de Dolly veio à tona ao pensar que Harry estava sendo substituído depressa por gente tão baixa quanto os Fisher.

Boxer logo percebeu a dor dela, porque sentia o mesmo. Tomado pela culpa, seu rosto se suavizou.

— Depois eu volto.

— Não quero ninguém aqui! Ninguém! Saia!

— Está tudo bem, Dolly, não se preocupe. Só não vá para nenhum outro lugar, certo? Os Fisher não gostariam disso. Depois eu volto.

— SAIA... VÁ EMBORA AGORA, BOXER! — gritou ela antes de jogar o

copo na direção dele.

Ele se agachou a tempo, e o copo se espatifou na porta. Erguendo as mãos em sinal de rendição, ele deu meia-volta e saiu apressado.

Assim que a porta da frente se fechou, Dolly foi até o toca-discos. Quando a voz bela e grave de Kathleen Ferrier encheu o quarto, ela sentiu a raiva diminuir. Então cantou com o disco: “What is life to me without thee? What is life if thou art dead...”

De repente, lembrou-se do pacote que Eddie lhe entregara antes do funeral. Pegou a bolsa e jogou o conteúdo no chão, formando uma pilha bagunçada. Dolly se ajoelhou e, com algum esforço, encontrou o pedaço de papel enrolado em um chaveiro, que ela imaginava e desejava que fosse uma mensagem de Harry. Abriu rapidamente o bilhete e reconheceu num segundo a caligrafia perfeita de seu marido:

Cofre no banco: H. R. SMITH. SENHA: “HUNGERFORD”.

Assine como Sra. H. R. SMITH

Havia algo mais escrito embaixo:

Querida Doll,

Lembra o dia em que você foi ao banco comigo para abirmos um cofre? É tudo seu agora. As chaves são para o depósito perto da Liverpool Street. Você vai encontrar algumas coisas lá, mas vai ter que se livrar delas.

Harry

Ajoelhada no felpudo tapete creme, com Wolf ao seu lado, Dolly pressionou o papel contra o peito. Leu e releu o bilhete, tentando descobrir quando aquilo fora escrito. Não havia data, nenhuma mensagem de amor, apenas instruções. No cofre do banco estavam os livros contábeis, Dolly tinha certeza. Ela sempre soube que esses livros existiam porque Harry fazia listas. A mãe dele o ensinara que sem a confiança dos contatos — criminosos ou legítimos — qualquer negócio vai por água abaixo. Ela mostrara para ele como manter um livro contábil para registrar nomes, datas e compras, legais e ilegais, e insistiu que Harry mantivesse esses livros em segurança. Seriam uma espécie de seguro que serviria para qualquer um que se

voltasse contra ele.

Dolly memorizou a carta antes de queimá-la e colocou as chaves no próprio chaveiro. Harry ficaria orgulhoso dela. Enquanto subia a escada com Wolf, repetia a senha diversas vezes para si mesma: “Hungerford, Hungerford”. Era um nome fácil de lembrar e a inscrição no banco também era simples: “Sra.”, então as iniciais de Harry e depois “Smith”.

Enquanto se preparava para dormir, perguntou-se quanto os irmãos Fisher pagariam por aqueles livros. Penteou o cabelo e depois foi até a janela do quarto. Uma viatura descaracterizada estava parada um pouco mais abaixo do portão da frente, esperando, observando.

— Filhos da puta — murmurou antes de fechar as cortinas.

CAPÍTULO 3

Uma multidão de policiais esteve na casa de Dolly Rawlins por quase dois dias, revistando cada centímetro. Chegaram a violar o berço e rasgaram o colchãozinho com um canivete. *E eles acham que nós é que somos os animais*, pensou, enquanto continha as lágrimas. O quarto do seu bebê falecido, a lembrança sagrada, intocada, do filho que ela e Harry tinham perdido, estava agora poluído, maculado, sujo. A sensação era de perder o bebê outra vez, mas, apesar de o desrespeito impiedoso por seus sentimentos feri-la profundamente, Dolly não demonstrou.

Depois que a polícia terminou a revista dentro da casa, foram para a área externa. Nada foi poupado. Escavaram o jardim, esvaziaram os vasos de plantas e peneiraram a terra, mas não encontraram nada. Nem mesmo um recibo de lavagem a seco extraviado foi ignorado.

Na sala, o conteúdo de todas as gavetas da mesa de Harry foi despejado no chão, cada carta e envelope, cada moldura de porta-retratos aberta. Dolly observou sua bela casa ser mutilada. Ficou em silêncio e apenas assistiu àquilo com o corpo tenso de raiva. Ela sabia que não encontrariam nada. Harry era muito inteligente, muito esperto para a polícia. Ao ver o detetive assistente Andrews sentado em seu sofá virado de cabeça para baixo, tirando a foto do porta-retratos que pegara na lareira, Dolly explodiu:

— Largue isso, seu filho da puta!

E avançou para agarrar a foto.

Andrews olhou para Fuller, que estava de pé, lendo as cartas particulares de Dolly. Ela virou-se para Fuller:

— Diga a ele para não levar isso! É a última foto que tiramos juntos, no nosso aniversário de casamento.

Fuller continuou lendo e, sem olhar para Dolly, disse para Andrews:

— Leve para a Yard. Precisamos de uma foto recente de Rawlins para mostrar

às vítimas deste e de todos os outros assaltos à mão armada não solucionados em Londres.

Dolly perdeu a paciência. Abriu caminho em meio aos detritos espalhados pela sala e foi até o telefone.

— Isso é assédio! — disparou para Fuller. — Quero falar com seu superior. Qual é o nome dele? — Não houve resposta. — Vou denunciá-lo por isso! E quero o relógio do meu marido de volta... Ouviu? Comprei para ele e o quero de volta! É a única coisa dele que me resta.

Fuller continuou ignorando Dolly, o que a enfureceu ainda mais. Ela pegou o telefone.

— Seu superior! Quem é? Quero o nome dele!

Fuller finalmente olhou para ela.

— É o inspetor George Resnick — disse com um sorriso malicioso.

Dolly devolveu o fone ao gancho como se tivesse queimado a mão. A única vez que ela vira Harry preocupado fora por causa do inspetor George Resnick. Determinado a provar o envolvimento de Harry no assalto a uma van de transporte de valores, o inspetor apareceu bem ali, na casa deles, para interrogar Dolly. Resnick a ameaçou dizendo que, independentemente do quanto Dolly mentisse, um dia ele mandaria Harry Rawlins para a cadeia pelo resto da vida.

Dolly advertira Harry que eles precisavam dar um jeito em Resnick.

— Não seria engraçado se Resnick fosse incriminado por algo? — comentara ela casualmente. — Imagine se todo mundo pensasse que ele está aceitando suborno e a imprensa descobrisse?

No domingo seguinte, durante o café da manhã, Harry jogou um exemplar do *News of the World* na mesa. A carreira arruinada de Resnick estava estampada na primeira página. Harry sorriu para a esposa, abriu uma garrafa de champanhe e os dois brindaram por ver o homem acabado.

Porém, naquele momento parecia que Resnick estava de volta ao caso de Harry, determinado a macular seu nome agora que ele não estava por perto para se defender ou protegê-la.

— Meu marido está morto — disse Dolly para Fuller. — Não basta para vocês?

* * *

A figura baixa e atarracada do inspetor George Resnick atravessou o corredor da delegacia, o indefectível cigarro pendendo da boca, o sobretudo aberto e um chapéu maltratado empoleirado na parte de trás da cabeça. Debaixo do braço, Resnick trazia uma pasta grossa e pesada e, ao passar pelas salas dos detetives principais, abriu as portas e disparou ordens sem titubear:

— Fuller, minha sala, imediatamente. Traga os relatórios. Andrews, me sirva um café! Alice, quero os relatórios da perícia ainda hoje!

Na verdade, Resnick não olhou para nenhuma das pessoas com quem gritou, mas ele sabia que estavam ali e sabia que lhe entregariam o que pediu. Chegando à sua sala, pegou a chave, abriu a porta, entrou e a fechou com um chute, fazendo o vidro já rachado estremecer.

Alice saiu da própria sala trazendo os relatórios da perícia no momento em que Andrews trombou com Fuller no corredor.

— A cafeteira está quebrada! — avisou ela.

A cor se esvaiu do rosto de Andrews. Resnick não aceitaria aquilo. Ele seguiu pelo corredor atrás de outra cafeteira.

Já eram 9h30, Fuller esperava desde as nove por suas ordens e, irritado, endireitou a gravata, que já estava arrumada, e bateu à porta de Resnick.

— Entre! — gritou o inspetor.

A sala dele estava em seu estado habitual de confusão. Toda superfície disponível estava abarrotada de copos de café sujos, papelada de trabalho e cinzeiros repletos de guimbas; havia montanhas de pastas empilhadas até mesmo no chão, enfileiradas. As gavetas do gabinete de arquivos ficavam abertas porque estavam cheias demais. No meio daquele caos, Resnick fumava o décimo cigarro do dia, tossia como se fosse expelir os pulmões e lia o conteúdo de uma pasta. Tudo ao mesmo tempo.

Alice começou a arrumar a bagunça da mesa. Seus movimentos eram rápidos: jogou as cinzas e as guimbas na lixeira e recolheu pedaços de papel por toda a sala. Estava ali para restaurar a ordem na vida desordenada de Resnick para que, a cada novo dia, ele pudesse distinguir o que era o quê. Sem ela, ele simplesmente se afogaria em pastas e cinzas de cigarro e incomodaria a todos mais do que já incomodava. Alice trabalhava com Resnick havia muito tempo e sabia o tormento pelo qual ele passara; esteve ao lado dele durante cada etapa da investigação, o viu enfrentar momentos de fraqueza e vulnerabilidade tarde da

noite e entendeu exatamente o que ele perdera quando Rawlins o fez cair numa emboscada e, depois, espalhou para a imprensa. Acima de tudo, ele perdera a dignidade e a reputação como policial — o que era algo impossível de reverter, por mais que tentasse. A maioria das pessoas na delegacia achava que Alice era um anjo por lidar todos os dias com as mudanças de humor e os hábitos abomináveis de Resnick, mas ela adorava trabalhar para ele. Em um piscar de olhos, ele deixara de ser um policial-modelo para se tornar constrangedor e, embora todos parecessem ter esquecido seus espetaculares primeiros anos na força policial, ela nunca esquecera. Seria leal a Resnick até o fim. E ela era a única pessoa para quem ele já dissera “por favor” e “obrigado”.

— Alice vai levar meu lixo ao incinerador para queimá-lo, Fuller — disse Resnick. — Não permito faxineiros aqui porque as coisas podem sumir, podem ser vistas por quem não deve ou cair em mãos erradas.

Fuller corou, perguntando-se se Resnick estaria insinuando alguma coisa.

Quando Alice abriu espaço na mesa para o telefone, o aparelho tocou.

— O quê? — berrou Resnick.

Ficando cada vez mais vermelho, ele escutou a mensagem e bateu o fone no gancho ao final.

— Registros Criminais — disparou. — Estão em pé de guerra porque peguei os arquivos “sem permissão e sem preencher os formulários de praxe”. — Resnick jogou um pedaço de papel amassado em Fuller. — Preencha esse negócio e envie de volta para aqueles babacas! E mande os outros rapazes virem aqui!

Quando Fuller saiu da sala para convocar o resto da equipe de Resnick, Andrews chegou com os cafés. O inspetor pegou um, acendeu outro cigarro e começou sua rotina diária de preencher o cinzeiro limpo e recém-esvaziado. Em poucos segundos, Fuller voltou com os detetives Hawkes e Richmond. À medida que todos se acomodavam, Fuller preencheu o formulário retroativo de solicitação de arquivos e entregou-o para Alice. Ela iria pessoalmente até o departamento de Registros Criminais para acalmar os ânimos... outra vez.

Resnick puxou sua cadeira, acomodou-se diante dos seus “rapazes” e espalhou o conteúdo de uma pasta pela mesa limpa e arrumada. Em seguida, abriu um envelope da perícia e jogou várias fotos grandes e coloridas dos cadáveres do assalto, todos terrivelmente mutilados, rostos queimados e retorcidos. O pior eram

os restos carbonizados de Harry Rawlins, irreconhecíveis como corpo humano, com exceção da parte com o relógio.

— Ela não precisava tê-lo cremado, não é mesmo? — comentou Resnick em tom de brincadeira quando colocou as fotos na mesa.

Inclinando-se em sua cadeira, notou que Andrews parecia chocado. Fuller ostentava sua expressão arrogante e imperturbável de sempre. Era um bom policial, mas havia algo nele que incomodava Resnick. Naquele exato momento, ele estava sentado ali como se tivesse um ferro em brasa enfiado no rabo. Andrews, por outro lado, ocupando a extremidade de outra mesa porque não conseguira encontrar uma cadeira, era um idiota. Ele conhecia Hawkes e Richmond havia muito tempo; policiais bons e esforçados, mas nada animadores. Desde que ele voltara ao trabalho após a suspensão, o alto escalão não andava muito disposto a atender seus pedidos de seleção de oficiais, de modo que teve de se contentar com os que lhe foram enviados.

Resnick inclinou a cadeira para a frente, abriu os relatórios da noite anterior e analisou. Acendeu outro cigarro, tragou profundamente e soprou a fumaça em direção a Fuller. Deu um tapinha no relatório e pegou uma foto ampliada do antebraço e do relógio de Rawlins.

— Diga uma coisa, Fuller, você acha que estamos perdendo muito tempo nesse negócio do Rawlins, não é? É isso o que você pensa?

Fuller se arrepiou e olhou para Andrews em busca de apoio. Resnick insistiu:

— Ei, Fuller, é com você que estou falando, não com ele! — Resnick se levantou. — Você acha que estou desperdiçando seu tempo, Fuller? Bem, deixe-me lhe dizer uma coisa, seu sujeitinho de mente fechada... — Resnick interrompeu os insultos e apoiou as mãos fechadas na mesa para conter a raiva. — Nós temos o caso do século, aqui mesmo, na nossa frente, e se você não consegue ver isso, então é ainda mais idiota do que eu pensava. — Fuller revirou os olhos e Resnick ficou furioso. — Lá vamos nós outra vez! É isso que você está pensando? Vocês todos são informados minutos após chegarem, não é mesmo? É ele. Aquele é o pobre idiota que foi enquadrado! Eu fui castrado, isso sim! E quem fez isso comigo, hein?

Fuller não gostava de ser alvo da raiva de Resnick.

— Aparentemente, um dos capangas de Harry Rawlins, senhor — disse ele irritado, com os lábios cerrados.

— Exato. E nenhum capanga do bando de Harry Rawlins dá um peido sem o consentimento dele. Foi Rawlins quem fez isso comigo! E agora é minha vez de pegá-lo pelas bolas e acabar com ele.

Fuller encarou os olhos furiosos de Resnick.

— Vai ser meio difícil já que o sujeito está morto.

O silêncio na sala e o olhar de enfrentamento entre Resnick e Fuller pareceram durar uma eternidade. Na opinião de Fuller, Resnick era um fracassado, um “já era”. Quando Fuller, um rapaz brilhante, pronto para ser promovido, foi informado de que seria transferido para ser subordinado ao inspetor Resnick, sentiu-se traído. Tudo naquele homem o irritava; os sapatos surrados e sujos, as camisas manchadas, o cheiro constante de suor, os cigarros e os dedos amarelados de nicotina... Fuller decidiu que tentaria descobrir tudo a respeito dele. Não devia ser difícil: todos conheciam a história do gordo. *Lama sempre gruda*, pensou Fuller.

Resnick afundou as mãos nos bolsos como se estivesse se esforçando para não bater naquele funcionário insolente. Quando voltou a falar, foi em um tom de voz baixo e calmo:

— Não estou me referindo especificamente a Rawlins, estou falando sobre o sistema dele. Seus livros contábeis... Embora eu saiba muito bem que você não acredita na existência deles, Fuller.

Ao ir para detrás da mesa, Resnick falou depressa, cuspidando as palavras enquanto, simultaneamente, tragava a fumaça para os pulmões e a expelia pela boca e pelo nariz.

Então jogou pasta após pasta com os arquivos de roubos não solucionados na mesa.

— O Assalto da A3, o Assalto do Desvio Euston, o Assalto do Túnel Blackwall — dizia enquanto seu dedo gorducho cutucava cada pasta à vista. — Dê uma olhada na formação dos veículos suspeitos, Fuller. São idênticos, e em todos os casos, os assaltantes escaparam. Não temos nada sobre eles, merda nenhuma. — A fala de Resnick foi interrompida por um ataque de tosse, as dobras do seu rosto balançaram e seu pescoço começou a ficar roxo. — E vocês podem apostar que todos esses assaltos, cada um deles, foi planejado por Harry Rawlins! E sabem por que eu acho isso? — Resnick fez uma pausa, encarando Fuller, esperando que o idiota arrogante fizesse alguma gracinha. O sargento, muito esperto, preferiu não

dizer nada. — O gato comeu sua língua, Fuller? — provocou Resnick. — Deixe-me ajudá-lo. Acho que Harry Rawlins está por trás de cada um desses assaltos à mão armada não solucionados, porque a porra do *modus operandi* é o mesmo do assalto que explodiu o próprio Rawlins! E também acho que todos esses assaltos estão detalhados em seus livros contábeis. — Os olhos gananciosos de Fuller se afastaram da bagunça de pastas na mesa e voltaram-se para o rosto vermelho e suado de Resnick, que sorriu. — Isso mesmo. Dezenas de crimes esperando para serem resolvidos. Como isso ficaria nesse seu maldito currículo lavado, passado e engomado, hein?

Resnick foi até um quadro branco coberto por uma folha e virou a cabeça na direção do grupo. Como um bando de estudantes, todos se reuniram apressadamente ao seu redor.

— Se resolvermos um, resolveremos todos — anunciou Resnick enquanto arrancava o papel como um mágico, revelando um desenho detalhado e fotos da cena do assalto malsucedido na passagem subterrânea da Strand. Com uma caneta hidrocor vermelha, ele circulou a foto de um caminhão de pão. — Um caminhão como esse foi visto por uma testemunha em frente ao carro-forte. — Então, ele circundou a van Ford Escort dos assaltantes. — Esta é a van que explodiu, matando os três ocupantes. — Resnick bateu o dedo na imagem circulada do caminhão, depois apontou para as pastas espalhadas na mesa e insistiu em sua teoria: — Em cada um desses assaltos eles usaram a mesma formação: quatro homens. O motorista sozinho na frente é o homem que queremos. Ele é o nosso vínculo com todo o resto.

Sentindo o olhar atento de Fuller sobre ele, Resnick teve um desejo súbito de espancá-lo, mas manteve o controle e se afastou para deixar os outros policiais absorverem as fotos da cena do crime. Servindo-se do que restou do café de Andrews, observou Fuller fazer várias anotações em seu bloco de bolso do DIC, o Departamento de Investigações Criminais, sem perceber que estava derramando café na camisa.

— Por que não encontramos esse motorista, Fuller? Ou o caminhão de pão? Não deve ser difícil rastrear um veículo de entregas daquele tamanho no West End — disse Resnick.

Ele estava gostando de ver a boca de Fuller se contrair de raiva. Fuller, por sua vez, sabia que Resnick estava tentando irritá-lo e se esforçou para esconder a

irritação.

— Os rapazes têm procurado noite e dia — retrucou. — Mas o fato é que só temos uma descrição muito vaga do caminhão, feita por uma testemunha. Talvez nem tenha sido um caminhão de pão: pode ter sido um veículo grande e branco de entrega. E, mais precisamente, talvez não tivesse nada a ver com o assalto.

— Você não ouviu o que eu disse sobre o *modus operandi*? Se você tivesse se dado o trabalho de ler todos os depoimentos do assalto frustrado, saberia que uma testemunha que estava dirigindo na outra pista pensou ter visto o veículo branco parar de repente diante do carro-forte. Agora, me diga, por que você acha que isso aconteceu, Fuller?

— Bem, talvez o carro na frente do suposto caminhão de pão tivesse freado de repente o que, por sua vez...

Resnick o interrompeu:

— O motorista do caminhão é nosso elo, nosso único elo: o único que escapou! Guarde minhas palavras, Fuller, esse sujeito está envolvido. Ele freou de forma súbita e deliberada para bloquear o carro-forte.

Fuller não estava disposto a começar uma discussão.

— Se está dizendo... senhor.

Resnick detectou a pausa antes de Fuller dizer “senhor”. Deixou passar, mas franziu a testa.

— Meus instintos me dizem isso, Fuller. O motorista desse caminhão sabe de tudo e de todos os envolvidos, até mesmo da equipe de retaguarda. Dizem que Harry Rawlins mantém registros detalhados de todos os seus crimes e cúmplices em livros contábeis. Se isso for mesmo verdade, quem quer que estivesse naquele caminhão deve saber sobre esses livros e talvez até onde estão. Se encontrarmos esse material esclareceremos sabe-se lá quantos assaltos e faremos uma série de prisões. Quero que todas as pessoas que já entraram em contato com o filho da puta do Rawlins sejam interrogadas, além de qualquer um que se aproximar da esposa dele. Quero vigilância vinte e quatro horas por dia na viúva. Providencie isso imediatamente, Fuller.

— E as outras duas viúvas? — perguntou Fuller.

Resnick detectou a contração no canto direito da boca de Fuller, mas preferiu ignorá-la.

— Não vale a pena segui-las mais do que alguns dias. Acho que não sabem de

nada útil.

— E a loja de antiguidades de Rawlins?

— Dane-se a loja! O lugar é um disfarce, uma fachada para financiar os assaltos e a lavagem do dinheiro roubado. Os livros contábeis da loja estão limpos. O que eu quero são os livros de registros criminais!

Resnick deu passos largos até a porta da sala e peidou ruidosamente ao sair, imaginando o rosto daquele babaca do Fuller se contraindo. Morrendo de rir, o inspetor atravessou o corredor, enquanto todos saíam correndo dali, prendendo a respiração.

De volta à sala principal do DIC, Fuller disse para Andrews:

— Você sabia que Rawlins nunca passou um único dia na cadeia nem foi acusado de nada? Tudo o que sabemos com certeza é que ele administrava um negócio legítimo. Se ele era mesmo o homem por trás de todos aqueles assaltos à mão armada, onde está a grana? Nós revistamos a casa dele, tivemos acesso aos registros das contas bancárias dele e da viúva e não há nada que o incrimine, nada.

Andrews assentiu.

— Talvez Resnick esteja errado quanto ao motorista do caminhão de pão. Investigamos várias padarias, lojas, supermercados... Estranho não termos encontrado nenhum vestígio do veículo ou do motorista.

— Claro que ele está errado! — explodiu Fuller. — Mas precisamos provar isso para ele. Portanto, deixe Hawkes encarregado disso e se instale com Richmond do lado de fora da casa dos Rawlins. Descubra o que a viúva anda fazendo.

CAPÍTULO 4

Por trás das cortinas de renda do quarto principal, Dolly admirou-se uma última vez no espelho da penteadeira. Sua aparência impecável disfarçava uma infinidade de emoções, que ela mantivera sob controle para fazer o que era preciso. Os policiais na viatura descaracterizada estacionada lá fora não a viam tão bem quanto ela podia vê-los, mas era chegado o momento de despistá-los para que pudesse ir à Sloane Street. O cofre de Harry a aguardava. Dolly se ressentia da intromissão constante e da suposição arrogante daqueles policiais de que, em seu “estado delicado”, ela vacilaria e os levaria a algo capaz de arruinar o nome e a reputação de Harry. Na verdade, a presença deles garantia exatamente o contrário: embora Dolly estivesse morrendo por dentro, as instruções de Harry lhe deram ânimo. Ao segui-las, ela o manteria vivo.

Confiante, Dolly saiu para fazer uma de suas visitas habituais ao salão de Myra, na St. John’s Wood Road. Durante o trajeto, ao olhar pelo retrovisor, confirmou estar sendo seguida pelo mesmo carro que estivera parado em frente à sua casa. Quando estacionou o Mercedes perto do salão e caminhou pela rua, reconheceu o detetive assistente Andrews preso entre duas mulheres que discutiam sobre quem vira primeiro um medidor de estacionamento livre.

O salão de Myra era um estabelecimento elegante, frequentado por uma clientela muito regular e bem-sucedida. O clima era aconchegante, e Dolly adorava ser paparicada sempre que ia lá duas vezes por semana. A decoração era simples e elegante, e as paredes espelhadas permitiam que as clientes socializassem sem precisar virar a cabeça. Por trás de uma aparência bem cafona, Myra era uma empresária muito astuta, e Dolly não se importava em pagar mais do que o razoável por seus serviços. Myra sabia que chá, café, biscoitos e uma ocasional taça de vinho transformavam uma ida ao cabeleireiro em um programa vespertino, ganhava a fidelidade de suas clientes e, em troca, as clientes recebiam o mesmo dela.

Naquele dia, quando Myra cumprimentou Dolly à porta como sempre fazia, a viúva foi direto ao assunto:

— Pode me fazer um favor?

Dolly lhe entregou o pequeno Wolf.

— Pode cuidar dele para mim por uma hora?

— E a sua tintura, Sra. Rawlins? — perguntou Myra.

Dolly sorriu e beijou Wolf na cabeça.

— Não se preocupe. Eu lhe pagarei por isso.

E, assim, tirou um lenço de cabelo da bolsa e saiu pela porta dos fundos.

No fim do beco, Dolly chamou um táxi na rua principal. O detetive assistente Andrews ainda estava tentando encontrar uma vaga com uma boa visão do salão de Myra.

* * *

O corredor que levava aos cofres parecia se estender ao infinito, e cada par de olhos parecia voltado para ela. Desconcertada e estranhamente animada, Dolly se viu caminhando de um jeito arrogante no piso de mármore, os olhos fixos no rapaz bem-vestido que a aguardava do outro lado. Precisava convencê-lo — e a si mesma — de que pertencia àquele mundo de segredos. Afinal, é isso que as pessoas guardam em cofres: segredos.

Dolly já estivera naquele banco com Harry. Naquele momento, sentia uma comichão de nervosismo no fundo da garganta enquanto o jovem e impassível funcionário verificava seus dados. Ela estava tão nervosa que quase assinou o sobrenome verdadeiro por engano.

— Por aqui, Sra. Smith — disse o funcionário.

Dolly notou a ênfase no sobrenome, o tom conspiratório. No elevador, o funcionário entregou-lhe uma chave e apertou o botão do porão.

Quando as portas do elevador se abriram, Dolly foi atendida por um segurança que a guiou por quatro portas pesadas e com trancas, que foram sendo fechadas à medida que iam se aproximando do cofre. A última porta tinha uma segunda porta gradeada no interior, que precisava ser destrancada separadamente. Quando a porta externa foi aberta e o segurança procurou a chave para abrir a grade, Dolly pensou em como Harry evitara a prisão com tanta habilidade. Ele fora muito

esperto, e os dois tiveram muita sorte por terem levado aquela vida. Por uma fração de segundo, a dor do sofrimento irrompeu na boca do seu estômago e se deteve em algum lugar da garganta. Sentiu-se enjoada. *Rápido*, pensou. *Preciso me sentar*.

Ao entrarem no cofre, o segurança lhe mostrou o sino na mesa, que serviria para chamá-lo quando ela terminasse e quisesse ir embora. Dolly esperou que ele saísse do cofre antes de pegar a chave que Eddie lhe entregara. Ela a introduziu na caixa de valores numerada na parede e girou-a. Ali dentro havia uma caixa pesada e robusta.

Dez minutos depois, o conteúdo da caixa estava espalhado na mesa à sua frente. Ela não teve tempo de contar os vários pacotes de dinheiro, embora devessem chegar a dezenas de milhares de libras, e deixou o revólver .38 intocado, escondido sob o dinheiro. Foram os livros contábeis de Harry que a fascinaram.

Estavam encadernados em um couro marrom e grosso, como os de uma história de Dickens que ela vira na televisão. Cada página fora cuidadosamente escrita à mão, datada e rotulada, com registros que cobriam quase todos os vinte anos do seu casamento. Enquanto folheava, percebeu que alguns dos nomes ali eram de pessoas que sabia que estavam mortas, mas foram as anotações mais recentes que a surpreenderam. Páginas e mais páginas com copiosas listas de nomes e registros do dinheiro pago àquela gente, bem como de somas guardadas aqui, ali e acolá. A parte de trás do livro era preenchida com recortes de jornais cuidadosamente colados e alinhados, algo como um caderno de críticas de uma estrela de cinema. Mas ali todas as matérias traziam em detalhes diversos assaltos à mão armada que Harry obviamente cometera e, junto aos artigos, nomes de pessoas que Dolly suspeitava estarem envolvidas em cada um deles. Não admira que os Fisher quisessem aqueles livros! Com eles poderiam se livrar de toda concorrência durante muito tempo e se apossar de uma grande quantia de dinheiro escondido, fruto de antigos trabalhos de Harry.

Dolly estremeceu de leve. Ela não sabia que Harry organizara e cometera tantos crimes graves. Ao olhar as datas, percebeu que a maioria dos assaltos ocorrera após seu terceiro aborto espontâneo; então houve um período de calma que teve fim após o bebê natimorto. Isso a magoou profundamente, mas ela entendeu. O quarto intocado fora um santuário para Dolly, que sofria

períodos de depressão, mas Harry nunca pisara naquele lindo cômodo pintado de azul-centáurea. Ela sabia que ele se distraía dos traumas da vida pessoal dedicando-se ao trabalho, mas achava que ele se ausentava para frequentar leilões de antiguidades. Ele não mentiu, mas permitiu que ela não entendesse exatamente o tipo de “trabalho” ao qual se dedicava.

Dolly continuou folheando o último livro contábil até que parou, estarrecida. Ali, na impecável caligrafia de Harry, estavam os planos detalhados para o assalto em que ele morrera. Ela viu o número de armas que seriam necessárias, os veículos a serem usados e os nomes e telefones de Joe Pirelli, Terry Miller e do infiltrado na empresa de segurança. Dolly se lembrava dos nomes Pirelli e Miller. Os dois compareceram a um ou outro evento com as respectivas esposas — agora respectivas viúvas. Por um segundo, ela se perguntou o que as duas mulheres estariam fazendo naquele instante, permitindo-se um sorriso inconsciente. *Bem, com certeza não estão fazendo o mesmo que eu*, pensou.

Os planos, projetos e instruções meticulosamente detalhados para o assalto pareciam o roteiro de uma peça de teatro. Ela não conseguia acreditar que um homem que relutava tanto em recolher as roupas sujas do chão do quarto pudesse ser tão organizado quando se tratava de assaltar um carro-forte... Mas, afinal, não havia questão de vida ou morte em matéria de roupa suja. De repente, Dolly se lembrou do relógio de pulso de Harry, enegrecido pela explosão. Ainda enjoada, fechou o livro devagar. Em poucos segundos, voltou a abri-lo e passou depressa as páginas para ver o que Harry planejava para o futuro, desesperada para descobrir todos os segredos possíveis sobre o homem que amava.

— Meu Deus — sussurrou para Harry ao ler suas palavras. — Você planejou crimes com dois anos de antecedência!

Enquanto se dava conta da extensão daqueles planos, Dolly olhou para o relógio. Uma hora se passara desde que saíra do salão; ela sabia que precisava ir embora.

No táxi voltando para o salão de Myra, Dolly pegou seu bloquinho preto da Gucci e fez várias anotações sobre o que vira no livro contábil a respeito do assalto malsucedido. Usou umas abreviações, apenas para o caso de os policiais que a vigiavam resolverem fazer uma “revista aleatória”.

Dolly entrou no salão do mesmo modo como saíra. Lá de dentro, viu um dos detetives se aproximar da porta da frente. Pensando rápido, ela tirou o casaco,

pegou uma revista e sentou-se debaixo de um secador enquanto o policial entrava. Então, sorriu docemente para ele. À medida que ele se virava, constrangido, para sair, ela pegou o bloco para reler o que escrevera.

CAPÍTULO 5

Arnie Fisher estava furioso, o tipo de fúria que o fazia se trancar em um armário quando era criança. Seus olhos azuis e frios estremeciam de raiva, e a espuma da saliva se acumulava nos cantos dos lábios finos enquanto ele caminhava ao redor da mesa enorme. Vestia terno cinza-claro, sapatos cinza-claros impecáveis e feitos sob medida e uma gravata de seda azul-acinzentada, que agora estava frouxa. Ele arrancou uma das gavetas da mesa e a jogou do outro lado da sala.

Ele acabara de redecorar o escritório do Soho, na Berwick Street. O papel de parede aveludado e o tapete suntuoso agora exibiam um tom de verde de mesa de bilhar combinando. Também exigira uma nova mobília: dois pesados sofás de couro marrom, uma estante de mogno marrom e uma mesa de centro com pés recurvados. A lareira a gás imitando madeira estava meio para dentro e meio para fora de seu espaço na parede, esperando ser conectada ao fornecimento de gás. Um candelabro ainda não instalado equilibrava-se precariamente na beirada da mesa de centro. No chão, uma pilha de quadros bucólicos esperava para ser pendurada nas paredes verdes. Em seu esforço para demonstrar bom gosto, Arnie criara uma sala horrorosa e sombria. Ele chegara a decorar o banheiro anexo com uma banheira verde-escura, pia verde e torneiras douradas. Mas teve de desistir do bidê que queria por falta de espaço. Arnie estava subindo na vida: um novo escritório, um novo território... Assim que ele pusesse as mãos nos livros contábeis de Rawlins ninguém poderia detê-lo.

Ouviu-se uma descarga no banheiro e seu irmão, Tony, saiu, fechando a braguilha e ajeitando o saco. Ele nunca lavava as mãos.

— Quem você chamou para fazer isso? — perguntou Arnie, apontando para a escrivania.

— Fazer o quê?

Arnie socou a mesa.

— Eu disse que queria polimento francês! Isso aqui é a porra de uma

antiguidade. Algum mão de vaca idiota passou verniz!

Ele chegou a cuspir e enxugou os lábios com um lenço de seda amassado. Arnie bateu a mão na mesa repetidas vezes, externando sua fúria. Então, tirou uma caneta do bolso e, agarrando-a como a uma faca, fez um arranhão profundo na superfície da mesa.

Tony deu de ombros, impassível diante da fúria do irmão.

— Isso custou um dinheirão — argumentou ele. — Você devia estar agradecido!

Arnie tirou outra gaveta e jogou-a pela sala, errando a cabeça de Tony por alguns centímetros. Ele nem piscou. Nunca se preocupava quando Arnie dava chilique. Sempre passava. Ele só se preocupava ou ficava cauteloso quando o irmão era gentil, quando abria aquele sorriso estranho de lábios finos e estreitados. Naquele momento, Arnie rangia os dentes, ruminando feito um burro. Tony saiu da sala quando Boxer entrou.

Arnie recuperou o controle, passando suavemente a mão na antiga mesa envernizada.

— Olhe só para isso, Boxer. Esta mesa é entalhada, e aquele idiota me passa...

Arnie se deteve antes de se irritar de novo.

— Ele não tem classe, o meu irmão. Não sabe apreciar coisas elegantes.

Boxer era tão ignorante quanto Tony, é claro, mas ao menos tinha a decência de parecer preocupado. Arnie sentou-se em sua cadeira de couro e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Então, o que trouxe para mim, Boxer?

— Pouca coisa, Sr. Fisher. Eu disse a ela que o senhor estava disposto a pagar um bom dinheiro pelos livros, mas ela nem hesitou. Acho que não sabe onde estão.

— Não perguntei o que você acha! — disparou Arnie.

Tony voltou para a sala para ver se estava tudo certo.

— Se me der um pouco mais de tempo, Sr. Fisher, posso tentar outra vez. Ela ainda está muito abalada. Vai ser mais fácil falar com ela quando estiver mais calma.

Tony estava muito perto do ombro direito de Boxer, praticamente olhando para o seu ouvido enquanto escutava aquelas desculpas esfarrapadas. Estava morrendo de vontade de interromper e intimidar aquele homem fraco e patético.

Boxer estava com a cabeça baixa, arrastando os pés.

— Só isso? — perguntou Tony ao se aproximar ainda mais do capanga.

Arnie ergueu a mão. Um pequeno gesto, mas suficiente para que o irmão se calasse. Ele balançou a cabeça. Tony estava prestes a insistir, mas, então, viu aquele sorriso desagradável, pensou melhor e saiu da sala.

Boxer mudou o peso de um pé para o outro. Tinha medo de Arnie e se odiava por isso, mas aquela bichinha malvada o apavorava. Você nunca sabia o que esperar dele. Tony era diferente. Um verdadeiro mulherengo, que transaria com qualquer coisa que tivesse todos os membros e que era rápido com os punhos quando necessário. Às vezes, agia como um idiota — mas com Tony ao menos era possível saber o que estava por vir. O olhar de Arnie era muito mais assustador.

— Boxer, tempo é algo que eu não tenho — disse Arnie. — Você entende o que pode ter nesses livros contábeis, não é mesmo?

— Entendo. Eu entendo, Sr. Fisher, e estou fazendo o melhor que posso.

— Seu melhor é uma merda. Quando exatamente você teve essa conversa sem sentido com Dolly Rawlins? Já faz alguns dias que eu o mandei ir lá.

Boxer balbuciou outra desculpa:

— Eu não queria voltar de mãos vazias, Sr. Fisher. Tentei encontrar outra maneira de fazê-la cooperar, entende? Mas, como não achei nada, pensei que seria melhor vir aqui e falar a verdade. Mas fui muito claro com ela. Eu disse: “Não vá para nenhum outro lugar porque o Sr. Fisher vai ficar furioso.” Ela não vai fazer nada idiota, garanto que não.

Arnie ergueu um dedo e Boxer se calou, feito um cão aterrorizado com um dono violento.

— Você está se enrolando, não é, Boxer? É trabalho demais para você, não é? Não consegue dar conta? Quer que Tony cuide desse assunto com Dolly Rawlins?

Boxer sabia exatamente o que Tony faria caso fosse encarregado de obrigar Dolly a falar.

— Não, não faça isso, Sr. Fisher. Deixe-me falar outra vez com ela. Por favor!

Arnie tirou os óculos e começou a limpá-los lentamente.

— Está me pedindo mais tempo e vou lhe dar. Você tem duas semanas, meu filho, duas semanas. Se não encontrar os livros contábeis, vou mandar Tony visitar

a viúva, e você sabe como ele gosta de mulher, não é?

O telefone tocou, Arnie atendeu e logo ficou tímido, se remexendo nervosamente.

— Olá, Carlos. Estou bem, querido, estou bem. Espere um pouco... Dê o fora daqui, Boxer. E lembre-se: se há o nome de alguém nesses livros, esse nome é o seu. Você trabalhava para o filho da puta. Agora saia antes que eu mande Tony ir atrás de você.

Enquanto atravessava o escritório apressadamente, o cérebro lento de Boxer repassava o que Arnie tinha acabado de lhe dizer. Ele estava certo. Era do seu interesse obter esses livros contábeis; havia trabalhado como capanga de Harry em alguns assaltos. Boxer decidiu que visitaria Dolly de novo naquela noite, quer ela gostasse ou não. Fechou a porta do escritório de Arnie em silêncio e desceu a escada até a boate. O lugar era escuro e sórdido, fosse dia ou noite. O cheiro forte de cigarro velho, fumaça de charuto e cerveja estava entranhado nas cortinas de veludo vermelho. Era pungente e enjoativo.

Tony Fisher esperava ao pé da escada. Pretendia se divertir um pouco às custas do pobre Boxer.

— O mago das antiguidades já se acalmou?

Nervoso, Boxer começou a desviar de Tony, mas o sujeito parou à sua frente e ergueu os punhos em posição de boxeador.

— Vamos, Boxer, venha... Mostre sua força!

Boxer ergueu os punhos, desanimado, e Tony deu-lhe um soco forte abaixo da linha da cintura. Ele se curvou e colocou a mão na barriga, ofegante.

Tony inclinou-se na direção dele e disse em tom ameaçador:

— Você está perdendo o jeito, coisinha linda.

Então, às gargalhadas, subiu de novo a escada. Boxer sentiu vontade de vomitar.

CAPÍTULO 6

Mais uma vez Dolly estava na escuridão de seu quarto, atrás da cortina transparente, vigiando os policiais que a vigiavam. O mesmo carro que a seguira até o cabeleireiro estava estacionado não muito longe rua acima. Ela sorriu para si mesma e olhou para Wolf, que estava enrolado na cama olhando para ela.

— Descaradamente estacionados sob um poste de luz — disse ela para seu bebê. — Dá até para ver a cara idiota e entediada do sujeito.

Um dos policiais à paisana saiu do carro e se afastou, deixando Andrews esparramado no banco do carona. O sorriso de Dolly se desfez e ela desceu a escada, com Wolf logo atrás.

O detetive assistente Andrews fez um esforço desesperado para se concentrar em Dolly quando ela saiu da casa. Sem bolsa e apenas com um casaco nos ombros, obviamente estava levando o cachorro para passear. Andrews bocejou. A vigilância era cansativa. À sua frente, viu a viúva caminhando pela calçada, parando repetidas vezes enquanto o cão levantava a pata em cada árvore, muro e poste. Ao chegar na esquina, o cachorro virou à direita, saindo de seu campo de visão. De costas para Andrews, Dolly levou as mãos aos quadris. Ela bateu palmas e chamou:

— Venha, Wolf... venha!

Andrews sorriu para si mesmo. Dolly não tinha a mesma voz autoritária de Barbara Woodhouse, a adestradora de cães da televisão.

— Se você for esposa de um mestre do crime, eu sou tio de um macaco — sussurrou ele.

Dolly dobrou a esquina atrás do cão. Por um instante, Andrews pensou em sair do carro e segui-la a pé, mas estava frio e ela estava apenas passeando com o cachorro. Mas logo depois, como ela não voltava, o policial ficou alarmado, saiu do carro e correu até onde a vira pela última vez.

— Meu Deus! — exclamou entre dentes.

Dolly e Wolf não estavam em parte alguma. Ele correu de volta ao carro no exato momento em que seu colega, o detetive assistente Richmond, se aproximava com cheeseburgers e milkshakes.

— Você a viu? — perguntou Andrews, alarmado.

— Quem?

Então Richmond se deu conta do que estava acontecendo e debochou:

— Não me diga que você perdeu uma velha e um cachorro?

— Você acha que Resnick vai se preocupar em saber quem de nós estava observando e quem estava fazendo uma pausa não programada para o hambúrguer?

Richmond entendeu a mensagem, alto e claro: jogou a comida e a bebida comprometedoras no jardim mais próximo e pulou para dentro do carro.

— Eu dirijo — disse ele. — Vamos encontrá-la.

* * *

Dolly e Wolf se infiltraram em uma despedida de solteiro no fim da Barnet Road e, então, pegaram um táxi em direção à estação da Liverpool Street. Enquanto o táxi ia para o sul, o carro de polícia de Richmond passou no sentido contrário, fazendo o circuito imediato da área. Dolly sorriu enquanto acariciava o pequeno Wolf, todo enroscado ao seu lado. Dava para sentir a adrenalina percorrendo seu corpo. Gostava do modo como aquilo fazia com que se sentisse perto de seu amado Harry.

Pelo retrovisor, o motorista percebeu como os olhos de Dolly acompanharam a passagem do carro de Richmond. Já havia transportado pessoas suficientes no banco de trás de seu táxi para saber que ou Dolly estava no lado errado da lei, ou então estava voltando para o marido após uma noitada com o amante — e a idade dela lhe sugeriu que estava metida até o pescoço com a criminalidade.

Sem saber que estava sendo observada, ela murmurou para si mesma: “Nós mostramos para eles, não é, Wolf querido? Sim, nós mostramos!”

Na estação da Liverpool Street, Dolly pagou o valor exato ao motorista, dinheiro que ela separara no bolso do casaco para pagar a corrida. Planejamento seria tudo dali em diante. Após uma rápida olhada para se certificar de que não estava sendo seguida, ela guiou Wolf pelas ruas secundárias até os grandes arcos

atrás da estação. Ali, havia uma fileira de depósitos, geralmente usados pela British Rail, embora outros fossem alugados como oficinas de automóveis e espaços para vistorias.

O beco estava frio, escuro e sem iluminação pública, e cada edifício obstruía a luz do edifício ao lado. Dolly avançou lentamente pela fileira de arcos. Foi andando devagar; não conseguia ver no que estava pisando, e seus olhos precisavam se ajustar à escuridão. Procurava o número quinze. Alguns arcos não tinham portas e seus interiores eram enormes cavernas frias, úmidas, cheias de goteiras e cheirando a almíscar, como adegas subterrâneas. Carros velhos, destruídos e enferrujados estavam prostrados em silêncio como fantasmas do passado, sem as rodas, com os para-brisas quebrados e de portas abertas. Ela passou por cada um, se sujando cada vez mais, e acabou arranhando as coxas em um velho para-choque. Em um arco desocupado, alcoólatras repousavam em estupor embriagado junto a uma fogueira improvisada em uma lixeira velha. Ignoraram sua presença quando ela passou.

Finalmente, parou diante de uma porta corrediça verde. Tirando do bolso do casaco as chaves que Harry lhe deixara, tentou enfiar uma delas no cadeado. Quase deixou Wolf cair do colo quando as portas de repente se projetaram uns cinco centímetros em sua direção e um cão com um rosnado aterrorizante e um latido agudo começou a forçar passagem. Wolf começou a latir, deixando o cão atrás das portas ainda mais agressivo. Dolly calou Wolf com a mão. Ela ouvia as correntes do cachorro chacoalhando enquanto ele se jogava freneticamente contra as portas. Olhou para cima e percebeu que estava no número treze. Ao se encaminhar para o arco seguinte, torceu para que o cão não tivesse chamado muita atenção.

Havia um número “15”, sujo e desbotado, arranhado na tinta de uma pequena porta de entrada, embutida nas portas maiores do depósito. O esconderijo de Harry. Dolly tentou uma chave, depois outra e a porta se abriu.

O salão grande e cavernoso permaneceu silencioso até o estrondo de um trem passando acima tomar conta do ambiente. Ela fechou a porta ao entrar, colocou Wolf no chão e ligou uma lanterna de bolso.

Seguindo o fino feixe de luz, avançou lentamente e, quando Wolf começou a farejar, abanando o rabo, os velhos carros fantasmas, ela teve certeza de que o cão estava sentindo o cheiro de Harry. Wolf parecia muito empolgado com a

possibilidade de ver o dono de novo. Quando o cão olhou para ela como quem pergunta “Então, onde ele está?”, Dolly sentiu um peso no coração e a saudade do marido a inundou.

Aquilo era um “lugar de homem”, a um milhão de quilômetros da opulência imaculada de sua casa em Potters Bar. Ela quase conseguia sentir o cheiro de suor, trabalho árduo e testosterona ao imaginar os homens de Harry prestando atenção a cada uma de suas palavras enquanto ele fazia as suas preleções. Dolly permaneceu imóvel por um tempo que lhe pareceu uma eternidade. Ela nunca estivera naquele depósito e estava com medo do que poderia encontrar escondido em meio à escuridão. Viveu sabendo que um dia descobriria algum segredo a respeito do marido, mas sempre imaginara que seria uma amante mais jovem. Ele era muito bonito e até mesmo os melhores homens do mundo ficam bobos ao ouvirem um elogio. Mas o que havia naquele depósito... Aquele era um grande segredo a ser preservado.

Quando ela se arriscou a seguir em frente, os olhos focados no canto escuro mais distante, não viu a poça de lodo grosso, viscoso e lamacento e xingou ao sentir um pouco da água marrom se infiltrando até tocar-lhe os pés. Olhou para os sapatos estragados e viu Wolf sentado no meio da poça, abanando o rabo. Suas patinhas agora ostentavam “meias” pretas e oleosas.

Dolly foi até os fundos da garagem, em direção a um conjunto de grandes portas de madeira, também com uma porta menor embutida. Ao abri-la, acendeu as luzes de néon e ficou surpresa ao ver que o anexo era muito mais limpo do que a parte da frente do depósito. Havia alguns carros arruinados junto à parede e, no centro da sala, uma van de tamanho médio coberta com lona. Ao remover o tecido, sua mão escorregou e ela trincou os dentes ao quebrar a unha. Wolf se enfiou embaixo da van e começou a escavar o chão freneticamente. Dolly se ajoelhou ao lado dele, arranhando as coxas outra vez, e olhou para o lugar onde o cão estava escavando.

Sob o concreto solto havia ripas de madeira. Ao erguê-las, Dolly descobriu um buraco que deveria ter uns sessenta por trinta centímetros. Lá dentro havia algo envolto em um saco marrom. Ela puxou o volume, abriu-o e encontrou duas espingardas com cano serrado. A primeira vez em que teve certeza de que Harry usava armas de fogo foi quando encontrou a pistola na caixa de valores, mas aquilo não a chocou. Na verdade, ficou apreensiva ao pensar que ele tinha

deixado a arma ali para que ela se protegesse, mesmo depois de ele ter partido. Mas aquelas armas... Aquelas armas eram outra história. Não eram para proteção, eram para praticar assaltos. Naquele momento, Dolly sentiu-se mais perto de Harry. Ele lhe dera as chaves daquele lugar e finalmente estava permitindo que soubesse de tudo. O que Dolly faria com toda aquela informação dizia respeito a ela, e somente a ela.

Evitando deixar digitais nas espingardas, Dolly as embrulhou e colocou de novo no buraco no chão. Ela se levantou lentamente. *Está tudo aqui*, pensou enquanto olhava em torno: tudo o que Harry usava nos assaltos — os carros, as vans, as ferramentas de corte, as luvas, as espingardas. Agora, tudo aquilo era dela. Enfiou a mão no bolso do casaco manchado de óleo, pegou seu bloquinho e abriu-o na página das anotações codificadas que escrevera após sair do banco. Tudo o que Harry precisava para cometer o próximo assalto estava naqueles livros contábeis, no bloco e naquele depósito. Pegou a caneta e escreveu ao lado de sua anotação: “2ES” — duas espingardas de cano serrado. Enquanto sorria ao olhar para aquilo, quase conseguia sentir Harry sorrindo de volta e dizendo: “Essa é a minha garota”.

Dolly atravessou o armazém cavernoso e úmido. Era enorme. Foi até uma salinha no outro extremo, que parecia ter sido construída com antigas divisórias de escritório. A madeira, outrora brilhante, estava muito descascada, e as janelas com vidros quebrados estavam empoeiradas e repletas de teias de aranha. Ela baixou a maçaneta da porta encardida e deu um passo para dentro. Olhando para a maçaneta, viu que estava marcada com impressões digitais oleosas com quase o mesmo padrão que as dela. Imaginou as pontas dos dedos de Harry tocando as pontas dos seus dedos.

A sala era austera: uma pia e um pequeno fogão a gás, uma mesa, duas cadeiras de madeira e diversas fotos de mulheres coladas na parede. Canecas usadas e biscoitos mofados meio comidos indicaram a Dolly que aquele era o lugar onde Harry e sua equipe planejaram o assalto que dera tão terrivelmente errado. Dolly pegou as canecas usadas e levou-as até a pia imunda. Abriu as torneiras, que gorgolejaram enquanto a pressão se acumulava, tentando forçar a água através dos canos. De repente, um líquido marrom-ferrugem brotou, rebatendo na porcelana e espirrando no seu casaco, fazendo com que ela pulasse para trás. Ela largou as canecas na pia, quebrando duas e arrancando a alça da terceira. Três canecas

quebradas: as de Harry, Terry e Joe. As lágrimas que Dolly contivera por tanto tempo começaram a se avolumar e, na privacidade da sala do marido, ela permitiu que fluíssem. A sensação de alívio era tão esmagadora que ela se sentiu tonta e fraca e agarrou a pia em busca de apoio. Lutou contra as próprias emoções, mas não conseguiu. As comportas estavam abertas e não havia como fechá-las. A tristeza devastadora pela perda de Harry estava reduzindo suas forças, e ela lutou para se controlar enquanto segurava a pia de porcelana fria. Com a cabeça baixa, viu Wolf sentado com as patas cobertas de óleo e lodo e, subitamente, lembrou-se de uma época em que Boxer estava na pior, morando na sarjeta, e Harry o tirou dali. “Tudo o que vejo é merda de cachorro” dissera Boxer para Harry em meio à bebedeira. “Para onde quer que eu olhe, tudo o que vejo é merda de cachorro.” Harry ergueu a cabeça de Boxer e respondeu: “Então, meu velho amigo, olhe para cima. De cabeça baixa só dá mesmo para ver merda de cachorro. Erga a cabeça.” Claro que Harry não tinha sido amigo de Boxer, mas ele sempre sabia o que dizer.

Quando Dolly finalmente ergueu a cabeça, parou de chorar e Wolf ficou de pé ao seu lado, esperando o próximo movimento. Ela olhou uma última vez para as três canecas quebradas, pegou o cachorro e abraçou-o com força, ignorando seu pelo sujo, enlameado e oleoso.

— Tudo bem, querido — sussurrou. — Mamãe está aqui. Está tudo bem agora.

CAPÍTULO 7

Linda chegou ao spa Sanctuary, em Floral Street, às 10h em ponto e no mesmo instante percebeu que a sua melhor roupa, aquela que passara após receber o telefonema de Dolly, nem chegava perto dos trajes fabulosos que as outras mulheres vestiam. *Provavelmente elas nunca trabalharam um dia sequer na vida*, pensou. Estava prestes a ir embora quando uma recepcionista arrogante perguntou se ela era convidada de algum membro do clube. Quando mencionou o nome da Sra. Rawlins, Linda foi recebida de braços abertos.

Durante a visita guiada obrigatória, Linda não sabia para onde olhar. Nunca vira tantas mulheres seminuas e não gostou daquilo. Os vestiários eram piores: naquele lugar as pessoas despiam-se por completo e simplesmente andavam para cima e para baixo como se estivessem em casa. Na verdade, Linda não andava nua nem em casa, para o caso de um limpador de vidraças vê-la através da cortina transparente ou um oficial de justiça bater à sua porta.

O preço da comida no bar era exorbitante, e ela pensou em ir ao restaurante do outro lado da rua para comer um sanduíche de bacon e tomar um café, mas a assistente lhe disse que bastava mencionar o nome da Sra. Rawlins e tudo seria incluído na conta desta. Linda deu de ombros. Ela não estava acostumada a receber coisa alguma a troco de nada.

— Que seja, então — disse ela, apontando para um sanduíche.

Queijo bastava.

Sanduíche em mãos, Linda voltara aos terríveis vestiários, onde foi deixada à própria sorte. Ficou parada, toda vestida, sentindo-se uma perfeita idiota, tentando não olhar para todas aquelas bundas e peitos passando descaradamente na sua frente. Não conseguiu aguentar muito tempo e, de cabeça baixa, saiu depressa dali.

Enquanto vagava pela academia, olhou para as bicicletas ergométricas. A princípio, mal reconheceu Shirley. Parecia muito magra e esgotada, mas era ela

mesma. Linda começou a se aproximar, mas foi detida por uma das atendentes, que a informou de que ela não poderia entrar na área de exercícios sem trajés adequados.

— Oi! — gritou Linda para Shirley. — Está com fome?

Shirley olhou em sua direção e, ao reconhecê-la, parou de pedalar. Linda passou direto pela atendente. Não se abraçaram, já que nenhuma das duas parecia ter certeza de que aquilo era adequado, de modo que Linda apenas disse:

— Faz um tempo, não é?

Ambas logo concluíram que a última vez em que se falaram fora em um coquetel em algum lugar havia uns dois anos. Linda não se lembrava tão claramente dos eventos quanto Shirley graças ao bar liberado, mas Shirley preencheu os espaços em branco. A conclusão foi a de que o coquetel fora promovido por Harry Rawlins... e fora Dolly Rawlins quem ligara para as duas do nada e lhes dissera para se encontrarem com ela ali.

Nem Shirley nem Linda sabiam por que haviam sido convocadas, mas ambas esperavam que tivesse a ver com uma entrega de dinheiro. Não conseguiam imaginar o que mais poderia ser.

— Bem, seja qual for o motivo, vou aproveitar as instalações do spa enquanto posso — disse Shirley. — Vamos!

Ela se dirigiu aos vestiários, seguida por Linda.

Shirley logo se envolveu na toalha branca e felpuda que lhe fora fornecida enquanto Linda, tentando em vão parecer à vontade, se concentrava em suas unhas lascadas, evitando contato visual com qualquer pessoa. Shirley ofereceu-lhe uma toalha.

— Relaxe, Dolly está pagando — disse ela gentilmente.

Linda se esquecera do quanto Shirley era bonita, quão facilmente parecia elegante e feminina. Mesmo sob uma toalha quadrada, ela exibia formas deslumbrantes, cabelo e maquiagem impecáveis. Linda não queria que Shirley visse como ela estava insegura, de modo que tentou fazer piada.

— Não quero exhibir o meu corpo e enlouquecer os caras, Shirl.

— Aqui só tem mulher.

Derrotada, Linda pegou a toalha que Shirley lhe oferecia.

— Bem, não vou tirar o sutiã nem a calcinha. Podem roubar! — disse ela ao entrar em um cubículo para ter alguma privacidade.

Quando se inclinou para tirar os sapatos, Linda viu Shirley, que agora estava sentada, olhando para ela.

— Mas que droga! — disse Linda, sua voz ecoando pelo vestiário. — Para que ter uma porta que termina a mais de meio metro do chão?!

Quando Linda se levantou, sua cabeça e ombros despontaram acima da porta e Shirley não conseguiu conter uma risada.

— É como se trocar atrás de um selo! Eu bem que podia estar aí fora com você!

Linda apoiou os braços no topo da porta e as duas mulheres caíram na gargalhada pela primeira vez desde que souberam da notícia.

Por volta das 11h30, Shirley estava de olhos fechados, relaxando na água borbulhante e leitosa da jacuzzi. Linda estava sentada na borda, aquecendo os pés e os tornozelos. Seu sutiã de cetim vermelho despontava da toalha branca e ela deixara cair migalhas do sanduíche de queijo na água, mas não se importou.

— Sabia que uma boa trepada faz tão bem quanto uma hora de exercício? E, posso lhe garantir, não tem taxa de adesão anual.

Linda riu de si mesma enquanto enfiava na boca o último pedaço do sanduíche e lavava as mãos na água da jacuzzi.

— É claro que você não pode ficar parada, é preciso algum esforço.

— Você não tem outro assunto?

— Bem, estou em abstinência, não é? Eu e Joe fazíamos sexo praticamente todas as noites.

Linda se entristeceu ao lembrar do marido.

— Posso lhe garantir que há muitos ajustes a serem feitos na minha vida.

Shirley abriu um olho e encarou a outra. Ficar celibatária por um mês realmente era o maior ajuste a ser feito depois de o marido ter explodido pelos ares em um assalto frustrado?

Ao meio-dia, Dolly ainda não tinha aparecido, e Linda estava ficando irritada. Agora Shirley estava nua na espreguiçadeira e Linda, sentada ao seu lado, tomava café, comia uma barra de chocolate e reclamava da falta de dinheiro.

— Se ela não vier, terei gasto uma fortuna com comida que eu nem queria! Estou mais gorda agora do que quando cheguei! Que droga de spa é esse?

— Ela virá. E fale baixo — sussurrou Shirley.

Tinha se esquecido de como Linda podia ser constrangedora às vezes, mesmo

quando não bebia. Na verdade, Shirley se perguntava se Linda não teria acrescentado um pouco de vodka ao café, porque ela definitivamente estava começando a falar alto demais. Por duas vezes dera pedaços de biscoito aos papagaios que estavam presos em gaiolas penduradas em samambaias enormes. As atendentes haviam pedido que ela não fizesse aquilo, mas Linda as ignorou. Também estava fazendo comentários em voz alta e rindo de algumas mulheres, chamando-as de “bicho-pau”.

Linda não tinha a intenção de envergonhar Shirley, mas percebeu que envergonhara. A verdade era que se sentia um peixe fora d’água naquele ambiente elegante. Olhou em volta: umas vadias esqueléticas, autoindulgentes, arrogantes e pretensiosas, e com mais dinheiro do que jamais conseguiria gastar. Estava prestes a ir embora quando viu Dolly vindo casualmente em sua direção, trajando uma toalha de banho e um turbante combinando. Dolly meneou a cabeça para duas atendentes enquanto subia os degraus em direção às espreguiçadeiras.

— Deus Todo-Poderoso — bufou Linda para Shirley, cutucando-a com o cotovelo. — Lana Turner está viva e mora em Londres: olha só.

— Olá, Linda. Olá, Shirley. Desculpem-me por não ter enviado flores. Não consta no livro de regras — disse Dolly com um sorriso.

Linda mordeu o lábio inferior. A voz de apresentadora de programa infantil de Dolly e a frívola referência aos funerais de seus maridos a irritaram. Não era um começo de conversa apropriado. Linda preferiria “Como vão vocês?”, ou “Há quanto tempo!”, ou “Sinto muito que meu marido tenha matado o seu!”.

— Vamos para a sauna. Lá não seremos incomodadas — disse Dolly, saindo na frente.

Shirley e Linda a seguiram com a mesma obediência de Wolf: como se instintivamente soubessem que segui-la seria mais benéfico do que ficarem ali paradas.

Linda nunca estivera em uma sauna. Estava suando profusamente e temia que a tinta vermelha do sutiã manchasse a toalha imaculadamente branca. Shirley, que estava bem acostumada com saunas, logo se deitou no banco de cima.

— Como vão vocês? — perguntou Dolly, como se fosse a pergunta mais inocente do mundo.

Nenhum gesto de Dolly era inocente nos últimos dias — e, sabendo o que sabia agora, queria descobrir um pouco mais sobre aquelas viúvas antes de

compartilhar suas ideias. Ela também se lembrava do coquetel de dois anos antes. O evento estava repleto de bandidos dos quatro cantos de Londres. Para ser honesta, Dolly não se lembrava de Shirley nem de ter ouvido uma só palavra dita por ela durante a noite inteira; Linda, por outro lado, fora memorável.

— Terry não deixou nenhum dinheiro para a hipoteca, então, se não ganhar o concurso de Miss Paddington na semana que vem, terei de arrumar um emprego.

Shirley parecia realmente angustiada com aquilo, mas, afinal, ela era uma menina de vinte e poucos anos, sem estudo e qualquer habilidade na vida real. Sempre estivera sob os cuidados de alguém e não fazia a menor ideia de como sobreviver por conta própria.

— Estou desolada — zombou Linda. — Experimente ter três trabalhos ao mesmo tempo. Foi o que fiz na última vez em que Joe ficou preso. E que diabos é Miss Paddington?

— Ah, é um concurso de beleza! — explicou Shirley, sorrindo. — Minha mãe me inscreveu. No início eu fiquei com ódio dela. Tinha acabado de perder Terry. Mas a vencedora ganha mil libras e uma viagem com acompanhante para a Maiorca, além de participar do próximo concurso de Miss Inglaterra!

— Depois, Miss Mundo, suponho? — disse Dolly com um tom de voz sarcástico que Shirley não percebeu.

— Exatamente.

Os olhos de Shirley tornaram-se sonhadores.

— Isso poderia ser o começo de algo grande para mim.

Dolly voltou a atenção para Linda.

— E como você está?

— Bem, você conhecia o Joe. Vinha fácil, ia fácil. Meu Deus, está muito quente aqui.

Dolly derramou mais água nas brasas, aumentando o desconforto de Linda.

— Sente-se aqui embaixo. Faz mais calor nos bancos mais altos.

A conversa casual terminou. Dolly passou a falar sobre o motivo de ter convocado as duas.

— Vocês sabem que os irmãos Fisher assumiram o território de Harry, não é?

— Ouvi dizer — respondeu Linda, ofegando ao começar a superaquecer.

— Vocês tiveram algum problema com eles?

— Não. Com eles, não — disse Linda. — A polícia deu uma geral lá em casa.

São um tremendo pé no saco. Ficam plantados perto do fliperama. Se eles não pararem com isso, serei demitida.

Dolly olhou para Shirley e ergueu as sobrancelhas.

— Eles revistaram minha casa mais de quatro vezes — revelou Shirley. — Mas ainda não vi os Fisher.

Por enquanto, Linda não estava nem um pouco curiosa quanto às perguntas de Dolly. Seu foco era não derreter.

— Meu Deus, está um inferno aqui dentro. Isso faz bem?

Shirley não entendia de muitos assuntos, mas conhecia spas e explicou:

— As saunas são projetadas para que as pessoas suem todas as impurezas do corpo.

— Conheço uma maneira melhor... — Linda começou a dizer.

Dolly ergueu a mão para interrompê-la.

— Bem, prestem atenção: quero falar com vocês. Os irmãos Fisher e a polícia estão bisbilhotando por aí em busca de informações.

Linda tentou uma última piada:

— E eu que pensei que eles só tinham uma queda por mim...

Ela viu um sorriso discreto surgir no rosto de Dolly por uma fração de segundo antes de desaparecer novamente atrás de lábios crispados e olhos indecifráveis.

— Vocês sabem como era o método de Harry — continuou Dolly. — Ele mantinha registros de todas as pessoas que já trabalharam para ele. Fazia listas de nomes: informantes, comerciantes de armas, banqueiros. Dinheiro recebido, dinheiro pago. Tudo registrado e datado. Ele usava esses livros contábeis como proteção caso alguém o denunciasse ou traísse.

— Não sei do que você está falando, Doll — disse Linda, sentindo-se um pouco tonta pelo calor.

— Então ouça! — disse Dolly. — E não me chame assim. Não gosto. Os irmãos Fisher querem os livros contábeis de Harry.

— Por quê? — perguntou Shirley.

— Eu acho que é porque citam os nomes deles e as atividades ilegais que cometeram. Os Fisher estão com medo de que a polícia se apodere desses livros contábeis, o que lhes causaria grandes problemas.

— Quem está com os livros?

Considerando que Shirley não era a garota mais inteligente da sauna, Dolly ficou impressionada com o fato de ela ser a única a fazer perguntas sensatas.

— Eu — respondeu Dolly calmamente.

Quando começou a explicar, Dolly falou lenta e ponderadamente, enfatizando as palavras para que não houvesse qualquer mal-entendido. Shirley visivelmente se agarrou a cada palavra de Dolly, enquanto Linda inclinava a cabeça para trás, fechava os olhos e escutava em silêncio, ainda ofegante no calor insuportável.

— Harry sempre disse que queria que eu ficasse bem se alguma coisa acontecesse com ele. Queria que sua equipe assumisse o controle e cuidasse de todas nós. Certa vez ele brincou dizendo que, caso morresse, sua equipe poderia tocar o negócio a partir daqueles livros. Mas Joe e Terry morreram com ele, de modo que cabe a mim agora fazer isso. Eu cuidarei de nós como Harry queria.

Com quase nenhuma gota de suor no corpo, Dolly olhou para o rosto atento de Shirley. Não tinha certeza se ela sabia do que estava falando, mas ao menos parecia estar ouvindo. Então Linda sentou-se de repente.

— Eu não vou aguentar esse calor por muito mais tempo, desisto! — disse ela.

Dolly a encarou, com um olhar de fúria ardendo em seu rosto. Ali estava ela, abrindo sua alma, e Linda nem sequer teve a decência de ouvir. Ela se levantou, enrolou a toalha no corpo e saiu antes de fazer algo estúpido, como enfiar a cabeça de Linda no braseiro da sauna.

— O que eu fiz de errado? — perguntou Linda para Shirley.

Mas a expressão no rosto de Shirley estava tão irritada quanto a de Dolly.

— Você não vê que ela está abalada? — disse Shirley. — Deve ter sido horrível para ela, ainda mais do que para nós. O marido dela ficou em pedaços, irreconhecível. E eles estavam casados há vinte anos.

Linda saltou do banco.

— E eu não estou abalada, é isso? Só porque não demonstro não quer dizer que não tenha sentimentos.

Shirley tentou acalmar Linda, mas a outra não estava disposta a sossegar. Caminhava a esmo pela sauna, ameaçando dizer poucas e boas para Dolly. Ela poderia facilmente sair da sauna e ir atrás de Dolly, de modo que Shirley percebeu que aquilo era da boca para fora. Então, Linda de repente parou de gritar e se encolheu no assento. Abraçou os joelhos, enterrou o rosto entre as mãos e falou com uma voz abafada:

— No banho hoje de manhã entrou sabão nos meus olhos. Quando tentei pegar uma toalha no gancho da porta, peguei o roupão dele. Senti o cheiro dele, o cheiro de seu corpo, e foi como se ele estivesse comigo outra vez, mas era só o roupão...

Então começou a chorar.

A boca de Shirley se contraiu quando sentiu as lágrimas brotarem. Logo ela também estava soluçando, pensando em todas as coisas em sua casa que a faziam lembrar de Terry.

Quando Dolly entrou de novo na sauna, encontrou as duas banhadas em lágrimas, se abraçando. Dolly tentou manter o controle, mas logo começou a chorar também. Foi a primeira vez que chorou para valer diante de alguém, mas não se importou. Parecia certo compartilhar seu sofrimento com as outras viúvas; ela não ficou envergonhada nem preocupada com a possibilidade de verem sua fraqueza. Confiou instintivamente naquelas duas, e isso lhe era algo raro. Confiança. Era disso que ela precisava.

A tensão diminuiu e Dolly retomou a conversa.

— Quando chamei vocês até aqui eu não sabia quanto iria revelar. Mas agora sei. Nós temos duas opções no que diz respeito aos livros contábeis de Harry.

— Nós? — interrompeu Linda.

Ao ver o leve sorriso de Dolly, ela se calou e ouviu.

— Harry planejou trabalhos com meses de antecedência, estão todos registrados. Se os Fisher conseguissem os livros contábeis, portanto, eles ficariam no topo. Assim como Harry. Então, a opção um é vendermos os livros contábeis para os Fisher e eles nos oferecerem uma porcentagem de tudo o que conseguirem. A opção dois é não vendermos...

Dolly inspirou profundamente enquanto Shirley e Linda se aproximavam.

— ...e executarmos os trabalhos que Harry planejou.

Linda começou a rir histericamente. Shirley sentou-se com a boca aberta.

— Você está brincando? — gaguejou Linda.

— Se vocês não quiserem, tudo bem. Mas eu não posso fazer sozinha, então teria de vender os livros, e os Fisher são bandidos baratos de duas caras que sem dúvida vão me apunhalar pelas costas.

— Não podemos fazer um assalto à mão armada, Dolly — sussurrou Shirley.

— Sim, podemos. Podemos terminar o que nossos homens começaram. Era

um bom plano, que teria funcionado se não tivessem usado explosivos.

Linda e Shirley se entreolharam sem saber o que dizer. Dolly tinha ficado louca? Será que o luto a levará ao limite?

Ela continuou a falar, calma e lentamente:

— Eu poderia ter vendido os livros contábeis sem dizer nada a vocês e evitaria uma divisão por três, mas quero ser correta, como Harry sempre foi correto com Joe e Terry... E esse trabalho é certo.

Dolly as atingiu com seu golpe de misericórdia.

— Se vocês não quiserem participar, vou entender. Farei o melhor que puder para tirar algum dinheiro dos Fisher para nós três. Então eles poderão fazer o trabalho que Harry estava planejando e embolsar um milhão de libras.

— Um milhão de libras? — gritou Shirley antes de levar a mão à boca.

Linda, esperta como um gato, sabia que, se algo soasse bom demais para ser verdade, provavelmente era mentira. Fora casada com Joe por tempo o bastante para saber que um trabalho de um milhão de libras seria perigoso. Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Faça-nos um favor, Sra. Rawlins. A senhora acha que somos o quê? Duas idiotas?

— Longe disso — retrucou Dolly. — Temos mais semelhanças do que diferenças, Linda. Sei o que você está sentindo agora e sei como resolver isso. Um último trabalho. Por nossos homens, claro. Mas principalmente por nós. É a chance de você deixar de trabalhar em fliperamas por menos de metade do que você vale, e você — disse Dolly, olhando para Shirley —, você nunca teria de trabalhar um dia na vida.

Shirley entrou em pânico:

— Eu não quero ir embora de Londres.

— Você não precisará ir embora, querida. Ninguém saberá que fomos nós. Sei exatamente o que fazer.

Dava para ver que Shirley e Linda estavam vacilando, então Dolly as aproximou um pouco mais da decisão que desejava.

— Vocês acham que Terry e Joe deixaram vocês sem nada? Não, isso não é verdade. Eles deixaram vocês comigo. Eu, os livros contábeis e o próximo trabalho. Nós nunca fomos de ficar sentadas em casa. Sabíamos o que eles faziam. E sabíamos por que faziam. Harry fez com que eu encontrasse seus livros

contábeis por um motivo. E esse motivo somos nós. Ele não queria que ficássemos sozinhas nem que passássemos por dificuldades. Nós merecemos isso, senhoras.

Dolly se levantou.

— Pensem no assunto. Eu não teria sugerido isso se achasse que somos incapazes. E pagarei todas as despesas de vocês em dinheiro vivo antes do trabalho começar.

Linda e Shirley ficaram sentadas, mudas e boquiabertas. Dolly quase conseguia ouvir as engrenagens funcionando enquanto ambas pesavam as opções.

— Voltarei a entrar em contato daqui a dois dias — avisou. — Não tentem falar comigo. Estou sendo vigiada pela polícia e eles podem ter grampeado o meu telefone. Por causa deles não cheguei aqui na mesma hora que vocês. Não quero que sejamos vistas juntas, então, por favor, não saiam juntas. E só saiam ao menos vinte minutos depois de mim.

Então, foi embora.

Por uns dez minutos, Linda e Shirley ficaram sentadas na mesma posição, com as mesmas expressões vagas. Então Linda disse:

— Ela está doida.

— Deveríamos contar para alguém?

— Ninguém acreditaria em nós.

CAPÍTULO 8

Dolly já estava dirigindo havia séculos, indo e voltando a White City, tentando despistar os policiais à paisana, mas eles continuavam atrás dela.

— Desgraçados! — gritou quando olhou de novo pelo retrovisor.

Não importava quantos retornos fizesse ou em quantas ruas secundárias entrasse, simplesmente não conseguia despistá-los. Alguns dias depois do spa, quando ligou para Linda e Shirley, ambas concordaram em se encontrarem e ouvirem mais a respeito da ideia. Agora as três haviam planejado um encontro. Ela não queria chegar atrasada, mas o que podia fazer? A menos que tivesse certeza de não estar sendo seguida, simplesmente não podia arriscar encontrar ou entrar em contato com as outras viúvas.

Dolly lembrou-se de um filme que vira certa vez e sorriu, perguntando-se se talvez, apenas talvez, o truque da história funcionaria para ela. Começou a acelerar na rotatória de Shepherd's Bush, depois seguiu rumo a Notting Hill Gate, descendo a Bayswater Road até o Marble Arch. Eles ainda estavam atrás dela. Ela costurou em meio ao tráfego, depois dobrou à direita em direção ao Hyde Park, mantendo-se na pista interna. Olhando pelo retrovisor, viu o carro da polícia uns quatro carros atrás. Ultrapassou um veículo pesado de entrega que estava na pista de dentro, então fechou-o e entrou bruscamente no acesso para o Hotel Dorchester. Em segundos estava saltando do carro, carregando Wolf debaixo do braço. Entregou as chaves e uma nota de dez libras para o porteiro.

— Estacione, querido. Voltarei em uma ou duas horas, depois do jantar.

E entrou no hotel.

O porteiro foi até o Mercedes, sentou-se no banco do motorista e estava prestes a ligar o motor quando viu uma luz azul piscando no carro que vinha mais atrás. O detetive assistente Andrews saltou do veículo ainda em movimento, correu até o Mercedes, abriu a porta e agarrou o porteiro pela lapela.

— Para onde ela foi? Para que lado?

Aterrorizado, o porteiro apontou para a entrada do hotel.

Andrews entrou correndo no saguão e começou a procurar freneticamente por Dolly, mas ela não estava à vista, e ninguém, nem mesmo a recepcionista, notara a presença dela. Ele levaria outra bronca de Resnick, que ainda estava furioso com o incidente do hambúrguer.

Andrews voltou para o carro, bateu a porta e encontrou uma vaga para estacionar. Ele esperava desesperadamente que Dolly estivesse em algum lugar no hotel, de modo que decidiu ficar perto do Mercedes. Era tudo o que lhe restava fazer.

* * *

Linda chegara aos arcos ferroviários da Liverpool Street quinze minutos adiantada. Fazia muito frio e ela estava congelando. Não se dera conta de que a área era tão escura e não levava uma lanterna, por isso teve dificuldade para encontrar o depósito número quinze. Não se surpreendeu ao receber o telefonema de Dolly. Decidir se encontrar com ela e com Shirley outra vez fora uma decisão fácil. O que mais faria seu coração acelerar? Desde a morte de Joe, a vida de Linda estava horrível, verdadeiramente péssima. Era impossível se acostumar com metade da cama vazia, os clientes do fliperama a enojavam e a polícia a tratava como merda. Acima de tudo, a vida estava profundamente tediosa — e Linda odiava ficar entediada. Fosse lá o que Dolly acreditasse estar fazendo, Linda se sentia feliz por poder acompanhá-la, se encontrar de vez em quando com Shirley e talvez ganhar um pouco do dinheiro de Dolly no processo.

Ela se aproximou de um dos depósitos e, espiando pela fresta entre as duas grandes portas de madeira, quase desmaiou de susto quando viu um pastor-alemão enorme saltar em sua direção, rosnando e latindo. Correu depressa até a porta seguinte, ergueu a mão para bater e...

— Você chegou adiantada — disse Dolly às suas costas.

— Eu não tinha certeza de onde era e não gosto de chegar atrasada.

O frio deixara Linda mal-humorada, o que Dolly percebeu imediatamente. Por sorte, Dolly estava feliz por ter despistado Andrews e pela confortável corrida de táxi. Sorriu para Linda ao destrancar a porta.

— É um bom hábito.

Dentro do depósito, Dolly acendeu calmamente um cigarro enquanto Linda dava pulinhos tentando se aquecer. Ela adoraria tomar uma xícara de chá, mas Dolly simplesmente se sentou em uma caixa, pegou seu bloquinho de couro preto e pôs-se a revisar as anotações enquanto esperavam por Shirley. Linda não era boa em ficar irritada em silêncio, e suas reclamações resmungadas levaram Dolly a dizer:

— A chaleira está lá nos fundos, querida. Para mim, café preto, sem açúcar. E mantenha-se aquecida, está bem?

Linda fez cara feia e entrou no anexo, onde três canecas novas, uma nova chaleira e um pacote fechado de biscoitos de creme estavam à sua espera.

— Vamos lá, então, me conte qual é o plano — falou.

— Vamos esperar pela Shirl — retrucou Dolly sem erguer os olhos. — Aquele negócio de Miss Paddington é hoje à noite, então ela chegará uns vinte minutos atrasada.

— Você poderia ter me dito! — gritou Linda enquanto preparava o chá.

— Por quê? O que você estava fazendo?

Aquilo a magoou. Dolly sabia muito bem que Linda não faria nada de interessante.

— Somos uma equipe, Linda. Vamos esperar pela Shirley.

* * *

Sentada no táxi ao lado da mãe, Shirley sentiu um de seus cílios postiços se soltar, mas não teve ânimo para ajeitá-lo. Estava usando um deslumbrante vestido de baile preto brilhante, saltos altos, bronzado falso e laquê suficiente para afundar um navio. Ainda tinha o número de candidata a Miss Paddington preso ao ombro. Ela estava o máximo — não fosse a maquiagem escorrendo pelo rosto marcado por lágrimas.

Pairava um silêncio constrangedor. Finalmente, Audrey decidiu quebrá-lo:

— Eu não quis dizer que você andou aprontando, querida — sussurrou ela, esperando que o taxista não a ouvisse. — Só queria saber onde você arranjou dinheiro para comprar esse vestido.

Shirley olhou pela janela do táxi, tentando não voltar a chorar.

Ela não conseguira se concentrar durante todo o concurso, mesmo sendo, de

longe, a garota mais linda e pudesse ganhar com facilidade. Audrey estava incrivelmente orgulhosa e certa de que o troféu seria dela, mas, quando Shirl tirou o casaco e revelou o vestido novo, a mãe fez um comentário desajeitado sobre a filha ser garota de programa — e dali em diante as coisas foram por água abaixo. Audrey tentou se redimir dando um abraço apertado em Shirley quando ela estava se preparando para entrar no palco.

— Vá até lá e roube a cena, garota. Você é linda, adorável e vencedora.

Então disse a segunda coisa estúpida da noite:

— Terry e eu estaremos na primeira fila, no meio.

Ela quis dizer “Greg”, mas saiu “Terry”. Então ficou totalmente sem graça ao ver os olhos de Shirley se arregalarem e seu lábio inferior estremecer. Quis pedir desculpas para a filha, mas não teve a chance porque Freddie, o mestre de cerimônias, anunciou o nome dela e o contrarregista a empurrou para entrar no palco.

Quando a jovem se tornou o centro das atenções, sua mente estava tão longe que, no momento em que Freddie perguntou quais eram os seus hobbies, ela murmurou algo sobre gostar de livros e vegetais.

Audrey assumiu total responsabilidade pelo fiasco. Shirley a deixara assumir, mas a verdade é que outras coisas rondavam sua mente. Quando o táxi deixou Audrey e seguiu até a estação da Liverpool Street, Shirley começou a se recompor e lembrar do que ocorrera na semana anterior.

Ela estava esperando havia mais de meia hora no banheiro no Regent’s Park quando Dolly enfim desceu os degraus e calmamente começou a retocar a maquiagem no espelho quebrado e descascado da parede.

— Você os despistou? — perguntou Shirley, referindo-se à constante escolta policial de Dolly.

— Não — respondeu Dolly com a boca aberta enquanto retocava o batom. — O detetive assistente Andrews está lá fora, tomando conta de Wolf.

Dolly parou de se maquiar e entregou um envelope recheado a Shirley, que ainda tentava descobrir se Dolly estava tentando lhe passar a perna.

— Aí dentro há o suficiente para cobrir a sua hipoteca por alguns meses e mais um pouco. Você receberá esse valor todo mês. Vamos nos encontrar de novo na próxima quinta-feira, depois do concurso. Os detalhes estão no envelope.

— Dolly, eu... — balbuciou Shirley. — Eu não sei se sou capaz de lidar com

isso. Haverá atiradores, não é?

— Está tudo bem. Ouça, se você não vier, saberemos que não está preparada, certo?

Shirley apertou o envelope e sentiu o maço de dinheiro.

— Você só terá que me pagar isso de volta. Sem problemas, está bem, querida?
— disse Dolly com um sorriso antes de ir embora.

Quando Shirley finalmente se atreveu a enfiar a cabeça para fora do banheiro, viu um homem ao longe indo para o carro, olhando para Dolly, que ia na direção oposta com Wolf. *Corajosa*, pensou Shirley para si mesma. *Aposto que ele não mencionará isso em seu relatório diário!*

* * *

Linda estava no segundo chá quando ela e Dolly ouviram batidas nas portas principais da garagem. Shirley entrou, saltos estalando no chão irregular, batendo sua maleta em tudo o que encontrava pelo caminho e pedindo desculpas pelo atraso.

— Meu Deus, o que houve com você?! — exclamou Linda. — Olhe para ela, Dolly, toda emperiquitada. Está usando cílios postiços?

Shirley largou a maleta no chão, bem na poça oleosa, que salpicou as suas pernas bronzeadas artificialmente. Ela pulou para trás, quebrou um salto, tropeçou e acabou se sentando no capô do carro mais sujo do depósito. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Fiquei em oitavo lugar! Fiz papel de boba e fui péssima com a minha mãe.

Linda voltou a falar, dessa vez em tom mais gentil:

— Oitavo não é tão ruim, Shirl. Havia quantas competidoras?

— Dez... — murmurou Shirley de um jeito penoso, no que Linda virou-se depressa para esconder um sorriso.

Shirley levantou-se e limpou a parte de trás do vestido. Ao olhar para a mão, viu que estava coberta de óleo e imaginou como seu casaco bege deveria estar na parte de trás. A gota d'água foi quando percebeu que quebrara a unha. As lágrimas começaram a rolar e ela disse:

— Eu nem pretendia vir.

— Alguém viu você? — perguntou Dolly, que no fundo estava muito aliviada

ao vê-la.

Ela precisava colocar as coisas nos trilhos outra vez.

— Não. Eu saltei do táxi na estação, como você me orientou.

— Você viu alguém?

— Bem, claro que eu vi! É uma maldita estação na hora do rush! — respondeu Shirley se irritando, mas logo depois se contendo.

Dolly tentou consolar Shirley, acariciando a sua cabeça como se fosse a de Wolf. Ela pediu que Linda preparasse mais café.

— Estou aqui a metade da noite e tudo o que fiz até agora foi trabalhar como uma maldita garçonete — murmurou Linda ao sair mal-humorada.

Dez minutos depois, as três mulheres estavam sentadas ao redor de uma grande caixa, abastecidas com chá, café e biscoitos, olhando para os mapas e os desenhos que Dolly mostrava. Linda mordiscava um biscoito com cobertura de creme, Shirley roía a unha quebrada para que assumisse um formato aceitável enquanto afastava do rosto a fumaça do cigarro de Dolly, que estava curvada sobre os planos, fazendo anotações sem parar em seu bloquinho — coisas que elas precisavam comprar, fazer e aprender.

— Nosso maior problema será o peso que teremos de carregar nas costas daqui — Dolly traçou uma linha no desenho da passagem subterrânea da Strand — até aqui. Esse ponto é onde estacionaremos o carro de fuga. É um trajeto de cinquenta metros.

Dolly ergueu os olhos e viu Linda raspando o creme do biscoito com os dentes inferiores.

— Você está me ouvindo?

Com firmeza, Linda repetiu tudo o que Dolly dissera:

— Van roubada na frente para deter o carro-forte na passagem subterrânea. Van roubada atrás para bloqueá-lo. Atiradora mantendo o tráfego sob controle. Atiradora fazendo com que os guardas abram as portas. Mochilas cheias de dinheiro.

— Dinheiro muito pesado — corrigiu Shirley.

— Dinheiro muito pesado — repetiu Linda. — Corrida de cinquenta metros até o carro de fuga roubado.

Claramente, Linda estava muito satisfeita consigo mesma.

Vadia insubordinada, pensou Dolly. Ela teria de controlá-la antes do grande dia,

mas, por enquanto, deixaria aquilo de lado.

— Uma de nós terá de aprender a usar uma motosserra, o que é também muito pesado — prosseguiu Dolly.

— Não tenho força nos braços — contou Shirley. — Mas minhas pernas estão bem, então não estou preocupada com o peso do dinheiro.

— Você já carregou um terço de um milhão de libras em notas? — questionou Dolly.

Shirley se calou. Ela estava muito cansada para se importar com o peso desse terço de um milhão de libras utópico, então mudou de assunto.

— O que acontece se alguém nos carros atrás de nós nos atacar?

Linda interferiu:

— Você não prestou atenção?! Acabei de dizer: “Atiradora mantendo os carros sob controle.” Essa sou eu. Não preocupe sua linda cabecinha com isso. Não haverá ninguém metido a herói enquanto eu estiver de olho.

Linda pegou outro biscoito de creme.

— E quanto aos explosivos?

Dolly olhou feio para Linda — um olhar longo e frio que dizia tudo. *Se olhares pudessem matar*, pensou Linda, *eu agora estaria estirada no chão*.

— Perdão, Dolly — disse ela, estendendo a mão sobre a caixa para reconfortar a outra.

Dolly afastou a mão e mudou de assunto:

— Em breve terei uma reunião com o informante na empresa de segurança. Sabemos pelo registro dos livros contábeis que o carro-forte sempre usa a passagem subterrânea, embora as corridas variem em tempo e na rota. Uma vez por mês, há uma saída das grandes, levando dinheiro extra. É essa que visaremos, daqui a quatro meses. O contato confirmará a data exata e nos entregará o mapa das rotas; vamos precisar de cada minuto até lá para nos prepararmos.

Quando Dolly pegou a bolsa, Linda e Shirley reviraram os olhos uma para a outra. Dois meses, quatro meses, seis meses... Será que Dolly realmente acreditava que elas poderiam executar um assalto à mão armada?

Dolly voltou a se sentar, com dois grandes envelopes pardos nas mãos.

— Comprem carros — instruiu, entregando-os. — Paguem em dinheiro e certifiquem-se de que os impostos estejam pagos e os veículos, vistoriados. Eles serão descartados depois do trabalho.

Linda abriu o envelope e engoliu em seco, com olhos brilhando. Sentiu o corpo formigar: devia haver duas mil libras ali dentro! Ela estava sorrindo como o Gato de Cheshire quando Dolly entregou-lhe um molho de chaves do depósito e encerrou a reunião.

— A partir de agora, esse será o nosso quartel-general. Sejam cuidadosas quando entrarem e saírem.

Dolly segurava outro molho de chaves para Shirley.

— Esse é o seu momento, querida — disse Dolly. — Você está dentro ou fora?

Shirley apertou o envelope cheio de dinheiro, olhou para Linda — que meneava a cabeça ansiosamente — e pegou as chaves.

Dolly levantou-se, satisfeita com o desenrolar da noite.

— E chega por hoje — disse ela. — Regra de ouro: vocês nunca devem ligar para a minha casa. Eu entrarei em contato com vocês quando precisar. Nesses envelopes há uma lista de detalhes sobre o que cada uma precisa fazer. Tudo será realizado em etapas. A primeira é arranjar os carros, e para você, Shirley, obter todas as roupas que coloquei na sua lista.

Dolly não esperou por confirmação. Não era necessário. As duas aceitaram o dinheiro e as chaves. Entendera, então, que agora eram uma equipe e que ela estava no comando. As duas seguiriam suas ordens, assim como Joe e Terry sempre seguiram as ordens de Harry.

— Vocês podem fechar o depósito. Não saiam juntas, ajam como no dia do spa.

Então foi embora, e Wolf a seguiu a passos rápidos.

Linda e Shirley ainda estavam sentadas próximas à caixa, com os envelopes de dinheiro à sua frente. Elas ouviram os passos de Dolly ecoarem do lado de fora do depósito, os latidos desesperados do pastor-alemão do vizinho e, então, mais nada.

Foi Shirley quem quebrou o silêncio:

— Você está com medo, Linda?

— Se acreditasse que isso é para valer, eu estaria me cagando de medo, querida.

Linda riu, tirando o dinheiro do envelope para contá-lo.

Shirley concordou, mas estava realmente preocupada com Dolly.

— Ela não está bem da cabeça, está?

— Nem um pouco! Olha, não sei por que ela está fazendo isso, Shirl, mas parece estar ajudando. Acho que faz com que ela se sinta melhor. E, devo admitir, falar sobre isso faz com que eu me sinta viva, com o corpo todo formigando.

— Então você vai levar a coisa adiante?

— Não tenho orgulho. Preciso do dinheiro. Joe me deixou falida e sei que Terry fez o mesmo com você. Eu sei que Dolly vai acabar caindo em si e voltaremos para as nossas vidas de sempre, mas, por enquanto, vou continuar a aceitar o dinheiro, e Dolly pode viver no seu mundinho de fantasia com a nossa companhia.

Linda percebeu que a decisão de entrar no jogo de Dolly não era assim tão fácil para Shirley, então acrescentou:

— Na verdade, estamos fazendo um favor para ela, Shirl. Estamos cuidando dela, dando-lhe algo a que se dedicar... Garantindo que não termine nua na Trafalgar Square com um cone de trânsito na cabeça.

Linda tocou a mão de Shirley sobre a caixa.

Shirley olhou para a mão reconfortante da outra e percebeu que ela não estava mais usando aliança. Então, olhou para seus dedos longos e magros. Estavam trêmulos e, em um deles, brilhava o anel dourado. Ela não estava se sentindo exultante ou, como dissera Linda, “com o corpo todo formigando”. Se aquilo tudo fosse apenas parte do processo de luto de Dolly, então Shirley se sentia terrivelmente culpada. Mas, se de fato se tratasse de três viúvas se unindo para cometer um assalto à mão armada planejado pelos maridos mortos, então ela se sentia mesmo petrificada. Mas o envelope de dinheiro em sua mão era uma garantia. Sem aquilo, perderia a casa e tudo o que havia nela.

— Vamos — disse Linda, ajudando Shirley a se levantar. — Vamos para casa.

* * *

Caminhando em direção ao Dorchester, Dolly viu Andrews no carro do lado de fora do hotel. Ele era tão previsível quanto ela imaginava: um soldado raso, nada além disso. Ao passar pela janela do carro, ela não resistiu à tentação de lhe lançar um sorrisinho. Deu uma gorjeta para o porteiro, que lhe trouxera o Mercedes e foi embora como um gato que conseguiu roubar um pedaço de comida.

Em casa, Dolly trancou as portas da garagem por fora, permitindo que Wolf

fizesse xixi no jardim da frente antes de entrar para dormir. Normalmente, ela entraria em casa pela porta que ligava a garagem à cozinha, mas não resistiu à ideia de brincar com Andrews, que estacionara no lugar de sempre. Ao pegar a chave da porta da frente e entrar, sorriu para si mesma, pensando em como estava ficando boa em despistar a polícia. Contudo, ao abrir a porta, seu sorriso se transformou em choque, um arrepio percorreu seu corpo da cabeça aos dedos dos pés e seus olhos se encheram de raiva ao ver o caos à sua frente. O carpete do corredor fora arrancado, vasos e enfeites derrubados, estofados rasgados, vasos de plantas tombados e a terra revirada.

Ao perceber a luz que vinha da porta aberta da sala de estar, ela avançou, lenta e silenciosamente, pisando em cacos de objetos quebrados.

Dolly congelou ao ouvir o ruído de um LP sendo colocado no toca-discos e, então, o silêncio misterioso foi quebrado e sua música preferida tomou conta do cômodo. “What is life to me without thee? What is life if thou art dead?”

Ela abriu a porta da sala devagar e levou a mão à boca: o cômodo tinha sido destruído, o forro de seu lindo sofá arrancado, as fotos rasgadas. Não fazia muito tempo que arrumara tudo depois que os policiais viraram a casa de cabeça para baixo — e agora isso! A raiva tomou conta dela e Dolly chutou a porta, fazendo com que se abrisse com força e batesse no armário mais atrás.

Boxer Davis se assustou, deixando cair a fotografia emoldurada de Harry. Seu terno e o cabelo estavam cobertos de pedaços do forro do sofá e ele parecia tão ridículo que, subitamente, Dolly não sentiu mais medo. Sem dizer uma palavra, ela foi até o toca-discos e levantou a agulha. Wolf ganiu, sem saber o que fazer, correndo pela sala e se emaranhando nas almofadas rasgadas.

— Não fui eu, Doll, eu juro — disse Boxer nervosamente.

Dolly virou-se para ele e gritou:

— Não se atreva a me chamar assim!

Boxer estava quase às lágrimas enquanto implorava a ela que o ouvisse.

— Não pude fazer nada. Não pude impedir. Se você estivesse aqui, ele teria feito isso com você. Estou tão feliz por você ter saído, Dolly! Estou realmente feliz por você ter saído!

— Quem? — perguntou ela com os dentes cerrados.

— Tony, Tony Fisher. Ele acha que você sabe onde Harry escondeu os livros.

— E você não fez nada? Simplesmente assistiu ao sujeito fazer isso com a

minha casa?

Boxer estava quase chorando de vergonha, repetindo que não tinha nada a ver com o estrago.

— Estou tentando lhe fazer um favor, garota. Estou preocupado com você. Eles não estão mais oferecendo dinheiro. Eles querem os livros contábeis.

Dolly se sentou na poltrona de veludo rasgada e Wolf acomodou-se ao seu lado.

— Mas eu já disse! Não sei onde esses livros estão. Eu disse isso para você e para a polícia.

— Mas eles não acreditam em você. Eu acredito que você não saiba de nada, Dolly. Mas esses livros devem estar em algum lugar, certo? Que tal se você e eu déssemos uma olhada por aí? Tony Fisher também quer visitar as outras viúvas.

Dolly sentiu um nó no estômago.

— Por que diabos ele faria isso? Se eu não sei de nada, elas também não sabem, não é?

— Tony não pensa assim, Dolly. Ele só pensa em machucar quem for preciso até conseguir o que quer.

Dolly colocou a cabeça entre as mãos, tentando desesperadamente descobrir se Tony saberia de seus encontros com Shirley e Linda. Ela sempre fora muito cuidadosa, mas, ainda assim, estava preocupada.

Boxer agora estava de cócoras à sua frente, dando tapinhas em seu joelho como um grande macaco, piscando sem parar. Ela queria bater nele. Não conseguiria se livrar dos Fisher sem um plano e não tinha ninguém a quem apelar. Precisava de tempo e tinha que manter os Fisher longe das outras viúvas de algum modo. Sua cabeça estava a mil.

— Como Tony entrou aqui em casa? — perguntou.

Boxer sorriu, tirou um velho cartão de plástico do bolso do casaco e o mostrou.

Dolly olhou para ele.

— Você sabe que a polícia está me vigiando, não sabe?

— Você não vai me causar problemas, não é mesmo, Doll?

Claramente, Boxer ficou nervoso. Ele não sabia. Será que Dolly o acusaria de invasão de domicílio?

— Não me chame de Doll! E eu acho que você já tem problemas suficientes,

não é, Boxer? Trabalhar para os Fisher é uma jogada perigosa. Eles não são inteligentes, não como meu Harry era. Quer dizer, se a polícia revistou a minha casa e não encontrou os livros contábeis, o que faz Tony Fisher pensar que faria melhor?

Boxer ficou agachado, olhando para Dolly em busca de orientação. Seu pobre cérebro não dava conta de fazê-lo falar e pensar ao mesmo tempo.

— Agora vá embora, Boxer. Volte amanhã de manhã para me ajudar a arrumar a casa e veremos se descobrimos algum esconderijo que os policiais e Tony não encontraram.

Os olhos do capanga se arregalaram e seu rosto se iluminou como o de uma criança que acabara de receber o maior sorvete do mundo.

— Eu vou! — disse, sorrindo ao se levantar. — Estarei aqui às nove, pode ser?

— Sete.

— Sete é melhor. Sim, estarei aqui às sete. Preciso prestar contas aos Fisher hoje à noite, então direi que você está cooperando, amanhã procuraremos direito e tudo ficará bem.

Dolly não conseguia acreditar em como Boxer era burro. Ela o observou sair pela porta da frente com ânimo renovado em seu caminhar. Então, se levantou de um salto e trancou todas as portas da casa antes de ir dar um jeito na cozinha. Toda a comida do congelador estava descongelando no chão, e suas lindas louças e talheres estavam quebrados e espalhados por toda parte. Dolly não tinha forças para cuidar daquilo naquela noite, então tomou um café, voltou à sala de estar revirada e se sentou no sofá destruído.

Sabia que precisava pensar no que Harry faria, mas era difícil fazer qualquer coisa diante da coleção de figuras de Capodimonte que Harry comprara para ela despedaçada pelo chão da sala. Olhou para Wolf.

— O que Harry faria? Hein, querido? O que papai faria?

Ela pensou no carro de polícia lá fora e se sentiu tentada a ligar para Resnick. Diria a ele como seus policiais idiotas preferiram segui-la até o Dorchester em vez de impedir que Tony Fisher e Boxer Davis invadissem e destruíssem sua bela casa. Foi até a janela e olhou através de uma fresta em suas grossas cortinas de veludo.

— Idiota! — sibilou. — Você acabou de ver Boxer Davis sair da minha casa e nem lhe ocorreu perguntar como ou quando ele entrou aqui.

Ela virou-se para examinar a sala de estar. Em meio à horrível bagunça, a

fotografia emoldurada de Harry que Boxer deixara cair destacava-se. A princípio, ela se entristeceu ao ver o belo rosto do marido sorrindo para ela através do vidro quebrado, mas então sentiu que ele estava tentando lhe dizer algo.

— O que é, Harry? O que devo fazer? — murmurou ao se ajoelhar e pegar a moldura quebrada.

Ela olhou para o rosto do marido e, emocionada, sussurrou:

— Eu amei você. Eu amei muito você. Meu Deus, Harry, eu ainda te amo. Você jamais permitiria que esses imbecis dos Fisher fizessem isso com a gente.

Então, como se Harry estivesse de pé ao seu lado, ela se sentiu reconfortada. Dolly estava certa de que ele a guiaria nos próximos meses, até o assalto. Afinal, ela estava fazendo aquilo por ele. Realmente acreditava que ele cuidaria dela e não permitiria que nada desse errado.

Naquela noite, com o pequeno Wolf ao seu lado na cama, deitado no travesseiro de Harry, Dolly teve a melhor noite de sono desde que recebera a tão terrível notícia.

CAPÍTULO 9

Dolly estava acordada desde as 6h, arrumando e limpando a casa. A princípio, ela não soube por onde começar. Geralmente, passava o aspirador, mas, naquela manhã, nem dava para ver o tapete sob todos aqueles destroços.

Quando Boxer se aproximou da casa, a encontrou vestida com suas roupas mais velhas, avental e lenço de cabeça, jogando fora outra sacola repleta de lembranças destruídas. Evidentemente, sete da manhã era muito cedo para Boxer. Seu aspecto era o de um zumbi, embora parecesse entusiasmado o bastante para procurar os livros contábeis de Harry.

O segundo zumbi na rua era um jovem policial exausto estacionado seis casas mais abaixo.

— Você não está prestando a menor atenção, não é? — disse Dolly, e então olhou para Wolf. — Policial idiota.

Na sala, Boxer avaliava a situação.

— Por onde devo começar? — perguntou.

Tarefas domésticas, especialmente após a casa ser saqueada, não eram algo que ele fizesse com facilidade.

— Certo — disse Dolly. — Jogue fora qualquer coisa quebrada que seja irreparável, mas guarde as almofadas do sofá e as cortinas em sacos, porque podem ser consertadas. E, assim que você conseguir ver o tapete, o aspirador está no armário embaixo da escada.

— Tudo bem, Dolly.

Boxer sorriu. Recebendo instruções simples e diretas, ele se sentia muito mais feliz.

— Vamos arrumar este lugar rapidinho.

Dolly observou enquanto Boxer recolhia as últimas figuras de Capodimonte quebradas. O dano não fora tão grave quanto ela pensara a princípio, e se concentrava no andar de baixo. Uma vez que tudo estivesse limpo, seu sofá

provavelmente poderia ser consertado e sem dúvida ela conseguiria tirar do tapete as marcas de lama e grama feitas pela sola que pisoteara o jardim dos fundos. A invasão foi o que mais a magoou. A polícia, os Fisher, todos pareciam pensar que podiam tratá-la com tamanho desdém e saírem impunes.

No andar de cima, as camas estavam nuas, e a terceira leva de roupa suja já estava na máquina de lavar. Quando ela começou a recolher as roupas espalhadas pelo chão, Boxer apareceu à porta.

— Encontrou alguma coisa? — perguntou com seu habitual sorriso grande e estúpido.

Ele estava agindo como se fosse seu melhor amigo, como se nada tivesse acontecido, como se, para começo de conversa, ele não fosse responsável por toda aquela bagunça.

— Primeiro deixe-me recuperar o que posso, está bem, Boxer? Não tenho cabeça para pensar em mais nada.

— Desculpe, Dolly.

— À medida que formos arrumando as coisas, procuraremos em cada canto. Não se preocupe.

Ela lhe lançou um sorriso reconfortante e Boxer desceu a escada pesadamente.

O sorriso de Dolly desapareceu assim que Boxe saiu. Sabia que ele seria inútil na arrumação e na limpeza, mas também sabia que precisava mantê-lo tranquilo. Tinha um plano no qual Boxer teria um papel muito importante.

* * *

Linda estava no pátio bem antes do começo do leilão. Folheando o panfleto, caminhou entre as fileiras de carros à venda, avaliando cada um, sem saber bem o que estava procurando. Entendia um pouco de carros; como era a aparência e o som de um bom motor, quais verificações de segurança deveria fazer em uma compra e como fazer uma ligação direta. Joe lhe ensinara uma ou outra coisa sobre o que acontece sob o capô — assim como no banco de trás...

Finalmente, ela concluiu que gostara de um Ford Capri vermelho usado e foi conversar com o vendedor. O sujeito foi muito prestativo e, obviamente, pensou que ela era muito sexy e que estava dando bola para ele, rindo de suas piadas ruins e deixando-o apoiar o braço nos seus ombros. Ele concordou em dar uma olhada

no motor para ela. Linda esfregou o corpo contra o dele e sorriu. Estava tão ocupada conseguindo um desconto no Capri que não percebeu a chegada de Arnie Fisher a bordo de um Jaguar prata.

Carregando uma pasta de couro, Arnie atravessou o labirinto de carros em direção à sala de leilões. Parou ao ver Carlos debruçado sobre o capô de um Rolls-Royce que pretendia arrematar. Ajeitou a gravata de seda, piscou para Carlos e sussurrou:

— Realmente muito bonito...

Carlos gostava quando Arnie era abertamente afável. Aquilo o fazia se sentir especial, e um homem como Arnie não achava que muitas pessoas em sua vida fossem especiais.

Carlos vestia um bom terno. *O garoto está aprendendo rápido*, pensou Arnie, avaliando-o com seus olhos azuis. Ele não suportava desleixo; gostava de seus garotos bem-vestidos e com um toque de classe, embora Carlos também tivesse algo de selvagem dentro de si. Percebeu, no entanto, que talvez estivesse usando cordões de ouro demais. Mencionaria isso mais tarde, quando estivessem sozinhos.

O rapaz estava entusiasmado com o Rolls-Royce com baixa quilometragem, um dos melhores que ele já vira. Só precisava de um retoque aqui e ali e uma regulagem no motor para que ficasse perfeito. Abriu o capô e se inclinou sobre o motor. Arnie não sabia nada de mecânica, mas o imitou para poder esfregar o corpo contra o dele. Ele percebeu que Carlos se esforçara em limpar as unhas; sim, aquele garoto iria longe. E Arnie estava começando a gostar muito dele.

Arnie estendeu a maleta e deu um tapinha carinhoso no rosto de Carlos.

— Aqui há o suficiente para você comprar esse Rolls-Royce.

— Até quanto você quer que eu oferte?

— Está tudo arranjado, Carlos, querido. Não subirá além do preço de reserva. Eles sabem que quero este carro. Não haverá outros lances.

Arnie estava certo: o leilão do Rolls-Royce foi iniciado e encerrado em um instante. Carlos fez o seu lance, comprou, pagou em dinheiro, e em menos de meia hora ambos já estavam a caminho de um rápido almoço.

Com o auxílio do vendedor apaixonado, Linda conseguiu um bom preço no Capri. Enquanto contava o dinheiro, ele se aproximou com um sorriso malicioso. Seu braço deslizou por baixo do casaco de Linda. Ela lhe lançou um olhar gelido

e sibilou:

— Dê o fora ou eu vou gritar.

Ele entendeu a mensagem perfeitamente. Ao se afastar com as chaves de seu carro novo, ela o ouviu murmurar:

— Vadia desgraçada!

* * *

O irmão de Shirley, Greg, foi categórico ao dizer que tudo era legal e que ele não roubara o carro que conseguira para ela, mas ela ainda não tinha muita certeza, mesmo que o preço fosse bom e ela tivesse gostado do veículo. Em sua quinta xícara de chá, Audrey apostou que Greg devia ter roubado o carro porque, de acordo com a Exchange and Mart, o veículo valia o dobro do que ele pagara. Greg e Audrey estavam em uma discussão acalorada sobre o assunto quando Shirley deixou cair um pacote de dinheiro na mesa da cozinha. Ambos se calaram na mesma hora. Audrey ofegou, errou a mira da xícara e derramou chá pelo queixo. Greg avançou em direção às notas, mas Shirley chegou primeiro e separou as 750 libras que lhe devia. Entregando as chaves e os documentos do veículo, ele embolsou a quantia antes que alguém mudasse de ideia.

Shirley sabia exatamente o que a mãe estava pensando.

— O dinheiro estava em uma maleta do Terry — mentiu. — Ou você acha que sou capaz de ganhar mil libras em menos de uma semana só fazendo programa?

— Mil libras? — gritou Audrey.

Shirley não era boa em mentir.

— Em uma maleta? Os policiais não encontraram?

Shirley se manteve firme:

— Pois é! O dinheiro estava escondido no forro da maleta e eles estavam muito ocupados flertando comigo para perceberem.

— E quando exatamente você encontrou essas mil libras? E por que não me contou?

— Isso não tem nada a ver com você, mãe! — rebateu Shirley.

— Estamos passando por dificuldades, minha filha! Essa máquina de lavar que você me deu não chegou aqui sozinha, sabe? Tive de contratar um frete. E fretes

são caros! Só estou dizendo que gostaria de ter sabido. Afinal, sou sua mãe.

Shirley tirou cinquenta libras do pacote de notas e entregou-as para Audrey.

— Lamento que minha máquina de lavar tenha lhe custado dinheiro, mamãe. Lamento de verdade — disse ela com sarcasmo.

Se Audrey tivesse dignidade, teria ido embora, deixando Shirley envergonhada por pensar que a mãe podia ser comprada tão facilmente. Em vez disso, pegou as cinquenta libras.

— Vamos levar seu carro novo para dar uma voltinha no pub — sugeriu. — Você paga, Shirley.

* * *

O pequeno Mini não pegou na primeira, nem na segunda, mas acabou pegando na terceira tentativa, então engasgou e saiu aos trancos. Shirley disse que os freios pareciam um pouco duros e xingou quando a paleta do limpador de para-brisa se soltou.

— É melhor Greg consertar isso — disse ela, furiosa.

— Deve ser o modo como você está dirigindo, querida — comentou Audrey.

— Terry me ensinou a dirigir e eu passei no exame de primeira — retrucou Shirley, irritada.

Depois de uma volta no quarteirão, ela concluiu que, no fim das contas, o carro não era tão ruim assim. Deixou a mãe no pub e disse que sairia para um test drive mais demorado. A verdade é que, se pudesse escolher, teria preferido um carro amarelo-canário. Tinha concordado em comprar aquele porque havia espaço suficiente na traseira para esconder toda a parafernália necessária para o assalto, e a cor discreta não se destacaria no trânsito durante a fuga. Shirley riu para si mesma: legal comprar um carro por suas qualidades como veículo de assalto! Quando seu terço de milhão de libras estivesse garantido, poderia facilmente comprar seu carro amarelo.

Enquanto dirigia, Shirley começou a se sentir mais como ela mesma. Seus pensamentos se voltaram para uma ida ao cabeleireiro. Talvez fizesse algumas mechas e ficasse um pouco mais loura, e talvez até fizesse uma boa massagem...

* * *

Linda pisou fundo no acelerador do Capri e viu o velocímetro se mover rapidamente: cento e dez... cento e vinte... cento e trinta. Era emocionante: uma rápida olhada no retrovisor mostrou que não havia ninguém atrás dela. Então acelerou ainda mais: cento e quarenta... cento e quarenta e cinco. Tinha feito uma boa compra, pensou. De repente, porém, uma pequena nuvem de fumaça subiu do capô e começou a fluir sobre o para-brisa, de modo que ela mal conseguia ver a estrada. Parou o carro no acostamento, saiu, chutou o pneu dianteiro e xingou.

Ao se sentar no capô do carro fumegante, não conseguiu reprimir um sorriso.

— Que diabos estou fazendo? — disse em voz alta.

Uma das tarefas de Linda na lista de Dolly era aprender manutenção básica de automóveis — e lá estava ela no acostamento da estrada, tendo acabado de comprar uma porcaria de um Capri.

Carros passavam pela estrada. Os homens buzonavam, mas não paravam para ajudar. Linda não se importou. Sentia-se incrivelmente forte — tinha dinheiro no bolso e um carro recém-comprado. Ela aprenderia a consertá-lo, como Dolly pedira. Ligaria para Gino para saber o nome daquele seu amigo do pub, o mecânico. Aprenderia na prática, não lendo um livro. Ela aprenderia depressa e muito bem. Não para o assalto idiota e delirante de Dolly, mas para si mesma. Linda não conseguia se lembrar da última vez em que de fato conseguira alguma coisa — mas aquilo estava prestes a mudar.

CAPÍTULO 10

Boxer estava sentado à mesa da sala de jantar recém-arrumada de Dolly, devorando ovos com bacon como se tivesse passado semanas sem comer. Ele passou uma fatia de pão no prato, levou-a à boca e tomou um gole de chá antes de se recostar e afastar o prato.

Dolly entrou na cozinha trazendo dois velhos ternos que pertenciam a Harry.

— Levante-se — ordenou.

Boxer obedeceu, achando que ela o mandaria voltar ao trabalho. Quando a viu segurando um dos paletós de Harry para que ele o vestisse, quase perdeu a compostura e, por um instante, conteve as lágrimas.

Dolly vestiu-lhe o paletó, instintivamente ajeitando os ombros e as costas — assim como fizera mil vezes para o marido. Boxer era quase do mesmo tamanho que Harry, embora sua barriga fosse maior e o paletó parecesse um pouco apertado. Mas ele estava se sentindo muito elegante.

— Hum, pura lã, muito legal, muito legal mesmo — disse para Dolly enquanto alisava o tecido.

O rosto de Dolly estava inexpressivo diante de Boxer vestindo as roupas caras de seu falecido marido.

— Também há duas camisas e duas calças, se você quiser — ofereceu ela, como se não se importasse com aquilo.

Boxer fez uma pausa.

— Gostaria muito — disse ele, sem jeito.

— Desculpe, Boxer, por não poder lhe dar as melhores roupas dele.

Naquele momento, era impossível se desfazer das melhores peças de Harry, penduradas no guarda-roupa, todas recém-lavadas e passadas. Dolly chegara a engraxar os sapatos dele, que também estavam no guarda-roupa, como se o marido estivesse apenas em uma viagem de negócios.

Com as emoções à flor da pele, Dolly colocou a chaleira no fogo e preparou

outro bule de chá para recuperar o autocontrole e poder fazer o que precisava ser feito. Enquanto Boxer devorava sua refeição improvisada, Dolly estivera arrumando o quarto do bebê. Tony Fisher espalhara as roupinhas pelo quarto azul e pisoteara todas elas com os sapatos sujos de lama. O berço estava virado de cabeça para baixo, as pequenas fraldas de recém-nascido rasgadas e as fotos, amassadas. Não havia justificativa para a maior parte daquela destruição. Aquilo fora um ato de pura maldade, e a ideia dos Fisher assumirem o território de Harry fazia o sangue de Dolly ferver. Enquanto estava no quarto, ela decidiu duas coisas.

Primeiro, embalaria tudo que havia ali e doaria para o convento naquela mesma tarde, para que bebês e crianças órfãos e desfavorecidos pudessem usar. Após perder o filho, Dolly encontrara grande conforto na religião. As portas do convento estavam sempre abertas e ela podia ir e vir quando quisesse, fosse dia ou noite. Havia semanas em que ela comparecia diariamente. Suas visitas começaram a rarear à medida que sua dor diminuía, mas, àquela altura, ela já começara a adorar a simplicidade daquele lugar em comparação com sua vida agitada ao lado de Harry. Passava horas pintando, desenhando e brincando com as crianças. Tudo o que elas queriam de Dolly era amor, e havia muito amor para dar. Em troca, as crianças a amavam. Naqueles primeiros meses após perder o bebê, Dolly teria caído em depressão profunda não fossem seus amiguinhos do convento. Ela lhes devia muito e eles nunca lhe pediram nada em troca. Então, agora, ela embalaria tudo do berçário e daria para eles naquela tarde, quando faria sua visita semanal. Ajudaria os vivos em vez de celebrar os mortos. Fazer isso seria colocar um ponto final naquela história e lhe permitiria seguir em frente sem impedimentos. Dolly ficou com apenas um brinquedo do quarto do filho: um poodlezinho branco.

A segunda coisa que decidiu foi dar início a seu plano de tirar os Fisher de seu encalço...

Boxer estava sentado à mesa da cozinha admirando o paletó novo e esperando o chá. Dolly levou o bule para a mesa e serviu duas xícaras. Após Boxer jogar três colheres de açúcar na dele, Dolly decidiu que ele estava pronto para ouvir o que ela viera ensaiando a noite inteira.

— Tenho algo a lhe dizer, Boxer. Sobre os livros contábeis. Bem, eu menti para você. Sei onde estão.

O homem pareceu atônito.

— O negócio é o seguinte — prosseguiu Dolly, fingindo preocupação com

aquele idiota em sua cozinha. — O negócio é que... antes de morrer, Harry me contou que seu nome constava naqueles livros contábeis, em meio a uma longa lista. Se a polícia apanhá-los, isso poderia causar muitos problemas para você, até mesmo cadeia.

Boxer sentiu um arrepio percorrer a espinha. Sem palavras, tudo o que ele conseguiu fazer foi deixar que Dolly continuasse.

— Descobri que Harry deve ter usado quatro homens no assalto, um na frente, três atrás. É a única coisa que faz sentido. Eu sei disso. A polícia sabe disso.

Dolly sabia que não precisava continuar explicando seu raciocínio para Boxer.

— Três estão mortos, mas o quarto homem ainda está em algum lugar por aí. Acho que ele está com os livros contábeis ou, então, sabe onde estão.

Dolly fez uma pausa para beber um gole de chá e deixar o pequeno cérebro de Boxer elaborar a pergunta certa a ser feita. Não queria contar tudo de uma vez só, para que não parecesse planejado.

Finalmente, Boxer perguntou:

— Quem você acha que é o quarto homem, Dolly?

Ela hesitou, fingindo refletir muito no que diria a seguir.

— Você não pode contar para ninguém, Boxer. Se eu contar, isso precisa ficar entre nós. Ouviu bem? Pode ser muito perigoso para você saber o que eu sei.

— Eu juro que não conto. Você pode confiar em mim.

— O quarto homem, o homem que escapou do assalto... foi o meu Harry.

Mais uma vez, Dolly fez uma pausa para que Boxer pudesse assimilar o que ela estava dizendo. Era importantíssimo que ele acreditasse naquilo.

— Ele não está morto, Boxer. Eu enterrei outro membro da gangue acreditando de verdade que era Harry, mas agora sei que não era.

— Como... como você pode saber? — perguntou Boxer, visivelmente trêmulo.

— Porque eu o vi... vivo. Harry está se escondendo de todos agora, mas ele quer você de volta à sua folha de pagamento, como nos velhos tempos.

Boxer automaticamente se empertigou, como um soldado raso que havia acabado de saber que fora selecionado para uma missão secreta. O medo em seu rosto foi substituído por um sorriso bem largo. *É tão fácil mentir para ele*, pensou Dolly. *É quase cruel.*

— Você precisa fazer o seguinte: fique de olho nos Fisher. Mas tome cuidado,

Boxer. Harry não quer que você se arrisque por ele. Você será os olhos e os ouvidos de Harry até que ele esteja pronto para voltar e reassumir o seu lugar. Você se reportará a mim e eu informarei ao Harry. Ninguém pode saber que ele está vivo, Boxer... Você promete?

Boxer deu um tapa na coxa e caiu na gargalhada.

— Eu prometo, Dolly! O velho Harry, que homem brilhante, ele escapou! Ele se fez de morto!

Boxer balançou a cabeça repetidas vezes.

— Que reviravolta!

Dolly agarrou a mão de Boxer, que voltou a se concentrar no que ela estava lhe dizendo.

— Coloque tudo para fora enquanto estiver aqui, ok, Boxer? Porque assim que você sair desta casa, tem que ficar de boca fechada. Preciso que você esteja do meu lado. Do lado de Harry.

Boxer apertou a mão de Dolly com tanta força que ela quase gritou de dor. Ele a encarou e disse com total sinceridade:

— Sempre estive do seu lado, você sabe disso. Juro pela minha vida, Dolly, não direi uma palavra para ninguém.

— Bolso interior do paletó — murmurou ela.

Boxer enfiou a mão no bolso e retirou um envelope.

— Duzentas libras... de Harry. E isso é apenas o começo.

Boxer não abriu o envelope. Não precisava. Se Dolly disse que havia duzentas libras nele, então havia mesmo.

— De volta à folha de pagamento — sussurrou ele.

* * *

Dolly observou Boxer descer a entrada da garagem. Ele parecia cheio de si ao ajeitar o paletó novo e menear a cabeça para os detetives que ainda estavam estacionados na rua.

De volta à sala de estar, muito mais limpa e arrumada, Dolly esparramou-se no sofá destruído, sendo rapidamente seguida por Wolf.

— Olá, querido — disse ela, fazendo carinho na barriga do cachorro.

Então inclinou a cabeça para trás e se permitiu um momento para avaliar seus

próximos passos.

Dolly calculou que não demoraria mais de dois dias para Boxer deixar escapar a notícia de que Harry estava vivo. Principalmente se o dinheiro tentador em seu bolso fizesse com que ele perdesse a linha e enchesse a cara no pub local. Assim que o boato se espalhasse, os Fisher logo ficariam sabendo. Dolly esperava que isso os tornasse hipercautelosos e os mantivesse longe dela e das outras viúvas por medo de represálias.

— Ainda há muito a ser feito, meu amor — disse para Wolf.

Ela acariciou o cachorro, levantou-se e foi até a escrivaninha.

Pegou seu bloquinho e fez mais anotações em código. Tinha de voltar ao banco e verificar os livros contábeis outra vez. Agora, ela precisava de uma quarta pessoa para o assalto e esperava encontrar naqueles livros o nome de alguém em quem pudesse confiar — embora soubesse que seria complicado se a quarta pessoa fosse um homem. Dolly não apenas teria de convencê-lo a se juntar a ela como também a receber ordens dela. O segundo item da lista era tentar encontrar o sujeito que realmente escapara do assalto malsucedido. Se os Fisher o encontrassem primeiro, saberiam que Dolly mentira sobre Harry estar vivo e viriam atrás dela. Ela rezava para que o sujeito tivesse fugido para o exterior sem planos de retornar. Por fim, teria de dizer a Shirley e a Linda o que contara a Boxer. As duas precisavam estar bem atualizadas a respeito de todos os seus planos, para que pudessem ficar atentas e em segurança.

Dolly olhou para Wolf, que havia se deitado em um rasgo no sofá e agora se aconchegava no forro. Ainda havia muito a fazer para que aquela casa voltasse a ser um lar — mas isso teria de esperar. O mais importante no momento era ir ao convento a fim de que os detetives que a vigiavam não ficassem desconfiados. Ela se tornara muito hábil em despistá-los, mas sabia que também deveria ter o cuidado de permitir que a polícia a seguisse sem dificuldade para convencê-los de que sua vida transcorria normalmente. Era difícil orquestrar todos os detalhes, mas de algum modo a empolgação daquilo tudo lhe animava — ela estava ousando se sentir viva outra vez. Dolly se voltou e sorriu para suas fotos com Harry que Boxer recolocara sobre a lareira, na exata ordem cronológica. Quase podia sentir Harry ao seu lado e, quando fechou os olhos para vê-lo mais claramente, sentiu o próprio corpo desejando abraçá-lo.

Então se lembrou daquela noite, dois dias antes do assalto, quando Harry

entrou no quarto e ela intuitivamente percebeu que havia algo errado. Ela sempre conseguia intuir quando o marido fazia um mau negócio, ou pior, quando estava pensando em assumir um grande risco. Ele vagou pela casa, entrando e saindo dos quartos, sentando-se, levantando-se novamente, fazendo café e consultando o relógio. Dolly era esperta o bastante para ficar calada e não fazer perguntas. Harry lhe diria o que tinha em mente quando — e se — estivesse pronto.

Harry não fazia amor com ela havia meses, mas, naquela noite, ao se deitar ao seu lado, ele fora insistentemente lascivo e apaixonadamente brusco. Dolly não se importou; ela adorava o seu toque, o seu cheiro, o seu poder.

Quando terminaram, ela o abraçou como a um bebê. Então ele se levantou e foi ao quarto de hóspedes, e ela ficou acordada na cama durante horas, sorrindo. Mesmo após vinte anos, ele ainda conseguia fazer todo o seu corpo estremecer por dentro. Dolly tinha tanto orgulho do corpo forte e musculoso do marido quanto ele mesmo. Não havia um grama de gordura nele. Ela costumava lhe lançar olhares furtivos enquanto ele tomava banho ou se barbeava, observando os músculos se contraírem e relaxarem.

Enquanto sonhava acordada, Dolly agradeceu por aquela última noite juntos. Era tudo o que importava em meio ao frenesi que sua vida se tornara desde a morte do marido. Tinham se amado muito e, lembrando-se de todas as vezes em que ele olhara para seu amado relógio de pulso, Dolly foi mais uma vez inundada pela dor. Harry acordou cedo na manhã seguinte, trouxe-lhe uma xícara de chá e gentilmente deu um beijo em seus lábios.

— Tchau, querida. Vejo você mais tarde.

Mas não houve “mais tarde”. Harry nunca mais voltou para casa, e a polícia ainda se recusava a devolver o adorado relógio.

* * *

Linda parou diante das portas abertas da oficina mecânica. Já tinha visto italianos suficientes para saber que o jovem com o macacão sujo de graxa e óleo não era Carlos, o amigo que Gino fizera no pub. O garoto estufou o peito para impressioná-la, mas seu olhar de desdém logo o informou que ela não era para o seu bico.

— Carlos, tem uma garota aqui procurando por você! — gritou ele, antes de

voltar a polir um belo Jaguar.

Carlos estava na salinha pré-fabricada, ao telefone com Arnie Fisher, combinando a entrega do Jaguar. Ele olhou pela janela, mas não reconheceu Linda e, colocando a mão sobre o fone, gritou dizendo que a atenderia em um minuto.

Com o canto do olho, Linda observou Carlos ajeitar o cabelo preto e encaracolado e gostou do que viu. Ele vestia um velho macacão marrom, aberto quase até a cintura e, quando se voltou, ainda falando ao telefone, Linda deu uma boa olhada nele, absorvendo cada detalhe. Carlos era um homem corpulento com grandes olhos castanhos e um rosto áspero, com a barba por fazer. Havia algo de muito rústico e sensual nele. Antes mesmo de conversarem, Linda decidiu que o teria.

Quando Carlos por fim saiu da sala, Linda se apresentou como a Srta. Linda Pirelli e, flertando descaradamente, perguntou se ele daria uma olhada em seu novo Capri.

— Perdão, querida — desdenhou Carlos. — Nós só trabalhamos com carros de empresas ou de clientes fixos.

Afastando-a para o lado, ele se deitou numa prancha deslizante e escorregou sob o Jaguar para dar uma última olhada no trabalho.

Linda aproximou-se e agachou-se, certificando-se de que sua saia estava acima dos joelhos. Sabia que Carlos podia ver entre as suas pernas, que ela abriu lentamente.

— Veja, Carlos, a verdade é que quero aprender mais sobre carros e como consertá-los para poder cuidar deles sozinha. Eu pago para você me ensinar...

Ao sair de debaixo do carro, Carlos viu sua calcinha vermelha. Ficou deitado na prancha e olhou para ela. A garota era um tanto vulgar, insistente até, mas havia algo nela que lhe agradara. Antes mesmo que pudesse pensar no que estava fazendo, Carlos se pegou pedindo que ela entrasse no Jaguar para acompanhá-lo em um test drive. Ele baixou a rampa e Linda sorriu quando sentou-se no banco do carona. Carlos não conseguiu evitar sorrir de volta — sem dúvida ela era uma vadia atrevida!

Linda colocou o cinto de segurança, mas Carlos não se importou em fazer o mesmo enquanto entrava na autoestrada em alta velocidade. Ela sabia que ele estava tentando amedrontá-la, mas Carlos teve de acelerar a mais de 190

quilômetros por hora para conseguir o que queria — e ele obviamente era um bom motorista.

Carlos roçava a coxa de Linda sempre que mudava de marcha, e ela não fez nenhum esforço para afastar a perna. Em comparação a Joe, que tinha 1,90 metro, ele não era assim tão alto. Calculou que Carlos devia ter cerca de 1,75 metro, mas era definitivamente um pedaço de homem e parecia ser muito agradável. Ela também gostou do cheiro fraco da colônia que ele usava, qualquer que fosse, e quando ele se inclinava em sua direção em uma curva mais fechada deva para sentir ainda mais seu cheiro... É, ela definitivamente tentaria transar com aquele cara!

Ao voltar à oficina, Carlos se viu levando o Capri para um teste na estrada e depois ensinando Linda a fazer a manutenção básica do veículo. Disse que ela fizera uma boa compra e que o carro só precisava de alguns ajustes. Havia um furo no radiador, que ele consertou na mesma hora. Também limpou as velas de ignição, os ponteiros, o filtro de ar e o eixo do rotor, explicando o que era o quê e deixando Linda fazer parte do trabalho.

Linda permaneceu o tempo todo ao lado dele, se sujando de óleo. Ela o fez rir porque estava determinada a aprender o máximo possível naquela única hora que decidira lhe conceder. Chegou a insistir em se enfiar com ele debaixo do carro na prancha deslizante. Carlos não conseguia entender qual era a dela. Sabia que Linda estava lhe dando o maior mole, mas, ao mesmo tempo, parecia genuinamente interessada no motor do Capri.

Quatro horas depois, eles ainda estavam ali, com o motor do Capri “ronronando como um gatinho”, como dissera Carlos. Ao esfregar um desengordurante nas mãos e enxugá-las com um pano, ele viu as pernas de Linda ainda despontando de debaixo do Capri. Eram belas pernas. Sua saia estava enfiada na calcinha, que parecia ser de cetim vermelho, e ela não usava meia-calça. Quando Linda deslizou para fora, viu que Carlos olhava para baixo, com uma perna de cada lado da prancha. Ela ergueu o olhar lentamente, passando pelo volume impressionante entre as pernas e fixando-os bem em seus olhos castanho-escuros.

— Quanto lhe devo? — perguntou.

— Você está falando de dinheiro ou de algo mais?

Ambos riram e Carlos a ajudou a se levantar.

Dessa vez, Linda dirigiu e Carlos foi de carona. Quando o Capri acelerou no viaduto a caminho de White City, ele observou o medidor de temperatura do radiador e, então, quando Linda engatou uma marcha de alta velocidade, ele fez sinal para que pisasse fundo no acelerador. O carro rugiu e avançou, ganhando velocidade depressa — cento e cinquenta, cento e sessenta... Linda olhou para Carlos, mas ele estava mais atento às suas pernas do que ao velocímetro.

Linda gostaria de ter dado uma arrumada no apartamento. Enquanto Carlos estava no banheiro, ela foi ao quarto e recolheu a roupa suja antes de esticar o edredom na cama. Fechou as cortinas do quarto, então foi à pequena sala de estar e serviu duas doses generosas de conhaque. Levou uma para o banheiro, onde encontrou Carlos sem camisa fazendo a barba com a lâmina de Joe. O corpo dele era magnífico e bem definido, e Linda deliberadamente se esfregou nele ao deixar o copo na pia. Mas ele não reagiu nem disse nada. Ela se irritou e saiu do banheiro.

Linda engoliu a dose de uma só vez e voltou a se servir. Não tinha certeza do que fazer, já que havia transmitido a ele todos os sinais possíveis e até então Carlos não demonstrara a menor intenção de querer arrancar a sua roupa. Ela ouviu um barulho e, ao se virar, encontrou Carlos de cueca, apoiado no batente da porta da sala com o copo de conhaque na mão. Ele era ainda mais bonito do que ela imaginara. Carlos tomou um gole da bebida; nesse momento, Linda percebeu que a torneira da banheira estava aberta. *Meu Deus, ele está se sentindo em casa!* Sem dizer nada, ele se serviu de mais conhaque e voltou para o banheiro.

Linda fez Carlos esperar um instante e então o seguiu. Ele estava de pé olhando para os sais de banho.

— Qual você prefere? Este ou este?

Linda deu de ombros. Para ser bem sincera, ela não estava nem aí para os sais de banho. Ele escolheu os sais de que mais gostava, colocou-os na banheira e se aproximou.

— E aí? Você quer transar comigo ou não? — perguntou Linda, petulante.

Carlos não disse nada, mas começou a desabotoar a blusa dela.

Até que enfim, pensou Linda, puxando-o mais para perto enquanto tentava tirar a saia. Meu Deus, ela estava louca de tesão! Começou a sair do banheiro, puxando-o com ela, mas Carlos não a seguiu. Então, sem dizer uma palavra, ele a tomou nos braços de repente e a jogou na banheira, totalmente vestida. Ele riu,

tirou a cueca e, quando entrou na banheira, Linda viu a fina marca branca da sunga. Ele era lindo.

* * *

O inspetor-chefe Resnick estava a caminho da Sunshine Bread Company com Andrews e Fuller. Os três estavam seguindo uma pista que enfim poderia levá-los até o caminhão de entrega de pão utilizado no assalto. Resnick parecia sério e concentrado agora que tinham algo sólido com o que trabalhar. Sua bravata autodefensiva ficara para trás e, pela primeira vez, Fuller teve vislumbres do policial por trás daquele homem fracassado e obcecado. Mas obviamente odiava o gordo desagradável.

Fuller estava dirigindo a viatura descaracterizada do DIC como uma tia solteirona. Então a impaciência de Resnick finalmente aflorou:

— Pelo amor de Deus, Fuller, pise fundo! — gritou. — Ligue a sirene! Estamos atrás da maior gangue de criminosos de Londres, não indo a uma merda de um piquenique!

Na panificação havia um policial uniformizado ao lado do caminhão suspeito. Wally Titherington, da perícia, já estava trabalhando no interior do veículo, recolhendo as impressões digitais, enquanto um colega recolhia fibras dos bancos usando fita adesiva. Wally ergueu os olhos quando Resnick se aproximou.

— Pelo visto ele acha que está em um filme de Sam Peckinpah.

— Muito bem! — gritou Resnick para o gerente da Sunshine Bread Company. — Preciso de uma sala para usar como local de interrogatório.

O gerente estava visivelmente irritado.

— Quanto tempo vai demorar essa interrupção? — reclamou. — Quem exatamente você quer interrogar?

— Cada motorista, cada mecânico, cada funcionário e visitante da empresa que esteve neste pátio, incluindo você. Todos que já entraram em contato com este caminhão de entrega. O detetive assistente Andrews vai recolher as impressões digitais de todos para eliminar suspeitos. — destacou Resnick.

Fuller deu um passo à frente enquanto o rosto do gerente começava a ficar vermelho.

— Este é um caso muito importante, senhor, e somos gratos por sua ajuda.

Quanto antes terminarmos, mais cedo o deixaremos em paz.

* * *

Resnick correu os olhos pelo vestiário feminino com as mãos nos quadris e tragou profundamente o cigarro. Tentou relevar o fato de não ter recebido uma sala como solicitara.

— Se tivermos sorte, ainda estaremos aqui quando elas tirarem os macacões para irem para casa, hein, Andrews? Você pode até procurar sua primeira-dama.

Andrews estava muito quieto. As mangas de sua camisa estavam cheias de manchas da tinta preta usada para tirar impressões digitais.

— Olhe para você! — grunhiu Resnick. — Como é que consegue se vestir pela manhã? Sabe recolher digitais, certo?

— Sim, senhor — murmurou Andrews.

— Só estou checando porque você com certeza não sabe como seguir uma velha passeando com um poodle!

Resnick aproximou-se de Andrews e o odor corporal do gordo quase o fez engasgar.

— Sabia que a central recebeu uma ligação de uma aposentada reclamando que dois hooligans tinham jogado hambúrgueres e milkshakes no jardim da casa dela?

Andrews se retorceu.

— Mais um incidente assim e você estará fazendo rondas calçando coturnos. Entendeu?

— Entendi, senhor — retrucou Andrews, prendendo a respiração.

Quando Resnick se afastou, Fuller meneou a cabeça para Andrews. Eles sabiam que o inspetor estava escolhendo o alvo mais fácil só pela vergonha de ter recebido o vestiário feminino como espaço para interrogatório.

* * *

Dolly pediu ao taxista que a esperasse e desceu até o apartamento subterrâneo de Linda. Manteve o dedo na campainha até ver uma fresta ser aberta na cortina do quarto da frente e Linda olhar para fora.

No quarto, Linda passou por um instante de pânico ao ver Dolly. Olhou para

o belo corpo suado de Carlos e sentiu-se como uma criança flagrada pela mãe.

— Não faça barulho — sussurrou, pegando o lençol e enrolando-se nele.

Dolly não esperou que Linda abrisse a porta completamente para entrar.

— Por que diabos você não atende o telefone? — questionou. — Vista-se. Preciso falar urgentemente com você e com Shirley no depósito. Agora.

Ouviu-se um som de movimento no quarto e Dolly ficou paralisada ao encarar a porta fechada. Olhou para Linda chocada e com raiva. Chocada com a ideia de que Linda estivesse com outro homem tão cedo após a morte de Joe e com raiva ao pensar que, idiota e bêbada, Linda poderia facilmente ter revelado detalhes do assalto em sua conversa pós-sexo.

— Tem alguém aqui? — sussurrou Dolly com os dentes cerrados.

Linda não tinha escolha.

— Não é ninguém, Dolly. Só um mecânico que está me ajudando com o carro novo.

Dolly agarrou o pulso de Linda com força, puxou-a para perto e sussurrou em seu ouvido:

— Ele me viu? Ele me viu, sua vadia idiota?

Tremendo de raiva, Dolly torceu e apertou ainda mais o pulso da outra.

— Você tem cinco minutos. Vou esperar no táxi.

Então Dolly foi embora, batendo a porta.

Sentindo-se suja e envergonhada, Linda chorou enquanto se vestia.

— O que houve? — perguntou Carlos, tentando confortá-la. — Quem era? Tem alguém deixando você com medo? Eu posso ajudar.

— Não estou com medo! — gritou Linda, empurrando-o. — E não é da sua conta quem era. Apenas vá embora, eu preciso sair. Preciso sair agora.

— Você tem namorado — concluiu Carlos, furioso. — E quis dar uma lição nele transando comigo, não é?

O olhar magoado de Linda indicou que Carlos estava errado. Ele se desculpou enquanto se vestia, mas era tarde demais. Com lágrimas nos olhos, ela estendeu-lhe uma nota de cinquenta libras.

— Obrigada por me ajudar com o carro. Você pode ir embora agora.

— Linda... Linda, por favor. Eu não quis dizer aquilo. E não quero o seu dinheiro.

Carlos fechou os dedos de Linda ao redor da nota, abraçou-a carinhosamente e

voltou a pedir desculpas.

Linda olhou-o nos olhos enquanto o beijava com força.

— Eu realmente preciso ir. Bata a porta ao sair.

Nem terminara a frase, ela já estava do lado de fora.

Quando Carlos finalmente acabou de se vestir, percebeu uma foto emoldurada virada na mesa de cabeceira e a levantou. Não reconheceu Joe Pirelli, mas aquele homem certamente era importante para Linda. *Talvez ela tenha namorado ou marido*, pensou. Desconcertado, colocou a foto no lugar e estava quase saindo quando parou e olhou para o telefone no corredor. Ele pegou uma caneta e anotou o número nas costas da mão.

Faria mais algumas perguntas para Gino a respeito de Linda.

* * *

Dolly estava curvada no canto do táxi, olhando pela janela. Não trocou uma única palavra com Linda até chegarem ao depósito.

Linda estava perturbada, cada emoção estampada em seu rosto como se fosse uma criança petulante que sabia ter feito algo de errado. *O que diabos Dolly tem a ver com isso?*, pensou. *Se eu quiser transar, eu vou transar. Isso não é problema dela.* Mas, ao mesmo tempo, sentia-se superculpada. Linda sofreu em silêncio, mas logo percebeu que realmente estava sentindo uma sensação avassaladora que só podia descrever como felicidade. Gostara muito de Carlos e, ao cruzar as pernas para se afastar de Dolly, sentiu que ainda estava molhada por dentro. Olhou para Dolly de soslaio. *Quando foi a última vez que você transou?*, perguntou-se. Deve ter sido há uns vinte anos, pelo menos. O que um garanhão como Harry Rawlins vira em Dolly? Ele tinha uma aparência boa para um velho, embora fosse um filho da puta às vezes. Linda decidiu que não aturaria mais insultos verbais ou rompantes físicos de Dolly a respeito de Carlos ou sobre o que quer que fosse. Faria o que quisesse a partir de então... só queria não se sentir tão culpada.

* * *

Já no depósito, Shirley sentiu a tensão no ar. Linda estava estranhamente silenciosa, sentada de cabeça baixa, com pé inquieto e cara de mal-humorada. Ela

não dirigira uma única palavra a Dolly, que também não estava falando com ela.

Shirley decidiu quebrar o gelo. Estava usando um dos macacões que Dolly pedira que comprasse para o assalto, de modo que desfilou para cima e para baixo como se estivesse em uma passarela.

— Estavam em promoção — contou com um sorriso radiante. — E consegui tênis muito confortáveis para correr.

— Ah, eu estava precisando mesmo de um assim — disse Linda.

Dolly fungou.

— Também consegui três máscaras de esqui, como você pediu.

Shirley remexeu as sacolas de compras.

— Uma preta, uma azul e uma vermelha, para sabermos quem é quem. Escolhi a vermelha para você, Linda, por causa do seu cabelo preto.

— Obrigada, Shirl. Será ótimo para usar no fliperama durante o inverno. Aquilo fica um gelo quando a porta está aberta.

Dolly olhou de Linda para Shirley. Não conseguia acreditar no quanto aquelas duas eram imbecis.

— Vermelha?! Que tipo de assaltante usa uma máscara de esqui vermelha? E esse macacão que você está vestindo é muito apertado.

— O caimento é perfeito.

Shirley virou-se para elas com a máscara de esqui preta na mão e alisou o tecido do macacão apertado sobre seu corpo magro.

— Eu disse “macacões”! Macacões grandes, sujos e largos. Temos que parecer homens. Com esse macacão aí dá para ver todas as suas curvas e os seus malditos tornozelos.

Shirley ouvira diversas vezes que seus tornozelos eram um de seus maiores atributos.

— O que há de errado com eles? — murmurou, olhando para os próprios pés.

— Para início de conversa, dá para vê-los! — bradou Dolly em resposta. — Você fez até ajustes nesse traje para exhibir o busto e colocou malditos zíperes em toda parte. Para que eles servem? Para guardar batom? Eu avisei, Shirley: macacões pretos, simples, três ou quatro números maiores, já que precisaremos de espaço extra para forrá-los. Estaremos vestindo as nossas próprias roupas por baixo e precisaremos tirá-los depressa. Esses que você comprou não servem para nada, são inúteis.

Shirley, assim como Linda, sabia que tinha feito besteira, mas enquanto Linda preferiu ficar mal-humorada e petulante, Shirley logo tentou amenizar as coisas. Cobriu o rosto com a grande máscara de esqui preta e disse:

— Olha, Dolly! O que você acha? É preta e grande o bastante para esconder o cabelo.

Dolly puxou a máscara de esqui da cabeça de Shirley, arrancando junto um cacho de cabelo.

— Os orifícios dos olhos são muito grandes e eu não quero buracos na boca. Dá para ver o seu batom e seu spray bronzeador.

Shirley baixou a cabeça. Sabia que tudo o que Dolly dissera estava certo, mas ela passara dois dias providenciando aquelas coisas; na Harlow, na Windsor, até mesmo na M1. Então tirou o macacão... *Vinte e cinco libras jogadas fora*, pensou. *Bem, setenta e cinco, contando os três.*

Durante todo o tempo em que Dolly reclamara, Linda ficou parada à porta da cozinha, roendo as unhas. Apesar de as compras de Shirley terem sido claramente uma estupidez e uma perda de tempo, Linda era quem primeiro deixara Dolly de mal humor e sentia-se culpada por isso, mas não o bastante para atrair a atenção de Dolly e tirar Shirley daquele sufoco. Decidiu preparar um pouco de chá.

Ao ver que magoara Shirley, Dolly tentou remediar a situação.

— Se você costurar o buraco da boca e fechar um pouco os orifícios dos olhos ficará bom, Shirley. Pinte as outras de preto e teremos a primeira peça de roupa necessária. Mas infelizmente os macacões não são bons. Precisamos que sejam como eu lhe falei. Depois de comprar os macacões certos, arranque as etiquetas e queime-as para que não possam ser rastreados depois que nos livrarmos deles.

Shirley sabia que esse era o modo de Dolly pedir desculpas.

— E os tênis? — perguntou.

— Pinte-os de preto que irão servir.

Dolly acendeu um cigarro.

— Venham e sentem-se, as duas. Não chamei vocês até aqui para discutirmos sobre macacões e tênis.

Quando ela acabou de falar, a chaleira apitou e Linda foi encher o bule de chá.

— Deixe isso para lá! — berrou Dolly.

Na pressa de se juntar a Shirley e Dolly, que estavam sentadas nas caixas, Linda tropeçou em Wolf e o chutou na bunda para tirá-lo do caminho. Dolly olhou

feito para ela e chamou Wolf para que este se sentasse ao seu lado. Ela abriu a bolsa e pegou o bloco de notas.

— Temos problemas — começou Dolly. — Vou falar sobre eles, um de cada vez... Mas o mais importante é que andei pensando no que li nos livros contábeis e acho que Harry usou quatro homens no assalto, e não três.

— Quatro? — repetiu Linda.

Ela e Shirley pareciam confusas.

— Quatro, e um deles escapou, largando Joe, Terry e Harry à própria sorte.

Linda e Shirley foram arrebatadas pelo que ouviram. Dolly prosseguiu:

— Esse quarto homem deve ser alguém de fora, chamado para dirigir o caminhão da frente. Mas não há menção a ele nos jornais, nada. Isso quer dizer que a polícia ou ainda não se deu conta, o que duvido, ou... que estão atrás dele.

— Não serão os únicos! — gritou Linda, levantando-se de um salto, com o rosto vermelho de raiva. — Filho da mãe!

— Linda — disse Dolly gentilmente, tentando acalmar os ânimos.

— Não! Eu tenho o direito de falar. Se ele deixou meu Joe queimar até a morte... se ele podia salvá-lo e não salvou, eu vou matar esse cara, Dolly, eu juro.

Mais uma vez, Dolly tentou acalmar Linda. Afinal, ela era bem esquentada e estava reagindo da única maneira que sabia. Mas Linda não a ouviu.

— Eu vou matá-lo! Talvez você não se importe com o seu homem, Dolly Rawlins, mas eu...

Dolly se levantou e se aproximou com tanta rapidez que Linda nem terminou a frase. A forte bofetada a fez virar o rosto.

— Jamais sugira que eu não me importo! — rosnou Dolly. — Eu vi o quanto você se importa hoje à tarde, então pare com essa histeria, sente-se e cale a boca!

Linda recostou-se devagar com a mão no rosto, tentando conter lágrimas de tristeza, dor e vergonha.

Shirley estava paralisada, trêmula. *Meu Deus, Dolly tem um temperamento e tanto!* Ela nunca a vira agir assim antes e mal conseguia acreditar. E ali estava Dolly, novamente sentada e fumando, verificando as suas anotações como se nada tivesse acontecido.

Sob a basta cabeleira preta, Linda murmurou com a voz trêmula:

— Por que eu estou sempre errada?

Dolly deu uma longa tragada no cigarro antes de responder:

— Porque você tem vinte e seis anos, eu tenho quarenta e seis e sou eu quem está pagando as despesas.

Ela olhou para Shirley, que ainda estava pálida de tão chocada.

— Você poderia terminar de preparar o chá, Shirl?

Shirley foi até a cozinha sem dizer nada.

Dolly olhou para o rosto vermelho de Linda, no qual quatro marcas de dedos eram claramente visíveis.

— Desculpe. Eu não deveria ter feito isso.

Linda levantou-se e se afastou de Dolly antes que pudesse dizer algo de que todas se arrependeriam mais tarde. Dolly não se importou com o mau humor da outra e continuou a falar como se o breve pedido de desculpas tivesse resolvido todos os problemas:

— Mas vocês sabem o que isso significa, não é? Significa que precisaremos arranjar mais uma pessoa.

— Que não seja homem — disse Shirley da cozinha. — Se chamarmos um homem, metade de Londres saberá o que estamos fazendo.

— Realmente, é preferível que não seja homem. Nos livros contábeis não há ninguém que eu conheça bem o bastante para confiar, então terei de pensar a respeito. Mas talvez seja preciso adiar o trabalho para termos tempo de arranjar a mulher certa.

— Meu Deus — disse Linda, impaciente. — Se tudo de que precisamos é outra mulher, eu posso arranjar uma.

— Quem vai fazer isso sou eu — retrucou Dolly, desafiadora.

Ninguém mais poderia fazer uma escolha tão importante quanto aquela.

— Você é a chefe — zombou Linda.

— Se isso lhe desagrade, já sabe o que fazer! Pode voltar para a cama com aquele grosseirão. Aposto que deve ser um bom parceiro e, mesmo que não seja, estou certa de que logo haverá outro.

Saindo da cozinha, Shirley não fazia ideia do que Dolly estava falando e certamente não faria perguntas. Linda foi até Dolly com olhar de fúria, pronta para explodir. Rapidamente, Shirley se colocou à sua frente com uma xícara de chá, forçando Linda a parar. Incapaz de ignorar o ar de súplica nos olhos dela, Linda pegou o chá e voltou a se afastar de Dolly. Shirley se sentou entre as duas.

— Você falou que tínhamos “problemas”, no plural — observou Shirley,

afastando a fumaça horrorosa do cigarro de Dolly.

— Os Fisher estão pegando pesado. E não vão parar. Começaram comigo, destruindo a minha casa. Na próxima vez, será o meu rosto. Então, eles se voltarão contra vocês duas.

Uma coisa era as viúvas se estranharem entre si, outra completamente diferente era ter que lidar com os Fisher. Aquela notícia mudava tudo. Linda poderia se afastar de Dolly caso se tornasse um pé no saco e Dolly a deixaria ir. Já Tony Fisher faria uma pessoa em pedaços apenas por ela ter dado as costas para ele.

— Eles querem os livros contábeis de Harry e não aceitarão não como resposta. Este quarto homem, quem quer que seja... bem, não creio que voltará a dar as caras por aqui. Deve ter fugido há semanas.

Ao perceber nos olhos de Linda o ódio pelo covarde que deixara Joe sofrer uma morte tão lenta e dolorosa, Dolly falou com total sinceridade:

— Vamos pegá-lo, Linda, e ele terá o que merece, mas, por enquanto, é bom que ninguém o encontre.

Linda desviou o olhar primeiro, voltando-o para o chão de concreto sujo antes que Dolly pudesse ver as lágrimas brilhando em seus olhos.

— Nós vamos realizar um assalto e não quero que nenhuma de nós se machuque — continuou Dolly. — Não somos homens grandes e fortes, mas temos que começar a pensar como se fôssemos.

Um sorriso de satisfação tomou conta do rosto de Dolly e, enquanto esperavam que ela voltasse a falar, Shirley de repente lembrou-se do dia na sauna, quando ouviu falar no assalto pela primeira vez. Sabia que o que quer que Dolly dissesse em seguida a impressionaria. E estava certa.

— Eu disse a Boxer Davis, que trabalha para os Fisher agora, que o quarto homem, o que fugiu, era Harry. Boxer acredita que Harry está vivo, e aposto que está por aí espalhando o boato. Quando ouvirem o que ele tem a dizer, os Fisher acreditarão que Harry está com os livros contábeis e desistirão. Essa é a melhor maneira de nos protegermos agora. Harry era a única pessoa capaz de manter esses caras na linha graças ao que tinha contra eles. Sendo assim, precisamos que Harry esteja vivo outra vez.

— Como você pode ter certeza de que Boxer vai contar para eles? — questionou Shirley.

— Ele vai falar. Ele sempre fala, ainda mais quando está bêbado. E eu dei a ele

dois paletós de Harry e duzentas libras, então, bêbado ou sóbrio, ele se sentirá invencível.

Dolly terminou o chá e entregou a xícara a Shirley.

— Voltarei a entrar em contato assim que arranjar o outro membro da equipe.

Ela abriu a bolsa, tirou um papel dobrado e entregou-o a Linda.

— Esse é um número seguro para vocês duas me ligarem. É uma linha não listada do convento onde sou voluntária. Vocês podem deixar recado a qualquer hora e elas entrarão em contato comigo. Decorem o número e, então, queimem esse papel.

Sem falar mais nada, Dolly pegou Wolf e foi embora.

Linda olhou para o número de telefone por uns dez segundos e depois entregou-o a Shirley.

— Meus fósforos acabaram. Você terá de engolir.

Shirley também olhou para o número de telefone e estava prestes a enfiar o papel na boca quando encarou Linda.

— Brincadeira! Era brincadeira, Shirl.

Shirley não estava para brincadeiras. Seu dia tinha sido muito estressante.

— Eu não suporto a Dolly às vezes — sussurrou Linda.

A resposta de Shirley não foi tão encorajadora quanto Linda esperava.

— Acho que a recíproca é verdadeira.

Linda lançou um olhar desdenhoso para a outra.

— Ela não tem o direito de falar com a gente como se fôssemos crianças. Acho que você fez um excelente trabalho com esses macacões.

— Não, Linda! Os macacões são completamente errados e você sabe disso. Dolly tinha razão de estar com raiva.

— Ela não tem o direito de falar com a gente daquele jeito nem de me dar um tapa na cara. Ela não é a chefe.

— Mas ela é — retrucou Shirley com um uma voz calma, controlada e muito séria. — Se isso realmente é para valer... ela é a chefe.

* * *

Às 22h, Linda estava completamente bêbada e sentou-se em seu guichê no fliperama, na maior área de prostituição do West End, com um sorriso

embriagado no rosto. Mas, independentemente do quão bêbada estivesse, nunca dava o troco errado. Charlie estava junto à porta e olhava nervosamente para o guichê enquanto ela tomava um gole após o outro da garrafa de vodca. Ele estava preocupado porque, se o chefe chegasse e visse Linda bêbada e cantando a plenos pulmões, provavelmente também sobraria para ele. Suspirou e sorriu: se não pode vencê-los, junte-se a eles. Então jogou o restante do café na rua, foi até o guichê e olhou para Linda através do vidro. Ela demorou um tempo para focar a visão, mas, ao fazê-lo, abriu um sorriso enorme para ele.

— Charlie, meu querido. Como vai?

Charlie ergueu a caneca vazia e olhou para a garrafa de vodca.

— Sai fora — sussurrou Linda pelo buraco por onde passava o troco para os clientes. — Todo mundo vai querer um pouco.

Então ela caiu na gargalhada, deixou a cabeça tombar para a frente e soltou um esquisito ronco de bêbado. Após um tempo, Charlie ficou na dúvida se ela estava rindo ou chorando. Estava prestes a perguntar se estava tudo bem quando ela levantou a cabeça de repente. Agora, seus olhos estavam sérios e ela falou entre dentes cerrados:

— Sabe de uma coisa, Charlie? Eu adoro este lugar. Quer dizer, olhe em volta. Há menores de idade com carteiras de identidade falsas sendo assediados pelo pedófilo local... Um bêbado cochilando nos degraus da porta de entrada... Mais traficantes do que drogados... E quem passa pela porta e entra casualmente são prostitutas, seus cafetões e seus clientes. Estou cercada pela nata da sociedade. Sim, realmente irei longe, Charlie! Saúde!

Linda acabou com o resto da vodca em um só gole.

Quando Charlie voltou para a porta, viu Bella O'Reilly entrar. Linda estava certa: quem passava por ali casualmente e decidia entrar eram prostitutas com seus cafetões ou com os seus clientes. Bella trouxera ambos. Sua pele negra era bonita e reluzente, sua aparência era sensual e ela estava vestida para matar com um top de cetim amarelo, jeans pretos bem justos e um casaco combinando pendurado no ombro. Os saltos a deixavam ainda mais alta do que seu imponente 1,82 metro. Bella parou no meio do fliperama, avaliando o ambiente, assim como seu cafetão, que vinha logo atrás. Cabeça Oleosa, como era conhecido, começou a conversar com dois chineses enquanto retorcia o chapéu coco preto e seus anéis de ouro brilhavam sob as luzes do fliperama. Charlie sabia que ele estava traficando drogas.

Já tinha dito para Cabeça Oleosa não fazer isso ali no fliperama, mas o cafetão apenas riu, uma risada nasalada, grunhida, resultado de muito uso de cocaína. O problema dele era que você nunca sabia se estava rindo com ou de você. O cara era um desgraçado nojento que gostava de andar por aí montado em uma Harley Davidson, e todas as suas garotas morriam de medo dele — todas com exceção da número um, Bella O'Reilly.

Bella avançou em meio às máquinas como uma experiente estrela do rock no palco e chegou até a parar para dar uma bronca em dois jovens falastrões que mexeram com ela. Seja lá o que ela tivesse dito, surtiu o efeito desejado. Ambos pareceram petrificados, pediram muitas desculpas e saíram correndo. Bella viu Linda no guichê e abriu um largo sorriso para ela antes de se aproximar. Ela não precisava pedir licença para passar pelas pessoas. Todas saíam nervosamente do caminho.

— Bella! — gritou Linda de dentro do guichê.

Ainda em movimento, Bella deu uma rápida rebolada e parou diante de Linda, apoiando-se no vidro do guichê.

Linda e Bella se conheciam de longa data. Bella sempre fizera parte de uma categoria especial: era grande o bastante para cuidar de si mesma e não ter medo de ninguém. Linda, pelo contrário, nunca trabalhara para um cafetão; fora mais uma amadora independente e só fornecia alívio manual ou oral em vez de sexo completo. E isso tinha sido muito antes de conhecer Joe.

— Como você aguenta ficar aí dentro? — perguntou Bella.

— É à prova de som e a vodca ajuda — brincou Linda. — Adorei seu cabelo, Bell.

O cabelo fabuloso de Bella agora estava curtíssimo, num estilo Grace Jones. Ela usava uma bandana dourada que, embora fosse um artigo barato vendido nas bancas do mercado, parecia valer um milhão de dólares em Bella e lhe dava um ar de princesa africana.

— O que tem feito ultimamente? — perguntou Linda.

— O mesmo de sempre. Nenhuma novidade. Três apresentações por noite no Z-Easy e qualquer coisa que der para encaixar no meio-tempo.

— E o que traz você a este buraco?

— Você sabe como eu sou. Eu estava me dando bem, mas certa noite perdi a cabeça e bati num coroa. O filho da mãe era estrangeiro e eu não entendia uma

palavra do que ele estava dizendo. Ele me apalpava por toda parte, mas não havia pagado para fazer aquilo, então o mandei embora. Como ele não foi, bati nele. Eu me declarei culpada e Cabeça Oleosa pagou a fiança.

— Então você está devendo para ele.

— Muito. Primeiro vou quitar a dívida e depois decido o que fazer.

Bella olhou para Cabeça Oleosa, que estava sussurrando para um dos chineses e apontando para Bella.

— Pelo visto tenho um cliente.

Ela ficou séria e foi até a porta do guichê, que Linda abriu para que ambas pudessem conversar cara a cara.

— Soube o que aconteceu com Joe e sinto muito. Ele era um sujeito excelente e vocês dois formavam um belo casal, querida. Se precisar de mim, de dinheiro ou do que quer que seja, basta pedir. Voltarei à minha velha rotina em breve, então estarei por perto e virei vê-la com mais frequência. Por enquanto, estou no International.

— Obrigada, Bella. Fico muito grata.

Cabeça Oleosa assobiou para Bella, que ergueu a mão. Linda tocou-lhe o pulso com delicadeza.

— Você parou com as drogas pesadas?

Por um instante, Bella pareceu constrangida.

— Você está perguntado para a pessoa errada, querida. Esse era o meu velho. Ele teve a última overdose há três meses.

Então, acrescentou:

— Então eu sei pelo que você está passando.

Linda sabia que Bella usara heroína no passado e entendeu a negação como indício de que agora estava limpa. E sem dúvida parecia limpa. Na verdade, parecia incrível. Bella deu-lhe um último e reconfortante aperto de mão e partiu.

Charlie surgiu ao lado de Linda.

— Eu daria umazinha com aquela garota negra — disse ele, coçando o saco e cheirando o sovaco disfarçadamente.

Linda riu da ingenuidade de Charlie.

— Ela até que poderia dar umazinha com você, mas você não ficaria mais em pé depois. Bastaria olhar para ela para levar um tapa na orelha.

— Mas eu não meteria o pau nela — disse Charlie na defensiva. — Ela

provavelmente me passaria gonorreia. — E, ao se afastar, acrescentou: — Além do mais, ela parece homem.

Linda observou enquanto Bella ia embora com seu cliente chinês. De costas, com cabelo preto curto e trajando sobretudos, eram incrivelmente semelhantes. Linda sorriu para si mesma ao abrir a gaveta em sua bancada e pegar outra garrafa de vodca.

CAPÍTULO 11

Arnie Fisher serviu duas taças de champanhe e levou-as até o sofá de couro onde Carlos estava esparramado lendo uma revista. Ele se sentou e pousou a mão na coxa do outro, que pegou a taça e, apoiando o braço no encosto do sofá, em silêncio convidou Arnie a se recostar. Ambos brindaram e beberam.

Arnie estava muito elegante com um novo terno de seda creme. Ele se levantou, admirou-se no espelho, virou-se e sorriu para Carlos.

— Você quer um terno sob medida? — perguntou. — Realmente lhe cairia bem.

Ele gostava de vestir Carlos, como uma boneca ou um cão sem opinião própria. O rapaz não se importava; na verdade, gostava de ser mimado. Ele assentiu de um jeito sedutor e tomou um gole da bebida.

Gloria tocou a campainha e, sem esperar pela resposta, entrou na sala vestida a caráter, os peitos enormes explodindo para fora do sutiã meia taça quarenta e seis. Ela se inclinou à porta.

— Boxer está lá fora e quer falar com você... Devo deixá-lo entrar?

Arnie adorava Gloria. Se fosse hétero, transaria com ela. Os dois se davam bem. Ele podia gritar e berrar que ela nem se importava. Gloria era uma boa garota, trabalhava para ele havia anos, fora recepcionista no térreo, ficara um pouco velha para a função e subira para o escritório. Ainda era ruim em datilografia, com erros ortográficos, mas de algum modo ela conseguia manter as coisas em ordem e era uma bela figura ocupando a mesa lá fora.

Gloria pegou a garrafa de champanhe e serviu-se em uma taça antes de se juntar a Arnie e admirar sua imagem no espelho ao lado do mecânico. Ela achava Carlos lindo e não entendia como ele suportava que Arnie ficasse agarrando-o; mas concluiu que os gays eram todos iguais, sempre prontos para tudo. Sem dúvida, ela também deixaria Arnie agarrá-la se ganhasse roupas de seda e carros bons em troca. Sim, Carlos estava se dando muito bem à custa de Arnie,

especialmente com a quantidade extra de serviços que iam parar em sua oficina. Mas Gloria se perguntou quanto tempo ele duraria. Em geral, os garotos nunca passavam de dois meses. Arnie era um filho da mãe volúvel, mas aquele Carlos já estava durando quase isso e eles ainda pareciam estar firmes. E se Carlos fosse descartado por Arnie, bem, ela estaria ali para confortá-lo.

— Vou para casa agora — avisou Gloria, com a taça na mão. — Devo deixar Boxer entrar ou o não?

Carlos levantou-se para ir embora.

— Fique — disse Arnie. — É só o Boxer.

E, voltando-se para Gloria:

— Mande-o entrar

Quando ela saiu, Boxer apareceu, e sua aparência pegou Arnie um pouco de surpresa. Ele cortara o cabelo, o partira e o achatara de um lado, o que fazia com que suas orelhas se destacassem. Mas era mais do que isso: Boxer estava vestindo um terno quase aceitável.

— Então, o que conseguiu? — perguntou Arnie, acendendo um charuto.

Boxer deu com a língua nos dentes. Ele estivera na casa de Rawlins e tinha uma informação que valia muito dinheiro, mas era algo particular. Olhou para Carlos esperando que ele saísse da sala.

Arnie acenou para que Carlos fosse buscar outra garrafa de champanhe. Quando ele se foi, Boxer sentou-se sem pedir. Aquilo foi uma surpresa. O capanga nunca abusara da sorte com nenhum dos Fisher, mas naquele dia parecia muito confiante. Temporariamente, Arnie relevou o desrespeito de Boxer. Estava curioso para ouvir o que o grande pateta tinha a dizer.

— Recebi notícias sobre Harry Rawlins, Sr. Fisher. Estive com Dolly, amaciando seu ego e, bem, ganhei a confiança dela.

Boxer fez uma pausa dramática e então largou a bomba.

— Ele está vivo. Harry Rawlins está vivo.

A reação de Arnie não foi a que Boxer esperava. Ele sentou-se na mesa, recostou-se, tirou os óculos e do nada começou a gargalhar. Então, olhou para Boxer com uma expressão séria.

— Vivo! Ela está passando a perna em você, seu idiota.

— É sério, Sr. Fisher. Harry quer que eu trabalhe para ele. Ele me ofereceu um emprego. Dolly me deu este terno a pedido dele. Harry quer que eu pareça

respeitável para trabalhar para ele.

— Você é realmente patético. Eu estive na merda do enterro dele, assim como a polícia. Quem ela acha que está enganando? Eu vi o sujeito ser enterrado!

— Não era ele.

Arnie levantou-se, fazendo com que Boxer se retraísse.

— Sim, era! E você acabou de estragar tudo, Boxer. Acabou para você, está me ouvindo? Você teve a sua chance e estragou tudo. Pode tirar essa merda de terno e voltar a limpar caixas de cerveja. Você só serve para isso. E veja lá como fala comigo de agora em diante e deixe de se portar como se fosse dono do lugar, sentando sem ser convidado. Fique esperto. A partir de agora eu mesmo vou lidar com aquela vadia. Vou descobrir se o maldito Harry Rawlins está vivo. Se for preciso, eu desenterro aquele filho da puta!

Boxer ficou ali parado, furioso pelo modo como estava sendo dispensado. Arnie era um babaca arrogante que o fazia se sentir sujo e inútil. Bem, ele não era inútil. Com Harry ao seu lado outra vez, eles dariam um jeito naquele viadinho do Fisher.

— Vou lhe dizer uma coisa, Sr. Fisher — disse Boxer com aquilo que ele esperava ser um tom de voz calmo e ameaçador. — Tony revirou a casa dele e Harry não gostou nem um pouco disso.

Enquanto o capanga continuava a falar, com olhos fixos em Arnie, Carlos voltou para a sala com uma segunda garrafa de champanhe.

— Eu acho que Harry está furioso. Tony destruiu o quarto de seu bebê falecido, então dá para ver que Harry está muito, muito aborrecido com ele. Eu não sou o único que precisa ficar esperto. Harry está me protegendo, então vou ficar bem.

Arnie sibilou através dos dentes cerrados:

— Dê o fora daqui.

Boxer foi embora sem falar mais nada.

Os olhos de Arnie estavam praticamente saltando das órbitas. Carlos ficou parado no meio da sala, meio que sobrando na situação, com a garrafa de champanhe na mão. Dava para ver que Arnie estava prestes a explodir, então baixou a garrafa e colocou o braço nos ombros dele. Arnie afastou Carlos, mas logo se desculpou:

— Agora não, querido. É só isso. Agora não.

* * *

Quando Shirley chegou ao depósito, Linda estava sentada em uma das caixas cor de laranja com uma aparência horrível e a maquiagem borrada. Shirley foi correndo até ela. E se Tony Fisher a procurara e fizera algo terrível com ela?

— Estou bem, está tudo bem — tranquilizou Linda, balançando as mãos para Shirley. — Mas faça menos barulho. Minha cabeça está estourando.

— Bem, por que estamos aqui, então? Você sabe que não devemos convocar reuniões, apenas Dolly. O que aconteceu de tão importante, Linda?

Bella saiu da salinha e entregou uma xícara de café para Linda. Shirley olhou fixamente para ela, boquiaberta, sem saber o que dizer nem para onde olhar.

— Chá? — perguntou Bella.

Shirley não conseguia pensar no que dizer. Quem era aquela mulher? Por que ela estava ali? E, o mais importante, o que diabos Linda contara a ela?

— Esta é Bella — apresentou Linda, sorvendo casualmente o café. — Ela é a nossa número quatro.

A boca de Shirley se escancarou ainda mais, o que acabou fazendo Linda rir.

— Deixe disso, Shirl. Bella é boa e forte, exatamente o que precisamos. Sei o que você está pensando, mas, depois de conhecê-la, Dolly vai acabar topando. E se ela não topa, bem, que se dane. Bella vale por dez.

Linda cutucou a amiga para chamar a sua atenção.

— Veja, ela está bêbada, então, na verdade, provavelmente vale dez mil de vocês!

Shirley finalmente falou:

— Dolly vai ficar enlouquecida, Linda. E você sabe disso.

— Bella tem tanto direito de tirar o dinheiro de Dolly quanto nós. Ela merece ter alguma sorte na vida para variar... e ela é viúva, assim como nós. Dolly vai adorar saber disso.

Quando Shirley balançou a cabeça em sinal de desaprovação e descrença, ouviram Wolf latindo para o pastor-alemão do vizinho, que rosou de volta. As três mulheres olharam para a porta, então Shirley correu para a sala, arrastando Bella com ela.

— Se entenda com Dolly — disse Shirley para Linda. — Agora é com você.

Linda baixou a cabeça entre as mãos, desejando que a dor de cabeça passasse.

Dolly entrou no depósito, soltando Wolf no chão enquanto corria em direção a Linda.

— Qual é o problema? — perguntou Dolly, preocupada — Você está bem? O que aconteceu?

Quando Linda levantou a cabeça e Dolly sentiu o cheiro de bebida, a preocupação se transformou em raiva.

— Você está bêbada! — sibilou Dolly. — Convocou uma reunião de emergência por que sua vodca acabou, Linda?

Shirley observava à porta do anexo cozinha-sala. Nunca vira Dolly tão desgrenhada: sem maquiagem, com o cabelo sujo e parecendo exausta. Seu rosto estava pálido e abatido. Pela primeira vez, Shirley achou que Dolly aparentava ter a idade que tinha, mais velha do que sua própria mãe. *Mas, afinal*, pensou Shirley, *ela de fato tem idade para ser minha mãe*.

— Não estou bêbada. Sim, eu tomei umas e outras, mas não estou bêbada.

Sem dúvida Linda estava bêbada o suficiente para não se dar conta da raiva de Dolly. Mesmo de onde estava, Shirley conseguia ver as veias saltadas no pescoço dela. Antes que alguém voltasse a falar, Bella saiu de trás de Shirley.

Bella era alta, tinha uma aparência impressionante e autoritária, mas Dolly não se intimidou com nada daquilo. Bella sorriu e foi ao encontro da outra com a mão estendida. Shirley vira Dolly agredir Linda antes, mas naquele momento ela estava diferente — na ocasião do tapa, foi como uma mãe batendo na filha. Agora, parecia ainda mais severa e havia algo quase masculino nela, como se aquela situação exigisse algo mais. Quando Dolly enfim falou, sua voz saiu como um rosnado. Ela olhou para Bella e virou-se para Linda.

— Mas quem é essa mulher?

Tomada de coragem por causa do álcool, Linda fez a apresentação:

— Esta é Bella.

— O que ela está fazendo aqui?

Dolly estava tentando desesperadamente manter o controle.

— Ela quer entrar na equipe. Você disse que precisávamos de mais uma pessoa, então eu contei para ela e ela...

— Contou para ela? O que exatamente você contou?

Levantando-se aos tropeços, Linda prosseguiu:

— Tudo. contei tudo quando ela foi ao fliperama. Olhe para ela, Dolly, ela é

perfeita.

Dolly interrompeu Linda.

— Você tem participação nisso? — gritou para Shirley, que ainda estava de pé à porta.

— Eu estava dormindo quando ela me ligou. Não me meta nisso, estou tão chocada quanto você.

— Cale a boca, Miss Certinha, e me deixe terminar! — berrou Linda para Shirley.

— Ah, mas você já terminou, Linda.

Dolly mantinha uma das mãos no quadril e balançava o dedo diante do rosto de Linda, tentando com todas as forças refrear mais um tapa.

— Você pode pegar suas coisas e ir embora! E leve essa piranha com você!

— Só me deixe explicar.

— Explicar?! Explicar como você saiu por aí contando para o mundo inteiro sobre o que estamos fazendo? Quantas vagabundas mais você trouxe aqui? Eu quero você fora!!!

Dolly segurou Linda e começou a empurrá-la para a porta, mas, dessa vez, encorajada pela bebida, Linda reagiu.

— Você fala comigo como se eu fosse uma merda, Dolly! Você trata seu cachorro melhor do que a mim! — Quando as lágrimas afloraram, Linda atingiu um ponto sem volta e gritou no rosto de Dolly: — Eu trago a resposta para todos os nossos problemas e você me despreza assim, sua puta arrogante?!

Do nada, Bella afastou Linda de Dolly e desferiu um tapa com força na amiga. No silêncio que se seguiu, Dolly e Bella se encararam, nariz contra nariz. Então Bella falou pela primeira vez:

— Se vocês duas querem brigar, vão em frente, só não me usem como pretexto.

A voz grave de Bella estava calma e controlada e seus olhos brilhavam em uma advertência silenciosa.

— Olha só, Sra. Rawlins, tudo o que ela me disse eu simplesmente esqueci. Não é da minha conta. Obrigada pelo café.

Bella pegou a bolsa e começou a caminhar em direção à porta. Linda olhou para Dolly.

— Um minuto. — As palavras de Dolly fizeram Bella parar e se virar.

— Está falando comigo, Sra. Rawlins? — perguntou Bella, sua confiança reverberando quando a encarou. — Porque eu tenho um nome e não é “piranha” nem “vagabunda”. Meu nome é Bella. E não pedi para vir aqui, fui convidada. Essas duas podem achar a sua ideia maluca, mas eu não acho. Sei o que você quer fazer e não teria vindo até aqui se não achasse que dou conta de participar disso.

Dolly ouviu atentamente, sem tirar os olhos de Bella.

— Quantas garotas lá fora você acha que poderiam fazer esse trabalho? Melhor ainda: quantas você acha que gostariam de fazê-lo?

Como Dolly ainda não tinha dito nada, Bella continuou a caminhar em direção à porta.

— Pode enfiar essa sua vaga você sabe onde.

— Espera. Quanto Linda contou? — questionou Dolly.

— Nada.

Agora que afirmara a sua posição, o tom de voz de Bella era sarcástico.

— Tenho uma memória muito ruim. Se quiser vir comigo, Linda, eu acompanho você até a sua casa.

Linda estava em pé entre Dolly e Bella, como uma criança pequena entre os pais brigando.

— Por favor, Dolly. Só fiz isso para o nosso bem. Eu realmente sinto muito. Mas você não pode recusar, não por minha causa. Por favor, não a deixe ir embora, Dolly, ela é perfeita, eu sei que é.

— Você abriu sua boca grande para mais alguém, Linda?

Linda balançou a cabeça.

— Não. Juro que não.

— O que você acha, Shirley? — perguntou Dolly.

Shirley ficou surpresa por ela pedir sua opinião. Não conhecia Bella e estava aborrecida por Linda ter feito aquilo pelas suas costas, mas ainda confiava nela.

— Ela me parece servir para o papel — respondeu após um instante. — E, agora que já sabe de tudo, seria melhor que ficasse.

— Você é casada? — perguntou Dolly para Bella.

Bella voltou-se para as três.

— Não tenho vínculos, Sra. Rawlins. Só trabalho em boates e faço uns bicos aqui e ali.

— Ela contou que vamos usar armas?

— Sim.

— Você sabe dirigir?

— Sim.

Mais uma vez, Dolly e Bella se encararam, mas dessa vez não foi como duas fêmeas alfa competindo pelo domínio. Agora havia respeito em seus olhos. Foi Bella quem enfim desanuviou o ambiente.

— E toco gaita bem pra caramba.

Dolly precisou conter um sorriso. Bella era uma mulher forte e poderosa que não levava desaforo para casa, mas também era inteligente e seria uma grande aquisição para a equipe.

Linda e Shirley se abraçaram enquanto esperavam a decisão de Dolly.

— Tudo bem, Bella — disse a líder afinal. — E pode me chamar de Dolly.

CAPÍTULO 12

Os peritos disseram ao inspetor Resnick que o para-choque traseiro do caminhão de pão fora trocado por uma pesada barra de metal, forte o bastante para abalroar o carro-forte em marcha a ré. Também acharam vestígios da pintura do carro-forte. Aquele definitivamente era o caminhão de pão utilizado no assalto fracassado.

Durante cinco dias, os policiais trabalharam intensamente na Sunshine Bread. Nesse período, recolheram as impressões digitais de todos os funcionários da empresa e as compararam com as encontradas no veículo. Era um procedimento longo e tedioso, mas Resnick estava determinado.

Até então, nenhuma das impressões recolhidas revelara alguém com antecedentes criminais, e todas as impressões no caminhão pertenciam a funcionários da empresa. Mas alguém deu as chaves do lugar e do veículo para Rawlins. Alguém era corrupto naquela empresa. Durante a semana do assalto, o gerente da frota havia sido informado de que aquele caminhão estava na oficina, de modo que Resnick foi falar com os dois mecânicos. Ambos negaram qualquer envolvimento, é claro, e alegaram não reconhecer Harry Rawlins, Terry Miller ou Joe Pirelli pelas fotos mostradas. Um deles, Resnick insistiu, tinha de estar mentindo.

— Talvez dê para ver isso nos olhos deles, Fuller, na linguagem corporal. O sujeito não é nenhum gênio do crime, só um pé-rapado assustado que embolsou algumas centenas de libras e deve estar se cagando desde que o assalto deu errado.

De saco cheio do “instinto” de Resnick, Fuller argumentou:

— Acho que basta ele ficar de bico fechado, já que Rawlins e seus capangas estão todos mortos e não há ninguém para denunciá-lo.

— Tem o quarto homem, Fuller. E ele pode denunciar todos os envolvidos porque está com os livros contábeis. Portanto, não. Nosso homem é um dos mecânicos e vou descobrir qual deles é.

* * *

Donald Franks sentou-se diante de Resnick torcendo um pano sujo de graxa. Sem dúvida estava nervoso. O inspetor deixou Franks suar durante o que julgou ser tempo o bastante e estava prestes a começar o interrogatório quando o telefone tocou.

— O que foi? — gritou Resnick ao atender, então seu rosto logo se suavizou e sua voz baixou. — Tudo bem, Alice, obrigado. Sim, voltarei às quatro. Eu irei, Alice, prometo.

Então desligou.

— Fique de olho na hora, Fuller — ordenou. — Tenho que estar de volta à delegacia às quatro.

Poucos minutos depois de começar o interrogatório com Franks, Resnick descobriu que ele não estava nervoso por ser o homem de Rawlins, mas por estar negligenciando o trabalho. Ele e o outro mecânico batiam o ponto juntos e, em seguida, um deles passava o restante do dia no pub.

— Não conte para ninguém, senhor — pediu Franks quase num gemido. — Os trabalhos sempre são concluídos. Mas não há serviço suficiente para nós dois e não podemos perder o emprego também, entende?

— Também?

Os olhos do inspetor se estreitaram quando sentiu uma pista importante surgindo.

— Nós éramos três, senhor. Len foi demitido há três meses. Eu e Bob precisamos do emprego. Por favor, não conte nada para ninguém.

— Pare de choramingar — ordenou Resnick. — Não dou a mínima para você e Bob estarem roubando o chefe de vocês, mas se não me contar tudo o que sabe sobre esse seu colega, Len, vou me certificar de que seu patrão saiba de toda essa merda.

Franks disse para Resnick que Len Gulliver fora acusado de roubo, mas ele achava que era só uma desculpa para a empresa se livrar de um funcionário. Ao continuar com as perguntas, Resnick descobriu que cada mecânico tinha cópias das chaves do pátio, feitas para que pudessem se esgueirar até o pub sempre que o trabalho estivesse tranquilo. Sendo assim, se ninguém sabia que Gulliver tinha as chaves do pátio, presumia-se que ele ainda as tivesse, o que significava que ele

poderia muito bem ser o homem que ajudara Rawlins a roubar o caminhão.

Resnick deu ordens para que encontrassem e detivessem Len Gulliver. Pela primeira vez em semanas, ele realmente achou que estavam chegando a algum lugar. Na verdade, estava quase contente e apostava que o mecânico saberia quem era o quarto homem do assalto.

Na casa de Gulliver, sua mulher disse que não estavam mais juntos, mas sua relutância em deixá-los entrar levou Resnick a pensar que ela estava mentindo. A mulher não parava de falar, insistindo que a panificadora tratava o marido como se fosse um cachorro. Na verdade, pior do que um cachorro.

— Len trabalhou para eles durante quinze anos e, sem mais nem menos, o demitiram. Inventaram uma mentira sobre ele estar roubando, mas você não dá duzentas libras para alguém ir embora sem fazer escândalo se acha mesmo que essa pessoa está te roubando, não é? Bem, você daria?

Suspeitando que Len Gulliver tivesse fugido e que ela o estava acobertando, Resnick considerou inútil perguntar onde estava o marido. Ele já estava de saída quando decidiu mostrar as fotografias dos suspeitos para a Sra. Gulliver. O inspetor ficou surpreso quando a mulher reconheceu Joe Pirelli.

— Sim, ele esteve aqui — disse inocentemente. — Ele e Len tinham algum negócio. E este — ela apontou para a foto de Rawlins — ficou esperando do lado de fora. Eu o vi da janela da cozinha num Mercedes-Benz cinza-escuro.

Resnick sentiu as entranhas se revirarem. Pelo visto, a Sra. Gulliver não sabia nada sobre as atividades criminosas do marido. Ele mal podia esperar para pôr as mãos em Len Gulliver.

— E onde está seu marido agora? — perguntou.

A Sra. Gulliver começou a chorar e apontou para a sala de jantar.

Surpreso, Resnick entrou na casa e empurrou a porta da sala.

— Você está preso, Len! — rugiu, mas então parou, horrorizado.

Havia um caixão na mesa.

— Câncer de garganta — explicou a Sra. Gulliver atrás do inspetor, aos prantos. — Felizmente acabou rápido e ele não sofreu muito.

* * *

Eles estavam de volta ao ponto de partida. Ao sair, Fuller não conseguiu se conter

e debochou:

— “Você está preso, Len.” Meu Deus, isso vai virar um clássico... Um clássico absoluto.

Ao entrarem no carro, Andrews avisou Resnick que Alice chamara duas vezes pelo rádio. Uma para dizer que um sujeito chamado “Dentes Verdes” ligara para ele, e a segunda para contar que o inspetor-chefe Saunders queria saber por onde ele andava.

— Pelo amor de Deus! — gritou Resnick para Fuller. — Eu disse para me levar de volta à delegacia às quatro!

— É algo importante? — perguntou Fuller ao ligar o carro, sabendo muito bem que Resnick marcara a reunião não apenas para analisar o caso, mas também para discutir suas chances de promoção. Assim como o resto do esquadrão, Fuller suspeitava que as chances de promoção dele eram, como sempre, bastante reduzidas. E seriam ainda menores agora que faltara ao compromisso. Fuller olhou para o retrovisor e piscou para Andrews.

Resnick mandou que Fuller dirigisse até a casa de Rawlins para que pudesse falar com os agentes encarregados da vigilância. Fuller dirigiu lentamente até a casa de Dolly, que estava às escuras e com as cortinas fechadas. Parou perto da viatura descaracterizada e Resnick saiu. Hawkes se assustou e quase furou o teto do carro com a cabeça quando o inspetor bateu na janela. Não tinham nada a relatar, nenhum movimento, nada... Afora um caminhão de mudança que chegara à casa dos Rawlins e levara embora um berço, roupas de cama e outros itens do tipo. O caminhão tinha sido parado na rua e revistado por uma viatura, mas nada de comprometedor fora encontrado.

— Leve-me de volta à delegacia — ordenou Resnick. — Vamos torcer para que Dentes Verdes tenha algo mais promissor para mim do que vocês, seu bando de inúteis.

* * *

Arnie Fisher estava a poucos centímetros do rosto do irmão, falando calma e lentamente. Tony sabia que era melhor ficar parado, só ouvindo.

— O trabalho era simples. Pegar vinte mil em bebidas, pagando doze mil, e trazer até aqui. Nada demais. Você não tinha nada que transar com a mulher do

cara com quem estava fazendo negócio. O que você tem na cabeça, meu filho? — questionou Arnie, cutucando a têmpora de Tony. — O que o leva a fazer essas idiotices o tempo todo?

Tony não se abalou.

— Era uma loirinha linda com uns peitões, Arnie, e que não reclamou nem um pouco quando eu encostei nela. — Ele abriu um baita sorriso. — Mas o marido dela, feio como um porco, reclamou! Você deveria ter visto aquele gordo babaca caindo. Um soco de surpresa e ele já estava no chão.

— E então? — quis saber Arnie.

Tony deu de ombros.

— Bem, sim, bati o Jaguar na saída do estacionamento, mas a boa notícia é que bati na BMW daquele babaca de Manchester. Carlos vai consertar o Jaguar, sem problemas. Olha só, Arnie — prosseguiu ele, animado —, a polícia estava na minha cola, as sirenes tocando, as luzes azuis piscando e tudo, mas consegui despistá-los. Ninguém se feriu, a van de bebida voltou bem para Londres e eu alcancei meu objetivo... Então por que a preocupação?

— Talvez porque o pessoal de Manchester provavelmente não vai fazer mais negócios conosco — respondeu Arnie, começando a perder a paciência. — E isso é uma baita preocupação. Porque eles são ótimos clientes!

Tony recostou-se na cadeira de couro giratória.

— Fodam-se aqueles babacas! Você não deveria estar preocupado com pequenos negócios no norte, querido, você deveria estar preocupado com os grandes negócios de Rawlins bem aqui, à nossa porta.

— Você acha que eu não sei disso? — bradou Arnie. — Por que acha que mandei você até Manchester? Não preciso de você fazendo merda por aqui, Tony. Preciso de tranquilidade. Preciso de táticas e cérebros.

Tony se inclinou para a frente, de repente sério.

— Se a polícia achar os livros contábeis, Arnie, você e eu pegamos pelo menos quinze anos de cana. Fizemos três grandes trabalhos de receptação para o filho da puta do Rawlins e você pode apostar que ele listou cada centavo que lavamos.

— Você não precisa me lembrar disso! — rebateu Arnie.

— Olha só, pegar leve não está dando certo — argumentou Tony, ficando de pé. — Eu vou assumir o trabalho de Boxer. Vou fazer as viúvas contarem o que queremos saber.

Arnie permaneceu estranhamente quieto.

— O que houve? — perguntou Tony.

— Boxer conseguiu tirar algo de Dolly — revelou Arnie. — Ela contou que Harry Rawlins está vivo.

Tony ficou boquiaberto por um segundo, então riu.

— Pelo amor de Deus, isso deve ser uma maldita brincadeira! Ela identificou e enterrou o cadáver. Não me venha com essa conversa fiada.

Arnie estava nervoso. Ele se sentou de novo e tirou os óculos.

— Não sabemos se é conversa fiada.

Tony suspirou.

— É conversa fiada, mano. Você sabe que é. Deixe comigo. Darei um jeito nisso. Não se preocupe com nada. Vou cuidar de Boxer e de Dolly Rawlins e descobrirei a verdade.

— Não faça nada muito louco — mandou Arnie, limpando os óculos, nervoso. — O negócio está indo bem, o nosso negócio. Fale com Boxer, fale com Dolly, faça algumas perguntas. Não machuque ninguém e não se aproxime das outras duas. Não ouvimos um pio da Pirelli nem da outra, então deixe-as em paz.

— Shirley — disse Tony, quase babando. — O nome dela é Shirley. Garota encantadora.

— Essa mesmo. E não vai rolar nada disso que você está pensando, está me ouvindo, Tony?

A porta se abriu e Carlos entrou. Tony gritou:

— Bata antes de entrar, seu viadinho... Você está me ouvindo? Bata antes de entrar.

— Eu vim buscar o Jaguar para consertar... de novo. Você devia dirigir com mais cuidado, Tony.

Quando Tony avançou em direção a Carlos, Arnie gritou:

— Chega!

Tony parou a poucos passos de Carlos, que o encarou, confiando que Arnie o protegeria. Mas bastou um estalar de dedos de Arnie na direção do sofá para que o rapaz fosse colocado em seu devido lugar.

Arnie voltou-se para o irmão e disse calmamente:

— Seja cuidadoso. Há muita coisa em jogo.

— Acredite em mim, querido — disse Tony. — Harry Rawlins está morto. Não precisamos nos preocupar com isso. A única coisa que temos contra nós são os livros contábeis, e se eu tivesse agido à minha maneira já estaríamos com eles agora. Primeiro, vou fazer uma visita àquele primo do Harry, o Eddie Rawlins, depois vou conversar com a viúva e então vou trazer aquele idiota do Boxer de volta para cá e vamos todos debater nossas impressões tomando uma bela xícara de chá.

Tony lançou um beijinho cínico para Carlos e saiu da sala.

Carlos olhou para Arnie.

— Problemas? — quis saber ele, abrindo uma garrafa de champanhe.

— Nada com o que você deva se preocupar, querido.

Arnie foi para trás de Carlos, de onde dava para apalpar sua bunda arrebitada. Ele era um pouco mais baixo do que Carlos e teve que erguer o queixo para apoiá-lo no ombro largo e musculoso.

— Apenas algumas coisas a ajustar. Aquele fiasco de Rawlins, Miller e Pirelli deixou algumas pontas soltas.

Carlos reconheceu o nome Pirelli, mas não disse nada e continuou a servir o champanhe. Querendo desanuviar o clima, Arnie mudou de assunto, indicando com a cabeça o grande embrulho de presente no sofá para que o amante abrisse. Nele, havia um terno de seda branco perfeitamente dobrado. Carlos o ergueu, sorrindo.

— Adorei! — exclamou com seu sorriso branco e radiante. — Pirelli... — acrescentou, casualmente. — Já ouvi esse nome em algum lugar...

Arnie estava inquieto, vestindo o terno em Carlos.

— Sim, o filho da puta era durão. A mulher dele trabalha como caixa em um fliperama no Soho. Uma vagabunda. Mas o Joe, esse era da pesada.

Ele se afastou de Carlos, admirando o caimento da roupa.

Carlos pensou na fotografia virada ao lado da cama de Linda, mas simplesmente disse:

— Realmente gostei deste terno, Arnie.

* * *

Eddie Rawlins estava sentado em seu escritório sujo e úmido com os pés na mesa.

Era um antigo barracão no meio do pátio de um ferro velho em Camberwell. Em alguns trechos do pátio, havia de três a quatro carros empilhados. Eddie passava a maior parte do tempo sentado no escritório observando o cenário, sonhando com o Rolls-Royce azul-celeste que compraria quando ganhasse bastante dinheiro. Anos antes, Harry prometera que lhe compraria um triturador de carros de ponta, o que tornaria o negócio mais rentável. Mas a promessa nunca fora cumprida.

Eddie estava ao telefone com um amigo que tinha uma pequena loja de apostas perto de Epsom. Ele recebera uma dica para a corrida das 15h15 em Haydock e fizera uma aposta de cinco libras em uma exata simples. Embora fosse do tipo cuidadoso quando se tratava de jogos de azar, ele não hesitaria em torrar uma centena de libras com alguma vadia gostosa. A maioria das mulheres que conheceu, refletiu enquanto folheava os papéis para destacar outros bons corredores, acabava se revelando tão fogosa quanto os cavalos nos quais apostava.

Enquanto conversava ao telefone, Eddie ouviu um carro estacionar do lado de fora. Quando viu quem era, ficou paralisado e sentiu o estômago revirar. Tirou os pés da mesa, desligou o telefone e, tentando agir com indiferença, abriu uma gaveta e tirou dela uma garrafa de uísque escocês.

— Tudo bem, Tony? Chegou bem na hora do drinque da tarde. Você vai me acompanhar, certo?

Eddie foi ao gabinete de arquivos para pegar os copos e deu uma rápida olhada pela janela empoeirada para o horrível Ford Granada verde do lado de fora. Ao menos Tony Fisher viera sozinho.

Uma torrente de baboseiras fluía da boca de Eddie:

— Os negócios andam fracos por aqui. Ultimamente ninguém está lucrando muito com ferro velho. Como vão as coisas, Tony? Legal aquela boate que você e seu irmão administram, é um lugar bem bacana.

Eddie começou a servir uma dose para Tony.

— O que você sabe sobre os livros contábeis do seu primo, Eddie? — perguntou Tony com simpatia.

Eddie perdeu a pontaria e errou o copo completamente. Tony Fisher era muito bom em sua linha de trabalho. Na verdade, era tudo o que Eddie aspirava ser: um cara durão e musculoso, mas que estava sempre com uma ótima aparência, trajando boas roupas, com unhas bem-cuidadas e um brinco de diamante na orelha. Tony sentou-se diante de Eddie e cruzou as pernas,

revelando sapatos Gucci bem-engraxados enquanto alisava a coxa. Era Arnie quem o havia ensinado a se vestir com classe, embora não aprovasse o brinco. Tony achava que o fazia parecer sensual. De fato, algumas mulheres até concordavam, embora outras o desprezassem por seus olhos sempre à procura de outro alvo.

Tony Fisher nunca olhava ninguém nos olhos. Em vez disso, fazia questão de mirar a testa do interlocutor. Ele passou os olhos lentamente pelo barracão imundo e miserável, sabendo muito bem o efeito que estava provocando em Eddie. Causar medo sempre o fizera se sentir bem.

— Você conhece o velho Boxer Davis, não é? — questionou Tony, como se fosse a pergunta mais natural do mundo.

— Sim — gaguejou Eddie. — Ele trabalha para você. Um pobre coitado. Não o vejo desde o funeral.

— Bem, ele anda falando do seu primo, dizendo para todo mundo que Harry Rawlins está vivo e na ativa. Nós dois sabemos que isso não pode ser verdade, certo?

— Vivo? — repetiu Eddie, parecendo atônito. — Harry não está vivo, Tony... Quer dizer, eu sou da família. Ele falaria comigo antes de falar com o maldito do Boxer Davis.

Tony deu um sorriso reconfortante e Eddie visivelmente relaxou um pouco. O irmão de Arnie pegou seu lenço e inclinou-se sobre a mesa esticando o braço em direção ao copo de uísque. Em um piscar de olhos, sua mão desviou do copo e agarrou Eddie pelos cabelos, puxando-o sobre a mesa. Então, enfiou o lenço em sua boca. Arrancando Eddie da mesa, Tony jogou-o contra a parede e deu-lhe um soco na cara. Tudo terminou em questão de segundos. Um Eddie atordado e quase inconsciente deslizou de costas pela parede. Tony agachou-se, tirou o lenço e gentilmente limpou o sangue do nariz ferido de Eddie. Inclinando a cabeça, sussurrou em tom ameaçador:

— Agora, me diga o que você sabe sobre os livros contábeis de Harry Rawlins.

Em meio às lágrimas, Eddie implorou:

— Não sei nada sobre esses livros, Tony, juro por Deus que não sei.

— Mas você é da família — zombou Tony. — Ele contaria a você antes de falar com Boxer Davis. E, se o maldito Boxer Davis sabe, então é lógico que você

também sabe.

— Eu não sei! Pela minha vida, eu não sei. Harry nunca me disse nada. Eu só estava me gabando, Tony, você sabe como é. Harry tinha tudo e eu tenho... bem, este buraco. Eu e Harry não éramos próximos. Ele nem gostava de mim. Ele não me contou nada, eu juro.

Tony ergueu a mão para coçar a própria testa e Eddie se retraiu tão bruscamente que quase desabou.

— Por favor, não me bata outra vez! — gritou.

— Fique quieto, seu viadinho.

Enquanto Tony aumentava o tom da ameaça, Eddie mantinha as mãos erguidas, protegendo o rosto, assentindo ou negando com a cabeça em resposta.

— Harry tinha tudo, não é? — disse Tony. — Bem, agora quem tem tudo sou eu, entende? Eu e meu irmão. E se Harry está vivo ou morto não faz a menor diferença para nós, porque ele não é mais nada. O que claramente torna você menos do que nada. Concorda?

Tony colocou a mão suavemente no rosto de Eddie.

— Então, fique atento. — Tony bateu com força a cabeça do outro contra o piso de compensado. — E me avise se Boxer Davis lhe disser alguma coisa ou se você ouvir algo a respeito dos livros contábeis de Harry.

O irmão de Arnie deu dois tapinhas na bochecha de Eddie e se levantou.

Eddie não ousou se mover. Ficou deitado no chão imundo com os olhos fechados, chorando em silêncio, esperando levar um chute na cara. Só abriu os olhos quando ouviu o carro de Tony arrancar e ir embora. Ele se levantou, com uma mão na cabeça dolorida e a outra no nariz quebrado, e olhou pela janela para ter certeza de que Tony tinha ido embora. Então, pegou o telefone.

* * *

Em um pequeno e miserável apartamento na Portobello Road, o telefone foi atendido por Bill Grant. Bill ouviu enquanto Eddie lhe contava tudo o que acabara de acontecer com a voz trêmula e aguda. Por fim, Bill não aguentou mais e perguntou.

— Cale essa sua boca idiota, Eddie. O que você disse para ele?

— Eu não disse nada. Foi Boxer Davis — revelou Eddie.

— E onde ele está?

Eddie fez uma pausa e fechou os olhos porque tinha certeza de que estava prestes a colocar Boxer em perigo. Bill Grant era pior do que Tony. Ele era um filho da mãe realmente durão que ganhava a vida matando pessoas da maneira que quisesse: lenta ou rapidamente, não se importava. Seu talento era ser muito mais discreto do que Tony, motivo pelo qual a maioria das pessoas não fazia ideia de que ele estava de volta à ativa. Bill não era exibido, sabia como ficar na dele e se manter fora do radar. Ninguém dava grandes coisas por ele, mas, meu Deus, o sujeito era encrenca pura; como não tinha nada nem ninguém, não tinha nada a perder — e isso o tornava um dos homens mais perigosos que Eddie já conhecera. Bill acabara de sair da cadeia após doze anos, mas já estava envolvido com tudo aquilo. Eddie abriu os olhos quando o outro repetiu a pergunta.

— Onde está Boxer Davis?

De cabeça baixa, envergonhado, Eddie disse a si mesmo que o estado do rosto de Boxer estava longe de ser tão importante quanto o do seu próprio rosto.

CAPÍTULO 13

As três mulheres no depósito estavam ocupadas. Shirley estava em um canto, cuidando de dois pares de macacões azul-marinho que comprara, cortando as etiquetas e jogando-as em uma lixeira para que fossem queimadas mais tarde. Bella e Linda estavam repintando uma van Ford Escort com tinta spray branca. Ambas usavam máscaras; a tinta tinha um cheiro tão forte que irritava os olhos de Linda. Os macacões azuis estavam agora tão brancos quanto a van.

— Eu não sei quanto a você, Bella, mas eu estou um caco. Acho que já fizemos o bastante por hoje. A tinta precisa secar antes de aplicarmos outra mão — disse Linda.

Bella assentiu e terminou um trecho antes de desligar o pulverizador e tirar a máscara.

— Será que ela virá hoje à noite e nos dará algum dinheiro?

Bella estava relutante em perguntar, mas havia faltado a alguns turnos na boate para ficar ali e precisava saber se valeria a pena.

Linda deu de ombros.

— Espero que sim! A tinta não foi barata, e estamos aqui há horas. O que você acha, Shirley?

— Eu comprei todo esse equipamento e fiquei sem dinheiro, então também espero que sim.

Bella se sentou em uma das caixas cor de laranja e tirou as grossas luvas de borracha.

— Sabem, acho que deveríamos falar sobre isso, só entre nós três. Linda, você disse que entraríamos na onda de Dolly por causa do dinheiro que ela está oferecendo, mas parece que não é mais assim, certo? O luto pode estar deixando ela meio louca e sem saber o que está fazendo ou talvez ela esteja realmente planejando um grande assalto.

— Concordo — disse Shirley. — Por que gastar tanto dinheiro conosco e

com todo esse equipamento se ela não estiver falando sério?

— Se isso for pra valer, ganharemos milhões... — disse Bella parecendo realmente animada.

— Um milhão — corrigiu Shirley. — Dividido por quatro.

O sarcasmo de Bella aflorou:

— Ah, bom. Então vamos deixar esse negócio de lado e ir embora para casa! Quem quer ter todo esse trabalho por essa merreca de 250 mil libras?

Após uma breve pausa, todas riram.

Bella continuou:

— O que quero dizer é o seguinte: Dolly acha que está tudo planejado e que só falta realizar o assalto. Eu particularmente olho este depósito e para tudo o que fizemos e fico muito empolgada.

Shirley sorriu timidamente para Linda enquanto também se permitia contemplar a ideia de realmente concretizar o plano, conseguir as suas 250 mil libras e nunca mais se preocupar com nada. Agora que Bella trouxera o assunto à tona, pareceu-lhe muito mais empolgante.

Como sempre, Linda foi a voz da razão.

— Se a velha preguiçosa estivesse aqui, poderíamos perguntar para ela. Mas a verdade é que Dolly não aparece há dias. Estamos brincando de faz de conta e não temos mais dinheiro. Talvez ela tenha tudo planejado e todas fiquemos ricas... ou talvez seu colapso nervoso tenha passado e ela tenha esquecido de nos avisar. Ela pode muito bem estar sentada em casa agora em sua torre de marfim, com um uísque na mão e aquele vira-lata no colo.

— Você não tem fé, Linda — repreendeu Bella, balançando a cabeça. — Se permitir, as pessoas podem surpreendê-la.

— É mesmo? Bem, eu não me surpreendo com ninguém há muito tempo. Para mim chega, vou para casa.

Enquanto ela se encaminhava até a porta, Shirley jogou um fósforo na lixeira para queimar as etiquetas dos macacões. Ouviu-se um súbito sibilar e uma grande labareda se ergueu dali de dentro. Shirley gritou e pulou para trás quando o fogo chamuscou sua franja.

— Meu Deus, Shirl! — gritou Bella. — O que você colocou aí dentro?

— Meia garrafa de terebintina!

Elas voltaram a rir, mas Linda ergueu a mão ao ouvirem os latidos do pastor-

alemão no depósito ao lado.

— Aí vem ela — disse Bella. — Aí vem a nossa líder.

Linda, que estava mais perto da porta, ficou paralisada e sussurrou:

— Sem barulho de saltos. E nada de Wolf.

Bella e Shirley olharam ao redor em busca de um lugar onde se esconder, mas era tarde demais. A porta se abriu e um homem usando boné e um casaco da Barbour entrou. Shirley gritou e se levantou, apavorada, Bella pegou um pé de cabra e Linda gritou:

— Quem é você?

Dolly tirou o boné.

— Fico feliz por conseguir passar por um homem — afirmou, parecendo muito satisfeita consigo mesma. — Desculpem por não ter entrado em contato. Ainda tem uma viatura estacionada em frente à minha casa. Estão me vigiando dia e noite. Coloque a chaleira no fogo, Linda, estou morrendo de sede. Pulei cercas nos fundos de uns jardins, o que não é fácil usando os sapatos do Harry. Eles são bem pesados.

As três mulheres olharam para Dolly enquanto ela tirava uma mochila das costas. Wolf saiu dela, correu até a van recém-pintada e urinou na roda.

— Não! — gritaram as três mulheres ao mesmo tempo, caindo na gargalhada.

Dolly as ignorou. Deviam estar muito cansadas. Ela tirou o casaco, acendeu um cigarro e começou a tirar blocos de anotação de vários bolsos. Linda foi preparar um café, Bella foi pegar a motosserra e Shirley observou sua pequena fogueira diminuir de intensidade.

O silêncio foi interrompido por Bella, que ligou a motosserra e a ergueu. Era uma máquina pesada.

— Isso é ótimo, Bella — elogiou Dolly, admirada. — Quando você for para cima dos guardas com essa motosserra em punho, com certeza eles sairão do caminho. Ninguém vai desconfiar que você não é homem. Shirley, esses trajes estão ficando muito bons e Linda, parabéns, ótimo trabalho na van.

As três mulheres sorriram como crianças que haviam acabado de ser elogiadas pela mãe. Nenhuma delas tinha certeza de por que estavam tão orgulhosas — mas era uma sensação ótima.

Com o estardalhaço da serra, elas não ouviram baterem à porta da garagem, mas o pequeno Wolf e o pastor-alemão do vizinho começaram a latir. Bella

desligou a motosserra e Dolly fez um gesto para as garotas ficarem em silêncio. Linda foi até o esconderijo no chão para pegar uma espingarda, mas Bella a deteve.

— Pelo amor de Deus, Linda, acalme-se — murmurou Dolly. — Quem você pensa que é, uma atiradora de elite?

— Lido com atiradores naquele fliperama noite e dia, então sei o que estou fazendo — sussurrou Linda em resposta.

— Sim, mas aquelas armas disparam chumbinhos, não malditos cartuchos recheados de calibre grosso.

— Calem a boca vocês duas — pediu Shirley quando voltaram a bater à porta.

Dolly já estava em movimento com Wolf ao seu lado, pronto para protegê-la se fosse necessário. Ela apagou as luzes, abriu uma fresta na pequena porta embutida no portão principal e espiou. As meninas estavam reunidas à porta do anexo interno, ouvindo.

— Olá. Sou Bill Grant — apresentou-se o homem lá fora. — Sou amigo de Harry Rawlins. Tenho um depósito mais lá embaixo. Você é a Sra. Rawlins, não é?

— O que você quer? — questionou Dolly, sem confirmar sua identidade. — Estou muito ocupada.

— Posso entrar? — perguntou Bill.

— Não. Se eu abrir a porta meu cachorro vai fugir.

— Está certo — disse Bill. — Eu só estava pensando que, com a morte de Harry, a propósito, lamento muito, queria saber se você me venderia ou me alugaria esse depósito. Mas só se estiver pensando nisso. Eu não ficaria aborrecido se recusasse.

Dolly fungou.

— Obrigada pelas condolências — retrucou ela com frieza. — Por que não passa o seu número de telefone por debaixo da porta e eu ligarei para você quando tiver tempo de pensar a respeito?

Dolly fechou a porta e se certificou de que estava trancada. Então, lentamente voltou até onde estavam as outras três, franzindo a testa e tragando um cigarro. Ela soprou a fumaça.

— Alguma de vocês já ouviu falar nesse tal de Bill Grant?

As mulheres se entreolharam e deram de ombros. As três seguiram Dolly até o

santuário das quatro no interior, onde ela pegou um bloco de notas e apagou o cigarro.

— Pode ser que tenhamos mais um problema — comentou. — O sujeito disse que era amigo de Harry e que é dono de um depósito mais abaixo. Ele me viu entrando e se perguntou se tudo estaria bem.

— Por que isso seria um problema? — quis saber Bella.

— Harry nunca disse para ninguém que este era um de seus esconderijos. E ele o alugou sob um nome falso.

Fez-se silêncio à medida que elas avaliavam as implicações do que tinham ouvido.

— E se ele foi mandado pelos Fisher? — gritou Shirley. — Podemos estar mais encrencadas do que pensamos!

Linda tentou argumentar:

— Tony Fisher jamais enviaria outra pessoa para nos intimidar. Ele gosta de participar.

— E se ele achou que poderia topar com Harry? Já pensou nisso? Tony teria medo de Harry, não é, Dolly?

— Esperem um instante — interrompeu Bella, tentando entender toda aquela história. — Por que Tony Fisher pensaria que Harry... estamos falando do seu Harry, certo, Dolly? Então, por que Tony Fisher pensaria que ele está vivo?

Linda e Shirley olharam para Dolly.

— Porque eu disse para Boxer que Harry sobreviveu ao assalto, sabendo que ele diria isso para os Fisher. Eu queria tirá-los de nosso encalço — explicou Dolly.

— Bem, se esse cara foi enviado por Tony, então não funcionou — ponderou Bella com sua voz grave e autoritária.

Ela não tirava os olhos de Dolly, e praticamente dava para ouvir seu cérebro considerando todas as opções.

— Quem você acha que o mandou até aqui?

Dolly acendeu outro cigarro.

— Não sei. Estou achando que ele poderia ser o quarto homem, mas tenho quase certeza de que esse nome não aparece nos livros contábeis. Voltarei ao banco amanhã para verificar. E também vou trazer mais dinheiro para todas vocês.

Enquanto Dolly estudava os blocos à sua frente, as outras se entreolharam. Linda meneou a cabeça para Bella, como quem diz “Vá em frente, pergunte se

isso tudo é mesmo para valer”, mas Bella não disse nada. Com mais dinheiro a caminho, ela não queria balançar o barco. Era o dinheiro mais fácil que ganhava havia muito tempo.

Dolly virou uma página de seu bloco.

— Shirl... você precisa arranjar uns pedaços grandes de lã de algodão, algo como aqueles rolos hospitalares, para rechearmos os macacões.

Shirley estava tão cansada que não conseguiu evitar soar um tanto resmungona:

— Por que sou sempre eu quem tem de fazer as compras? — questionou.

— Porque você é muito boa nisso, querida — respondeu Dolly rapidamente.

— E precisamos encher as mochilas com algo pesado. Linda, você fará isso.

Bella pegou um dos tijolos empilhados no depósito.

— Por que não trabalhamos a nossa forma física? — sugeriu.

Linda aproveitou a oportunidade:

— Poderíamos voltar àquele lugar, o tal do Sanctuary, e levantar uns pesos.

Ela gostaria de uma folga após todo o trabalho árduo que andavam fazendo e realmente adoraria fazer um pouco de sauna. Andava se sentindo muito mais confiante desde que voltara a fazer sexo com regularidade.

Dolly franziu a testa.

— Não vamos ficar brincando com halteres, Linda, vamos usar equipamentos pesados e precisaremos estar prontas para erguer essas mochilas às nossas costas e correr até o carro de fuga.

Shirley observou as roupas masculinas que Dolly estava vestindo.

— Vamos usar botas agora em vez dos tênis que eu comprei? — perguntou.

— Não, os tênis estão ótimos, Shirl — disse Dolly.

— Eu não me importo — retrucou Shirley, pigarreando antes de ousar prosseguir. — Só que, se formos usar botas, posso ficar com os tênis? Eles ficam muito bonitos com o novo macacão que comprei. Você sabe, aquele que não vamos usar no assalto.

— Nossa, ficam mesmo! — concordou Linda, ansiosa.

Dolly não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Podemos voltar aos tijolos? — rebateu.

— Desculpe, Dolly — disse Linda com um sorriso bajulador.

Ela ainda tinha esperança de que voltariam ao spa em algum momento.

— Quantos tijolos você acha que precisaremos colocar em cada mochila?

— Pelo amor de Deus, ponha tantos quanto achar que correspondem a um milhão dividido por três! — respondeu Dolly, exasperada. — Agora, você pode calar a boca e se concentrar? Só teremos uma chance nesse assalto, e tudo precisa ser ensaiado até se tornar algo natural, mecânico.

Ela pegou o mapa de uma pedreira nos arredores de Londres e estendeu-o na mesa de trabalho.

— Nas anotações, Harry menciona que usou essa antiga pedreira para ensaiar os trabalhos. Fica em um lugar muito ermo e está desativada, então era perfeita para eles.

Os olhos de Shirley se encheram de lágrimas. Ela levou a mão à boca e começou a chorar. Linda a abraçou.

— Desculpem. Não é nada. Continue, Dolly — disse Shirley, fungando.

— Não. Por favor, Shirl, se há algo de errado, diga para nós — insistiu Dolly. — Todas precisamos estar o mais fortes possível à medida que o dia do trabalho se aproxima. O que está fazendo com que se sinta assim?

— Eu só me lembrei de uma coisa. Na semana anterior ao... Na semana anterior, Terry chegou com a calça e os sapatos cobertos de pó branco. Você acha que ele esteve lá? Ensaizando com Joe e Harry?

Linda e Dolly se entreolharam. A pedreira era exatamente o lugar onde Terry pegara poeira. Harry nunca trazia poeira da pedreira para casa, é claro, mas ele era muito mais cuidadoso do que Terry. Linda enxugou as lágrimas de Shirley com um lenço.

— Meu Joe nunca trouxe pó branco para casa. Mas pode apostar que a cama da puta loura que ele comia deve ter ficado toda empoeirada.

Linda não estava com raiva e, sim, apática. Sempre soube que Joe nunca voltava direto para casa e achou que era hora de dizer isso em voz alta. Aquilo a fez se sentir bem.

— Vou arranjar outro lugar... — disse Dolly gentilmente.

— Não, está tudo bem. Bobagem minha.

— Shirley, vamos usar outro lugar — decidiu Dolly. — Este é o nosso trabalho, não o deles. Usaremos o nosso próprio lugar de ensaio.

E, com isso, Dolly começou a reunir as suas coisas.

— Tirem o dia de amanhã para descansar, ok? Vamos nos encontrar depois de amanhã, às nove da manhã, para ensaiarmos os movimentos passo a passo até

fazermos tudo direito. Vou telefonar para vocês da linha segura do convento.

As mulheres observaram Dolly terminar de guardar suas coisas, com o pequeno Wolf cheirando seus sapatos, claramente confuso pela mistura de cheiros de Harry e Dolly.

Dolly virou-se para as garotas, que olhavam para ela, e sentiu um nó na garganta. Estava tão feliz por estar com aquelas mulheres; mulheres que se uniram e estavam cuidando tão bem umas das outras. Sim, elas brigavam, mas porque se importavam, não por se odiarem. Abriu a boca para dizer isso, mas mudou de ideia.

— Não esqueça dos tijolos e das mochilas, Linda! Vou trazer todo o resto — disse Dolly antes de ir embora.

Shirley fungou e foi verificar se o fogo na lixeira estava apagado. Quando olhou para baixo, tudo o que viu foram cinzas, nenhuma etiqueta discernível. Feliz por ter feito algo certo, ela disse:

— Foi legal da parte de Dolly mudar o local, não é?

— Sim, foi legal, Shirl — concordou Bella. — Claro que seria melhor se, para variar, ela tivesse ficado para arrumar a bagunça.

Bella recolheu e empilhou as mochilas para que Linda não as esquecesse e foi lavar as canecas de chá.

Linda permaneceu de pé no meio do depósito, olhando para a porta que se fechara.

— Eu adoraria ver o que há nesses livros contábeis.

— Eu não — disse Shirley. — Não quero saber de nada, não preciso saber.

— E como você sabe o que precisa saber? E se não houver uma única palavra nesses livros contábeis e Dolly estiver totalmente pirada? Seria legal saber, não é?

— Isso de novo não — reclamou Shirley, suspirando ao pegar a bolsa. — Preciso ir. A série *Dallas* começa daqui a vinte minutos.

Linda e Bella observaram Shirley ir embora. Ambas teriam de trabalhar até mais tarde naquela noite, então não havia motivo para irem logo para casa.

Enquanto preparava mais chá para servir nas canecas recém-lavadas, Linda não conseguiu evitar reclamar mais um pouco. Bella deixou porque sabia que era bom para a outra colocar os sentimentos para fora, embora fosse bem chato suportar aquilo durante muito tempo.

— Ela nos trata como empregadas — reclamou Linda. — O sobrenome

Rawlins não dá a ela o direito de nos dizer o que fazer o tempo todo. Se somos uma equipe, somos uma equipe. Digo, isso não está parecendo muito com uma “equipe” se somos nós que fazemos todo o trabalho.

Linda entregou uma caneca de chá quente para Bella.

— O que você acha, Bella?

Bella segurou a caneca para aquecer as mãos.

— Não somos uma equipe, Linda. Ela é a chefe, simples assim. Eu não posso pagar a hipoteca da Shirley, comprar um carro ou ter dinheiro suficiente no bolso para não precisar tirar a roupa por um mês ou dois. Você pode?

Linda não disse nada. Bella prosseguiu:

— E eu não quero ver o que há nesses livros contábeis, porque, se isso for para valer e as coisas derem errado, negarei tudo. Quanto menos eu souber, melhor.

Linda sorriu. Ela adorava a sinceridade e a lucidez de Bella. Tomou seu chá e começou a empilhar os tijolos ao lado das mochilas.

Bella se apoiou na mesa da cozinha. Havia algo em Dolly que a incomodava, mas ela não sabia bem o quê. Esperava que a mulher estivesse sendo correta com elas, porque realmente queria fazer aquele trabalho. Decidiu que continuaria fazendo tudo conforme o planejado, mas dali em diante ficaria de olho em Dolly Rawlins.

* * *

Ao chegar ao fliperama, Linda estava se sentindo um caco, mas, quando estava prestes a entrar, viu Carlos passando.

— Para onde você vai assim tão lindo? — gritou.

Carlos parou e sorriu, então ela correu em sua direção para beijá-lo.

— Vou me encontrar com um cara que tem um negócio de aluguel de automóveis. Talvez ele queira que eu cuide da manutenção da frota dele. Vou ganhar uma boa grana se ele topar.

Carlos olhou para o fliperama do qual Linda acabara de sair. Primeiro, ela ficou envergonhada. Ela estava um lixo após um dia no depósito com as outras garotas. Carlos estava a caminho de fechar um grande negócio e Linda estava a caminho de impedir que velhos pervertidos bolinassem as crianças que jogavam nas máquinas do fliperama. *Dane-se*, pensou. *Eu sou quem eu sou*. Ela o beijou ali

mesmo, na rua.

Olhando-o de cima a baixo, Linda abriu um sorriso largo. Não conseguia acreditar que Carlos era todo dela. Joe fora um homem muito bonito, mas um tanto rude. Linda gostava daquilo, mas Carlos era diferente — ele tinha tudo: era elegante, másculo, bonito e forte.

— Você está atrasada! — gritou Charlie atrás de Linda. — Ainda não consegui tirar meu intervalo.

O sorriso de Linda desapareceu em um instante.

— Tudo o que você faz no seu intervalo é ficar na rua olhando as bundas das garotas, Charlie. Elas ainda estarão passando daqui a dez minutos, então vá se ferrar.

Charlie franziu a testa para Carlos. *Essa deve ser a razão por ela estar tão alegre*, pensou. *Esse deve ser o sujeito com quem Linda está transando*. Ele observou enquanto Linda combinava de se encontrar com Carlos no dia seguinte e viu quando deu nele um beijo de despedida, demorando-se e o apalpando por toda parte. Charlie estava de olho em Linda havia anos e nunca conseguira nada. E Carlos parecia um sujeito elegante, com seu terno claro e uma enorme cabeleira encaracolada. Charlie passou por Linda e saiu para a rua, então ela não teve outra escolha senão entrar e assumir o guichê do caixa.

Do outro lado da rua movimentada, Boxer Davis comia um saco de peixe com batata frita. Aquela área do Soho ainda estava viva, com barracas de comida, boates, pubs e fliperamas abertos até tarde da noite. A boate dos Fisher era a atração principal, mas também havia muitos locais mais modestos, opções para todos os gostos. As ruas eram uma mistura eclética de homens descolados como Carlos, desleixados como Charlie e pés de chinelo como Boxer. Executivos se encontravam com funcionárias de escritório, criminosos fechavam negócios, homens e mulheres se embebedavam e pessoas de dezoito a oitenta anos se misturavam. Ninguém parecia deslocado.

Boxer vira Carlos beijando Linda e ainda estava atônito, com uma batata pendurada na boca, quando Charlie passou por ele para buscar a sua comida.

— Tudo bem, Charlie? — perguntou Boxer. — Aquela com quem você estava falando era a mulher de Joe Pirelli? Eu conhecia o marido dela.

Charlie assentiu e continuou andando. Fazia muito tempo que ele não via Boxer e não gostava nem queria conversar com ele. Para Charlie, aquele sujeito

não passava de um bêbado, sempre à espera de uma esmola. Ele olhou para Boxer e observou o terno bem-cortado que estava vestindo. Para variar, tinha uma aparência decente, talvez estivesse cuidando de si mesmo, de modo que Charlie achou que valia a pena lhe dar atenção.

— Vejo você por aí, Boxer... Se precisar de alguma coisa, estou no fliperama.

Boxer sorriu e acenou para Charlie.

— Tranquilo, Charlie. Tranquilo.

Charlie sentiu uma pontada de inveja e então ficou com raiva. *Se algum dia você sentir inveja de Boxer Davis, pensou, é porque chegou a hora de se matar.* Na fila do peixe com batata frita, Charlie revirou os bolsos e logo percebeu que só podia pagar uma porção pequena de batata e um bolinho de peixe. Deus, como ele queria poder sair daquele buraco! A perna realmente o estava incomodando naquele clima frio e ele estava mancando muito. Charlie fora uma criança fraca e, quando a pólio o escolhera entre todos os alunos da escola, ele ficou com uma perna mais curta do que a outra. Apertando as moedas nas mãos úmidas, voltou a colocar uma delas no bolso e segurou delicadamente os testículos. Sorriu, reconfortado, e observou as bundas passarem.

CAPÍTULO 14

Resnick atravessou o corredor da delegacia louco por uma briga que ninguém estava a fim de comprar. Queria resolver as coisas com Saunders antes de se encontrar com Dentes Verdes, mas a delegacia estava deserta afora o pessoal encarregado da pintura e decoração ocupando os corredores, aparentemente com o objetivo específico de ficar no caminho do inspetor. Aquilo estava uma confusão. Sem ser consultado, ele fora transferido para uma sala muito menor enquanto a principal era pintada. Ele vira o projeto e sabia que acabaria em um anexo de vidro transparente. A ideia de as pessoas poderem vê-lo enquanto vagava a esmo, pensava, fumava e trabalhava o deixava furioso. Ele era um homem reservado que confiava em poucas pessoas — só de se imaginar trabalhando em um aquário o seu sangue fervia.

— Alice! — gritou Resnick. — Ali...

Alice enfiou a cabeça na fresta de uma porta. Carregava todas as pastas da mesa de Resnick, cuidadosamente guardadas em uma caixa. Em cima da caixa havia um sanduíche da máquina de venda automática.

— O seu gabinete de arquivos está trancado na minha sala. Eu tenho a chave. Estas pastas ficarão na gaveta da minha escrivaninha até sua mesa ser transferida, e Saunders foi para casa porque o cheiro de tinta estava lhe dando dor de cabeça. Ele vai continuar revisando seu caso amanhã, então é melhor você estar disponível. Palavras dele, não minhas.

Alice indicou o sanduíche com a cabeça.

— Queijo e presunto. Imagino que você ainda não tenha comido.

— Obrigado, Alice.

Resnick pegou o sanduíche e foi em direção à saída para encontrar seu informante, Dentes Verdes.

— Como foi o seu dia? — gritou Alice.

— Encontramos o sujeito da panificadora que provavelmente ajudou Rawlins.

Mas não posso interrogá-lo porque está morto.

Não havia nada que Alice pudesse dizer para que Resnick se sentisse melhor quanto àquilo, mas, geralmente, apoio moral era tudo o que ele desejava.

— Bem, espero que Dentes Verdes tenha notícias melhores para você. Boa noite, senhor.

Ela lhe lançou um sorriso doce e saiu.

* * *

Apenas dez minutos depois, Resnick estava no banco de trás da viatura com a pasta aberta no colo enquanto Fuller dirigia até o Regent's Park. Discretamente, Andrews olhou para o chefe por cima do ombro: a concentração no rosto do velho era fascinante. Seus olhos vasculhavam as páginas enquanto lia os relatórios rapidamente, procurando qualquer coisa que pudesse levá-lo aos livros contábeis de Rawlins. As anotações a respeito da vigilância à Dolly Rawlins eram bem interessantes: cabeleireiros, o Sanctuary, banco, cabeleireiro, convento, banco, cabeleireiro...

— Andrews, pergunte à equipe de vigilância onde Dolly Rawlins está agora.

— Em casa. Eles informaram pelo rádio enquanto você estava na delegacia.

— Você reparou em quantas vezes ela vai ao cabeleireiro? Não? E ao banco? Quantas vezes ela despistou você, Fuller? Andrews?

Fuller e Andrews não responderam. Ao menos Andrews teve a decência de se sentir envergonhado; Fuller pareceu entediado.

— Você acha que ela está brincando com vocês, Andrews, ou acha que ela está tramando alguma coisa?

— Eu não saberia dizer, senhor.

— Não, você não saberia, seu...

Resnick estava muito cansado para abusar mais de Andrews naquele dia.

— Aqui vai outra pergunta que você não saberá responder: ela é muito boa em despistar a polícia ou vocês é que são uns vigilantes de merda? Acho que nunca saberemos, não é?

Resnick acendeu um cigarro e tragou profundamente. Fuller estremeceu e começou a abrir a janela enquanto a fumaça rodopiava no interior do carro.

— Feche — reclamou Resnick. — Está frio aqui atrás.

Fuller pisou no freio, fazendo o veículo parar bruscamente. Os papéis de Resnick caíram no chão e ele olhou feio para o motorista.

— Regent's Park, como pediu... senhor — disse Fuller, sabendo como irritar Resnick.

O inspetor recolheu os papéis, enfiou-os na pasta e abriu a porta do carro. Deu uma última olhada em seus “melhores homens”: Fuller olhava para a frente com um sorriso estúpido no rosto enquanto Andrews bocejava. *Meu Deus, que dupla de idiotas*, pensou enquanto fechava a porta do carro. Talvez tivesse sorte com Dentes Verdes. Ele sem dúvida precisava de boas notícias.

Resnick entrou no parque e sentou-se em um banco, mastigando seu sanduíche, sua única refeição o dia inteiro. Olhou hipnotizado para os galhos que balançavam nas árvores; estava muito cansado. Sabia que Dentes Verdes o teria visto chegar, sairia de seu esconderijo e se juntaria a ele no banco quando estivesse pronto.

De fato, assim que Fuller e Andrews sumiram de vista, Dentes Verdes sentou-se ao lado de Resnick com toda a sutileza de um vilão de TV. Então, olhou para o sanduíche como um cachorro faminto. O inspetor entregou-lhe o que restava e teve de esperar que Dentes Verdes enchesse a pança antes de começar a falar.

— O que é tão importante? — perguntou afinal.

— Há um boato se espalhando com força por aí, Sr. Resnick — murmurou Dentes Verdes, cuspidando migalhas no casaco do policial, que se afastou e acendeu um cigarro. — É sobre Harry Rawlins.

— Bem, eu espero que seja — retrucou Resnick, tirando os pedaços babados de pão e queijo do casaco.

— Se alguém colocasse as mãos nos livros contábeis dele, seria como ter a maldita lâmpada de Aladdin... Entende o que quero dizer?

— E quem está com esses livros?

— Ele mesmo. Harry Rawlins.

Resnick estalou a língua.

— Eu vim até aqui para ouvir esse monte de besteiras?

— Não, é sério — insistiu Dentes Verdes.

— Como é que você conseguiu essa informação? — inquiriu Resnick, furioso. — Você não está à altura de Harry Rawlins, companheiro! E, mesmo que isso fosse verdade, esse tipo de informação jamais chegaria até você!

— Boxer Davis está gastando um dinheirão por aí e botando a boca no trombone. Ele está até usando as roupas de Harry.

Resnick estreitou os olhos.

Boxer Davis sem dúvida estava à altura de Dentes Verdes, então era possível que ele tivesse ouvido alguma coisa.

— Boxer foi funcionário de Harry durante anos e está dizendo para todo mundo que voltou a trabalhar para ele.

Resnick jogou o cigarro na grama e começou a se afastar.

— Espere! — gritou Dentes Verdes, seguindo-o e segurando-lhe o braço.

Resnick livrou-se bruscamente.

— Não pago para ouvir boatos. E não segure o meu casaco. Olha só: você também me sujou de queijo! Era você quem deveria me pagar por estar sujando a minha roupa.

Dentes Verdes fungou e tirou restinhos de pão dos dentes. Resnick entregou-lhe cinco libras e voltou para o carro.

* * *

Quando Fuller desacelerou diante dos portões principais em sua terceira volta pelo parque, viu Resnick mijando atrás de uma árvore.

— Olha só isso — disse Fuller, desgostoso. — Como vou ser promovido tendo de contar com as referências desse cara?

Resnick caminhou em direção ao carro, limpando as mãos na parte de trás da calça e acendendo outro cigarro. Andrews riu.

— Agora ele vai sentar com a bunda mijada no seu banco limpo e jogar fumaça na sua cara.

Mas Resnick estava muito comedido ao voltar para o carro.

— Dentes Verdes acha que Boxer Davis ficou muito bem de vida de uma hora para outra. Ele está espalhando por aí que está trabalhando para...

Resnick fez uma breve pausa e pensou no que o informante lhe dissera.

— Enfim... Esqueçam. De qualquer modo, deve ser um monte de besteiras.

— Por que você está duvidando da informação? — perguntou Fuller.

Ele ficou satisfeito pelo fato daquilo ser um monte de besteiras, mas ainda estava ansioso por saber o que era, para poder adicionar o fracasso à sua lista de

gafes do chefe.

Resnick suspirou.

— Ele anda espalhando por aí que está trabalhando para Harry Rawlins.

Andrews coçou a cabeça.

— O que? Dentes Verdes está trabalhando para Rawlins?

Resnick bufou e cuspiu a guimba pela janela.

— Dentes Verdes não! Boxer Davis, seu idiota! Ao que parece, Boxer está andando por aí vestindo um dos ternos caros e um par de sapatos de Harry. E anda gastando muito dinheiro.

Ainda esfregando a cabeça, Andrews ergueu as sobrancelhas e se voltou para o chefe.

— Talvez Boxer esteja trabalhando para Dolly. Ele foi à casa dela algumas vezes.

Resnick ficou atônito.

— Que ideia idiota — rebateu.

Fuller franziu a testa para Andrews.

— É impossível que uma velha que passa a maior parte do tempo entre cabeleireiros e um monte de freiras esteja contratando ex-condenados como Boxer Davis.

— Calem a boca vocês dois! Fuller, vamos ao Soho. Quero dar uma olhada em Boxer Davis e, se ele estiver lá, vamos pegá-lo.

— Mas é quase meia-noite! — exclamou Fuller.

— Então é provável que o encontremos, não é? Esses ex-condenados não dormem às nove como vocês, seu bando de puritanos.

Fuller e Andrews trocaram um olhar; então Fuller ligou o carro e se dirigiu ao Soho.

* * *

Boxer voltou ao seu quarto decrepito com a porção de peixe com batata frita e, pela terceira vez, contou o dinheiro que Dolly lhe dera. Estava empolgadíssimo enquanto dispunha as notas em pilhas na cama. Dolly lhe dissera que Harry ainda estava escondido e que seria melhor ele fazer o mesmo e sair da cidade por algumas semanas. Dera a Boxer o endereço de uma boa pousada no campo e disse

que lhe daria mais dinheiro antes da viagem. Harry entraria em contato com ele na pousada na hora certa. O capanga engolira tudo: anzol, linha e chumbo.

Ele estendeu a mão até a mesa de cabeceira, pegou uma foto desbotada e sem moldura dele com o filho e olhou para ela por um instante. O menino estava empoleirado nos ombros dele, acenando para a câmera. Boxer esfregou o nariz achatado. Seu menino já devia ter uns oito anos. Ele balançou a cabeça, irritado consigo mesmo por não se lembrar da idade do próprio filho, e se perguntou se deveria procurar a ex-mulher, Ruby, para voltar a ver seu garotinho. Ela ficaria orgulhosa por ele ainda estar sóbrio, pensou, e o filho talvez até se orgulhasse ao vê-lo trajando um terno novo e sapatos bem-engraxados.

Boxer apoiou cuidadosamente a foto no abajur da mesa de cabeceira. Afora a saudade do filho, ele se sentia muito, muito bem. Balançou a cabeça e riu ao pensar que seu velho amigo e chefe, Harry Rawlins, estava mexendo os pauzinhos debaixo do nariz de todo mundo. Ele pegou algumas batatas frias e enfiou na boca, mas já estavam murchas, então cuspiu tudo no papel de embrulho, amassou-o e jogou-o na cesta de lixo já transbordante. Analisou o quarto sujo e maltratado.

— Que pocilga... — murmurou, mas, então, se alegrou.

As coisas estavam prestes a mudar para melhor. Harry Rawlins arranjará um lugar decente para ele morar e o pagaria bem.

— Estou subindo na vida, meu filho — disse Boxer para a foto. — Eu gostaria de levar você comigo. Espero que me deixe tentar.

Acomodando o corpanzil em uma poltrona puída e esfarrapada, ele fechou os olhos e pensou em Harry. Podia vê-lo claramente, como se estivesse ali no quarto, de pé à sua frente.

A primeira vez em que o vira fora no ringue, em uma noite de boxe no York Hall, em Bethnal Green. Boxer estava prestes a passar por baixo das cordas e entrar no ringue quando sentiu um puxão no seu roupão. Ao olhar para trás, viu um jovem com um charuto na boca.

— Harry Rawlins — apresentou-se. — Apostei muito dinheiro em você esta noite, meu filho, então nocauteie esse cara e eu lhe darei duzentas libras.

A luta terminou no terceiro round e Harry foi fiel à sua palavra. *Era um ladrão honrado*, pensou, e isso era o que Boxer sempre adorara nele: com Harry, você sabia onde estava pisando.

Uma batida forte à porta interrompeu o devaneio de Boxer, que abriu os olhos. Ouviu alguém ofegante do lado de fora.

— Ei, Boxer! Você está aí? Boxer, abra, você está me ouvindo?

Boxer ficou em silêncio. Era Fran, a senhoria de dez toneladas — obesa, com excesso de maquiagem e hálito podre, batizada Frances Welland. Ele se lembrava vagamente que certa vez, quando ainda bebia e estava muito embriagado, ela o assediou e, para seu grande pesar, eles acabaram transando. Ele era grato por não se lembrar do sexo, mas se lembrava de ter acordado e a visto ao seu lado na cama. Boxer sabia que ela queria repetir a dose, mas ele estava decidido a ignorá-la.

A maçaneta da porta chacoalhou.

— Boxer! Eu sei que você está aí dentro. Tem visita para você... abra a porta!

Relutante, ele se levantou e destrancou a porta. O visitante estava oculto pelo imenso corpo de Fran, e Boxer só percebeu quem era quando o sujeito deu um passo à frente. O rosto de Boxer se iluminou em um largo sorriso.

— Eddie Rawlins, meu velho amigo! Entre, entre.

Boxer arrastou Eddie para dentro do quarto e, com um sorriso, fechou a porta na cara de Fran. Boxer sempre sorria para ela, pois não queria que o despejasse.

Ele foi até a pequena cozinha no canto do quarto e colocou a chaleira no fogo.

— Que bom ver você, Eddie. Infelizmente não tenho muito a oferecer, mas sempre tenho chá.

— Não, não precisa — insistiu Eddie. — Vamos celebrar este encontro apropriadamente.

Ele tirou uma garrafa de puro malte do bolso do casaco e bateu-a na mesa.

— Você tem copos?

Os olhos de Boxer se arregalaram. O desejo por álcool voltou em uma fração de segundo, mas ele abriu um sorriso largo:

— Parei há meses, Eddie. Mas não me incomodo de você beber.

Boxer entregou uma caneca lascada e manchada para Eddie e ambos se sentaram à mesinha sob a janela.

— Vamos lá, Boxer. Tome um gole comigo... vamos beber por Harry.

Boxer sorriu e ergueu as mãos. Eddie devia saber de tudo, ele devia saber que Harry estava vivo e bem e que planejava retomar seu território dos Fisher.

— Nesse caso, acho que um traguinho cairia bem.

Ele se sentiu ainda mais animado: a velha gangue estava voltando a se reunir.

Boxer baixou uma segunda caneca na mesa e Eddie falou enquanto o servia. Começou a reclamar da mulher e das crianças, então do negócio de ferro-velho, o tempo todo enchendo a caneca de Boxer. Cada vez que ele servia uma dose dupla para Boxer, servia-se de uma simples e, meia hora depois, Boxer começou a ficar bêbado.

Eddie falou tanto que Boxer não conseguiu dizer nada. Ele estava louco para perguntar sobre Harry, mas imaginou que Eddie tocaria no assunto quando estivesse pronto. Na vez seguinte em que o primo do chefe fez menção de lhe servir mais uísque, Boxer colocou a mão sobre a caneca.

— Eu não bebo há muito tempo, Eddie. Está indo direto para a minha cabeça. Acho melhor parar.

— Não se preocupe, Boxer, meu velho amigo — disse Eddie gentilmente. — Vou cuidar de você.

Então o outro tirou a mão da caneca e Eddie esvaziou a garrafa.

Quando Boxer tomou outro gole, o telefone público no patamar da escada tocou. Boxer ignorou.

— Deve ser para a Fran — disse ele com um dar de ombros embriagado.

O telefone continuou a tocar.

— Onde se enfiou essa velha gorda e preguiçosa?

Contudo, Fran acabou movendo o corpo volumoso da poltrona e foi até o patamar.

— Boxer! É para você! — berrou escada acima.

Até Eddie estremeceu.

Completamente bêbado, Boxer derrubou a cadeira ao se levantar e se arrastou em direção à porta. Fran esperava no patamar, ofegante, enquanto Boxer se apoiava no corrimão e cambaleava escada abaixo.

— Pensei que você tivesse ficado surdo — ralhcou ao lhe entregar o telefone.

Boxer agarrou Fran em seus braços, apertou-a com firmeza e a beijou demoradamente.

— Ah! — disse ela, sorrindo.

Então ela sussurrou em seu ouvido:

— Quando seu amigo for embora, tenho uma garrafa de um bom gim no meu quarto e um cobertor elétrico para aquecer a cama...

Boxer acenou para Fran enquanto ela se afastava, sorrindo estupidamente e observando sua bunda enorme com luxúria bêbada. Através das lentes de seus olhos embriagados, ela parecia bem adorável.

— Quem é? — disse Boxer ao telefone.

Após uma pausa, ele gritou:

— Doll! Como vai você?

— Você andou bebendo? — questionou Dolly.

Ela só ligara para perguntar se Boxer já fizera as malas e estava pronto para ir para a pousada que ela recomendara.

— Bebi um pouco, Dolly, mas não se preocupe. Está tudo sob controle — disse ele, soluçando. — Estou de malas prontas. Ah, adivinha o que eu vi no Soho. Você vai morrer de rir... A viúva de Joe Pirelli com um rapaz italiano chamado Carlos! Ela realmente deve curtir italianos, não é? Mas sabe quem ele é, Dolly? Nada menos que o mecânico amante de Arnie Fisher!

Boxer estava rindo tão alto que não conseguiu ouvir a resposta de Dolly.

— Carlos de quê? — repetiu Dolly com a voz severa.

Tudo o que ela podia ouvir era Boxer tossindo e ofegando enquanto recuperava o fôlego.

— Boxer! Carlos de quê?

Ignorando-a, Boxer prosseguiu:

— Não é uma graça, Doll? Nós e aquela vadiazinha tiramos tudo o que Arnie tinha e ele nem percebeu!

Na gargalhada seguinte, Boxer deixou cair o fone no chão. No momento em que instintivamente se abaixou para pegá-lo, viu Eddie na escada atrás dele.

— Ah, Dolly, você jamais vai adivinhar quem veio me visitar...

Em um átimo, a mão enluvada de Eddie pressionou o gancho e cortou a ligação. Boxer cambaleou e tropeçou ao se virar, mas Eddie o amparou.

— Vamos, não temos tempo para conversa fiada — disse Eddie com um enorme sorriso no rosto. — Vou levar você para o West. Por minha conta.

Boxer não precisou ser convidado duas vezes.

* * *

Resnick e Fuller estavam estacionados do lado de fora do último endereço

conhecido de Boxer Davis, aquele que ele declarara havia seis meses ao ser preso por baderna e bebedeira. Andrews desceu os degraus da pensão miserável e entrou no carro.

— Boxer não mora mais aqui, mas a senhoria me deu um endereço em Ladbroke Grove onde acha que ele pode estar morando agora.

Fuller deu a partida no carro e Resnick baixou o chapéu sobre os olhos.

— Guarde as minhas palavras: Boxer Davis é uma grande peça do nosso quebra-cabeça. Uma peça enorme, feia e estúpida. Ele vai contar tudo o que precisamos saber.

Sorrindo para si mesmo, o inspetor fechou os olhos e começou a roncar em segundos.

* * *

No Sports Club, Boxer estava completamente embriagado, mal conseguindo encadear uma frase. Ficou com Eddie diante do balcão, cercado por um punhado de espectadores ouvindo-o reviver sua última luta, golpe a golpe. As paredes do clube eram cobertas de fotos desbotadas de boxeadores e lutadores aposentados, entre eles Boxer. Seu público sabia quem ele era, mas também sabia que estava longe de sua melhor forma e que a luta que ele estava narrando ocorrera ao menos vinte anos antes. Ainda assim, eles ouviam. Um ou dois chegaram a aplaudi-lo e a encorajá-lo. Enquanto revivia essas lembranças, Boxer se sentia em casa, agitando os braços, desferindo socos no ar, se agachando e se esquivando. À certa altura girou e derramou bebida em um sujeito que estava atrás dele. Desmanchando-se em desculpas, Boxer abraçou o baixinho e deu-lhe um beijo babado na careca.

A única pessoa na multidão que não estava ouvindo Boxer era Eddie, de olho na porta do bar. Finalmente viu o que esperava. Um homem vestido em traje casual — jeans e casaco de aviador — apareceu brevemente, meio oculto pelas sombras, e acenou com a cabeça para ele. Embora o rosto não estivesse visível, Eddie sabia quem era. Acenou em resposta e o negócio estava selado.

Mais um giro e Boxer se chocou contra o balcão, derrubando uma bandeja de copos sujos. O barman perdeu a paciência e pediu que Eddie o tirasse dali pelo beco dos fundos. Ele não queria que bêbados saíssem cambaleando pela porta da

frente e vomitassem nos degraus.

Eddie e o baixinho careca, ainda encharcado de cerveja, saíram no beco pela porta dos fundos, com Boxer entre eles. Música alta vinha dos bares na rua, havia lixo e caixas de cerveja empilhadas perto das portas e um velho mendigo catava restos em uma lixeira.

Boxer caiu de joelhos assim que o ar frio da noite o atingiu. Eddie olhou para o beco e viu os faróis de um carro piscarem uma vez. Tudo o que ele precisava fazer agora era se livrar do careca.

— Vamos para um bar de strippers? — perguntou Eddie, fingindo estar bêbado. — Que tal a gente ir ver uns peitos e bundas, hein, Boxer? Por minha conta. Você também, cara...

Eddie verificou os bolsos e virou-se para o careca.

— Merda, esqueci minha carteira no bar. Pode me fazer um favor? Pode ir lá dentro pegá-la para mim enquanto eu levanto esse cara do chão?

Já vislumbrando a noitada com mulheres e cerveja de graça que desfrutaria, o sujeito entrou depressa no clube.

No momento em que o careca sumiu de vista, Eddie começou a caminhar apressadamente na direção oposta ao carro. Boxer levantou-se com dificuldade, agarrou-se a uma lixeira e gemeu:

— Espere por mim, Eddie. Espere por mim!

O carro buzinou. Boxer virou-se e olhou para ver se era um conhecido. De repente, os faróis altos foram ligados e Boxer ergueu a mão para proteger os olhos. Então os faróis se apagaram, o motor rugiu e o carro acelerou pelo beco, derrubando lixeiras e detritos. Ainda ofuscado pela luz, Boxer não conseguia ver claramente, apenas ouvia o motor se aproximando com rapidez. Mas seu cérebro embriagado não conseguiu mover as próprias pernas. O carro o atingiu, fazendo-o rodopiar no ar, rolar sobre o carro e cair no chão com um baque abominável. Pedacos de papel, garrafas vazias, caixas encharcadas de chuva e outros detritos voaram ao seu redor enquanto ele tentava se mover, se levantar e chegar a um lugar seguro.

O carro parou ao fim do beco. Pelo retrovisor, o motorista viu Boxer ficar de quatro.

— Velho durão — murmurou para si mesmo.

Então engatou a ré, acelerou e atropelou Boxer não uma, mas duas vezes,

batendo o para-choque traseiro contra o muro do beco no processo. O carro deixou o beco lentamente com as lanternas traseiras quebradas e piscando.

Boxer ficou deitado em meio à merda e ao lixo, alquebrado e sangrando. Respirava com dificuldade enquanto seus pulmões tentavam desesperadamente se encherem de ar. Ele via as luzes da rua, mas ninguém podia vê-lo na escuridão do beco. Parcialmente anestesiado pela enorme quantidade de álcool que ingerira, conseguiu rastejar alguns metros até as luzes antes de desabar, inconsciente, no meio de uma pilha de lixo. Daria para vê-lo da rua caso alguém se desse ao trabalho de olhar — mas mesmo que alguém vislumbrasse um braço despontando por trás das caixas, simplesmente pensaria se tratar de um bêbado e o ignoraria.

O careca saiu do clube e entrou no beco.

— Sua carteira não está no...

Mas o beco estava deserto.

— Lá se foi minha noite — lamentou-se ao voltar para o clube. — Tomara que peguem gonorreia.

CAPÍTULO 15

Dolly estava na cozinha do convento descascando batatas para o almoço. Normalmente ela servia o jantar para as crianças, mas, naquele dia, decidira chegar mais cedo e ajudar. Estava cheia de energia e precisava extravasá-la de alguma maneira.

Por volta das sete da manhã, quando parou o carro no estacionamento do convento, ocorreu-lhe que talvez Bella estivesse voltando do trabalho somente agora. Ela trabalhava muito, provavelmente em troca de pouquíssimo dinheiro, e, no entanto, era uma das pessoas mais fortes que Dolly já conhecera. Linda com certeza ainda estaria na cama — ela nunca ouvia os conselhos de Dolly. Agora, quanto a Shirley... Dolly sorriu. Shirley estava começando a entender seu modo de pensar.

Depois de ajudar as crianças a arrumarem a cama, Dolly foi ao berçário para ajudar a alimentar os bebês. Ao entrar na sala, ficou chocada ao ver um bebê deitado no berço que doara. Ela sabia que suas coisas estavam todas ali e estava exultante por tudo estar sendo usado, mas ainda assim achou aquilo muito perturbador. Uma das freiras entregou uma mamadeira com leite quente para Dolly e, sem dizer palavra, saiu do berçário.

Dolly caminhou devagar em direção ao berço do filho falecido e olhou para a criança rejeitada que o ocupava agora. Na etiqueta do berço, havia seu nome: “Ben”.

— Olá, Ben — sussurrou Dolly.

O bebê se espreguiçou e abriu os olhos ao ouvir o som de sua voz. Eles se olharam por alguns instantes, avaliando um ao outro e decidindo que se dariam bem. O coração de Dolly se dividia entre dois sentimentos: tristeza ao pensar em como alguém poderia abandonar Ben e orgulho por saber que ela teria sido uma ótima mãe. Dolly alimentara muitos bebês no convento desde a perda de seu próprio filho, mas aquela era a primeira vez que se inclinava sobre o berço

comprado por Harry havia tantos anos e pegava dali um bebê lindo e perfeito. Ela o acalentou em seus braços e, naquele momento, sentiu que todos os sentimentos de perda ligados ao passado desapareciam — tanto de seu próprio passado quanto do de Ben — e Dolly se concentrou apenas no presente.

Ela verificou a temperatura do leite no próprio pulso e disse:

— Eu sou Dolly e vou lhe dar o seu café da manhã.

Com as batatas descascadas, cortadas e cozinhando em uma panela enorme, Dolly refogou os legumes picados, engrossando-os com caldo de carne antes de transferi-los para uma assadeira grande. Então fez um purê com as batatas, espalhou-o sobre o refogado e colocou tudo no forno para gratinar.

Dolly ralou um bloco inteiro de queijo enquanto olhava pela janela para as crianças brincando no jardim. Além da cerca, viu a viatura descaracterizada de onde dois policiais aparentemente entediados vigiavam o convento.

— Continuem vigiando, garotos — murmurou enquanto ralava o queijo. — Porque eu vou fazer esse negócio... e bem debaixo do nariz de Resnick.

* * *

Depois do almoço, Dolly saiu do convento, dirigiu até Knightsbridge e parou no estacionamento de clientes da Harrods. Entrou no prédio pelas portas principais e percorreu diversos departamentos antes de parar para experimentar um chapéu. Enquanto se virava para ver algumas peças, olhava para o espelho para avaliar a distância do policial que a seguia. Segundo os seus cálculos, ela só teria tempo de sair pela porta do canto, ganhar a rua movimentada e, então, entrar na estação de metrô antes que ele descobrisse para onde ela fora.

Uma vez na estação, Dolly comprou um jornal, foi até a bilheteria e comprou uma passagem de ida e volta para Leicester Square. Pelo vidro do guichê, observou os reflexos das pessoas que passavam atrás dela, mas não viu o policial que a seguira na Harrods, embora ainda estivesse preocupada. Qualquer um naquele mar de rostos desconhecidos poderia ser outro policial à paisana esperando para assumir a perseguição.

Depois de sair do trem, Dolly ziguezagueou até o banco, mudando diversas vezes de direção ao longo do caminho para se certificar de que não estava sendo seguida. Parou em frente à Army and Navy Store, na Strand, e admirou algumas

vitrines embora estivesse mais interessada no reflexo do que nas mercadorias expostas. Quando teve certeza de que estava sozinha, foi ao banco. Ela precisava verificar se os livros contáveis mencionavam Bill Grant e também tinha de pegar mais dinheiro para as garotas.

* * *

A mãe de Shirley, Audrey, estava morrendo de frio: seus pés estavam dormentes e nem mesmo as botas forradas de pelo ajudavam. Ela bateu os pés e bafejou nas mãos em concha, cobertas por luvas de couro fino. O movimento estava fraco por causa do frio e ela não vendia nada desde as dez horas. Audrey queria tomar um café, mas não gostava de ingerir muito líquido, pois ficaria com vontade de fazer xixi, o que a obrigaria a pedir que Cara de Cogumelo, na barraca ao lado, cuidasse do seu negócio. Isso significaria dez pences para Audrey, dez pences para ele, e então ela teria dificuldade para explicar ao verdureiro por que os ganhos tinham sido baixos em relação aos produtos vendidos.

Ela tentou se ocupar observando as pessoas e logo viu Tony Fisher chegar em um carro elegante. Conhecia Tony havia muito tempo — a mãe dela e a dele trabalharam juntas no Covent Garden Market antes de o mercado ser transferido para Nine Elms. Na última vez em que ouvira falar da mãe de Tony, Audrey soube que estava trabalhando como faxineira em uma grande empresa em Aldwych.

Ela observou Tony sair do carro — sujeito bonito, pensou, bem-vestido, e o casaco de casimira que trazia às costas devia custar algumas centenas de libras. Audrey deu de ombros. A pobre e velha mãe limpando escritórios e lá estava ele, parecendo um modelo saído de uma revista de moda! Ela balançou a cabeça e ajeitou sua pilha de sacos de papel.

Quando voltou a olhar, percebeu que Tony caminhava diretamente em sua direção. Ela disfarçou o medo e sorriu para ele. Tony assentiu. *O abusado vai exigir uma maçã grátis ou algo assim*, pensou Audrey. Embora conhecesse Tony a vida toda, não tinha nenhuma ilusão de que isso lhe garantiria um tratamento diferenciado. Ela conhecia a sua reputação. Nervosa, tocou o chapéu de lã e percebeu que Cara de Cogumelo olhava para Tony e depois rapidamente para ela.

— Algum problema? — perguntou Tony em tom amável, e o idiota deu-lhe as costas.

Audrey percebeu que todos os outros vendedores por perto também deram uma olhada em Tony e agora evitavam contato visual. Sabiam reconhecer um problema assim que o viam.

— Belas maçãs, Audrey — elogiou Tony com um sorriso radiante.

Quando mais novo, Tony era um garoto irreverente, mas agora havia um ar ameaçador nele, algo difícil de decifrar.

Ela poliu e ensacou uma maçã para Tony e esperou em vão que isso fosse tudo o que ele desejava. Agora, Audrey gostaria de ter tomado muito, muito mais café e ido ao banheiro, deixando que Cara de Cogumelo lidasse com Tony.

Ele deu uma mordida na maçã e pareceu satisfeito. Audrey soltou um suspiro de alívio, mas sabia que Tony não estava ali apenas para comer uma fruta.

— Doce e gostosa — observou Tony. — Assim como a sua Shirley.

O sorriso de Audrey desapareceu em uma fração de segundo.

— Onde ela está morando agora?

Audrey sabia muito bem que gente como Tony Fisher não aparecia do nada para uma conversa amigável. Eles sempre queriam algo, em geral algo que você não queria dar. A ideia de ele querer algo de Shirley fez correr um arrepio pela sua espinha.

— Não a vejo desde o funeral de Terry. Na última vez que a vi, ela me disse que iria para a Espanha para um trabalho de modelo — disse Audrey sem convicção.

De repente, Shirley estava cheia de dinheiro. Será que sua menina tinha se envolvido com os Fisher?

Tony segurou a borda da barraca.

— Perguntei onde ela está morando.

— Ela se muda muito. Fica na casa de amigos... você sabe como é.

Com um forte puxão, Tony sacudiu a barraca para que as frutas mais frouxas rolassem na sarjeta que corria ao longo do mercado.

— Por favor, Tony. Não faça isso.

— No próximo puxão vai cair tudo. E para quê, Aud? Eu só quero falar com ela, só isso.

— Deixe Shirley em paz, está bem? Ela passou por muita coisa e...

Quando ela parou de falar, Tony percebeu que Audrey estava olhando por sobre o seu ombro e balançando a cabeça de leve.

— Oi, mãe, você viu como o Greg é inútil? Aquele carro que ele me vendeu está dando problema de novo e eu...

Quando Shirley viu Tony, o resto da frase ficou preso em sua garganta e a cor se esvaiu de seu rosto.

— Oi, Shirley, que tal a Espanha?

Tony virou-se devagar e olhou para sua testa com um sorriso ameaçador.

Audrey se adiantou:

— Eu acabei de dizer para o Tony que você estava na Espanha trabalhando como modelo. Ele estava me perguntando por onde você andava.

Tony olhou para Shirley de cima a baixo, parando para admirar os seus seios.

— Você está linda, Shirl.

— Obrigada — gaguejou Shirley.

Ela não fazia ideia de como lidar com gente como Tony Fisher.

— Eu estava pensando se não poderíamos conversar um pouco. Vamos até a sua casa. Lá será mais tranquilo.

Audrey voltou a interferir:

— Vou lhe dar algo para levar — disse ela, tentando desesperadamente manter a calma enquanto embrulhava algumas cenouras e as entregava para Shirley. — Ela está morando comigo agora, não é, Shirl? Tome, leve isto. Vamos comê-las na hora do chá. Não vou demorar muito. Não mesmo.

Audrey sabia que não conseguiria impedir que Tony fosse embora do mercado com a sua filha, mas esperava que, se fossem para a casa dela, Greg ainda estivesse lá com seus amigos idiotas.

— Sobre o que você quer falar comigo? — perguntou Shirley, apertando nervosamente o embrulho com as cenouras até rasgá-lo.

Tony agarrou-a pelo braço.

— Vamos. Podemos conversar na casa da sua mãe.

Ele levou Shirley até o carro, agarrando o seu cotovelo com tanta força que ela foi incapaz de lutar contra.

Shirley olhou para a mãe, que moveu a boca dizendo que iria em seguida, mas nenhuma das duas sabia se ela seria rápida o bastante. No segundo em que o carro de Tony sumiu de vista, Audrey jogou a pochete de dinheiro para Cara de

Cogumelo e correu o mais depressa que pôde até o pub, onde esperava conseguir uma carona para casa. Se ninguém pudesse ajudá-la, ela correria por todo o caminho, estimulada pelo medo do que aquele filho da mãe poderia fazer com a sua menina.

* * *

Na cozinha de Audrey, Tony precisou abrir caminho em meio à roupa suja e aos sacos de lixo. A tábua de passar estava lotada de roupas amarrotadas, a mesa da cozinha ainda tinha louça suja do café da manhã e havia uma semana de pratos sujos empilhados na pia e espalhados por todo o corredor. Era nojento.

— Greg, você está em casa? — gritou Shirley, mas não obteve resposta. — Quero falar com você sobre o carro! Desça se estiver aí!

Tony tirou o casaco de casimira, dobrou-o e colocou-o na tábua de passar.

— Só nós dois — sussurrou com malícia.

Ele puxou duas cadeiras da mesa da cozinha, sentou-se em uma delas e apontou para a outra.

— Sente-se.

Shirley estava trêmula. Ela não era inteligente como Linda. Sentia medo e sabia que estava demonstrando.

— Vou preparar um café — disse ela.

Qualquer coisa para manter distância de Tony.

Tony gostava de Shirley desde que a vira cinco anos antes, quando ela ainda era adolescente. Jamais entenderia por que se casara com aquele babaca do Terry. Certa vez, Terry a levava a uma festa particular na boate. Shirley devia ter uns dezesseis ou dezessete anos na época, mas já estava bem formada, com um visual revigorante e parecendo madura o suficiente para ser colhida. Tony cruzou as pernas, ajeitou o saco e começou a pensar no que gostaria de fazer com ela.

Shirley tremia incontrolavelmente ao abrir a porta da geladeira para pegar o leite. Tony a viu baixar a cabeça adorável para cheirar a garrafa.

Ela fez uma careta.

— Vai ter que ser café puro — disse nervosa, enquanto colocava a chaleira no fogo.

Tony não disse nada, apenas ficou observando. Todo movimento que ela fazia

era sensual. Quanto mais nervosa, mais sensual parecia, e mais excitado ele ficava.

Shirley teve de passar por ele para pegar o pó de café. Ao fazê-lo, ele de repente a agarrou e a puxou para o seu colo. Ela se sentou, rígida, e ele se inclinou para cheirar seu pescoço. Tinha cheiro de limão fresco. Tocou sua pele clara e delicada e ela estremeceu de medo enquanto ele movia os dedos para cima e para baixo. Tony começou a abrir os botões da blusa dela.

— Você deve saber como é bonita. Você gosta do efeito que tem sobre os homens?

— Não — balbuciou Shirley. — Eu não sei... não faço nada de propósito.

Ela tentou detê-lo, empurrando-lhe as mãos, mas ele agarrou seu pulso com força e, com a mão livre, abriu outro botão. Tony soltou o pulso e estava prestes a enfiar a mão dentro da blusa dela quando Shirley pulou de seu colo e foi buscar o pó de café.

Tony riu quando a viu tentando ao mesmo tempo pegar o café solúvel com a colher, despejar água fervente e abotoar a blusa. Suas mãos estavam trêmulas. Ele acendeu um cigarro e se aproximou dela, esfregando-se em seu corpo enquanto tirava a chaleira de suas mãos e servia a água na caneca. Shirley tentou se afastar, mas ele envolveu sua cintura com o outro braço e a deteve.

— Vamos conversar logo? — perguntou Tony.

— Se você quiser — disse Shirley em um fio de voz.

— Você sabe alguma coisa sobre os livros contábeis de Harry Rawlins?

Shirley balançou a cabeça, no que Tony continuou.

— Alguma vez Terry falou a respeito deles?

— Não, eu não sei nada sobre esse assunto. Eu sequer sei o que é um livro contábil.

Tony deu um trago do cigarro e o manteve na boca, com o braço ainda ao redor da cintura de Shirley. Como sempre, a fumaça fazia os olhos dela arderem, mas estava tão aterrorizada que quase não percebeu.

O braço de Tony se estreitou ao redor do seu quadril, puxando-a para junto de seu corpo. Ele pressionou a virilha a bunda de Shirley e ela sentiu o quanto estava excitado com o poder que tinha sobre ela. Ele a estupraria, Shirley tinha certeza disso. Tony largou a chaleira, puxou a blusa de Shirley e enfiou a mão bruscamente para agarrar o seu seio.

— Maravilhoso — sussurrou, soprando fumaça do cigarro nela.

— O que você quer?

Shirley tentou em vão não tremer.

— Tudo a seu tempo — respondeu Tony enquanto continuava a acariciá-la.

— Muito bom. Firme, mas também macio.

O tremor de Shirley o estava irritando.

— Relaxe. Eu não vou machucar você. Só quero saber sobre aqueles livros contábeis, querida, só isso.

— Eu não sei...

Antes que Shirley terminasse de falar, Tony prendeu-lhe os braços rente ao corpo, tirou o cigarro da boca e segurou-o tão perto do seio de Shirley que ela sentiu o calor.

— Ah, meu Deus, não. Por favor, não! — gritou Shirley.

— Você ainda participa de concursos de beleza, não é? Aposto que não lhe dariam a menor atenção caso você tivesse uma manchinha que fosse, certo? Hipócritas filhos da puta. Mas eu ainda tocaria cada centímetro de seu corpo, Shirl, não se preocupe com isso. Agora, me diga onde estão aqueles livros contábeis.

— Eu não sei, Tony. Juro que não sei.

Quando ele aproximou o cigarro ainda mais de sua pele perfeita, Shirley afastou-lhe a mão e derrubou o cigarro.

— Sua puta! — gritou ele, depois deu-lhe uma forte bofetada na boca com as costas da mão.

Ela caiu no chão. Um fino fio de sangue escorria por sua pele pálida. Tony agarrou-a pelos cabelos, abriu o zíper da calça e começou a forçar a cabeça de Shirley em direção à sua virilha.

Greg nunca fora um sujeito oportuno, mas uma vez na vida conseguiu ser exatamente isso. A porta da cozinha se abriu e lá estava ele com suas roupas punk de couro, piercings nas orelhas e cabelo tingido de amarelo e cor-de-rosa. Atrás dele vinham seus colegas, Arch, com cabelo moicano e camiseta de leopardo, e Fruity Tooty, que tinha a cabeça raspada, uma pesada maquiagem preta ao redor dos olhos e trajava um sobretudo militar de couro. Os três pareciam personagens de um filme de terror trash. Ao ver Tony Fisher fechando depressa o zíper, Greg achou que tinha pegado a irmã em uma situação embaraçosa. Constrangido, estava prestes a ir embora quando percebeu o rosto aterrorizado e ensanguentado

de Shirley e não teve outra alternativa a não ser ficar onde estava.

— Você está bem, mana? — perguntou, apavorado.

Ele conhecia Tony Fisher e a sua reputação.

Os amigos de Greg em geral eram uns inúteis, mas Fruity Tooty, ao ver o lábio machucado e ensanguentado de Shirley — e nunca tendo visto Tony na vida —, avançou galantemente contra ele. Greg o deteve, balançando a cabeça. Seria uma péssima jogada. Na verdade, Greg tinha dúvidas se os três juntos seriam páreo para Tony Fisher.

Tony riu, pegou o casaco de casimira e jogou-o sobre os ombros. Foi até os rapazes e ficou cara a cara com Fruity Tooty.

— Sou bom fisionomista — ameaçou, dando um tapinha no rosto do outro antes de ir embora.

Fruity Tooty e Arch não faziam ideia do que acabara de acontecer. Greg se ajoelhou ao lado da irmã e a abraçou pela primeira vez em anos. Aliviada, ela soluçou nos braços fracos e mirrados dele. Tremia e segurava a blusa ao mesmo tempo, tentando se cobrir. Greg a abraçou cada vez mais forte, até que se acalmasse.

Finalmente, Shirley se conteve e parou de chorar. Greg a ajudou a se levantar e começou a levá-la até o quarto no momento em que a mãe irrompeu pela porta da frente. Audrey estava suando como um porco, vermelha feito um tomate. Ela correria quase todo o trajeto até em casa. Shirley olhou para a mãe e voltou a chorar. Audrey deu um passo à frente e abraçou a filha. Um lábio cortado não era nada comparado ao que Tony Fisher poderia ter feito.

Audrey olhou para Greg.

— Dê um jeito no carro de sua irmã. Agora. Vá.

Greg, Arch e Fruity Tooty saíram em silêncio enquanto Audrey levava Shirley para a sala de estar e a sentava no sofá.

— Qual é o seu envolvimento com os Fisher, querida? — perguntou calmamente, embora com firmeza. — Olha só, conheço esses dois há muito tempo e sei que não são flor que se cheire. Não mesmo.

Shirley balançou a cabeça e aconchegou-se mais no ombro da mãe, com os olhos fechados, tocando o lábio ferido.

— Sou sua mãe, Shirley, por favor, fale comigo. Não posso ajudar se não me contar o que está acontecendo.

Shirley respirou fundo e engoliu em seco.

— Ele veio para cima de mim, mãe, mas eu não gosto dele! Eu o afastei, ele ficou com raiva e me deu um tapa porque não fiz o que ele queria.

Audrey acariciou o lindo cabelo da filha.

— Você tem certeza de que foi só isso? Porque você anda cheia de dinheiro ultimamente.

— Juro: foi só isso. Eu disse a verdade sobre o dinheiro. Juro que o encontrei em uma maleta do Terry.

Ela nunca fora muito boa em mentir e Audrey sabia que, quando a filha falava “juro” diversas vezes seguidas, era sinal de que estava mentindo.

Shirley se levantou e foi ao banheiro. Salpicou água fria no rosto, respirou profundamente para se acalmar e conferiu o estado do lábio rasgado no espelho. Viu em si uma força que nunca identificara antes. Não em seus olhos, pelo menos. Era algo que já vira nos olhos de Terry quando, para protegê-la, ele mentia sobre o lugar para onde estava indo e o que faria. Naquele momento, Shirley estava fazendo o mesmo pela mãe.

Audrey nunca poderia saber que Shirley estava recebendo dinheiro de Dolly Rawlins, muito menos descobrir sobre seus planos de roubar um carro-forte à mão armada. Shirley mal conseguia pensar; tudo lhe parecia tão absurdo.

Mas sabia que precisava falar com Dolly a respeito de Tony Fisher, e logo. Porque, se não conseguiu o que queria com ela, fatalmente iria atrás das outras.

* * *

Linda fora obrigada a começar o expediente no fliperama muito mais cedo do que o habitual porque chegara tarde na noite anterior. Charlie devia tê-la dedurado para o chefe — caso contrário, não havia como ele ter descoberto. Meu Deus, ela queria poder mandar os dois enfiarem aquele trabalho de merda no rabo.

Quando chegou, Charlie estava parado à porta, olhando para a ambulância e os carros da polícia estacionados no beco do Sports Club.

— Você devia ter chegado mais cedo — disse Charlie com entusiasmo, sem tirar os olhos do tumulto.

— Mas eu cheguei mais cedo, porra!

— Não, não estou me referindo ao seu turno. Estou me referindo ao que você

perdeu. Uma multidão de luzes e sirenes, sabe.

Charlie ouvira aquela expressão na televisão para descrever uma viatura policial, mas não fazia ideia de onde vinha o significado.

— Não posso perder tempo com os problemas de outras pessoas, Charlie — retrucou Linda enquanto se dirigia ao guichê do caixa.

— Você pode perder tempo com Tony Fisher?

Linda se virou e encarou o rosto preocupado de Charlie.

— Ele esteve aqui procurando você.

— Quando? — perguntou Linda, tentando dar a entender que o fato de Tony Fisher ter ido atrás dela era algo absolutamente normal.

— Ontem à noite, pouco depois que você foi embora.

Linda se aproximou de Charlie, que agora estava mais interessado no movimento na rua. Tentou manter o tom casual:

— O que ele queria?

— Eu já disse, ele perguntou se você estava aqui.

— E você disse que...?

— O que você acha que eu disse? Eu disse que “não”, porque você não estava. Linda permaneceu em silêncio, pensando no que fazer.

— Eu teria dito que você não estava mesmo que estivesse. É o maldito Tony Fisher, Linda! O que está acontecendo?

— Ele está a fim de mim, Charlie. Você pode culpá-lo por isso?

Linda se afastou rapidamente antes que Charlie pudesse fazer mais perguntas.

Ela se sentou no guichê do caixa fingindo contar o troco dos malotes, mas estava se saindo muito mal. Na verdade, estava apenas empilhando moedas, embora não fizesse ideia do quanto havia em cada pilha. Quando Charlie se aproximou e disse que ia dar uma olhada no que estava acontecendo na rua, Linda se assustou e derrubou todas as moedas no chão.

Dez minutos se passaram e Charlie não voltou. Linda suspeitava que tinha ido tomar uma cerveja. De repente, porém, o viu cruzando o fliperama em sua direção. Ela nunca o vira correndo, por causa da perna ruim, mas naquele momento ele estava dando uma de Sebastian Coe, todo corado.

— Boxer... é o Boxer Davis!

Charlie estava ofegante ao pressionar o rosto contra o vidro do guichê.

— Alguém transformou o pobre idiota em... ele parece um bife de panela, eu

nunca vi uma merda assim. Tem sangue nas paredes, sangue em toda parte... Eles o encontraram no beco dos fundos do Sports Club, embaixo do lixo, duro como um pedaço de pau. Ouvi o cara da ambulância dizer para um policial que, pelos seus cálculos, Boxer ficou ali caído a noite e o dia inteiros.

Charlie ofegava para recuperar o fôlego e o vidro ficava cada vez mais embaçado a cada respiração.

Linda simplesmente ficou olhando para ele. À medida que a ficha caía, seu corpo ficou gelado e ela sentiu o sangue se esvair de seu rosto.

— Boxer? Você tem certeza?

Linda se deu conta de que não precisava ter perguntado aquilo. Ela sabia que Charlie era um ótimo fofoqueiro.

— Claro que tenho. Ele estava na rua na noite passada comprando peixe com batata frita. Achei que devia estar passando por um bom momento, já que estava bem, vestindo um bom paletó e...

De repente, Charlie pareceu preocupado.

— O que foi? — sussurrou Linda, sem de fato querer saber. — E o quê, Charlie?

— Ele perguntou sobre você.

— O que... o que ele perguntou?

— Nada demais. Ele viu você de longe e perguntou se você era a mulher do Joe Pirelli.

Sem dizer mais nada, Linda saiu do guichê e foi até a porta da rua. Ficou ali entre a multidão de espectadores e olhou para o lugar onde a ambulância estava estacionada. As pessoas especulavam. Será que o sujeito tinha passado a perna em um cafetão ou em um traficante? Transado com a mulher do cara errado? Ou apenas estava no beco errado na hora errada? Tudo besteira. Se eles soubessem...

Charlie surgiu atrás de Linda.

— Por que Boxer Davis e Tony Fisher vieram perguntar por você no mesmo dia? Não está se misturando com essa gente, está?

— Essa gente? Não finja saber quem é “essa gente” — rebateu Linda.

Ela estava sendo horrível com Charlie, mas naquele momento precisava ser horrível com alguém e ele estava mais perto.

— Vou voltar ao trabalho. Você pode ficar aqui o tempo que quiser comemorando a infelicidade de outra pessoa. Com Boxer morto, você não é mais

o infeliz mais azarado das ruas, não é mesmo, Charlie?

— Ele não está morto... — murmurou Charlie quando Linda já ia se afastando. Ela parou e voltou.

— O quê?

— Ele não está morto. Ele parece um bife de panela, mas não está morto.

De volta ao caixa, Linda se sentiu enjoada. Tony Fisher aparecer no fliperama sem mais nem menos era uma coisa, mas Boxer aparecer na mesma noite fazendo perguntas sobre ela já era demais. E agora o cara tinha sido encontrado entre a vida e a morte em um beco infestado de ratos. Linda estava em pânico — ali não havia ninguém com quem falar, ninguém que a compreendesse. Tudo o que queria era encontrar Dolly, Bella e Shirley e avisá-las sobre... o quê? Ela não fazia ideia do que significava tudo aquilo, mas nunca se sentiu tão desnorteada em toda a sua vida.

Ficou sentada por quase uma hora, pensando. E seu pensamento sempre voltava para Bella. Com certeza ela saberia o que fazer. Depois de um tempo, Linda conseguiu se recompor.

— Pode assumir para mim, Charlie, por favor? — gritou Linda, vestindo o casaco.

— Não! Você não pode ir embora! Mal começou seu turno! — gritou ele ao vê-la passar.

Linda parou. Não tinha intenção de explicar nada em detalhes para Charlie, mas precisava convencê-lo a cobrir sua ausência. Desde o início Dolly dissera que elas precisavam continuar com suas vidas normais, para que não disparassem qualquer alarme. Mas, naquele momento, os alarmes soavam na cabeça de Linda e ela precisava de Charlie do seu lado.

— Não seja chato, Charlie. Nós sempre cobrimos os turnos um do outro.

— Não, nós não — corrigiu ele. — Eu sempre cubro o seu turno. Não preciso de cobertura porque estou sempre aqui quando devo estar.

Ele pareceu magoado como um menino menosprezado pela garota por quem se apaixonara.

— Olha... Eu realmente preciso ir — disse Linda. — Não posso explicar por quê. Mas eu vou compensar, prometo.

Ela forçou um sorriso.

Charlie não se deixou enganar.

— Se você for, vou dedurar você e vão te demitir.

— Por que você está agindo assim?! — gritou Linda.

— Porque, tirando o bife de panela logo ali, parece que sou o infeliz mais azarado das ruas! E os infelizes fazem coisas de infelizes, como dedurar os colegas de trabalho quando são maltratados por eles.

— Quer saber de uma coisa, Charlie? Foda-se você e foda-se o emprego! — gritou Linda. — Porque eu não vou ficar.

Ela saiu pela rua às pressas e Charlie foi logo atrás, bem a tempo de ver as portas da ambulância se fecharem. O veículo avançou em baixa velocidade em meio à multidão que aos poucos ia abrindo caminho, indiferente às luzes e às sirenes.

* * *

Quando Bella saiu do palco da boate de striptease, Linda caminhava a esmo pelo camarim, tão branca quanto uma folha de papel. Começou a falar no instante em que Bella entrou:

— Boxer foi espancado quase até a morte. Ele andou perguntando por mim no fliperama, Tony Fisher também e...

Como Linda sabia que aconteceria, Bella assumiu o controle:

— Calma, Linda. Não estou entendendo o que você está dizendo. Acalme-se e comece outra vez.

Linda inspirou profundamente e fez o que lhe fora pedido. Quando Bella ficou a par dos acontecimentos, Linda acrescentou:

— Isso deve ter a ver com o que Dolly disse para Boxer a respeito de Harry estar vivo. Você não acha?

— Parece que as coisas estão saindo do controle. E parece que os Fisher estão com medo.

— Eles estão com medo? Pelo amor de Deus, Bella, eu estou me cagando. Dolly vai ter que resolver isso. Quer dizer, se foi Tony quem atacou Boxer, pense só no que ele pode fazer conosco!

— Temos certeza de que foi Tony? — questionou Bella, tentando ser racional por ambas.

Linda chegara àquela conclusão porque ele e Boxer estiveram no fliperama na

mesma noite. E eles também haviam perguntado por Linda — o que era algo preocupante. Bella fez uma pausa para pensar enquanto limpava o suor do rosto e se vestia.

— Vou telefonar para o convento e deixar recado para que Dolly me encontre aqui na boate assim que puder. Tem alguém que possa ficar com você esta noite?

O sorriso irônico que atravessou o rosto de Linda informou a Bella que sua amiga ficaria bem.

— Então ligue e diga para ele vir buscá-la aqui. Você sabe se Shirley está bem?

O sorriso no rosto de Linda desapareceu tão depressa quanto surgiu. Ela não pensara na hipótese de Tony ter ido atrás de Shirley.

— Ligue para o seu amigo — pediu Bella. — Eu vou ligar para Shirley e para Dolly. Não se preocupe. Gaste um pouco de energia. Vai ficar tudo bem.

* * *

Dolly estava sentada em sua poltrona destruída, bebendo conhaque e examinando as anotações que fizera durante a ida ao banco naquele dia. Havia três envelopes de dinheiro na mesa de centro à sua frente e, como de hábito, Wolf estava aconchegado em seu quadril. Não havia nenhuma referência a Bill Grant nos livros de Harry, nem mesmo um William, ou BG. Dolly achou que o homem que a visitara no depósito poderia ter usado um nome falso. Ela teria de perguntar para Boxer. Se ele soubesse de alguma coisa, ela arrancaria dele.

Dolly se assustou com o toque do telefone. Ninguém ligava assim tão tarde da noite. Era a irmã Amelia, do convento.

— Tenho um recado da Srta. O'Reilly para você — disse a freira. — É sobre o seu amigo em comum, o Sr. Fisher. A Srta. O'Reilly disse que sua presença é urgentemente requisitada em seu local de trabalho.

A freira não parecia surpresa por estar sendo usada como intermediária.

Calma e controlada, Dolly agradeceu à irmã Amelia e desligou o telefone. Terminou o conhaque e espiou pelas cortinas. O local onde a polícia costumava estacionar estava vazio. Ela olhou para cima e para baixo da rua, mas não viu carros estranhos estacionados. Mesmo assim, para o caso de a polícia ter mudado de tática, decidiu que ainda faria o complicado procedimento de ziguezague para ter certeza de não estar sendo seguida.

* * *

A boate onde Bella trabalhava era escura, sórdida e cheirava a cerveja, cigarro e homens gordos e suados. Ninguém notou quando Dolly entrou porque todos os olhos estavam voltados para o palco. Ela ficou de pé nos fundos do salão, observando uma garota de uns vinte e poucos anos dançar e ouvindo homens lhe dizerem o que gostariam de fazer com ela. Suas insinuações grosseiras fizeram o estômago de Dolly se revirar, mas os insultos embriagados eram piores. À medida que a garota se esforçava para tirar o sutiã e ficar de pé com os saltos de doze centímetros, eles gritavam como se ela fosse um pedaço de carne. Quando a música terminou, ela saiu do palco em meio a gargalhadas e uma chuva de garrafas.

As solas dos sapatos de Dolly grudavam no tapete encharcado de cerveja à medida que tentava se aproximar do palco. Pensando se tratar de outro cliente querendo um lugar melhor, os homens não a deixavam passar. Ela abraçou a bolsa e tentou agir o mais discretamente possível. Teria de esperar um intervalo no show. A ideia de tocar ou ser tocada por aqueles homens causava-lhe repulsa. Alguns estavam com as mãos na virilha.

Quando o espetáculo seguinte começou, todos aplaudiram animados antes de se acomodarem em um quase silêncio. Dolly se esticou para olhar por cima dos ombros da multidão à sua frente e enfim encontrou um lugar de onde podia ver o palco. Bella já estava caminhando pela passarela, o corpo untado de óleo, gingando com a graça de uma pantera. Estava com uma minissaia, sutiã, bota na altura dos joelhos, tudo de couro preto, e empunhava um longo chicote, que estalava acima da cabeça. Havia um quê avassalador de selvageria e sensualidade naquela mulher enquanto ela rebolava ao ritmo da música e olhava para os homens com arrogância. Ela encarou cada um deles e todos foram dominados pelo seu feitiço.

Dolly ficou tão enfeitiçada quanto o restante do público, mas por uma razão bem diferente. *Ela é tão forte*, pensou. Dolly reconhecia algo semelhante em si mesma: uma força oculta, quase masculina, que lhe permitia controlar gente como Boxer Davis. Mas Bella ia além. Dolly olhou ao redor do salão e viu que os homens não estavam mais conversando, olhando para o lado, rindo ou brincando — não se ouviam comentários depreciativos, zombarias, insultos: eles estavam

hipnotizados. Naquele momento, Dolly soube que Bella era a pessoa certa para ser o quarto integrante do bando. Enquanto os espectadores imaginavam Bella nua, Dolly a imaginava vestindo um macacão e uma máscara de esqui e empunhando uma espingarda em vez de um chicote. Ela sorriu para si mesma. *Os seguranças vão se cagar de medo*, pensou.

À medida que o show de Bella se desenrolava, Dolly ficou chocada ao ver o sutiã e a minissaia serem removidos, revelando nada além de uma minúscula calcinha de couro. Bella não tirou as botas e ficou com as pernas abertas, fazendo movimentos pélvicos circulares para a primeira fila. A multidão começou a gritar e os homens passaram a bater no palco de madeira, assobiando e uivando como selvagens. Os gritos aumentaram quando Bella moveu a cabeça lentamente de um lado a outro, umedecendo os lábios com a língua e franzindo a boca em um rosnado. Dolly apertou a bolsa, fascinada. Bella parecia quase entediada, distante, embora estivesse totalmente no controle da situação, enquanto todos os homens naquele lugar sórdido babavam por seu corpo brilhante e vigoroso, como se nada nem ninguém pudesse tocá-la. *Em um mês ou dois*, prometeu Dolly em silêncio, *voce nunca mais terá de fazer isso*.

Quando o show de Bella terminou, a maioria dos homens correu para o bar e Dolly aproveitou a oportunidade para ir até o palco. Enquanto Bella pegava as roupas jogadas, uma drag queen entrou no palco e no mesmo instante foi recebida com vaias e assobios agudos.

— Bella! — gritou Dolly acima do tumulto.

Bella ainda estava nua da cintura para cima. Ela parou diante de Dolly com as mãos nos quadris.

— Temos grandes problemas — disse ela. — Tony Fisher está na nossa cola. Na noite passada ele apareceu no fliperama perguntando por Linda. Graças a Deus, ela não estava. Ela está em casa agora. Um amigo está cuidando dela. Tentei ligar para Shirley para saber se ela está bem, mas ninguém atendeu. E ainda tem o Boxer. Você acha que o caso dele tem algo a ver com os Fisher?

Dolly não sabia por onde começar, então se apegou à última coisa que ouvira:

— O que houve com Boxer?

Bella fez uma pausa enquanto vestia o sutiã.

— Achei que você já soubesse. Ele foi encontrado em um beco na noite passada, do lado de fora do Sports Club. Parece que foi gravemente espancado.

Esmagado, para ser mais exata. Linda disse que foi horrível.

Naquele momento, um bêbado esbarrou nas costas de Dolly. Ela se virou e deu-lhe um empurrão que o fez cair, atravessando a porta do banheiro masculino. Depois se voltou para Bella e disse:

— Boxer deveria ter saído da cidade! Eu lhe dei dinheiro e disse onde se hospedar. Não posso cuidar de tudo e não tenho culpa pelo que aconteceu com ele.

Bella a encarou.

— Eu não falei que é culpa sua, Dolly... Mas, como você mesma disse, foi você quem o vestiu com as roupas velhas do seu marido, que deu dinheiro para ele ficar bêbado e lhe disse que Harry estava vivo, sabendo muito bem que Boxer não manteria a boca fechada.

Mesmo com uma calcinha de couro, Bella era uma oponente formidável. Dolly não rebateu as críticas. Em vez disso, perguntou:

— Quem está cuidando de Linda?

— Ela não disse e eu também não perguntei, mas ao menos não está sozinha. Não tenho ideia de onde Shirley está, porque ela não me atende.

— Vou continuar tentando falar com ela. Você vai ficar bem?

No instante em que as palavras saíram de sua boca, Dolly percebeu que eram desnecessárias. Bella não se deu ao trabalho de responder.

— Tenho certeza de que Shirley vai aparecer amanhã como combinado — ponderou Bella. — Então contaremos para ela sobre Tony e Boxer. Mas precisamos discutir isso, Dolly — disse ela com seriedade. — Nenhuma de nós está gostando do que está acontecendo, e isso precisa ser resolvido antes que alguém se machuque.

Dolly gostava da maneira direta como Bella se expressava.

— Veja, Bella, eu não estou ignorando o que aconteceu com Boxer nem o fato de que Tony Fisher anda xeretando. Acredite ou não, minha prioridade é a segurança de vocês. Todas vocês. Vamos discutir o assunto, sim, mas também precisamos considerar o ponto de vista de Linda e Shirley. Elas não são como eu e você. Amanhã, precisaremos nos concentrar no trabalho, não poderemos nos distrair com os Fisher e com um velho bêbado que pode ter importunado a pessoa errada.

— Você não acredita nem um pouco no que está dizendo, Dolly Rawlins. E

ninguém vai acreditar — retrucou Bella.

Mas Bella disse isso com um sorriso.

* * *

Enquanto Dolly abria caminho para sair da boate, seu coração estava disparado. Ela avançou em meio ao fedor de homens e cerveja, desesperada para chegar ao ar fresco lá fora. Ao sair, recostou-se em um muro e se acalmou.

Ela precisava colocar ordem naquilo. Precisava colocar ordem em tudo.

Bella estava certa a respeito de Boxer. Dolly sabia que o espancamento devia estar ligado às mentiras que ela lhe contara sobre Harry estar vivo. Ela sabia que tinha culpa naquilo.

Embora sentisse pena de Boxer, Dolly não conseguia se importar com aquilo. Ela lhe dera uma chance. Não era uma mulher cruel, refletiu, mas Boxer estava longe de ser tão importante para ela quanto as viúvas — ou o trabalho que juraram fazer. No entanto, quando voltasse para casa, prometeu fazer uma breve oração por Boxer Davis.

CAPÍTULO 16

Resnick estava sentado no corredor, no lado de fora da Unidade de Terapia Intensiva, fumando sob uma placa de NÃO FUME. Tinha trazido um cinzeiro da sala de espera onde os parentes se reuniam. Não ficou no local por muito tempo. Não suportava se ver cercado de gente inútil. Precisava de respostas, e o silêncio do corredor vazio lhe dava tempo para refletir.

Mais cedo naquela noite, o inspetor fora ao apartamento de Boxer e a senhoria lhe informara de que este havia saído com um sujeito na noite anterior e não voltara. Ela não conseguiu descrever o sujeito ou, mais precisamente, não quis se comprometer.

— Não quero me meter em problemas — disse diversas vezes.

Resnick estava prestes a encerrar o dia quando recebeu um telefonema informando que o corpo espancado e inconsciente de Boxer tinha sido encontrado em um beco no Soho. Em vez de ir até a cena do crime, Resnick arrastou Fuller de volta ao apartamento de Boxer para interrogar novamente a senhoria, quisesse ela cooperar ou não.

Quando chegaram, descobriram que a porta da frente fora arrombada. Fran estava caída no chão como uma baleia encalhada, com o rosto repleto de hematomas, sangue jorrando do nariz e um corte profundo na testa de onde o sangue escorria para seus olhos.

— Chega! Por favor chega! — gritou quando os policiais entraram. — Não sei onde Boxer está, juro que não sei. Por favor, não me bata mais.

Levou vários minutos para que ela se concentrasse no rosto de Resnick e percebesse que estava em segurança.

— Está tudo bem — disse o inspetor inclinando-se sobre ela. — Somos policiais. Eu estive aqui mais cedo, lembra? Está tudo bem agora. A ambulância está a caminho.

Fran lembrou-se de Resnick e logo se acalmou, mas negou com veemência ter

visto o rosto do homem que a espancara. O inspetor não lhe disse que Boxer estava à beira da morte e ficou repetindo que ela ficaria bem. Assim que Fran se acalmou um pouco, ele começou a pressioná-la para obter informações.

— O homem que a espancou foi o mesmo que esteve com Boxer ontem à noite?

— Não sei! — gemeu Fran. — Estou com tanto medo...

Ninguém levava uma surra tão severa quanto aquela sem ver o rosto do filho da puta. O sujeito teve de ficar bem à sua frente, a poucos centímetros de distância. Mas Fran não lhes diria nada.

Enquanto esperavam pela ambulância, Resnick e Fuller deram uma olhada no quarto imundo de Boxer. A cama de solteiro estava virada e cada peça de mobília fora destruída. O conteúdo de sua mala estava espalhado pelo tapete imundo, mas ainda havia algumas meias enroladas lá dentro: Boxer estava fazendo as malas para ir a algum lugar. Havia dinheiro espalhado pelo quarto. Era incomum Boxer ter dinheiro, e Resnick se lembrou do boato que Dentes Verdes lhe contara. Se ele estava certo a respeito de Boxer estar cheio da grana, será que estaria certo quanto a Harry Rawlins estar vivo?

Quando a ambulância chegou, Resnick recebeu a notícia de que Boxer estava vivo, mas em estado crítico. Ignorando a expressão entediada de Fuller, ordenou que ele fosse direto para o hospital.

Resnick correu até a UTI, onde o médico assistente lhe informou que Boxer Davis estava desafiando todas as previsões médicas. Eles agora sabiam que não fora um espancamento, mas um atropelamento seguido de fuga. Boxer sofrera ferimentos internos terríveis e praticamente todos os ossos do corpo estavam fraturados. Os médicos não esperavam que sobrevivesse, mas se isso acontecesse, ele não voltaria a andar.

— Veja, doutor, isso não foi um atropelamento seguido de fuga comum — dissera Resnick. — Tanto você quanto eu sabemos que ele foi atingido mais de uma vez. É importante que eu fale com ele.

O médico deu de ombros.

— Boa sorte.

— Bem, em algum momento acabarei tendo sorte... pode muito bem ser hoje à noite — rosnou Resnick.

As horas passaram, mas o corredor da UTI permaneceu vazio. Embora

soubesse que Boxer não acordaria, Resnick não conseguia ir embora. Enquanto Boxer Davis estivesse respirando, ele ficaria ali. O homem era a chave de tudo, o inspetor tinha certeza. As perguntas rodopiavam em sua mente: por que ele estava fugindo da cidade? Estaria com medo? Será que alguém mais estava com medo e o pagara para fugir? Quem fizera Boxer sair espontaneamente de seu apartamento na noite anterior? Uma coisa era certa: o homem que espancara Fran não sabia que alguém já havia tentado matar Boxer, de modo que não poderia ter sido a mesma pessoa que saíra com ele do apartamento e o levava para a armadilha. Havia dois homens. Ambos atrás de Boxer por algum motivo. Mas por quê?

Resnick voltou a lembrar de sua conversa com Dentes Verdes. O informante insistira que Boxer estava esbanjando dinheiro e andando com roupas usadas de Harry Rawlins. Também deu a entender que os livros contábeis estavam à disposição daquele que oferecesse o melhor lance. Resnick esfregou os olhos, frustrado. Sentia que estava muito perto de descobrir tudo, embora mais uma vez pudesse perder a única pessoa que poderia esclarecer o caso. Primeiro, Len Gulliver, que morrera antes de abrir o bico. Agora Boxer Davis parecia estar a ponto de fazer o mesmo. Sem dúvida era impossível que Rawlins estivesse vivo. Tal pensamento fazia o sangue de Resnick ferver. No entanto, ele precisava extrair essa informação vital do cérebro mutilado do pobre Boxer antes que os médicos decidissem apagá-lo para passar a cama para outro paciente.

Um maço de cigarros e oito xícaras de café depois, Resnick ainda estava esparramado na cadeira com o chapéu sobre os olhos. Eram cinco da manhã quando foi acordado pelo médico, que cutucava seu ombro com delicadeza. Não precisou dizer nada. A expressão em seu rosto o avisou que Boxer morrera.

Resnick levantou-se para ir embora, uma figura pequena e atarracada, com a cabeça curvada, ombros baixos, deixando para trás uma pilha de copos de café amassados, guimbas de cigarro e um leve e persistente odor corporal. O médico o observou partir. Era um milagre aquele homem ainda estar de pé, considerando o tempão que ficara ali sentado sem comer e a quantidade de nicotina e cafeína que consumira. Esperava que Resnick fosse para casa tomar um bom banho e tirar algumas horas muito necessárias de sono, mas achou que isso parecia improvável.

* * *

De volta à delegacia, esparramado na sala e avaliando o seu infortúnio, Resnick comeu metade de uma torta de porco velha antes de jogar o restante na lixeira. Abriu outro maço de cigarros, acendeu um e pegou os relatórios de vigilância. Ficou irritado por não terem sido preenchidos desde a véspera. Daria uma bronca na equipe no dia seguinte — não permitiria ser prejudicado por papelada em desordem. Sua equipe foi instruída a vasculhar as ruas em busca de informações sobre o atropelamento, o que significava que ninguém tiraria folga no fim de semana. Sabia que isso não seria bem visto, mas ele mesmo se incluía no trabalho extra, de modo que não deu a mínima. Se não apresentasse algo para o supervisor em breve, ele seria retirado do caso, e isso diminuiria as suas chances de promoção. Seu caso precisava ser irrepreensível — especialmente depois que faltara à reunião com Saunders.

Ele arrotou, sentiu o gosto da torta velha na boca e tragou profundamente o cigarro. Batendo com um lápis na mesa, se deu conta de que agora a única testemunha tangível que tinha era a senhoria de Boxer, Fran. Mas a mulher estava tão assustada que Resnick duvidava que dissesse algo ou ao menos descrevesse seu agressor. Precisaria ser mais duro com ela. Boxer estava morto. Agora, tratava-se de um homicídio. Estar com medo não era desculpa. Logo que Fran recebesse alta, ele a levaria à Yard e faria com que visse cada foto de cada cúmplice conhecido dos Fisher e de Harry Rawlins até encontrar o homem que a espancara e marcara o seu rosto pelo resto da vida.

Abrindo uma garrafa de uísque, Resnick serviu-se de uma dose generosa em uma caneca de café suja que estava na mesa e quase engoliu um pedaço de mofo verde que flutuava à superfície. Enquanto tentava tirá-lo, repassou repetidas vezes os detalhes do caso. Ainda especulava sobre a identidade do quarto homem, o que escapara em segurança do assalto à mão armada e da explosão da van. Finalmente, desistiu de perseguir o mofo do uísque, pegou outra caneca um pouco menos suja e se serviu de outra dose. Enquanto bebia, levantou-se e olhou para a fileira de fotografias coladas na parede da sala, todos os cúmplices conhecidos de Harry Rawlins.

— Um de vocês é o quarto homem — murmurou para si mesmo. — Foi por isso que Boxer morreu? Porque sabia quem você é?

Meu Deus, não pode ser Harry Rawlins, pode?

Resnick ficou confuso ao ver o dinheiro espalhado na cama no quartinho.

Boxer dissera às pessoas que estava de volta à folha de pagamento de Harry Rawlins, o que explicaria por que tinha dinheiro, mas por que o bandido que revirou o lugar e espancou Fran o deixou para trás? Porque não estava interessado em dinheiro. Estava atrás de algo muito específico. Será que ele achava que Boxer estava com os livros contábeis?

Outro detalhe interessante observado por Resnick era que quem saíra com Boxer na noite em que fora assassinado lavara e enxugara uma caneca lascada, sem dúvida usada por ele. Era a única coisa limpa no lugar. Então a pessoa misteriosa era alguém com quem Boxer decidiu compartilhar de bom grado um drinque antes de fugir da cidade.

— Todo filho da mãe cuidadoso é cuidadoso por um motivo — sussurrou para si mesmo.

Resnick foi para perto da parede até as fotos dos três assaltantes mortos e olhou para o retrato de Harry Rawlins, o filho da mãe mais cuidadoso que ele já conhecera.

— Foi você, Rawlins?

Resnick duvidava que Rawlins fosse o visitante misterioso que tomara um drinque com Boxer, ou o frenético agressor de Fran, ou o motorista que atropelara Boxer. Se realmente estivesse vivo, ele não estaria se expondo assim. Mas Rawlins poderia contratar alguém para fazer aquilo por ele... O assassinato de Boxer tinha todas as características de um trabalho profissional, e Rawlins conhecia muitos profissionais.

Pegando três dardos da mesa, Resnick apontou e jogou um deles na parede. O dardo ricocheteou e ele teve de se esquivar quando voltou em sua direção. Então pegou de novo o dardo e jogou-o com mais força. Dessa vez, o projétil cravou com um baque surdo na parede, bem acima da foto de Terry Miller. Ele sorriu, serviu-se de outra dose de uísque e tomou-a em um só gole.

* * *

Ao chegar mais cedo ao trabalho, Fuller viu a luz acesa na sala de Resnick. Como não havia ninguém mais por perto, aquela era a chance de desabafar a sua frustração pelo fato de todas as folgas de fim de semana terem sido canceladas. Ele já tinha combinado de sair com a mulher e não pretendia perder o compromisso

apenas porque o chefe estava tentando salvar sua já arruinada carreira. Ao se encaminhar à sala de Resnick, Fuller tentou controlar a respiração — começaria pedindo gentilmente que o inspetor o liberasse no fim de semana.

Fuller bateu à porta e Resnick bradou para que entrasse na sala desarrumada. O detetive estava sentado olhando as três fotos na parede e apontando outro dardo, que arremessou na direção em que Fuller passaria.

— A não ser que você tenha algo de bom para me dizer, é melhor nem abrir a boca — grunhiu Resnick.

— É sobre o fim de semana, senhor. Na verdade, tenho planos.

O inspetor abanou a mão para Fuller.

— Todos temos, Fuller.

— Trabalhei quarenta e oito horas seguidas!

Fuller estava cansado de ser tratado como cachorro.

— Todos estamos trabalhando duro — retrucou Resnick. — Mas estamos perto da recompensa.

— Estamos mesmo? — questionou Fuller com sarcasmo.

Aquele era um caso perdido.

— Veja — disse Resnick, ignorando o tom do subalterno. — Rawlins usou quatro homens naquele assalto, certo? Agora sabemos onde esses três homens estão. — Ele apontou para as fotos de Rawlins, Miller e Pirelli. — Mas e quanto à identidade do quarto homem? Não sabíamos nada sobre ele... até a noite passada.

Resnick caminhava de um lado a outro enquanto divagava.

— O boato é o de que Boxer estava em ascensão, e Dentes Verdes achou que ele estava com os livros contábeis ou que sabia quem estava com eles. Então ele acaba em um beco, atraído para a morte por alguém que conhecia. Um trabalho profissional. Vinte e quatro horas depois, ainda não temos uma impressão digital sequer nas canecas do apartamento de Boxer e a senhoria está aterrorizada demais para falar. Mas ela é tudo o que temos, Fuller. Então, amanhã cedo eu quero essa mulher aqui e quero saber quem lhe deu aquela surra.

Resnick sabia que, apesar de sua expressão estúpida e apática, Fuller o estava ouvindo.

— Você acha que foi o quarto homem — disse Fuller lentamente.

— Agora você está entendendo, filho — concordou Resnick, quase sorrindo.

— Agora você está entendendo.

Ele se recostou atrás de sua mesa, pegou um dardo, apontou e atingiu a testa de Harry Rawlins.

Por um momento, Fuller ficou olhando para o dardo cravado na parede, depois para o chefe, e de novo para o dardo. Ajeitou o peso do corpo. Provavelmente o gordo tinha razão, mas ele jamais diria isso.

— Vamos tomar uma cerveja? Acho que merecemos.

Resnick estava tentando ser agradável. Não significava que pagaria, é claro. A única pessoa para quem ele já pagara uma cerveja fora Alice... e ela pedira gim-tônica. Mas bebeu a cerveja para não fazer desfeita.

Fuller virou-se para sair.

— São seis da manhã... senhor — retrucou.

— Ei! — gritou Resnick. — Estar cansado não é desculpa para ser um mau policial. Quando os outros chegarem, diga para fazerem os seus relatórios de vigilância e atualizarem o arquivo.

Fuller suspirou e inspirou profundamente.

— O inspetor Saunders cancelou a vigilância na casa de Rawlins.

Resnick começou a ficar vermelho do pescoço para cima.

— Essa era uma das coisas que ele queria discutir com você durante a reunião. A reunião à qual você faltou, senhor.

— Retome a vigilância! — sibilou Resnick. — Ouviu bem, Fuller? Retome a vigilância imediatamente.

Fuller assentiu, cansado e aborrecido demais com aquele caso ridículo para argumentar. E então saiu da sala e fechou a porta.

Sentado sozinho, Resnick se sentiu muito incomodado com a conversa que acabara de ter com Fuller. Não era apenas o fato de ter passado a noite em claro. O que realmente o aborrecia era não conseguir se lembrar da última vez que ouvira as palavras: “Que tal um drinque, chefe?” Antes de ser suspenso por causa da armação publicada no jornal, ninguém saía da delegacia sem convidá-lo. Agora, ninguém dava a mínima para ele, e aquilo só pioraria quando se mudasse para o novo anexo envidraçado, onde todos poderiam vê-lo. E como diabos Saunders tinha cancelado a vigilância do seu caso e nenhum de seus homens o avisara?

De repente, Resnick sentiu-se muito só. Seu casamento estava estagnado e

nulo. A mulher mal lhe dirigia a palavra, portanto não demonstrava o menor interesse em fazer sexo com ele — não que ele quisesse isso. Por chegar tão tarde e sair tão cedo, ele estava dormindo no quarto que usavam de depósito havia meses — ou ao menos essa era a desculpa. Na verdade, a ideia de se deitar ao lado de uma mulher que não gostava dele era insuportável. Ele se escondia no quartinho porque era mais fácil.

Ao se encaminhar lentamente até a porta da sala, a exaustão enfim o atingiu. Olhando uma última vez para os retratos dos três homens mortos, foi até o café mais próximo para um desjejum solitário.

CAPÍTULO 17

As rodas da moto abriam caminho em meio ao cascalho arenoso, deixando marcas profundas de pneu enquanto o piloto girava e derrapava, aproveitando a emoção de poder testar o que aquela máquina de fato era capaz de fazer. Ao derrapar e parar de repente, a moto projetou um tsunami de areia e pedras contra a face do penhasco.

A praia lá embaixo era linda. Quilômetros e mais quilômetros de nada, exatamente o que o médico prescrevera. Bella tirou o capacete e ficou sentada na moto, admirando a vista. Cabeça Oleosa estava cumprindo seis meses por tráfico de drogas e pediu que ela andasse com sua moto de vez em quando para que não ficasse ociosa. Deveria apenas ligar o motor a cada três ou quatro semanas, mas que diabos! Era uma moto fabulosa e, como as prestações estavam atrasadas, Bella sabia que seria reapropriada antes que ele saísse da prisão. Ela bem que poderia aproveitá-la ao máximo antes que o pessoal da reapropriação aparecesse.

Cedo pela manhã, atravessando as estradas vazias em sua roupa de motociclista de couro preto, Bella havia se inclinado sobre o guidão e afundado o pé no acelerador. Apesar dos anos de experiência com motos, aquela era a primeira vez que passava de cento e sessenta por hora na direção. Ela se sentia inebriada, acelerando por aquelas estradas do interior como um piloto profissional.

Bella foi a primeira a chegar a Birling Gap. A praia estava deserta. Ela apoiou a moto no descanso e foi até o limiar da enseada. A maré estava baixa. Ela sorriu: Dolly havia considerado os padrões de maré. Ela pensava em tudo. Bella desceu a escadinha de madeira até a praia. Alguns barcos velhos apodreciam de um lado, e, uns vinte metros mais adiante, viu um velho Morris Minor enferrujado e sem rodas, com os assentos rasgados e cobertos de algas marinhas. Bella voltou a sorrir, dessa vez ao pensar em um punhado de turistas idiotas que tinham estacionado na praia para um belo piquenique antes de serem surpreendidos pela maré cheia. Teriam sido forçados a subir pelo mesmo caminho que ela acabara de descer. As

crianças da área conseguiriam depenar um carro em trinta minutos, pensou.

Enquanto caminhava pela praia sorvendo o ar fresco, avaliou o campo de treinamento. Estava feliz por Linda ainda não ter chegado. Teria tempo de se concentrar e preparar a área sem ser interrompida pela conversa da amiga sobre seu parceiro de cama, Tony Fisher ou como Dolly era irritante. Bella começou a recolher madeira de deriva para marcar o percurso que teriam de fazer com o dinheiro nas costas. Queria fazer aquilo direito, sem interrupções.

Quando Linda chegou, o trecho a ser percorrido do carro-forte até o carro de fuga já estava demarcado na areia. Bella olhou para a trilha de cascalho quando o Capri freou bruscamente, levantando seixos e derrapando antes de parar. Ela acenou para Linda, que começou a descarregar sacos e cobertores do porta-malas para levá-los escada abaixo.

Ao chegar à praia, Linda jogou o equipamento na areia. E já estava reclamando:

— Não sei por que ela escolheu este lugar. Essa mulher deve ser louca! Como vamos ensaiar o assalto aqui?

O vento fresco colocara alguma cor no rosto acinzentado de Linda e soprava os seus cabelos escuros e encaracolados em todas as direções. Ela tinha um rosto estranho, com nariz adunco, maçãs do rosto protuberantes e olhos escuros e vívidos. Sua aparência variava de normal a beleza angular. *De boca fechada*, pensou Bella, *é bem bonita*.

— Falei com Dolly — disse Bella, ignorando as queixas de outra. — Ela está sabendo de Tony Fisher e Boxer Davis. Eu disse a ela que precisávamos discutir isso antes de começarmos o ensaio.

— Você teve notícias da Shirl? — perguntou Linda, parecendo genuinamente preocupada.

— Dolly se encarregou disso enquanto eu terminava o meu turno na boate. Shirley deve estar bem.

A tranquilidade de Bella era exatamente o que Linda precisava. Ela não conseguira se concentrar em Carlos na noite anterior, de tão preocupada que estava, e eles só transaram uma vez, ao fim da noite. Esse não era o padrão. Carlos foi muito compreensivo e contentou-se em acalenta-la. Era uma pena que o pobre Boxer tivesse sido espancado, mas ao menos elas não precisavam mais se preocupar com ele. Mas Tony Fisher... Tony Fisher ainda era uma grande

preocupação.

— Ei, eu tive uma ideia!

Subitamente alegre, Linda correu até a pilha de coisas que tirara do porta-malas de seu carro. Voltou até Bella com as mochilas, três fronhas, duas pás e dois baldes de plástico em forma de castelo.

— Por que trazer tijolos do depósito quando temos o que precisamos aqui?

Linda encheu uma fronha com areia e colocou-a na mochila.

— Não sou só um rostinho bonito, não é mesmo, Bel?

Linda pegou um cobertor e estendeu-o no início da trilha de madeira que Bella demarcara. Jogou areia em cada canto dele para mantê-lo firme no lugar.

— E o que é isso? — perguntou Bella.

— Este é o carro-forte! E mais tarde, servirá para o nosso piquenique. Dois coelhos com uma cajadada só.

Bella adorava esse lado infantil de Linda. Ela era muito engraçada quando queria.

Shirley estacionou devagar na trilha de cascalho. Do modo como ela dirigia, nenhum cascalho foi projetado pelos pneus. Bella e Linda observaram enquanto ela descia cuidadosamente os degraus de madeira desiguais até a praia. Trazia as suas coisas em sacolas de compras de lojas sofisticadas e vestia um dos macacões femininos que Dolly dissera que não serviam para o assalto. Parecia estar vindo da Kensington High Street.

— Vou perguntar onde ela comprou esse macacão. Acho que cairia muito bem em mim — zombou Linda.

Bella olhou-a de cima a baixo. Estava vestindo jeans rasgados, tênis sujos e um suéter enorme que era de Joe.

— Bem... você está parecendo um espantalho com essas roupas — comentou Bella com um sorriso.

— Fique você sabendo que estou vestida para a ocasião — retrucou Linda. — Esta é a minha roupa de “ensaio para um assalto ridículo”.

Quando Shirley chegou ao fim da escada e caminhou na ponta dos pés para que a areia não entrasse nos tênis ainda imaculados, os sorrisos desapareceram. O corte no lábio inferior de Shirley e o hematoma ao redor eram visíveis a três metros de distância. As duas correram em sua direção.

— Foi o maldito Tony Fisher — revelou Shirley.

Bella e Linda pegaram os sacos de compras e os jogaram no capô do velho Morris Minor.

— Eu queria ter trazido um casaco mais pesado — disse Shirley. — Acho que vai chover.

— Deixe isso para lá! — rebateu Bella. — O que aconteceu?

Os olhos de Shirley se encheram de lágrimas e ela lutou para contê-las.

— Por favor, Bella. Eu só quero contar isso uma vez, então vamos esperar Dolly chegar, ok?

Ela se afastou até a beira d'água e ficou olhando para o mar. Compreensivas, Bella e Linda a deixaram sozinha e continuaram com os preparativos para o ensaio.

* * *

Quando Dolly chegou a bordo de seu Mercedes, a praia estava pronta e a chuva começava a cair. No topo da enseada, ela olhou para a pista de cinquenta metros que Bella demarcara com madeira que havia encontrado na praia. Era como olhar para o desenho nos livros contábeis de Harry. A toalha de piquenique representava o carro-forte, e vários estrados abandonados foram colocados mais à frente para representar a “van de bloqueio”, com o Morris mais atrás representando a van de trânsito. Havia três mochilas cheias no capô do Morris. No outro extremo da pista, mais estrados representavam o carro de fuga. Linda e Shirley estavam sentadas dentro do Morris a fim de se protegerem da chuva, e Dolly percebeu que Shirley estava usando aquele maldito macacão de passarela. Ouviu as duas rindo sem parar enquanto Bella vagava pela areia molhada recolhendo mais madeira.

A data do assalto já estava bem próxima e toda aquela tensão deixava Dolly preocupada. Linda ainda precisava encontrar um veículo grande o bastante para bloquear o carro-forte, e Dolly ainda precisava conseguir a rota e o horário exatos do informante de Harry. Enquanto as risadas das garotas ecoavam pela enseada, Dolly se perguntou se era a única que estava levando aquilo a sério. Será que as outras só a estavam usando como uma fonte de dinheiro para reabastecerem seus guarda-roupas, conseguirem passes em spas e garantirem a manutenção de seus estoques de vodca?

De mau humor, Dolly foi devagar até a praia. A cesta de piquenique que trazia era pesada, por isso a lentidão. Ela também trazia um guarda-chuva, e Wolf insistia em se enroscar entre os seus pés. Linda observou-a se aproximar e balançou a cabeça, aborrecida. Novamente, as três tinham feito todo o trabalho pesado e lá vinha Dolly como a Rainha Mãe em um dia de folga em Sandringham.

— Bella! — gritou Linda, apontando para Dolly.

Bella virou-se e acenou com um grande pedaço de madeira. De onde Dolly estava, aquilo parecia estranhamente com uma espingarda com o cano serrado.

Dolly fez um gesto para que Linda se aproximasse.

— Sim, senhora — debochou Linda ao se levantar do Morris. — Agora mesmo, senhora — disse, lançando uma piscadela para Shirley. — Provavelmente Wolf cagou e ela quer que eu recolha.

Shirley sorriu, desanimada.

Ao se aproximar de Dolly, Linda se sentiu desleixada. Seu cabelo estava encharcado e o suéter de Joe estava duas vezes maior e mais pesado do que quando o vestira naquela manhã. Ao contrário de Dolly, impecável como sempre, trajando capa de chuva e galochas, Linda estava encharcada. Ela encarou Dolly e perguntou com ar petulante:

— Bella lhe contou que acabaram com o pobre Boxer?

Dolly assentiu, entregou a cesta de piquenique para Linda e continuou a andar. Linda a seguiu de perto.

— O que você vai fazer a respeito, Dolly? Tony Fisher é maluco e...

Dolly virou-se de repente e parou diante da outra.

— Aquele cara com quem eu peguei você na cama outro dia, o mecânico, ele estava com você na noite passada?

Linda balançou a cabeça. Sentiu uma pontada de culpa por ter mentido, mas o que Dolly tinha a ver com isso?

— Você ainda está saindo com ele, não está? — insistiu Dolly.

Linda balançou a cabeça, mas Dolly se aproximou.

— Você está me deixando preocupada, Linda. Você bebe demais e, quando bebe, diz qualquer coisa para qualquer um.

Dolly estava se referindo à noite em que Linda entregara o jogo para Bella no fliperama.

— Preciso ter certeza de que você não solta informações para qualquer sujeito aleatório que encontra na rua quando estão na cama.

Dolly sabia muito bem que aquele sujeito em questão não era aleatório. Pela breve conversa com Boxer, ela sabia que Carlos era amante de Arnie.

— Ah, acredite em mim, conversar é algo que nós não fizemos — brincou Linda, tentando amenizar o clima.

O olhar severo de Dolly lhe informou que ela não estava para brincadeira.

— Olha só, Dolly, foi um caso de uma noite só. Não aconteceu nada. Eu não o vi desde então, assim como você me pediu para fazer. Fiquei na minha, está bem? Não estou com ninguém.

Dolly olhou atentamente para Linda, tentando detectar se estava mentindo, mas Linda sustentou o olhar. Então brincou com a ideia de lhe contar quem era Carlos e dizer que sabia que Linda estava com ele na noite em que Tony fora atrás dela — mas isso arruinaria os planos do dia. Não, precisava focar no presente. Ela deixou Linda e se dirigiu a Bella. Linda seguiu logo atrás, incapaz de ficar calada:

— Não mude de assunto — reclamou. — O que você vai fazer a respeito dos Fisher? O velho Boxer deve ter ido direto até eles, assim como você disse que faria. Agora veja onde ele está!

— Boxer era um idiota, Linda. E os idiotas não sabem o que é bom para si.

Linda soltou o cesto na toalha de piquenique e seguiu atrás de Dolly.

Percebendo que as três mulheres precisavam ser tranquilizadas, Dolly continuou a falar, alto o bastante para que todas ouvissem:

— Nunca desejei que algo acontecesse com o Boxer e não sabemos se foram os Fisher que o pegaram. Pode ter sido um acidente. Boxer estava completamente bêbado quando falei com ele no início da noite. Estou bem ciente dos nossos problemas, mas ainda temos um trabalho a fazer aqui hoje. Cuidar da segurança de Boxer não era da minha alçada. Minha função é manter vocês em segurança.

Linda trincou os dentes, fazendo com que os músculos do rosto se movessem visivelmente.

— Bem, nisso você também não está fazendo um bom trabalho.

Linda olhou para Shirley.

Shirley estava de cabeça baixa, tentando esconder o lábio cortado, mas Dolly viu o ferimento e a expressão em seu rosto fez Linda sorrir, triunfante. Depois de

uma pausa que pareceu ter durado uma eternidade, Dolly foi até Shirley e ergueu-lhe o queixo.

— O que aconteceu com seu lábio, querida? — perguntou docemente.

Shirley hesitou.

— Não foi nada.

Ela voltou a baixar a cabeça.

Dolly repetiu a pergunta.

Lágrimas brotaram dos olhos de Shirley.

— Tony Fisher me pegou na rua e me levou para a casa da minha mãe. Ele disse que queria informações sobre os livros contábeis de Harry. Entrei em pânico e disse que não sabia de nada. Ele ameaçou me queimar com um cigarro e insistiu que eu estava mentindo. Eu continuei dizendo: “Eu não sei. Eu não sei de nada!” Então, ele ficou com raiva e me deu um soco na boca. E... meu Deus... Começou a me tocar, enfiou a mão dentro da minha roupa e...

Enquanto desabafava, Shirley se jogou nos braços de Dolly, soluçando. Ninguém disse uma palavra. Foi Dolly quem quebrou o silêncio.

— Ele... o que ele fez, querida?

Shirley recuperou o controle.

— Greg apareceu com dois amigos. Tony teria me estuprado, eu sei que teria. Ele disse que faria isso. Mas eu não disse nada sobre nós, Dolly. Não falei sobre os livros contábeis de Harry nem sobre o que estamos fazendo. Juro que não.

Dolly pegou um lenço e enxugou as lágrimas de Shirley.

— Eu sei que você não falou, querida. Não se preocupe com isso. Sinto muito pelo que esse filho da puta fez com você e, acredite, ele vai ter o que merece.

Dolly olhou para Bella e Linda.

— Manteremos isso entre nós, ok? Sem polícia, sem desdobramentos. Todas ficaremos bem.

Então pegou uma das mochilas do banco de trás do Morris.

— Muito pesada. Tire um pouco de areia. Vamos carregar dinheiro, não ouro.

A conversa terminara.

Linda não conseguia acreditar na rapidez com que Dolly ignorara o quase estupro de Shirley, mas Shirley saltou do Morris e começou a tirar um pouco de areia das mochilas.

— Acho que mais ou menos um quarto deve bastar, querida — aconselhou

Dolly.

Shirley sorriu para Dolly e Linda entendeu que se concentrar no ensaio era exatamente do que ela precisava. Bella também percebeu isso, mas notou que Dolly estava escondendo algo — e que esse algo era medo. Dolly estava preocupada, mas preferiu não dizer nada: ela também se concentraria no ensaio.

— Pensei em usar o Morris para representar a van de retaguarda — disse Bella. — Assim podemos praticar entrar e sair. Não é o ideal, mas é melhor do que uma toalha de piquenique. E posso cortá-lo mais tarde, para me acostumar com a motosserra.

— Boa ideia — elogiou Dolly. — A motosserra e a marreta estão no portamalas do Mercedes. Eu não conseguiria carregar tudo de uma só vez.

— Não se preocupe com isso, Doll — disse Linda com sarcasmo. — Só estamos ensaiando um assalto à mão armada. Quem precisa de uma motosserra e uma marreta quando você trouxe torta de porco e sanduíches?

— E quem precisa de uma van de bloqueio quando você trouxe uma toalha de piquenique? — retrucou Dolly. — Ao menos eu tenho uma motosserra e uma marreta, Linda. E você, conseguiu a van? Eu já pedi isso diversas vezes, então faça o favor de se mexer e resolver isso. Precisamos saber o tamanho do veículo para podermos reforçar o para-choque traseiro com uma barra de aço.

Linda estava furiosa por dentro, mas um toque de Bella em seu braço a fez morder a língua. Respirou fundo algumas vezes e então respondeu:

— Sei exatamente o que estou procurando — disse ela em um tom de voz lento e controlado. — Tenho duas opções em vista, mas quero esperar mais uma semana. Em breve você terá a sua van.

Quando Dolly começou a caminhar pelo corredor de cinquenta metros com Bella, Linda murmurou para Shirley:

— Eu não vou me arriscar a ser presa por tentar roubar uma van velha porque ela tem essa fantasia ridícula de assalto à mão armada.

Shirley tocou o lábio machucado. Doía toda vez que ela falava e abria toda vez que sorria.

— Espero que não seja uma fantasia, Linda — disse Shirley com seriedade. — Eu quero mais do que isso.

Bella e Dolly caminharam a passos largos até o fim do trajeto de cinquenta metros para verem se a distância estava correta.

— Parece que está certo — observou Dolly.

Quando ela começou a caminhar de volta, Bella permaneceu onde estava. Dolly se virou.

— O que está deixando você preocupada? — quis saber.

— Parece que é pra valer.

— E é pra valer — disse Dolly. — Sempre foi.

— Para você — retrucou Bella. — Eu não tinha tanta certeza. Eu nem sabia quem você era, Dolly Rawlins. Para mim você poderia ser uma velha excêntrica sofrendo com a morte do marido. Recriando o que deveria ter sido o seu melhor momento para mantê-lo vivo. Mas agora você me convenceu. Comprei a ideia. Você tem cem por cento da minha confiança e nós vamos mesmo roubar um milhão de libras.

Bella olhou para os olhos de Dolly com intensidade e lançou-lhe um sorriso de respeito absoluto. Dolly tinha muita responsabilidade nas costas e Bella queria que soubesse que estava ali para ajudar.

A expressão de Dolly permaneceu impassível. Ela meneou a cabeça levemente e voltou a caminhar em direção às outras.

— E chega de me chamar de “velha” — disse por sobre o ombro.

De volta à companhia de Linda e Shirley, Dolly foi direto ao assunto:

— Vamos começar. Linda, você vai dirigir a van atrás do carro-forte. Eu e Shirley estaremos no banco de trás. Hoje, o Morris destruído será a nossa van, então iremos apenas simular os seus movimentos durante a ação.

Linda resmungou e olhou para o carro enferrujado.

— Bem, eu não estava pensando em dirigi-lo para cima e para baixo nessa maldita praia.

— Bella, você vai dirigir a van de bloqueio, na frente. A que Linda vai se mexer para conseguir, e...

Linda interrompeu:

— Tudo bem, você já deixou isso bem claro. Não precisa ficar repetindo.

Dolly voltou-se para Bella e Linda:

— Vocês duas, peguem a motosserra e a marreta. Vamos ver se estamos realmente prontas.

Quando todo o equipamento estava montado e elas estavam de volta à praia, Dolly reuniu-as para mais instruções. Shirley estava sacudindo as pernas,

aquecendo os músculos; Linda, ao contrário, estava empoleirada no capô do Morris. Dolly dirigiu-se a ela.

— Primeiro, vamos praticar sair do carro, ligar a motosserra e experimentá-la na lateral do...

Antes que Dolly terminasse, Linda a interrompeu:

— Bella vai manejar a motosserra, Dolly. Esse trabalho é dela. Você acabou de dizer que eu vou dirigir a van.

Dolly bateu na areia molhada com a ponta da galocha e balançou a cabeça.

— Mudei de ideia. Bella vai dirigir a van da frente e eu, a de trás.

— Mas isso é idiotice — insistiu Linda. — Bella é a única de nós capaz de lidar com essa coisa. Eu mal consigo erguê-la... Pensei que você iria na van da frente para fazer o bloqueio.

Dolly suspirou, abrindo e fechando as mãos.

— Mudei de ideia! — repetiu bruscamente. — Quando o carro-forte bater na traseira do veículo da frente, Bella vai precisar sair da van de bloqueio e render os guardas com a espingarda enquanto carregamos o dinheiro. Ela também precisará ser a última a sair. A menos que eu diga algo diferente, essa será a posição que ela ocupará, certo?

— Por mim, tudo bem — disse Bella com impaciência, querendo seguir adiante.

Tinha parado de chover e Dolly tirou o casaco, revelando um traje de ginástica cor-de-rosa do Dance Center. Linda e Shirley baixaram a cabeça para esconderem as risadas. Parecia uma cortina de veludo horrorosa. Linda imaginou-a no Sanctuary, saltitando em uma aula de aeróbica, suando como uma porca gorda e cor-de-rosa. Alheia a isso, Dolly tirou o cronômetro do bolso e entregou-o a Bella, então dobrou o casaco cuidadosamente e deixou-o na toalha de piquenique.

Seguindo os comandos de Dolly, Shirley e Linda colocaram as mochilas nas costas. Linda tentou erguer a motosserra, que obviamente era pesada demais para ela.

— Isso é uma maldita perda de tempo — murmurou. — É óbvio que Bella deveria manejar a motosserra!

Shirley apertou as correias de sua mochila sobre os ombros para impedir que saltasse enquanto corria.

— Por que não fazemos o que Dolly está dizendo e começamos a ensaiar? Ainda não temos nada definido.

Bella piscou para Linda e se instalou na toalha de piquenique para observá-las enquanto executavam os estágios iniciais da operação.

Dolly se sentou no banco do motorista do Morris, com Shirley e uma Linda com o rosto impassível no banco de trás. Linda apoiou a motosserra nas pernas, reclamando do peso.

— Certo — disse Dolly. — Teremos quatro minutos do início ao fim da operação. Vamos apenas tentar sair e ligar a motosserra. Está pronta, Bella?

Bella assentiu e fez sinal de positivo.

— Um, dois, três e... JÁ!

Dolly saltou do banco do motorista, correu até a traseira do Morris e apontou a espingarda de madeira para trás. Shirley saiu do banco traseiro e ficou ao lado da toalha de piquenique, apontando a espingarda de madeira em direção aos guardas de segurança. E Linda... Linda ainda estava presa no banco de trás do Morris, empurrando a motosserra contra a moldura da porta como um cachorro tentando atravessar uma porta com um graveto na boca.

— A motosserra é muito comprida para sair pela merda da porta! — gritou, frustrada.

— Bem, você entrou com ela, então tem que conseguir sair! — berrou Dolly em resposta.

Finalmente, Linda deslocou a ferramenta até o outro assento e saiu do carro puxando-a atrás de si. Ela segurou o cabo de arranque, mas puxou-o com muito mais força do que o necessário e acelerou na hora errada, deixando o trambolho cair aos seus pés.

— Chega, eu não vou fazer isso! — gritou enquanto pulava de dor.

Ela jogou a mochila na areia e ficou ali parada. Como se estivessem no assalto de verdade, Dolly correu até Linda, pegou a motosserra, ligou-a e pressionou-a contra uma das portas do Morris.

Shirley ficou admirada como Dolly estava determinada a não se deixar abater. Linda torcia para que a vaca velha deixasse a motosserra cair e amputasse a própria perna. Enquanto isso, Bella ficou pacientemente sentada na toalha de piquenique, cronometrando tudo. O ruído da ferramenta cortando o metal era horrível. *Quando ouvirem isso no interior do carro-forte, os guardas vão ficar apavorados, pensou*

Bella. *Quando virem os quatro “homens” mascarados, ficarão à sua mercê.*

Levou quinze minutos para que Dolly cortasse a lateral do carro. Não que a lâmina da serra estivesse cega. Ela simplesmente não tinha força suficiente para empurrá-la. Linda sentou-se na extremidade da toalha, ao lado das fronhas cheias de areia, sentindo-se culpada ao ver o suor gotejar da testa de Dolly.

Quando conseguiu cortar um pedaço da porta do carro, Dolly correu até a toalha e pegou um dos sacos de areia. Automaticamente, Linda se levantou e Dolly enfiou o saco de areia na mochila.

— Pronto para zerar o cronômetro, Bella — gritou Dolly, ofegante.

Bella se levantou quando Linda colocou uma bolsa de areia na mochila de Dolly e outra na de Shirley.

Enquanto se movia, Linda questionou:

— Por que ainda estamos cronometrando este caos? A polícia já teria aparecido, saído para tomar um chá, voltado e nos prendido antes de sentirmos o cheiro do dinheiro.

— VAI! — gritou Dolly, liderando a corrida de cinquenta metros.

Logo Shirley e Linda a ultrapassaram e começaram a apostar uma corrida particular, enquanto Bella corria sem esforço pela lateral da pista.

Ao fim do trajeto, as três mais jovens esperaram Dolly atravessar a linha de chegada e cair de joelhos sobre os estrados.

— Mais uma vez — disse Dolly, como se estivesse prestes a passar mal.

— Não — protestou Bella, assumindo o controle da situação. — Vamos tomar um chá. Tentaremos de novo daqui a vinte minutos.

Dolly se levantou.

— Vamos tentar outra vez agora! — gritou.

Bella manteve a sua posição. Curvada sob o peso da mochila, Dolly parecia ainda menor comparada à altura elegante de Bella.

— Agora conhecemos a ordem dos acontecimentos e sabemos que podemos fazer isso — explicou Bella com calma. — Mas demoramos vinte minutos a mais do que deveríamos. Se tentarmos de novo agora, não vamos conseguir nada. Então, vamos tomar uma xícara de chá, recuperar o fôlego e repetir daqui a vinte minutos.

Por um instante, ninguém disse nada. As quatro mulheres caminharam devagar pela praia entre os pedaços de madeira cuidadosamente posicionados em direção

ao Morris, à toalha e à cesta de piquenique.

— Eu queria fazer uma pergunta, Shirley... — disse Linda, quebrando o silêncio tenso. — Onde você comprou esse macacão maravilhoso?

CAPÍTULO 18

Terry Miller passou duas horas preparando os veículos na pedreira abandonada. Jimmy Nunn, ex-piloto de corrida, era um velho amigo de Terry e estava passando por um momento difícil, tendo, ironicamente, sido banido por direção perigosa. Casado e vivendo à custa do seguro-desemprego, Jimmy precisava desesperadamente de um trabalho, e Terry achou que ele seria o quarto homem perfeito — não que sonhasse tomar esse tipo de decisão sem a aprovação de Harry Rawlins.

Três meses antes, Terry levava Jimmy para falar com Harry em um pub, embora Jimmy não fizesse ideia do motivo. Harry gostava de avaliar os garotos novos antes de trabalhar com eles ou de lhes dizer o que pretendia fazer. Naquele dia, na pedreira, Harry estava ali para ver Jimmy em ação. Se gostasse do que visse, então lhe diria qual era o trabalho e o incluiria na equipe como piloto. Jimmy era um sujeito bonitão e corpulento, com um metro e oitenta de altura e trinta e poucos anos. Sem antecedentes criminais afora pequenas infrações de trânsito, nunca tinha tido as impressões digitais registradas. Já participara de alguns assaltos a banco como piloto, de modo que vinha com boas referências, mas sua reputação de não amarelar na hora H tinha mais a ver com os riscos que ele assumira quando era piloto de corrida.

Jimmy estava testando o motor do caminhão de entrega de pão que Len Gulliver roubara da Sunshine Bread Company para Joe Pirelli. Era um bom veículo, quadrado, com portas duplas na traseira. Joe instalara uma pesada barra de metal sob o para-choque de trás, forte o bastante para absorver o impacto quando o carro-forte batesse nele, e também um arnês para proteger o motorista do impacto. Jimmy pisou no acelerador e deu uma volta na pedreira. O estado do motor não parecia muito bom, mas ficaria quando ele fizesse seu trabalho. Ao voltar à companhia de Harry e Terry, Jimmy saltou da van, abriu o capô e se inclinou sobre o motor para regulá-lo. Harry ficou impressionado.

Enquanto tudo isso acontecia, Joe Pirelli estava na floresta que margeava a pedreira antiga, praticando tiro ao alvo com suas espingardas de cano serrado, disparando contra latas, pombos de madeira e um ou outro faisão ocasional. Joe era um profissional, fanático por seus “ferros”, que limpava e lubrificava regularmente. Joe e Terry vinham trabalhando juntos nos últimos três anos, e Terry respeitava a autoconfiança e os nervos de aço do outro. Joe também tinha um temperamento volátil e podia se tornar violento, mas Terry e os outros sempre souberam até onde podiam pressioná-lo. Se os olhos escuros de Joe sofriam uma contração esquisita, estava dado o sinal... e Pirelli se tornava letal. Embora compartilhassem um respeito mútuo, não eram amigos íntimos e nunca socializavam fora do trabalho. Essa era uma das regras do chefe. E quem trabalhava para Harry fazia aquilo que ele mandava fazer, sem perguntas; era assim que funcionava e isso era para a segurança de todos.

Joe voltou para a pedreira. Em uma das mãos, carregava os seus “ferros”, guardados em um estojo de madeira preta forrado com feltro vermelho; na outra, um faisão abatido. Terry o observou se aproximar de seu Lancia e guardar o estojo de armas e o pássaro no porta-malas. Joe era alto, um metro e noventa, talvez mais, com biótipo típico de italiano, e era obcecado pela boa forma física. Era magro, com rosto anguloso e olhos de uma cor estranha — avelã, talvez? Era um homem durão e Terry dava graças a Deus por estarem do mesmo lado.

Terry fez sinal para que Joe e os dois homens verificassem os seus relógios antes de examinarem o falso carro-forte. Harry Rawlins gostava que tudo já estivesse pronto antes de sua chegada, e Joe e Terry já haviam conferido cuidadosamente todos os detalhes: os sacos de dinheiro tinham sido pesados e as posições dos veículos, medidas com precisão para espelharem onde cada um estaria durante o assalto. Após o ensaio, teriam de limpar os carros e o caminhão de pão e levá-los de volta ao depósito.

Agora, o motor do caminhão de pão funcionava sem problemas. Jimmy saiu do banco do motorista e ergueu o polegar para Joe e Terry, que estavam junto ao falso carro-forte. Eles o deixavam nervoso — bem, Joe o assustava mais do que Terry. Não sabia exatamente qual era o trabalho e estava ciente de que ainda estava sendo testado, mas admirava Harry Rawlins e queria entrar para a sua equipe.

O Mercedes prata de Harry era tão silencioso que parecia flutuar sobre a

estrada de cascalho. Ninguém o ouviu chegar, mas, assim que Terry e Joe o viram estacionar e sair do carro, quase fizeram posição de sentido, como uma tropa prestes a ser inspecionada pelo comandante. Com um sobretudo de casimira pendurado nos ombros, terno azul-marinho impecável, pasta preta e óculos escuros, Harry Rawlins mais parecia um banqueiro do que um homem prestes a ensaiar um assalto. Ele foi até Joe e Terry.

— Ele deixou o caminhão de entrega de pão ronronando como um gatinho. Agora não dará mais problema — disse Terry.

Harry olhou para o BMW de fuga e meneou a cabeça para Jim.

Era a grande chance de Jimmy. Ele correu até o BMW, entrou, ligou o motor e, com um giro de arrancar fumaça dos pneus, acelerou pela pedreira a uma velocidade incrível, suando enquanto o carro rugia a cada marcha. Passando em alta velocidade pelos três homens, ele puxou o freio de mão, fez uma volta de cento e oitenta graus e voltou a acelerar. Pelo retrovisor, viu Terry sorrindo e erguendo o polegar.

Harry voltou para o Mercedes, tirou o sobretudo e mudou de roupa metodicamente, dobrando cada peça e guardando-as no banco de trás. Qualquer outro homem teria parecido ridículo seminu daquele jeito, mas havia algo de caprichoso e organizado no modo como ele se despia e vestia o traje de ginástica.

— Vamos testar os explosivos — disse Harry, curvando-se para amarrar os tênis.

Terry levou uma pequena amostra até o falso carro-forte, instalou o dispositivo na lateral e acendeu seu pavio curto. Deu a volta no veículo para sair da frente e... BUMM! Em questão de segundos, um belo buraco redondo do tamanho de um punho surgiu na lataria. Terry voltou sorrindo e disse:

— Com a quantidade certa, abriremos um buraco grande o bastante para dar passagem à minha avó. E ela é uma velha grande e gorda, Harry.

Calmamente, com precisão e atenção aos detalhes, Harry repassou as instruções para a equipe. Ao terminar, cada homem colocou uma mochila nas costas, Joe pegou as espingardas e Harry entregou o cronômetro para Jimmy.

— Do início ao fim, o assalto deve demorar menos de quatro minutos — explicou.

Os três veículos estavam posicionados. O caminhão de entrega de pão à frente, o falso carro-forte no meio e a van que Terry dirigira atrás. O comboio estava

agora configurado como se o carro-forte estivesse preso na passagem subterrânea da Strand. Jimmy ficou ao lado do caminhão, atento ao sinal de Harry para iniciar a cronometragem. Harry estava no banco do motorista da van de retaguarda, com Joe e Terry no banco de trás.

— Ele não parece adequado para esse trabalho — comentou Joe, apontando para Jimmy.

— Ele é, Joe. Garanto que ele é — disse Terry.

— Quando você fica nervoso, o velho dedo do gatilho fica trêmulo e, de repente, bum! Todos pegamos prisão perpétua por homicídio.

— É por isso que estamos aqui hoje — interrompeu Harry. — Ele vai ficar lá contando os segundos até eu dar a ordem. Será que vai entrar num frenesi sem sentido ou vai permanecer frio como um iceberg? Em breve descobriremos.

Harry levantou a mão e Jimmy ergueu o cronômetro para mostrar que estava atento.

Quando a mão de Harry baixou, Jimmy acionou o cronômetro e os homens se moveram como relâmpagos. Joe pulou da van e apontou a espingarda em direção ao tráfego imaginário que viria atrás. Terry instalou os explosivos na lateral do falso carro-forte e Harry subiu no capô, apontando a espingarda para o motorista e para o carona imaginários.

— Saiam do carro! — gritou, a voz grave ecoando pela pedreira.

A intenção era fazer os dois guardas na cabine saírem e se deitarem no chão na frente de Joe.

BUMM! Um grande buraco do tamanho de Harry se abriu na lateral do falso carro-forte. Harry entrou, seguido de Terry. Harry encheu depressa a mochila de Terry com sacos cuidadosamente pesados antes de gritar “Vai!”. Então, Terry e Joe trocaram de lugar, Terry apontou a espingarda para o tráfego inexistente e para os guardas imaginários enquanto a mochila de Joe era preenchida. Depois, Joe encheu a mochila de Harry e os três homens correram para o carro de fuga estacionado a exatos cinquenta metros dali.

Era uma operação impecável e, ao vê-los correr, Jimmy mal podia esperar para saber mais sobre aquele trabalho.

* * *

Dolly estava tomando chá na tampa da garrafa térmica, ouvindo Linda e Shirley disputarem o último sanduíche de frango. Shirley achava que, uma vez que Linda comera duas fatias da torta de porco, o sanduíche deveria ser dela. Mas a outra argumentou que não dava para comparar uma torta com um sanduíche. Enquanto discutiam, Bella pegou o sanduíche e o comeu.

— Calem a boca — disse ela.

Dolly, que não comera nada, se levantou. Entregou uma espingarda de madeira para Shirley e ficou com outra.

— Vamos treinar apenas a corrida. Vejamos quanto tempo leva.

Bella se levantou em um pulo e correu até o outro extremo da praia com o cronômetro. Quando Linda se levantou, deu para ver que estava com dor no pé por causa do impacto da motosserra.

— Eu acho que não vou conseguir, Dolly — murmurou.

— É o que você vai dizer se algo assim acontecer durante o assalto? — questionou Dolly. — Ou vai correr seja como for para salvar a própria vida?

Linda se calou e as três se levantaram, com as mochilas nas costas, prontas para o sinal de Bella.

A cinquenta metros, Bella achou que as três pareciam um bando de mães fazendo a corrida do ovo na colher na gincana da escola dos filhos. Dolly em seu traje de ginástica rosa-shocking, Shirley no macacão de passarela e Linda vestida de mendigo. Bella balançou a cabeça.

— Atenção! — gritou.

Dolly fez sinal de positivo.

— Um, dois, três e... JÁ!

Independentemente de quantas vezes fizessem a corrida, Dolly sempre ficava para trás. Ela não tinha a mesma energia e forma física das outras três e começava a ofegar após os primeiros vinte metros. Toda vez que cruzavam a linha de chegada, ela fazia uma pausa, pressionava a lateral do corpo, bufava e perguntava que tempo haviam feito. Era óbvio que ela nunca conseguiria completar a corrida no tempo necessário. Mas Dolly não estava disposta a desistir e caminhou de volta até o velho Morris. Na quarta vez, Linda sentiu que precisava se pronunciar.

— Isso é ridículo, Dolly. Eu consigo, Shirley consegue... Por que todas nós precisamos correr para cima e para baixo tantas vezes só porque você não consegue? É você quem está nos atrasando. Descanse e tente sozinha mais tarde.

Dolly se afastou com as mãos nos quadris e a cabeça baixa. Estava indo além de seu limite, mas se recusava a ceder. Ao chegar no Morris enferrujado, ergueu a mão, indicando para Bella que estava pronta para correr outra vez.

Bella cruzou os dedos e sussurrou:

— Vamos lá, Dolly. Você consegue.

Dolly baixou a mão e começou a correr.

Dessa vez, conseguiu chegar no tempo limite, mas era horrível ver as veias saltadas em seu pescoço, os braços balançando junto ao corpo. Alguns metros antes da linha de chegada, seu corpo cedeu. As pernas começaram a se curvar em virtude de tanto esforço. Ela se atirou em direção à linha de chegada e então desabou, superofegante. De quatro na areia, conseguiu sibilar:

— Tire isto de mim, Bella!

Rapidamente, Bella retirou a pesada mochila das costas de Dolly. Linda sorriu e balançou a cabeça, presunçosa. Shirley olhou feio para ela, se ajoelhou ao lado de Dolly e sussurrou:

— Isso não é bom, Dolly. Você não consegue fazer a corrida.

Aos poucos, a respiração de Dolly desacelerou e se estabilizou. Ela deu um último e profundo suspiro e ficou de pé. Então, pegou a mochila e a entregou para Bella, que lhe deu o cronômetro. Bella tirou a roupa de couro de motociclista, revelando um short de corrida. Com uma mochila nas costas, ela pegou também a mochila de Shirley e caminhou pela praia.

— Apenas observe — disse Linda. — Ela costumava correr na escola.

Shirley teve vontade de bater em Linda. Às vezes, ela era realmente má. Mas Dolly não disse nada enquanto observava o modo como Bella caminhava sem esforço com o peso nas costas.

De volta ao Morris, Bella tirou os sacos de areia da mochila de Shirley e colocou-os na toalha de piquenique — precisaria daquilo quando Dolly estivesse cronometrando seu tempo. Pegou a motosserra e testou o motor, ligando e desligando. Satisfeita por Linda não ter quebrado a ferramenta, Bella entrou no Morris Minor destruído, com a mochila nas costas e segurando a motosserra.

No segundo em que ela saltou do carro, Dolly iniciou a cronometragem.

As três observaram em silêncio quando Bella acionou a motosserra com um puxão no cordão de ignição e abriu um buraco na porta do carro grande o bastante para enfiar uma espingarda. Então, Bella correu até a toalha de

piquenique e ergueu os sacos de areia, levando o tempo exato para encher a mochila de Linda e depois a de Shirley. Ela parecia uma máquina. Quando começou a correr pela praia, Linda não conseguiu controlar a empolgação e começou a pular, agitando os braços e gritando:

— Vai, garota! VAI! VAI! VAI!

Os olhos de Dolly se alternavam entre Bella e o cronômetro. Bella correu em sua direção a passos largos e fáceis, como se o peso às suas costas não tivesse a menor relevância.

Dolly não precisou anunciar o tempo transcorrido porque era óbvio que Bella era, de longe, a mais rápida de todas. Enquanto Shirley e Linda a abraçavam, Dolly voltou sozinha em direção ao Morris.

— Agora, vamos ensaiar tudo — gritou para as outras.

Então, assobiou para Wolf, que estava rolando sobre uma gaivota morta.

* * *

Elas passaram mais uma hora ensaiando o plano antes de encerrarem as atividades do dia. Enquanto Dolly arrumava a cesta de piquenique, Bella e Linda carregavam a motosserra e as mochilas de volta ao porta-malas do Mercedes. Shirley tirou a areia das fronhas e olhou de soslaio para Dolly. Os lábios de Dolly estavam estreitados e ela ainda parecia furiosa com sua incapacidade de acompanhar o ritmo das outras. Shirley tentou dar um sorriso aberto para reconfortá-la mas seu lábio cortado voltou a abrir e, de qualquer modo, Dolly a ignorou. Ela era um pássaro velho e durão, o que fez Shirley pensar em sua própria fraqueza frente à agressão de Tony Fisher. *Fui patética*, pensou com raiva. *Mas não serei mais...*

A última corrida do ensaio fora a melhor de todas, bem abaixo do tempo estimado. A decisão de Dolly de reordenar os papéis — ela dirigindo a van de bloqueio, Bella de volta à serra elétrica e Linda ao volante na retaguarda — acabou por se revelar a coisa certa a ser feita, uma vez que explorava os pontos fortes de cada uma. Terminaram o dia cansadas, sujas, doloridas, mas revigoradas. Pela primeira vez, tudo pareceu real, muito real. Quando recolheu os detritos da praia, Shirley pegou uma das espingardas de madeira e sorriu. Conferindo se Dolly estava de costas, apontou a “arma” uma última vez antes de jogá-la nas dunas.

Dolly não se importou com a decisão que fora obrigada a tomar — a de passar a dirigir a van dianteira —, mas ficou incomodada por ter falhado diante das garotas. As três procuravam por orientação, estabilidade e liderança em sua figura. Dolly precisava preservar essa imagem, elas jamais deveriam pensar que tinha algum tipo de fraqueza.

Linda e Bella estavam quase ao pé da escada quando Shirley e Dolly terminaram de empacotar as coisas e estavam prontas para irem embora. Ao olhar para as três garotas, Dolly percebeu os olhares de soslaio nada sutis que Linda lançava para as outras. Embora parecessem não duvidar mais de que de fato eram capazes de fazer aquilo, Dolly notou que, pelo modo como a olhavam, era a capacidade dela que questionavam agora.

Ela pegou a marreta.

— Eu não ensaiei a minha parte, não é mesmo? — disse ela alegremente.

Parada a alguns passos do Morris, com pernas afastadas, Dolly ergueu a marreta agarrando o cabo com firmeza. As veias de seu pescoço se sobressaltaram e ela emitiu um som a plenos pulmões; não exatamente um grito, mas um estridente rugido gutural saído das entranhas. Então baixou a marreta contra o para-brisa do Morris, destruindo-o em mil pedaços. Os grânulos de vidro foram projetados para trás, salpicando os assentos traseiros. Por um segundo ou dois, o interior do carro pareceu um globo de neve, o que foi algo quase bonito de ver.

Quando a marreta pousou no banco de trás, as três mulheres ofegaram, chocadas.

— Meu Deus! — disse Linda em nome de todas. — É como a primeira vez em que você ouve a sua mãe dizer “Foda-se”!

Dolly olhou para elas com um sorriso astuto.

— Conheço os meus pontos fortes. E os de vocês — disse ela, subitamente séria. — Nós conseguimos, meninas. Nós conseguimos.

Então, disse algo que fez até mesmo Linda sentir um nó na garganta:

— Eu não vou decepcioná-las.

Agora Dolly não via nenhuma dúvida nos olhos das outras, apenas respeito. As três sabiam que ela era capaz de liderar, e Dolly sabia que elas a seguiriam.

* * *

Na terceira corrida de Harry, ficou claro que ele os estava atrasando. Simplesmente não era rápido o bastante e, não importava quantas vezes tentasse, não conseguia melhorar seu tempo.

Ninguém disse uma só palavra quando Harry avaliou suas opções. Seu rosto estava tenso de raiva e os músculos do maxilar se contraíam erráticamente. A raiva era direcionada para si mesmo, todos podiam ver isso, de modo que respeitosamente lhe deram o tempo e o espaço de que necessitava. Por fim, Harry entregou a mochila a Jimmy.

— Vejamos como você corre, garoto.

Enquanto o suor escorria pelo rosto vermelho de Harry, Jimmy completou a corrida em um tempo espetacularmente rápido. Quando Harry era mais jovem, aquela teria sido uma corrida fácil, mas ele era inteligente o bastante para identificar as qualidades de sua equipe — e ele não correria. Não mais.

— De volta às suas posições iniciais — ordenou. — Vou cronometrar tudo.

Enquanto observava Terry, Joe e Jimmy caminharem de volta à van de perseguição, Harry sentia-se dolorido, por dentro e por fora. Ele sempre liderara as ações, por isso ter de abandonar tal posição era desolador.

Joe e Terry subiram na traseira da van de perseguição, mas Jimmy ficou mais atrás. Estava dando tapinhas no próprio relógio.

— O que foi? — perguntou Harry.

— Nada. — Jimmy não queria parecer idiota nem causar confusão. — É só o meu relógio. Acho que dei corda demais.

Harry tirou o Rolex de ouro e o entregou a Jimmy.

— Aqui. Tome. Comprarei um modelo mais recente quando tudo houver terminado.

Então, ocupou o banco do motorista do caminhão.

Quando Jimmy assumiu sua nova posição no banco do motorista da van, admirou o Rolex de ouro de Harry com o mostruário incrustado de diamantes. Era o relógio mais bonito que já tinha visto na vida e ele prometeu jamais tirá-lo do pulso.

CAPÍTULO 19

Fuller passou o fim de semana na Yard, mostrando centenas de fotos de criminosos para Fran, a senhoria de Boxer Davis. A mulher disse que faria o possível para ajudá-lo, mas o policial se questionou se ela simplesmente os estava enrolando por causa da comida grátis e de todas as bebidas quentes e frias que pedia a toda hora. Às vezes ela apontava para um rosto e dizia:

— Não tenho certeza, mas acho que pode ser ele... deixe-me tomar outra xícara de chá e comer uns biscoitos enquanto penso a respeito.

Fuller verificava no computador os indivíduos que ela selecionava e constatava que estavam presos ou mortos. Mas teve de continuar, porque Fran agora era sua única pista. Cada vez que ela mencionava alguém pelo nome suas esperanças aumentavam, porém a maioria acabava se revelando ex-amantes e um acabou por ser o marido dela. *Maldição*, pensou Fuller com amargura, *ela teve muitos homens para uma mulher tão gorda e fedorenta*. Quanto ao homem que a atacara, Fran por fim admitiu que simplesmente não conseguia se lembrar de como ele era.

Andrews passou a manhã com os peritos criminais. Tinha pedido que analisassem um veículo roubado que fora abandonado em uma rua transversal à Shaftesbury Avenue. O sangue coletado na parte de baixo da carroceria do carro era do mesmo grupo sanguíneo do de Boxer. Os para-choques traseiros e dianteiros estavam danificados e um farol, quebrado: o tipo de vidro era semelhante ao coletado no beco onde Boxer fora encontrado. Não demorou muito para que os peritos confirmassem que as fibras achadas no farol quebrado batiam com o terno que Boxer usava e que o vidro quebrado na cena do crime era o mesmo do carro roubado. Um resultado positivo, mas que não levava a lugar nenhum: o carro não tinha impressões digitais suspeitas, e as marcas de luvas de couro sugeriam que o assassino de Boxer tinha ficha e não queria ser pego. Era mais um beco sem saída.

Enquanto fazia suas metódicas anotações, Fuller batia com força em cada tecla,

desejando que fossem a cabeça de Resnick. Na noite anterior, ocorrera um grande assalto a uma joalheria em Mayfair, e toda a delegacia estava alvoroçada. Por mérito, Fuller devia ter sido designado para cuidar dele, mas estava preso ao caso Rawlins. Então, em vez de rastrear bandidos de verdade — aqueles que estavam realmente vivos — estava perdendo seu tempo com Fran, sem obter nada em troca. Estava de saco cheio de ser o bode expiatório do chefe — e os outros policiais do DIC também o estavam irritando. Sabiam quanto Fuller odiava Resnick e por isso brincavam, fazendo comentários sobre como os dois eram inseparáveis e como Fuller estava engordando e começando a feder como um cinzeiro à medida que ia se transformando no seu “chefe”. Remoendo o ressentimento, Fuller terminou de datilografar e arrogantemente arrancou o relatório da máquina de escrever, rasgando-o ao meio devido à pressa. Olhou para o teto, se acalmou e começou outra vez.

Ao chegar, Andrews também estava furioso. Ao exigir prioridade no exame pericial do carro roubado usado no atropelamento de Boxer Davis em detrimento das evidências do assalto de Mayfair, o chefe o deixara em maus lençóis. Andrews tivera de aturar a bronca no lugar de Resnick. Naquele momento, ele andava de um lado para o outro da sala observando Fuller bater nas teclas com tanta força que a máquina de escrever se movia no tampo da mesa.

O sargento Hawkes enfiou a cabeça no vão da porta com um grande sorriso no rosto e perguntou:

— Ei, Fuller, como vai seu amigo Resnick?

— Vá à merda — retrucou Fuller.

— Com prazer — disse Hawkes. — Estou fora do caso, Richmond também. Agora estamos trabalhando no assalto de Mayfair. Chega de perder tempo vigiando a viúva de Rawlins.

— Por que você conseguiu ser transferido e eu não? — questionou Fuller, espumando de raiva.

— Acho que o inspetor-chefe está mantendo todos os rejeitados em uma única equipe para que não contaminem o resto da delegacia — debochou Hawkes.

Fuller ficou lívido. Ele pensara em pedir para ser escalado para o assalto de Mayfair, mas supôs que, se quisesse fazer isso, o chefe já o teria convocado. Meu Deus, e se a incompetência de Resnick realmente estivesse passando para ele? Fuller olhou feio para Hawkes e perguntou:

— Resnick sabe disso?

— Não faço ideia. Não o vi nem me importo. Foi decisão do inspetor-chefe — respondeu Hawkes alegremente, fechando a porta e deixando o outro sozinho para remoer sua indignação.

Cinco minutos depois, Alice entrou na sala. Ela estava prestes a ser transferida para o setor de registros criminais e de certa forma estava aliviada: o estresse seria bem menor.

— Hoje vocês voltam para a sala de vocês — avisou a Fuller e Andrews. — Os decoradores fizeram um belo trabalho. O lugar está novinho em folha, com equipamentos novos.

Sua voz era uma mistura de mãe gentil e diretora severa.

Fuller já havia empacotado e transportado a maioria de suas pastas e objetos da escrivaninha. Andrews fugiu para a cantina antes que lhe pedissem para arrastar algum móvel.

— Resnick já chegou? — perguntou Fuller para Alice enquanto retirava o seu relatório da máquina de escrever com cuidado e recolhia os últimos papéis de sua mesa.

— Não, e estou com ódio por ele não ter movido um dedo para limpar a sala! Dei a ele várias caixas para colocar as coisas, mas nem isso ele fez.

Embora fosse secretária de todo o grupo de oficiais superiores do DIC, Resnick agia como se Alice trabalhasse somente para ele.

— O que você esperava, Alice? — questionou Fuller gentilmente.

Alice olhou feio para Fuller. Ela odiava quando desrespeitavam Resnick, embora soubesse bem o que Fuller queria dizer. Resnick era inútil quando se tratava de coisas práticas. Ele sabia que, caso deixasse algo de lado tempo suficiente, Alice faria o serviço por ele. Certa vez ela o pegara rindo disso com um de seus colegas: “Por que latir se você tem um cachorro?”, dissera, o que a magoara profundamente, embora soubesse que ele não estava falando sério. Resnick era preguiçoso porque ela gostava de cuidar dele, e não o contrário. Ela ainda o defendeu:

— Bem, sargento Fuller, ele está muito ocupado e não tem tempo para tarefas menores.

Ao sair com sua última caixa de objetos pessoais, Fuller sorriu para Alice e disse:

— Ele tem sorte de ter você, Alice. Lamento não poder dizer que a recíproca é verdadeira.

— Você sabe quando ele vai chegar? — gritou ela para Fuller, que se afastava.

— Não sei e não quero saber!

Alice atravessou o corredor vazio e ficou do lado de fora da sala de Resnick, com o vidro rachado coberto de fita durex. Baixou a maçaneta. Como sempre, estava trancada. O silêncio acabou quando as portas duplas ao fim do corredor se abriram e o inspetor surgiu. Ao passar pela nova sala, ele gritou para Fuller e Andrews e estava prestes a gritar para chamar Alice quando a viu esperando por ele.

— Bom dia, querida — disse Resnick, destrancando a porta e irrompendo em um dos seus ataques de tosse.

A sala de Resnick estava caótica como sempre. Ele não fizera nenhum esforço para empacotar as suas coisas. Jogou a maleta surrada na mesa e pegou o telefone.

— Foi cortado — avisou Alice pacientemente. — Os decoradores começarão a trabalhar aqui hoje e você deve se mudar para a nova sala anexa no andar de cima.

Resnick bateu o telefone no gancho.

— Por que você não me disse?!

Na verdade Alice lhe dissera aquilo cinco vezes, mas decidiu ficar calada.

Ele entregou suas chaves a ela.

— Fique de olho em tudo — pediu, encarando-a com seriedade.

Resnick confiava nela como em mais ninguém.

— Pode deixar — retrucou Alice, igualmente séria.

Então, ele saiu.

Alice se viu em meio à horrível bagunça que era a vida profissional do inspetor. Se a sala fosse de outra pessoa, ela teria delegado a tarefa para o pessoal da datilografia. Mas ele lhe dera as chaves de seu santuário e Alice ficaria de olho em cada folha de papel. Ela suspirou profundamente. *Por que eu sempre deixo você fazer isso comigo?*, pensou. Todo dia Resnick entrava e saía de sua vida como um tornado, e toda noite ela recolhia tudo o que ele deixara em seu rastro. Ele nunca ouvia nada que ela lhe dizia, a menos que fosse uma resposta para uma de suas perguntas, e Alice não conseguia se lembrar de quantas vezes ele gritara ao ir embora da delegacia: “Mande lembranças ao seu pai! Sirva-lhe um ponche bem

quente, que cura qualquer coisa.” Fazia isso mesmo ela tendo dito mais de mil vezes que seu pai havia morrido.

Mas Alice sabia exatamente por que vivia correndo atrás de Resnick e por que faria qualquer coisa por ele. Ela o amava havia quinze anos.

CAPÍTULO 20

Sentada na bilheteria do fliperama, Linda roía as unhas. A batida da música eletrônica estava lhe causando dor de cabeça. Estava pensando na reunião a que todas compareceram no depósito sob os arcos depois do ensaio na praia. Ela não tinha gostado do desfecho.

Todas estavam de bom humor após as corridas bem-sucedidas, mas a reunião azedou. Tudo começou quando Bella perguntou a Dolly onde ela esconderia o dinheiro após o assalto.

— Não vou dizer — respondeu Dolly, pragmática. — O que você não sabe não pode revelar. É simples assim. Estará em segurança. Isso é tudo o que você precisa saber.

— Você não confia em nós? — perguntou Linda, imediatamente na defensiva.

— Se não gostou, Linda, a porta da rua é serventia da casa.

As três permaneceram em um silêncio descontente, e Dolly lhes entregou outra lista de tarefas. Após o assalto, cada uma delas iria separadamente ao aeroporto de Heathrow, onde pegariam voos para o Rio de Janeiro. Os horários e as datas exatas seriam confirmados assim que Dolly se encontrasse com o contato na empresa de segurança, mas, por enquanto, elas receberiam instruções de como ir para o aeroporto e como se comportar durante a viagem. Por fim, Dolly deu um envelope para cada uma delas, contendo dinheiro para pagarem as contas de hotel.

Shirley estava radiante — ao mesmo tempo empolgada e com medo do que estava acontecendo.

— Para onde você vai antes de ir para o Rio, Dolly?

— Para lugar nenhum — respondeu ela bruscamente. — Tenho que esperar o momento certo para esconder o dinheiro e depois deixar meu Wolf em um canil. Se todas nós desaparecermos ao mesmo tempo, as pessoas podem começar a fazer perguntas. Vou levar uma quantidade considerável de dinheiro para

permanecermos no Rio. O suficiente para pelo menos dois meses. Quanto mais tempo ficarmos longe, mais seguro será para todas nós.

Linda abriu a boca para fazer a pergunta que estava na cabeça de todas, mas Bella a impediu, pois não queria que aquilo se transformasse em um bate-boca.

— E só você saberá onde está escondida a maior parte do dinheiro? — perguntou educadamente.

Dolly percebeu que as garotas precisavam ter certeza de que ela sabia o que estava fazendo e por quê.

— Trabalharemos do modo como Harry trabalhava. Nenhuma de suas equipes sabia onde o dinheiro estava escondido, e ele nunca enganou ninguém. Todos confiaram a ele as suas...

Dolly olhou para o chão, não querendo fazer contato visual com Linda ou Shirley e arrependida de sua escolha de palavras.

— Todos confiavam em Harry — corrigiu-se. — Eram bons homens, mas Harry sabia que se sentiriam tentados a torrar logo o dinheiro. Isso chamaria a atenção... especialmente da polícia.

Então fez uma pausa.

— Agora vejam, eu não vou dar uma de esperta e sumir com o dinheiro.

— E se algo acontecer com você? E se você for presa ou atropelada por um ônibus? — Bella ainda estava preocupada.

Linda, que estava louca para saber de tudo, se meteu na conversa:

— Ficariamos presas no Rio sem nada, é isso. Precisamos saber de tudo, Dolly.

Dolly ficou mais magoada do que com raiva: lhe doía ainda não confiarem nela. Voltou-se para as três, juntou o dedo indicador e o polegar a um centímetro de distância e disse com os dentes cerrados:

— Neste exato momento... Neste exato momento falta isso aqui para eu cancelar tudo e ir embora. Vocês poderão me devolver cada centavo que lhes dei. Acabei de entregar a cada uma de vocês uma quantia que jamais viram de uma só vez em toda a vida. Como se atrevem a me questionar? E se vocês acham que podem fazer o trabalho por conta própria, então vão em frente. Vão em frente sem mim e vejam se irão longe! Estou cansada de ser questionada. Vocês, todas vocês, façam uma escolha agora mesmo. Querem continuar? Vocês querem fazer isso por conta própria? Falem logo! Falem agora!

Embora Shirley não tivesse dito nada para enfurecer Dolly, baixou a cabeça,

sentindo-se culpada — ela pensara muitas coisas ruins a respeito de Dolly. Linda estava menos incomodada com a bronca, mas sabia que, sem os livros contábeis e o contato da empresa de segurança, não havia como fazerem o trabalho sozinhas.

No fim, Bella foi a mediadora sensata:

— Não precisamos saber onde o dinheiro será guardado, Dolly. Nós confiamos em você. Precisamos confiar.

Dolly deu de ombros. Aquilo era um elogio bem indireto, mas serviria por enquanto. Depois de pegar Wolf, ela foi embora antes que dissesse algo do qual pudesse se arrepender.

Quando a porta se fechou, Bella se voltou para Linda e Shirley.

— Ao contrário de vocês, eu não perdi o marido no bendito assalto de Harry. Mas vocês duas precisam saber de uma coisa... se ela tentar alguma gracinha, vou matá-la. Minha vida está em jogo aqui porque acredito no que ela prometeu. Nunca tive tanto a perder. E, se alguém tirar isso de mim, essa pessoa vai se arrepender. E muito.

Shirley parecia chocada. Sabia que Bella não estava brincando. Linda tinha roído a última unha até o sabugo, fazendo-a sangrar. Assim como Bella, ela ainda não confiava totalmente em Dolly. Elas estariam do outro lado do mundo e Dolly seria a única a ter acesso a todo o dinheiro do assalto. E elas nem saberiam quanto haviam roubado!

Agora, depois de várias horas no guichê do fliperama refletindo sobre o que acontecera no depósito, Linda estava muito irritada. Misturou mais um pouco de vodca no café e entornou de um só gole. Odiava a sensação de ser controlada por Dolly; odiava ser tratada como criança e odiava não ser mais sua própria chefe. Ao pensar em tudo isso, ficou se questionando se seria assim tão impossível ela, Bella e Shirley fazerem o trabalho por conta própria.

* * *

Shirley olhou para si mesma no espelho comprido e sorriu. Estava satisfeita. A máscara nova que experimentara fizera maravilhas com a sua pele, que agora tinha um novo brilho. Ela começou a cortar e a lixar as unhas. O ensaio na praia acabara com elas. Assim que começou a relaxar, a campainha tocou. Assustada, Shirley quase pulou para fora da camisola de seda.

Seu coração disparou. E se fosse Tony Fisher? Ela estava sozinha em casa! Ele poderia arrombar a porta, dominá-la e estuprá-la dessa vez, até mesmo matá-la. Olhou para o relógio. Era 1h15. Aterrorizada, ela não se mexeu nem fez barulho.

No corredor, Linda manteve o dedo na campainha. Viu da rua que a luz do quarto de Shirley estava acesa. Ela riu. Seria engraçado pegar a Senhorita Certinha montada em um cara!

A campainha continuou a tocar. *Não pode ser Tony Fisher*, raciocinou Shirley. Ele já teria arrombado a porta ou ao menos gritado para que abrisse. Ela foi até a porta na ponta dos pés e perguntou com a voz trêmula:

— Quem é?

Linda não tinha noção da hora nem do nervosismo de Shirley.

— Sou eu, sua vaca idiota! Abra.

Linda esperou, impaciente, enquanto Shirley abria as inúmeras fechaduras na porta. Parecia uma fortaleza militar: travas, correntes, uma tranca dupla ou até mesmo tripla... Linda não sabia quantas eram. Quando a porta enfim se abriu, ela viu a expressão de alívio no rosto de Shirley.

— Porra, Linda, você me deu o maior susto. O que você quer?

— Só queria conversar sobre Dolly — respondeu, balançando um pouco por causa da vodca.

Ela entrou na sala, deixando Shirley trancar de novo a porta da frente. Ficou surpresa: o apartamento de Shirley parecia tirado de uma revista de decoração — cores suaves e tons pastéis por toda parte, tapetes grandes e grossos, mobiliário elegante e uma encantadora cômoda de pinho cru. Linda sentiu inveja. Decorar e mobiliar aquele lugar devia ter custado uma fortuna. Trabalhando ao lado de seu Joe e de Harry Rawlins, Terry deve ter ganhado muito dinheiro. Joe devia receber a mesma parcela que Terry, é claro, então por que gastava tão pouco com ela ou com o apartamento deles? Não que Joe não tivesse sido generoso com Linda. Mas o fato é que ele tinha sido uma maldita instituição de caridade para os parentes: arranjava casas, pagava aluguéis e passagens aéreas para a Itália e dava dinheiro o tempo todo. Também era verdade, reconheceu Linda, que Joe torrava nas boates, jogando e pagando bebida para todos. Havia também as putas louras com quem ela sabia que o marido andava... Linda começou a ficar irritada ao ver Shirley com a cara camisola de seda e mexendo no termostato do aquecedor central. Nada daquilo era culpa dela, mas Linda não estava disposta a ser razoável.

— Você quer um drinque? — ofereceu.

Shirley percebeu que Linda já tinha bebido. *Provavelmente, vodca*, pensou. A expressão de “doninha furiosa” em seu rosto denunciava. Como não tinha vodca, serviu uma grande dose de conhaque em um de seus melhores copos de cristal facetado e entregou-o a Linda, que reparou no copo caríssimo, mas não disse nada enquanto girava o conhaque ali dentro, parecendo saber o que fazia. Sentou-se no tapete branco e espesso e se apoiou no sofá de três lugares de marca. Tomando um gole da bebida, foi direto ao assunto:

— Você acha que Dolly foi sincera com a gente?

Shirley ficou parada perto da lareira. Andava de saco cheio das desconfianças de Linda.

— Claro que acho — respondeu com seriedade.

— Eu e Bella andamos conversando... — começou Linda.

— E bebendo — interrompeu Shirley.

— Fique calada um instante, está bem? Este boato que Dolly começou a espalhar sobre o velho estar vivo... e esse quarto homem, o que escapou. Estávamos pensando e, bem, e se as duas coisas forem verdade? E se Harry estiver vivo e for ele o sujeito que escapou e deixou os nossos homens queimarem até a morte?

— Não seja idiota! — disparou Shirley.

Aquilo era a coisa mais ridícula que Linda já dissera até então.

— E se embarcarmos para o Rio de Janeiro sem saber onde está o dinheiro, sem saber onde está Dolly? E se esse quarto homem ainda estiver por aí, escondido, e aparecer para tomar nosso dinheiro? E se esse homem for Harry e Dolly estiver mancomunada com ele? Ela ama aquele sujeito até a morte, Shirl. Faria qualquer coisa por ele.

Shirley ficou tensa, com o rosto corado. Fechou os punhos para manter o controle. Nunca ouvira algo tão ingrato e rancoroso em toda a vida. Linda se levantou, curvou-se e a cutucou com o dedo com a unha roída. Shirley a empurrou e ficou de pé com as mãos nos quadris. Ela não gritou. Sua voz estava calma, mas botou para fora tudo o que queria dizer:

— Você acha que o sofrimento daquela mulher não é genuíno? Você acha que, naquele dia na sauna, quando veio até nós com esse plano, ela estava, na verdade, tramando algo maior que não nos incluía? Harry está morto, Linda!

Assim como o seu Joe e o meu Terry. Não se atreva a esperar que eu acredite que a dor dela não é tão verdadeira quanto a minha. Só porque você já superou não significa que nós também tenhamos superado!

— Tudo bem, fique calma! Então, talvez não tenha sido Harry quem fugiu, mas ainda assim ela pode estar enganando a gente. Por que ela não diz onde vai esconder o dinheiro?

— Ela já explicou!

Os olhos de Shirley estavam arregalados, o rosto tenso e sério.

— Se você tem algo a dizer a Dolly, Linda, diga isso na cara dela. Você e Bella podem pensar o que quiserem, mas não acredito que ela esteja fazendo jogo duplo. Ela não queria dirigir a van da frente, mas vai dirigir. É a posição mais perigosa e ela a aceitou porque é a coisa certa a fazer para o bem de todas nós.

Linda fez o possível para manter o seu argumento.

— Eu e Bella...

Shirley gritou a sua frustração:

— “Eu e Bella! Eu e Bella!” Você trouxe Bella para o grupo e agora quer criar problemas e espera que eu fique do seu lado. Bem, saiba que isso não vai acontecer. Dolly ainda não nos decepcionou e eu não acredito que decepcionará. Não de propósito.

— Desculpe, tudo bem. Desculpe — disse Linda, cedendo.

Mas Shirley não a deixaria sair dessa tão facilmente.

— Não, não está tudo bem. Você vem aqui no meio da noite tentando incitar um motim quando Dolly não fez outra coisa até agora além de cuidar de nós. Você nunca esteve tão bem, Linda! E não foi você quem foi atacada por Tony Fisher. Você não precisou aturar aquele filho da puta tentando queimar os seus peitos! Você me assusta, Linda. Está entendendo? Você me assusta.

Linda percebeu que não devia ter ido até ali. Estendeu a mão para pegar a garrafa de conhaque e tentar se acalmar.

— Acho que você já bebeu o suficiente. É melhor ir embora — disse Shirley, arrancando-lhe a garrafa das mãos.

Desanimada, com as mãos enfiadas nos bolsos do jeans, Linda ficou de pé com a cabeça baixa, como uma aluna travessa. Shirley suspirou, desenroscou a tampa da garrafa e serviu-lhe uma pequena dose. Linda levou o copo até o aparador da lareira e olhou para a fileira de fotografias cuidadosamente arrumadas. Bebeu um

gole e apontou para uma delas.

— É a sua mãe?

Shirley não estava nem um pouco a fim de conversa fiada, mas aquela parecia ser uma tentativa de pedido de desculpas, de modo que respondeu:

— Esse é o meu irmão e esse é o meu pai.

De costas para Shirley, lágrimas silenciosas escorreram pelo rosto de Linda. Shirley percebeu que ela estava chorando quando começou a falar:

— Meu pai foi embora quando eu tinha três anos. Então minha mãe me largou em um orfanato e nunca mais voltou. Eu não me lembro mais dela... nem mesmo do seu rosto.

Linda entornou o restante do conhaque.

— Família bonita. Você tem sorte, Shirl. — De repente, voltando ao seu eu sorridente de sempre, perguntou: — Você está saindo com alguém?

— É claro que não — respondeu Shirley.

Esperava que Linda não começasse a falar vulgaridades e ser inconveniente como era de costume sempre que ficava bêbada. Mas a outra permaneceu muito bem-comportada.

— Eu estou — revelou ela. — Não devia estar saindo com esse cara. Dolly não aprova. Mas eu gosto dele, Shirl, gosto de verdade. Ele é gentil. E tem planos para o futuro melhores do que Joe jamais teve. Ele tem uma oficina. Quer ser piloto de corrida — acrescentou com orgulho.

— Meu Deus!

Os olhos de Shirley de repente se arregalaram, como se ela tivesse visto um fantasma. Ajoelhando-se, abriu a porta inferior do aparador, tirou um álbum de fotos e começou a folheá-lo freneticamente.

— Deve ser ele! Deve ser ele! Aqui!

Ela achou o que estava procurando. Agarrando Linda pelo braço, puxou-a para o chão ao seu lado, apontando para uma foto de Terry com o braço sobre os ombros de um sujeito com um macacão branco de mecânico.

— Este é Jimmy Nunn! — disse ela, empolgada. — Ele era piloto de corrida. Acho que ele pode ser o quarto homem, Linda! Terry pode tê-lo trazido para a equipe. É por isso que ele não é mencionado em nenhum dos livros contábeis de Harry. É por isso que Dolly não consegue descobrir quem ele é... ele era novo.

— Como você pode ter certeza?

— Lembro que Terry falou dele. Como ele era bom, como ninguém era capaz de alcançá-lo. Acho que ele estava dirigindo a van da frente. Faz sentido. Afinal, por qual outra razão não conseguiríamos encontrá-lo? Porque ele era novo.

Subitamente sóbria, Linda tirou a foto do álbum.

— Não diga nada a Dolly — pediu. — Não até termos certeza. Quero encontrá-lo, Shirl, por favor, deixe eu ir atrás dele e depois contaremos a Dolly.

— Como você vai encontrá-lo?

Shirley não estava convencida, mas a outra parecia desesperada.

— Por favor, Shirl — implorou novamente. — Eu preciso fazer isso. E vou fazer direito, eu prometo.

Shirley assentiu com relutância e Linda saiu como uma bala pela porta da frente. Jimmy Nunn... ela estava determinada a encontrar o filho da puta que deixara seus homens morrerem. Mais do que isso: ela estava determinada a provar para Dolly que tinha um cérebro e que fazia parte da equipe.

* * *

O rosto do inspetor-chefe Saunders estava inexpressivo enquanto ouvia Fuller se queixar. De vez em quando, olhava para a pasta que o sargento lhe entregara e balançava a cabeça, como se ainda estivesse ouvindo enquanto continuava a leitura.

Fuller estava a mil, ansioso para desabafar.

— Não quero que soe como se eu estivesse fazendo fofoca, mas o senhor precisa saber como o inspetor Resnick está lidando com esse caso. E a mim parece, senhor, que o caso Mayfair precisa de mais homens e que eu poderia contribuir. Em vez disso, estou sentado do lado de fora da casa de um morto, seguindo a viúva dele até o cabeleireiro, o convento ou quando leva o cachorro para passear. Com todo respeito, senhor, é um desperdício de recursos. E no fim de semana... bem, está custando horas extras de serviço e ainda não há nada para relatar, o que está afetando o moral da equipe.

Enquanto Fuller ainda estava soltando o verbo, Saunders se levantou e abriu a porta da sala. O policial se calou na mesma hora.

— Você não precisa gostar dele, precisa é trabalhar com ele.

Fuller se levantou e estendeu a mão sobre a mesa de Saunders para pegar a

pasta que trouxera.

— Vou ficar com isso — disse o superior.

Quando Fuller saiu, Saunders fechou a porta e inspirou profundamente. Fuller era um policial bom e esforçado, mas não sabia trabalhar em equipe. E ele ficaria surpreso com o quanto Resnick o elogiara. “Fuller é um babaca metido a certinho que se acha melhor do que os outros” dissera ele a Saunders. “Ele me irrita quando age como se o trabalho de campo que faz não tivesse à altura de suas capacidades, porque é um garoto inteligente. E ele é tão observador que não deixa escapar nada. Precisa começar a ouvir mais os seus instintos, mas acabará chegando lá. Ele realmente pode estar certo quanto a ser melhor do que o restante da equipe.”

Fuller põe a si mesmo e a sua carreira acima de tudo, algo que Resnick jamais fez, refletiu Saunders. O inspetor era um pé no saco, mas isso se devia ao fato de agir como um obcecado quando metia uma ideia na cabeça. E ele em geral estava acertava mais do que errava. Como a maioria das pessoas na delegacia, Saunders achava que Resnick estava se deixando levar pelas emoções em sua busca por Harry Rawlins, mas, afinal, ele fora enquadrado pelo sujeito, então ninguém poderia culpá-lo. Era essa visão limitada que no fim o levaria à aposentadoria. Saunders só precisava dar um pouco mais de corda para que Resnick se enforcasse. E a pasta que Fuller acabara de lhe entregar era exatamente a corda que ele estava procurando.

Após um intervalo conveniente, Saunders foi até as novas salas para conversar com Resnick. No adorável anexo novo, a mesa do inspetor estava vazia. Saunders voltou à antiga sala dele e encontrou Alice guardando pastas em uma caixa de papelão.

A mulher congelou.

— O inspetor Resnick estava empacotando tudo como solicitado, senhor, mas eu o distraí e ele acabou se atrasando um pouco.

Ela era boa em mentir.

— Eu disse que terminaria de arrumar para ele, uma vez que é culpa minha ele estar atrasado.

Saunders lançou um sorriso gentil para Alice. Ele admirava sua lealdade e sempre achou que Alice daria uma ótima policial. Pegou uma pasta de uma das caixas; estava incompleta e era datada de meses antes. Em seguida, olhou para o

diário na mesa de Resnick: páginas e mais páginas em branco, sem indicações de seu paradeiro. O rosto do inspetor-chefe ficou vermelho com a total falta de respeito de Resnick pelas regras e regulamentos básicos da corporação.

— Quando o inspetor Resnick chegar, diga que quero falar com ele na minha sala — disse Saunders friamente. — Sem falta. E nada de desculpas dessa vez, Alice.

CAPÍTULO 21

Linda estava satisfeita consigo mesma. Após um telefonema para o circuito de Brands Hatch e um pouco de flerte e pesquisa, descobriu o endereço de Jimmy Nunn. E soube que ele não era visto havia algum tempo: o mecânico com quem ela falara pediu que lembrasse Jimmy das cinquenta libras que ele lhe devia. *Aposto que ele é muito convincente*, pensou, lembrando-se da maneira como Joe costumava induzir dezenas de pessoas a lhe fazerem pequenos “empréstimos” para ambos poderem desfrutar de um fim de semana requintado.

Agora, Linda estava sentada em um café grego na Old Compton Street, olhando pela janela e esperando por Dolly. Quando telefonara para o convento, a madre superiora estava sentada a poucos metros de distância e Dolly não pôde questionar por que motivo estava pedindo uma reunião apenas para as duas e em um lugar público. *Dolly deve estar morrendo de curiosidade para saber o que é tão importante*, pensou Linda, sorrindo para si mesma. Para variar, Linda estava ansiosa para vê-la. Ela era a pessoa com algo a oferecer; ela era a pessoa que deveria ser ouvida, assim como quando trouxe Bella para a equipe. Estava se sentindo poderosa.

Quando Dolly estacionou o Mercedes do outro lado da rua, Linda fez sinal para que o proprietário trouxesse mais dois cafés. Ela viu Dolly, com Wolf debaixo do braço, inserindo algumas moedas no parquímetro e olhando do outro lado da rua para o pequeno café. *Entre logo, sua vaca velha e arrogante, o passeio valerá a pena!*

Dolly se sentou diante de Linda, com o rosto impassível. Não suportava o cheiro forte de fritura e odiava a maneira como o fedor daqueles cafés baratos e gordurosos se impregnava em suas roupas. O proprietário grego trouxe o café, derramando um pouco nos pires, e limpou as mãos no avental imundo, manchado de comida. O sucesso “Forever and Ever”, de Demis Roussos, começou a tocar na jukebox. O disco estava arranhado e soava como uma taquara rachada nos

alto-falantes de péssima qualidade.

Dolly olhou com nojo para a borda suja de sua xícara e esperou que a outra falasse.

— Você conhece Jimmy Nunn? — perguntou Linda, sabendo que aquilo era improvável.

— Nunca ouvi falar — respondeu Dolly.

Linda decidiu que era melhor ir direto ao assunto.

— Acho que ele é o quarto elemento. O cara que deixou os nossos homens na mão.

Dolly não disse nada. Esperou que a outra continuasse.

Como um espião entregando uma mensagem secreta, Linda passou para Dolly um papel dobrado contendo a foto de Jimmy Nunn que tirara do álbum de Shirley.

— Jimmy é ex-piloto de corrida, amigo de Terry. Esse é o endereço dele. Achei que você poderia querer investigá-lo, uma vez que é a chefe. E acho que depois todas nós deveríamos nos reunir, não é?

— Sou eu quem diz quando vamos nos reunir — retrucou Dolly. — E este encontro em público pode não ser bom para nós duas, Linda.

— Mas agora você é uma especialista em despistar a polícia, não é?

Dolly a ignorou. Leu o endereço de Jimmy Nunn, olhou a foto e depois guardou-a no bolso do casaco.

Linda continuou:

— Não bati à porta da casa dele nem falei com os vizinhos. Só estacionei o carro e observei um pouco, mas não o vi entrar nem sair. Tenho certeza de que ele é o homem que estamos procurando, Dolly. Aposto que é o filho da puta que deixou os nossos homens morrerem.

Ela se recostou e esperou que Dolly dissesse algo... algo do tipo: “muito bem” ou “bom trabalho”.

— Garçom! — chamou Dolly. — Gostaria de alguns biscoitos, por favor.

Quando os biscoitos chegaram, ela se inclinou e começou a dá-los para Wolf.

Merda, pensou Linda. Será que aquela fofoqueira da Shirley já contou a Dolly sobre Jimmy Nunn por causa da ligação dele com Terry?

Dolly quebrou outro pedaço de biscoito, deu-o para o cão e então encarou Linda.

— Você não é a única que está brincando de detetive — disse Dolly. — Por que você mentiu para mim?

Naquela fração de segundo, a dinâmica de poder se inverteu. Linda sentiu o suor se acumulando nas palmas das mãos.

— Eu não menti, Dolly. Eu e Shirl encontramos a foto de Jimmy Nunn em um álbum antigo e...

— Não estou falando de Jimmy Nunn — interrompeu Dolly. — Vou cuidar disso daqui para a frente. Estou falando do seu novo namorado. Carlos, não é?

Linda foi pega de surpresa. Sentiu o calor subir às bochechas enquanto o rosto corava.

— Você não disse nada sobre nós, disse? Sobre o que estamos fazendo? — questionou Dolly.

— Ele não é meu namorado, Dolly. É só aquele mecânico com quem transei depois de comprar o carro. Não foi nada.

O olhar de Dolly queimava a alma de Linda, uma estranha mistura de raiva e decepção.

— Você me olhou nos olhos naquela praia e disse que não estava saindo com ninguém.

— Isso não era da sua conta — rebateu Linda, acendendo um cigarro.

Enquanto tragava profundamente, desejou nunca ter se incomodado em ligar para Dolly. Por que ela estava mais preocupada com Carlos do que com Jimmy Nunn?

— Por que você acha que perguntei sobre ele? — questionou Dolly. — Você acha que eu quero saber de detalhes da sua vida sexual pervertida ou consegue imaginar que talvez eu esteja tentando protegê-la? Proteger todas nós.

O sorriso se esvaiu do rosto de Linda. Ela estava prestes a ser colocada em seu lugar e, mais uma vez, fora pega de surpresa. Olhou para Dolly, já esperando o golpe.

— Carlos trabalha para Arnie Fisher. Seu amante, Linda, é gay. Uma bichinha que pula da sua cama diretamente para a de Arnie. E, além de servir de michê de Arnie Fisher, Carlos também faz a manutenção de todos os seus carros de origem suspeita. Ele está cheio de coisas nas costas... em mais de um sentido.

O entorpecimento fez Linda ficar em silêncio. O nome Arnie Fisher ecoou em sua cabeça. A ideia desse homem transando com Carlos a fez se sentir enjoada.

Sua boca ficou seca e ela não percebeu que as cinzas do cigarro aceso estavam caindo na mesa. Dolly deu outro pedaço de biscoito para Wolf, dando tempo para a mulher absorver o que acabara de revelar.

Por fim, o cérebro de Linda processou tudo aquilo. Ela tentou sorrir e deu um trago no cigarro.

— Não acredito em uma palavra que você está dizendo.

Contudo, por mais que às vezes odiasse Dolly, Linda reconhecia que ela nunca mentia. Nunca.

— Foi Boxer Davis quem me contou. Antes que fizessem picadinho dele. Então, quando perguntei sobre Carlos na praia e você me disse que não estava mais saindo com ele, soube que você estava mentindo. Preferi não falar nada porque tínhamos um longo dia pela frente e pensei que você acabaria caindo em si por iniciativa própria... mas não. Você simplesmente toma uma decisão estúpida atrás da outra, não é?

A breve pausa que Dolly fez antes de continuar foi excruciante para Linda.

— Em que carro você estava quando ficou parada em frente ao apartamento de Jimmy Nunn?

Dolly estava pronta para atacar. Linda sentiu lágrimas começarem a brotar em seus olhos.

— Por acaso você estava no seu? No carro que Carlos a ajudou a consertar? No carro que ele viu estacionado do lado de fora do seu apartamento, do seu local de trabalho e que agora está parado do lado de fora deste café para o qual você me chamou a fim de que o mundo inteiro nos visse juntas? Foi *esse* o carro, Linda?

Linda queria que o chão se abrisse e a engolisse. Ainda assim Dolly não aliviou, mesmo quando as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto da outra.

— Você tem agido como uma vadiazinha idiota, mas isso vai acabar agora mesmo, está me ouvindo? Eu sou a chefe por um bom motivo. Agora, antes de dizer o que você deve fazer, vou perguntar uma coisa. Eu já perguntei isso uma vez e agora você vai responder, ok? Você falou com Carlos sobre o que estamos fazendo?

— Eu juro que não. Nenhuma palavra. Juro pela minha vida, Dolly...

Dolly viu que ela estava sendo sincera.

— Você vai se livrar dele, Linda — sentenciou.

Por um segundo, Linda achou que Dolly estava parecendo um chefe da máfia ordenando uma execução.

— Como assim? — perguntou com a voz rouca e patética.

Dolly teve vontade de agarrá-la pelo colarinho e enfiar algum juízo naquela cabeça.

— Bem, não estou falando de colocá-lo a sete palmos, se é isso que está passando pela sua mente idiota. Ele é o homem que cuida dos carros dos Fisher, certo? Deve ter uma garagem repleta de carros ilegais.

Linda ficou chocada.

— Você quer que eu denuncie Carlos para a polícia?

— Um telefonema, Linda. Faça-os revistar o lugar. Hoje.

Dolly se levantou e enfiou Wolf debaixo do braço.

— E nunca mais minta para mim.

Ela começou a se afastar, mas fez uma pausa e se virou novamente para olhar para Linda, sentada com a cabeça baixa, olhando para as cinzas do cigarro que flutuavam no café expresso esfriando à sua frente. Parecia totalmente derrotada. Dolly ainda não sentia pena dela, mas precisava que se controlasse e acabasse aquela história com Carlos.

— Obrigada pelo endereço de Jimmy Nunn. Vou investigar.

Linda ficou sozinha à mesa. Do outro lado do café, o grego e três operários de pele escura a observavam. Linda sentia-se péssima. Péssima e idiota. Levou menos de cinco minutos para que Dolly transformasse um dos momentos de maior orgulho de sua vida em um dos mais vergonhosos. Ela *odiava* Dolly Rawlins! Ela era uma mulher horrível. Horrível. Horrível por não ter coração e por partir o de Linda em uma única conversa. *Ela não precisava ter usado termos como “michê”,* pensou Linda. *Ela fez isso porque é uma bruxa velha, triste e rancorosa.*

Sua mão direita buscou o colar de ouro com o pingente em formato de sagitário, o arqueiro, que Carlos lhe dera. Ele pediu que Linda fechasse os olhos quando passou o colar pela sua cabeça, beijou-a delicadamente e o acomodou no vão de seu pescoço. Ela amou o gesto. Ela amava Carlos.

Fizeram amor de pé, olhando um para o outro no espelho. Pela manhã, ele foi embora antes que Linda acordasse, deixando um bilhete dizendo que a encontraria depois do trabalho. Naquele momento, porém, tudo o que ela conseguia ver era Carlos beijando Arnie com aqueles mesmos lábios italianos

deliciosos.

Aquela vaca, aquela vaca maldita! A dor que Linda sentia era insuportável. Tentou em vão apagar a imagem de Arnie e Carlos da mente. Torceu o colar até a corrente de ouro arrebentar. Um pequeno fio de sangue escorreu pelo pescoço no lugar onde o arco do arqueiro feriu sua pele. Linda chorou ainda mais.

CAPÍTULO 22

Dolly conferiu o endereço que Linda lhe dera. Estacionou em uma rua de casas esqueléticas e arruinadas. Viu um garoto andando de skate pela calçada e, baixando o vidro, gritou para que ele se aproximasse.

— Você sabe quem mora no número 39? — perguntou.

O garoto olhou para a casa, voltou-se para Dolly e balançou a cabeça.

— Não faço ideia, senhora. Por que pergunta?

Dolly saiu do Mercedes.

— Queria visitar um velho amigo.

— Então a senhora deveria saber mais sobre ele do que eu, não é? — respondeu o garoto com um sorriso impertinente.

Dolly olhou em volta. Seu Mercedes era um grande chamariz em uma rua como aquela.

— Vigie o meu carro e eu lhe darei três libras.

Os olhos dele se iluminaram e ele disse:

— Faço por cinco.

Dolly sorriu. Gostou do garoto. Apertaram as mãos e Dolly foi até a casa de Jimmy Nunn.

O imóvel fora dividido em quatro apartamentos e a porta da frente não estava trancada. O interior era ainda pior do que ela imaginava: um corredor repleto de panfletos, sacos de lixo de plástico preto, frascos de leite quebrados, jornais gratuitos e embalagens de comida para viagem. O interruptor do corredor não funcionava e ela viu que não havia lâmpada no bocal pendurado. Usando o isqueiro para tentar a enxergar o caminho, Dolly subiu a escada. Quando chegou ao segundo andar, o cheiro já não parecia tão ruim. Ela parou, aproximou-se da porta e viu o número quatro. Ao bater, um bebê começou a chorar. Ela esperou, bateu outra vez e o bebê chorou ainda mais alto.

— Quem é?

Dolly bateu novamente.

A porta se abriu e uma jovem olhou pela fresta.

— Não quero comprar nada.

Ela começou a fechar a porta, mas Dolly foi mais rápida.

— Se importa em conversar, querida? É só isso que eu quero — perguntou Dolly, passando por ela e entrando em uma sala pequena e simples.

Ela acendeu um cigarro. O perfume da jovem era insuportável.

— Estou à procura de Jimmy Nunn. Ele está?

A garota não disse nada. Claramente não tinha ideia de quem era Dolly.

— Eu sou a Sra. Harry Rawlins — apresentou-se, soprando fumaça pelos lábios estreitados. — Seu marido trabalhou para o meu. Seu nome é...?

— Trudie — respondeu a garota com relutância.

O nome de Harry Rawlins certamente significava algo para ela.

— Não vejo Jimmy há meses — prosseguiu Trudie. — Ele disse que tinha um negócio a resolver, saiu e eu não o vi desde então.

Dolly analisou cada centímetro da sala: as roupas do bebê secando no aquecedor, o mobiliário desordenado e de má qualidade, mas, acima de tudo, a própria Trudie. A garota era linda de uma maneira barata e vulgar: bonita, sensual, lindos cabelos louros, lábios fartos e olhos grandes, inocentes e largos. *Será fácil extrair informações dela*, pensou Dolly. *Basta ser legal*. Dolly lhe ofereceu um cigarro, mas a garota balançou a cabeça e disse:

— Eu não fumo.

Então o cinzeiro transbordante na poltrona ao lado dela fora preenchido por outra pessoa. *A gostosona pode não fumar*, pensou Dolly, *mas outra pessoa aqui fuma...* Trudie e Dolly ficaram paradas frente a frente, uma segurando o bebê, a outra, o cachorro. Descendo Wolf no chão, Dolly sentou-se cuidadosamente no sofá surrado e acendeu outro cigarro. Wolf pulou na poltrona, farejando e arranhando a lateral da almofada do assento. Em seu frenesi, derrubou o cinzeiro no chão.

— Quietos! — repreendeu sua dona.

O cão a obedeceu, sentando-se aos seus pés e abanando o rabo. Dolly não fez qualquer esforço para recolher o cinzeiro ou as guimbas espalhadas. Não faria nenhuma diferença considerando o estado daquela sala. Ela tirou a fotografia da bolsa.

— É Jimmy?

Trudie olhou para a foto de Jimmy e Terry e assentiu.

— Ele lhe deve dinheiro?

Dolly se levantou, ajeitando a saia, e entregou a Trudie um pedaço de papel com um número de telefone.

— Se Jimmy aparecer, diga que eu gostaria de falar com ele. Ele pode me encontrar neste número. Sou a Sra. Rawlins — repetiu.

— Eu decorei o seu nome — disse Trudie.

Que garota ingênua e estúpida, pensou Dolly. *Especialmente por se deixar sobrecarregar tendo um bebê.* Um bebê constantemente irritado. O cheiro forte do perfume barato de Trudie voltou a atingir Dolly. Talvez fosse por isso que o bebê estava chorando. Na verdade, ele era uma gracinha e devia ter uns seis meses. Dolly acariciou seu rostinho delicadamente. Nervosa, Trudie deu um passo para trás. Quando Dolly abriu a bolsa e tirou cinco notas de dez libras, Wolf pulou de novo na poltrona e voltou a escavar a almofada. Dolly o ignorou.

— Para a criança, ok? — disse a Trudie, entregando-lhe as cinquenta libras. — Quando Jimmy entrar em contato comigo, você ganhará muito mais.

Trudie olhou para o cachorro, que escavava a poltrona.

— Wolf! — gritou Dolly. — Quietos!

Ela o pegou no colo. Ao fazê-lo, notou algo brilhante, preso na fresta entre a almofada do assento e o braço da poltrona.

— Desculpe... — disse ela, fingindo arrumar a almofada.

De costas para Trudie, ela pegou um isqueiro Dunhill de ouro, igual ao que ela comprara havia anos para...

A voz de Trudie pareceu vir de muito longe.

— Se aquele carro lá embaixo é seu, Sra. Rawlins, é melhor ir dar uma olhada.

Dolly deixou o isqueiro cair atrás da almofada. Ela queria desesperadamente virá-lo e ver se as iniciais “HR” estavam gravadas no verso. Mas Trudie voltou a falar:

— Há um monte de crianças ao redor. Parece que você já perdeu um espelho.

Mas Dolly já havia ido embora. Não olhou para trás com medo do que poderia ver.

* * *

Trudie observou pela janela quando Dolly atravessou a rua e torceu a orelha de um dos garotos que estavam junto ao carro. A garota sorriu.

— Duração a velha, hein? — falou.

A porta da cozinha se entreabriu.

— Amor, você não vai acreditar: ela deu cinquenta libras para o nosso filho.

CAPÍTULO 23

Linda estava de volta à bilheteria do fliperama, segurando o colar que Carlos lhe dera de presente. Ela o consertara. Carlos notaria caso parasse de usá-lo. As palavras de Dolly ecoavam em sua mente. Ela ainda não conseguia entender. Ainda não conseguia acreditar que Carlos jogava nos dois times — era difícil, tendo em vista a maneira com que ele a abraçava e fazia amor com ela. Linda ergueu os olhos e seu coração ficou apertado. Seu amante caminhava em sua direção com um sorriso enorme. Usava um belo e caríssimo terno creme, que parecia de seda. Incapaz de encará-lo, Linda começou a recontar o troco freneticamente.

— O que você acha? — perguntou ele junto ao vidro da bilheteria, o forte cheiro de colônia impregnando o ar à sua volta.

Linda ergueu a cabeça lentamente. Carlos estava apontando para o terno e sorrindo, seu belo rosto pardo recém-barbeado. Ela adorava os lindos olhos castanhos dele, mas não conseguia encará-lo. Não naquele momento. Então desviou o olhar.

— Você vai a algum lugar elegante bem-vestido desse jeito? — perguntou com a voz trêmula.

— Vou encontrar algumas pessoas para um jantar de negócios — respondeu casualmente. — Abra a cabine. Quero lhe dar um abraço.

Linda se atrapalhou. Carlos enlaçou-a pela cintura, aproximou-se e beijou-a. Ela estava tensa e ele percebeu.

— Preciso continuar contando — disse ela se afastando.

Carlos a segurou, tocou o pingente em seu pescoço e um arrepio percorreu a espinha de Linda.

— Fica bem em você. Fico orgulhoso que você o esteja usando. O que acha de a gente se ver depois do jantar?

— Vou ter que ficar aqui até tarde. Estarei cansada.

Carlos se curvou, recolheu a mão e inclinou a cabeça.

— Algum problema? Você me parece um pouco fria.

Linda afastou a cabeça e começou a torcer nervosamente o pingente.

— Não. É que eu vou mesmo trabalhar até tarde. Estou tão cansada que só vou querer voltar para casa e dormir.

Carlos deu um passo atrás e olhou para ela, mas Linda não o encarou. Ele deu de ombros discretamente e, após alguns segundos de silêncio, disse:

— Como quiser.

Virando-se bruscamente, foi caminhando em direção à saída.

— Meia-noite — falou Linda sem pensar. — Eu largo à meia-noite.

Ela não sabia o que a fizera dizer aquilo.

Carlos voltou-se com um sorriso e uma piscadela.

— Volto mais tarde!

Roendo as unhas, Linda esperou alguns segundos e então gritou para Charlie:

— Toma — disse ela, entregando-lhe a chave da bilheteria quando ele se aproximou. — Volto em um minuto.

Antes que Charlie pudesse perguntar para onde ela ia, Linda saiu.

O terno creme tornava Carlos mais fácil de seguir. Linda manteve distância caminhando pelo lado oposto da rua e parava nas portas das lojas para o caso de ele se virar. Viu quando ele parou para analisar o próprio reflexo em uma vitrine, ajeitando o cabelo e endireitando a gravata antes de continuar seguindo pela Wardour Street e entrar em um pequeno bistrô francês.

O bistrô tinha uma cortina vermelha que ia até a metade da vitrine. Na ponta dos pés, Linda viu Carlos sendo conduzido pelo restaurante por um garçom. Uma mulher loira sorriu e acenou para ele. Bem, se ele a estava traindo, ao menos era com uma mulher... Mas a loira estava acenando para o garçom, não para Carlos.

Ele foi levado a um reservado nos fundos do restaurante, onde ficou de pé conversando com alguém. Linda não conseguia identificar quem era, mas viu uma mão se estendendo para apertar a bunda de Carlos. Então, quem quer que fosse se inclinou e beijou-lhe o rosto. Por uma fração de segundo, Linda viu claramente o rosto de outro homem. Foi o bastante. Era verdade. Meu Deus, era verdade. Arnie Fisher e Carlos eram amantes.

A cabeça de Linda rodava ao atravessar a Wardour Street sem olhar para os lados. Em sua desatenção, fez um carro se desviar e quase bater em um ponto de

ônibus. Ela correu até uma cabine telefônica, entrou e revistou os bolsos do jeans em busca de trocados antes de lembrar que ligações para a emergência eram de graça.

* * *

Mais tarde naquela noite, Linda transou com Carlos. Ela não queria, mas tinha de levá-lo a pensar que não havia nada de errado. Depois, ao se certificar de que ele estava dormindo, deslizou para fora da cama e vagou pelo quarto antes de se sentar diante da penteadeira.

Carlos estava fingindo que dormia. Entreabriu os olhos e observou o belo corpo nu de Linda enquanto ela se admirava no espelho da penteadeira com o pingente entre os seios. Ela franziu a testa, pegou um pedaço de algodão, embebeu-o com removedor de maquiagem e passou no rosto. *Algo a está incomodando*, pensou ele. Ela estava nervosa no fliperama e o sexo não fora tão selvagem e apaixonado como de costume. Quando Linda se levantou da penteadeira e voltou para a cama, Carlos fingiu despertar. Abraçando-a, ele a acariciou delicadamente, rolou sobre ela e transaram outra vez. Quando Carlos terminou, Linda se afastou.

— O que há de errado? — sussurrou ele.

— Nada. Só estou exausta.

Carlos voltou a abraçá-la e beijou-lhe a nuca. Ele nunca lhe dissera que a amava, mas queria dizer isso agora. Apoiou-se no cotovelo e sussurrou o seu nome, mas ela caíra no sono. Com delicadeza, ele afastou um cacho de cabelo de seu rosto antes de virar para o lado e adormecer.

No escuro, Linda abriu os olhos e encarou as cortinas. Sentiu como se seu coração estivesse se transformando em pedra. Será que Dolly, aquela vaca arrogante, estava errada? Será que Carlos só estava enrolando Arnie Fisher em troca de dinheiro e nunca tinha transado com ele? Mas Linda sabia que essa era apenas uma esperança vã.

* * *

Carlos acordou antes de Linda e se vestiu. Ajoelhou-se na cama e a despertou.

— Desculpe. É que estou atrasado para o trabalho. Pode me dar uma carona?
Aliviada por aquilo ser tudo o que ele queria, Linda se levantou.

Ela dirigiu em silêncio. O terno de seda de Carlos estava amarrotado, a gravata, pendurada no painel e a barba por fazer em seu queixo escurecia o rosto. Ele ligou o rádio e apoiou o braço no encosto do banco de Linda. Ela se sentiu culpada ao chegar ao final do beco em forma de U.

— Pode me deixar aqui — disse Carlos.

Ele saiu, inclinou-se sobre o banco do passageiro e a beijou no rosto.

— Você está bem? — perguntou ele, erguendo-lhe o queixo.

Linda assentiu e Carlos foi embora, assobiando com as mãos nos bolsos. De repente, ela notou a gravata pendurada no painel. Deixando o motor ligado, saiu do carro e foi atrás dele. Não queria ter nada de Carlos por perto caso ele fosse preso.

Na garagem, Johnny, o jovem aprendiz, estava algemado entre dois policiais uniformizados enquanto três detetives examinavam os livros contábeis e os gabinetes de arquivos. Ao ouvirem o assobio de Carlos e seus passos se aproximando, os policiais ficaram tensos e assumiram suas posições. Do lado de fora, ele pegou as chaves da porta no bolso da calça e...

— É A POLÍCIA, CARLOS! — gritou Johnny.

— Vão! Vão! Vão! — berrou um dos policiais ao rádio para os colegas estacionados ali perto.

Em uma fração de segundo, Carlos deu meia-volta e saiu correndo em direção à extremidade sem saída do beco. A viatura descaracterizada derrapou pela esquina, passando em alta velocidade por Linda, que deixou cair a gravata e correu de volta para o carro.

Ela bateu a porta com força e saiu derrapando pela rua sem saber ao certo para onde ia. Seguiu até o fim da rua e dobrou à esquerda, mas, quando estava prestes a fazer a curva seguinte, ouviu uma batida forte, um grito e um guinchar de pneus.

A outra entrada do beco ficava mais acima. Ao parar o carro, Linda viu uma van vermelha dos correios em cima da calçada, batida contra um poste de luz. O motorista saiu da van com a mão na cabeça e sangue escorrendo de um corte no supercílio direito.

Ainda em estado de choque, Linda se aproximou, ofegante. Não havia sinal de

Carlos. Contornando a viatura que estava parada no meio da rua, ela viu um grupo de policiais uniformizados reunidos ao redor da van dos correios. Um deles falava ao rádio.

Ela sabia que devia seguir na direção oposta, mas estava desesperada para ver se Carlos fugira. Ao passar devagar pela van, um policial acenou para que ela seguisse em frente. Então Linda o viu.

Imprensado entre a van e o poste de luz, seu terno creme estava coberto de sangue. O rosto estava contorcido de dor e seus olhos estavam abertos. O sangue de sua boca e uma poça volumosa, tão vermelha quanto o veículo, se acumulava na calçada ao redor de seus pés. O policial ao rádio balançou a cabeça enquanto outro cobria a metade superior do corpo de Carlos com um saco de correio vazio. Seu belo terno creme estava ficando cada vez mais vermelho.

* * *

As pancadas à porta da frente eram tão altas e contínuas que Bella pensou que estava prestes a ser presa. Ao se aproximar, ouviu Linda chorando lá fora, gritando para que ela a deixasse entrar. Quando Bella abriu a porta, a amiga caiu em seus braços.

— Eu o matei! Bella, eu o matei! Você tem que me ajudar. Por favor. Ah, meu Deus, me ajude, eu o matei!

Linda começou a ter ânsia de vômito e Bella a levou depressa até a pia do banheiro.

— Tudo bem — disse ela. — Acalme-se. O que aconteceu?

— Ele estava coberto de sangue — Linda respondeu, soluçando e totalmente histérica. — Nada está bem, Bella! Eu o matei!

Bella colocou a mão na boca de Linda com toda a força e exigiu:

— Pare com isso antes que todo o quarteirão venha bater à minha porta!

Linda caiu no chão ao lado da banheira e chorou.

Depois de levá-la ao quarto, Bella serviu-lhe um copo de uísque, que segurou para que Linda bebesse. Então serviu outra dose e sentou-se ao seu lado na cama.

— O que aconteceu? — perguntou Bella outra vez.

Enquanto falava, Linda torcia o pingente de sagitário entre os dedos.

— Ele está morto, Bella. Ele está morto.

— Sim, isso eu entendi. Mas quem está morto?

— Ela disse que eu tinha de fazer aquilo. Ela disse que eu tinha de telefonar para a polícia e denunciar a oficina e os carros ilegais.

Do nada, Linda arrancou a corrente do pescoço e jogou-a longe.

— Aquela filha da puta! — gritou.

Bella acariciou-lhe as costas e esperou que continuasse.

— Ela disse coisas horríveis sobre ele, Bella. Mas eu não sabia... eu juro que não sabia. Estive com ele toda a noite passada... simplesmente olhando para ele, para aquele rosto e para aquele corpo lindos, e não consegui acreditar que o que ela disse era verdade. Como poderia ser ele ali, deitado ao meu lado? Eu tinha certeza de que ela estava enganada... Mas já era tarde demais. Eu já havia ligado. Eu já havia denunciado e não dava mais para voltar atrás. Estavam esperando por ele quando foi para o trabalho hoje de manhã. Ele correu e...

Linda baixou a cabeça entre as mãos. Em meio às lágrimas, continuou a falar, desesperada para contar tudo para Bella:

— A van o atropelou, ele morreu na rua e havia sangue para todo lado!

— Então foi um acidente — argumentou Bella.

— Foi culpa minha! — gritou Linda, pulando da cama.

Ela estava exausta de tanto choro, culpa e pesar.

— Eu odeio essa Dolly maldita — disparou com um veneno que Bella jamais tinha notado.

— Eu sei.

Bella se levantou, aproximou-se e estendeu os braços para que Linda se aconchegasse entre eles. Abraçou-a com força, acalentando-a como uma mãe amorosa consolando o filho pequeno. Linda baixou a cabeça sobre o ombro da amiga e olhou fixamente para o nada.

— Ela é uma vaca, Bella. Cruel e sem coração. Ela me fez sentir pequena e estúpida e me fez odiá-lo. Eu odeio muito essa mulher. É bom ela ficar esperta.

CAPÍTULO 24

Dolly estava esperando em seu Mercedes no estacionamento do Little Chef, na estrada A23 para Brighton. Wolf dormia no banco do carona. Ela parou no outro extremo do pátio, mas ainda tinha uma boa visão da entrada e do restante do estacionamento. Estava começando a ficar impaciente. Estava ali havia mais de meia hora e ele estava atrasado. Batendo nervosamente na pasta em seu colo, olhou mais uma vez em torno, ansiosa. Será que ele viria?

Para se manter ocupada, pegou o bloco de notas e folheou, revisando os últimos detalhes do assalto e o que ainda precisava ser feito. Suspirou. Linda ainda não tinha arranjado uma van adequada para o bloqueio. Dolly sabia que ela devia estar sob considerável estresse depois do que lhe contara sobre Carlos, mas Linda era inteligente o bastante para entender quando algo era sério. E Carlos estar na mão e na cama de Arnie era algo bem sério. Dolly jamais poderia estar cem por cento segura em relação às suas garotas, mas naquele momento precisava confiar em Linda. Ficou se perguntando se Linda tivera o bom senso de disfarçar a voz quando ligou para a polícia para denunciar o amante...

De repente, Dolly deu um soco na pasta, despertando Wolf.

— Onde diabos você está? — gritou. — Vamos, seu filho da puta. Você jamais deixaria Harry esperando assim.

O problema com aquele encontro era que, caso não acontecesse, todo o trabalho iria por água abaixo. Simples assim. Ela ligara para Brian Marshall e dissera que trabalhava para Harry Rawlins. Embora ele estivesse morto, ela estava cobrando dívidas em nome da família. Marshall pareceu desconfiado ao telefone, mas, relutante, concordou em se encontrar com ela, apesar de poder simplesmente fugir e Dolly não ter como encontrá-lo.

Enquanto esperava, perguntando-se como diabos explicaria aquilo para as garotas, um Rover entrou no estacionamento e parou do outro lado. Desconfiando de que pudesse ser uma armadilha, Dolly esperou para se certificar

de que o carro, fosse de quem fosse, chegara sozinho e não fora seguido.

* * *

Brian Marshall já havia bebido meia garrafa de conhaque quando estacionou, mas ainda estava tremendo quando olhou em torno: não fazia ideia do que esperar nem de quem era o contato. Felizmente para Dolly, ele concluiu que não comparecer ao encontro poderia ser desastroso. Brian enfiou a mão no bolso, pegou o cantil de conhaque e tomou outro gole. Estava revoltado consigo mesmo.

O hábito de beber se encaixava como uma luva no vício no jogo e, havia uns dez anos, Brian Marshall se afastara dos cassinos legais para frequentar a boate de Arnie Fisher, para onde fora atraído pelas apostas mais altas. Foi lá que conheceu Harry Rawlins. Harry era encantador, sempre amigável, e parecia interessado em saber como Brian estava e no que ele trabalhava. Durante uma conversa embriagada, Brian revelou que era cunhado do dono da Samson's, uma das maiores empresas de segurança do país. Desse momento em diante, Brian se meteu em uma grande enrascada — não que tivesse se dado conta disso na hora...

Rawlins continuou a agir como se fosse amigo de Brian, emprestando-lhe dinheiro, encorajando-o a jogar mais do que deveria. Brian não tinha ideia de como Harry era perigoso; até a noite em que, bêbado, permitiu que Harry Rawlins assumisse uma dívida de jogo de sete mil libras que ele contraía com Arnie Fisher. A partir daí, Brian passou a pertencer a Harry.

Rawlins esperou pacientemente e, quase um ano depois, cobrou a dívida de Brian — sabendo que este não tinha como pagar. Em troca do cancelamento da dívida e mais sete mil libras adicionais, Rawlins exigiu informações sobre as diferentes rotas que os carros-fortes da Samson's percorriam para entregar grandes quantias em dinheiro. Como medida de segurança, eles mudavam tais trajetos regularmente, muitas vezes em cima da hora. Rawlins prometeu deixar Brian em paz caso ele o ajudasse naquele trabalho.

Aterrorizado e sob pressão, ele não teve escolha. Esperava que Rawlins honrasse a sua palavra e o deixasse em paz ao fim do trabalho. Quando leu no jornal sobre o assalto malogrado e a morte de Rawlins, suspirou aliviado — até receber aquele telefonema... Com medo de que o encontro com aquela mulher

misteriosa tivesse a ver com algo muito mais sinistro do que a dívida, Brian verificou o envelope que colocara ao seu lado no assento. Tinha vindo preparado. A porta do carona se abriu e Brian se sobressaltou. Uma mulher de óculos escuros entrou no carro com uma pasta na mão.

Dolly sentiu o cheiro de bebida logo de cara. Olhou com desagrado para o rosto vermelho de Brian, inchado após anos de abuso de álcool. O colarinho de seu terno listrado estava coberto de caspa.

— Não estou aqui pelos sete mil — disse ela, olhando para a frente.

Brian fechou os olhos. Se ela não queria o dinheiro, então queria algo muito pior.

— Eu sabia que isso voltaria a acontecer — murmurou. — A empresa de segurança é do meu cunhado! Isso vai arruiná-lo!

Dolly manteve a compostura. Brian estava claramente aterrorizado, e ela precisava manter aquela situação sob controle para conseguir o que queria. Notou a cadeirinha no banco de trás do carro. *O Sr. Marshall fará o que lhe for pedido*, pensou.

— Tem dez mil libras aqui — disse ela.

Dolly abriu a pasta que estava no colo. Os olhos de Brian se arregalaram ao ver o dinheiro. Ela voltou a fechar a pasta.

— Isso é mais do que lhe foi oferecido na última vez.

— Me prometeram que a última vez seria a última vez — reclamou Brian. — Rawlins me deu a palavra dele! Disse que me deixaria em paz e...

— Rawlins está morto.

À medida que as palavras saíram de sua boca, o coração de Dolly disparou, mas ela não podia permitir que Brian percebesse quanto dizer aquilo a machucava.

— Três homens terem morrido não muda o fato de você ter perdido os sete mil e Harry Rawlins ter assumido a sua dívida.

— Você disse que não estava aqui pelos sete mil!

— Se você mantiver a sua parte do trato, não estou. Caso contrário...

— Conversa fiada!

Brian ficou olhando para aquela megera inflexível sentada ao seu lado. Não sabia quem ela era nem para quem trabalhava, mas definitivamente não gostava dela. Sentiu o conhaque lhe despertar a confiança.

— Estou falido, então você pode exigir o que quiser. Não tenho como pagar.

E não posso conseguir as rotas de entrega outra vez porque meu cunhado intensificou a segurança. Então e aí, que alternativa você tem?

Dolly encarou Brian sem piscar e continuou a falar como se não tivesse sido interrompida:

— Se você não mantiver a sua parte no acordo, a dívida será vendida de volta para os irmãos Fisher. Você conhece os irmãos Fisher, não é, Sr. Marshall?

Na mesma hora, a valentia instilada pelo conhaque desapareceu e o rosto de Brian ficou lívido. Não conhecia os Fisher pessoalmente, mas a reputação deles os precedia.

Dolly continuou:

— Consiga a rota para mim, sua dívida de sete mil desaparece e, quando o trabalho estiver concluído, você receberá estes dez mil em dinheiro. Deveria estar feliz por eu estar lhe dando essa oportunidade. Os Fisher não serão tão gentis.

Ela abriu a porta do carona e saiu levando a pasta, olhando descaradamente para a cadeirinha de bebê enquanto batia a porta.

Apertando o volante de couro, Brian sentiu a boca estremecer. Ela se afastou, com o passo constante e controlado: aquela mulher não dava a mínima para ele nem para a sua família. Ele levou a mão à chave de ignição. Seria fácil atropelar aquela bruxa, roubar a pasta e sumir para sempre. Mas foi um pensamento fugaz: ele era um covarde.

Pensando na mulher e nos filhos, tirou de novo o cantil de conhaque do bolso e o esvaziou de um só gole. As lágrimas brotaram e a pressão em sua cabeça se tornou quase dolorosa. Então ele ouviu aquela voz interior, aquela que surgia toda vez que bebia. Tudo estava bem, seu cunhado estava em segurança e ele era o alcoólatra da família, um caso digno de pena. Ninguém esperaria outra coisa dele, mesmo que descobrissem. E ele precisava desesperadamente daquele dinheiro! Dez mil libras... Daria para pagar todas as suas dívidas. Talvez até abrisse o próprio negócio.

Caminhando de volta para o Mercedes, o coração de Dolly batia tão depressa que ela pensou que fosse desmaiar. Só Deus sabe como ela conseguiu cruzar o interminável estacionamento com tanta calma, mas não podia deixar que Brian percebesse o quanto estava preocupada.

— Agente firme, Dolly — murmurou para si mesma. — Agente firme.

Ao chegar ao carro, colocou a pasta no teto e inclinou-se de costas contra a

porta. Vista de onde Brian estava estacionado, ela pareceria estar relaxada, esperando que ele tomasse sua decisão. Na verdade, ela estava apoiada no veículo para não cair. O pequeno Wolf olhou para a dona do banco do carona, provavelmente se perguntando por que ela não voltava para o seu lado.

Em seu carro, Brian não se moveu. *Vamos lá*, pensou Dolly. *Vamos lá*. Será que tinha sido intimidadora demais? Ou não tinha sido suficientemente intimidadora? E se ele pagasse para ver e fosse embora? Talvez fosse melhor tentar convencer Brian, ser mais gentil com ele, mentir, dizer que Harry o respeitava. *Vamos, Marshall, vamos!*

Brian ligou o motor do Rover. Dolly prendeu a respiração. A direção que ele tomasse determinaria o seu futuro. O carro deixou a vaga no estacionamento e foi seguindo ao encontro de Dolly. Soltando um grande suspiro de alívio, ela se recompôs. O Rover emparelhou ao lado do Mercedes e Brian entregou a Dolly o envelope que trouxera.

— As rotas, datas e horários do próximo mês estão aí, mas eu quero a pasta com o dinheiro agora e sua garantia de que a dívida de jogo está liquidada.

Dolly pegou o envelope e entregou a pasta a Brian.

— Esteja certo, Sr. Marshall, de que se os detalhes no envelope estiverem corretos e a polícia não tiver conhecimento dos planos, eu assumirei sua dívida com os Fisher e você estará limpo. Você tem a minha palavra.

Quando Brian sumiu de vista, Dolly entrou no Mercedes e cedeu a uma empolgação frenética. Estava com os planos! Ela beijou a cabeça de Wolf com força. O cão se levantou, apoiou as patas no peito da dona e ouviu atentamente enquanto ela lhe dizia:

— Papai ficaria muito orgulhoso de nós, querido. Muito mesmo. E as meninas vão ficar empolgadíssimas quando souberem! Está acontecendo, Wolf querido. Tudo está saindo exatamente como Harry planejou.

Tais palavras ficaram entaladas na sua garganta. Não era como Harry planejava. Aquilo estava muito, muito distante do planejamento original.

Ela abraçou Wolf apertado e se permitiu um momento para se lembrar de como os planos de Harry tinham dado errado. Dolly finalmente tinha a força e a motivação para terminar o que ele iniciara. Então, clareou a mente de todos os maus pensamentos e preencheu o espaço com suas garotas. Elas estavam tão perto de cumprir o objetivo... Sim, Linda ainda precisava arranjar a van de bloqueio e

elas ainda precisavam se acostumar com as armas, os macacões acolchoados e a motosserra. Agora, também teriam que decorar a rota exata do dia do grande assalto — mas já estavam muito longe de serem aquelas viúvas fracas, chorosas e aflitas que se encontraram na sauna tantos meses atrás. Agora, elas eram uma equipe. Dolly sorriu. Independentemente de suas falhas, seu humor e sua inexperiência, elas eram uma equipe. A sua equipe. E nada nem ninguém as deteria.

CAPÍTULO 25

Desde as nove da manhã Resnick e Andrews estavam esperando em frente à casa de Fran em uma viatura descaracterizada. Já eram 10h15 e, embora o aquecedor estivesse ligado, ainda estava frio dentro do automóvel, que também estava repleto de fumaça de cigarro. O rosto de Andrews estava vermelho e ele respirava com dificuldade. Assim que abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco, Resnick berrou para que ele voltasse a fechá-la. Andrews odiava trabalhar sozinho com o chefe. Quando Fuller estava, ao menos ele tinha algum apoio. Sozinho, estava vulnerável a todo tipo de abuso da parte do chefe, à mercê de seu humor. A delegacia estava um caos após o assalto de Mayfair e a malfadada batida na oficina, seguida da perseguição que levava à morte de Carlos. Com tantos policiais fazendo relatórios, processando evidências e fazendo o porta a porta, alguém da equipe de Resnick tinha de ficar na delegacia para ajudar com a papelada extra. Andrews imaginou Fuller sentado com os pés para cima em uma sala quentinha e sem fumaça de cigarro, tomando uma xícara de chá.

— Senhor!

Andrews apontou para a janela do carro.

Fran vinha ofegando rua acima. A cada dez metros, fazia uma pausa para baixar as compras e recuperar o fôlego antes de voltar a se mover em velocidade de lesma. Ao se aproximar, deu para ouvir o retinir das garrafas nas sacolas de compras.

— Nossa Senhora... — exclamou Resnick.

O pesado seio de Fran quase escapuliu da blusa quando ela se inclinou para ajeitar as calças frouxas nos quadris.

— Feche os olhos, Andrews. Isso não é uma visão adequada para um sujeito inocente como você.

O policial respondeu sem pensar:

— Já vi seios antes, senhor.

— Não, como esses não.

O inspetor abriu a porta do carro, amassou a ponta do cigarro na rua e saiu atrás de Fran.

Eles a seguiram quando ela tomou um caminho malcuidado, coberto pelo mato, e chegou a um portão já aberto, pendurado por uma dobradiça enferrujada. Inclinando-se contra a porta da frente, ela pegou a chave.

— Oi!

Fran virou a cabeça bruscamente ao ouvir a voz de Resnick às suas costas.

— Precisamos conversar outra vez com você, Fran.

* * *

O fedor no apartamento de Fran era pungente: gatos, cerveja velha, comida e odor corporal. A sala estava empoeirada e escura; as pesadas cortinas roídas por traças aparentemente não eram abertas havia anos. Resnick ajudou-a com o casaco, enquanto Andrews pegava as garrafas de bebida do chão e as levava até a sala de jantar ao lado.

— Sente-se, querida. Como você está se sentindo? — perguntou o inspetor.

Ele não dava a mínima para como Fran estava se sentindo, mas queria que ela cooperasse. Ele dobrou o casaco cuidadosamente, pendurou-o no encosto de uma cadeira, então se sentou em um pufe diante da poltrona baixa em que ela agora se refestelava.

Fran ainda tinha um hematoma acima do olho direito, embora agora estivesse com uma coloração amarelo-arroxeadada em vez do preto-azulado de alguns dias atrás. Curativos cobriram os cortes, o que fazia o seu rosto parecer ainda mais feio. O cabelo de um dos lados da cabeça fora raspado no hospital para que pudessem suturar um ferimento.

Andrews olhou para o relógio. Sempre que Resnick fazia sua interpretação do “bom policial”, o assistente cronometrava. Quem o visse no papel por mais de sessenta segundos ganharia dez libras dos demais.

— Agora, querida, não acha que já é hora de você nos dizer quem fez isso para que possamos prendê-lo e mantê-la bem e em segurança? — perguntou Resnick gentilmente.

Fran sorriu e acariciou a mão do inspetor.

— Você é um homem adorável.

Aqueles dedos de salsicha frios e úmidos faziam cócegas nas costas de sua mão e ele estava desesperado para se afastar.

— Eu gostaria de poder lhe dizer, meu querido — prosseguiu Fran. — Mas não consigo me lembrar. Não estou mentindo. Levei uma pancada na cabeça. Não consigo sequer imaginar como era o sujeito. Acho que bloqueei, entende? O médico me disse que um trauma pode provocar isso nas pessoas: bloquear as coisas das quais você não quer se lembrar.

— Não foi seu pequeno trauma que provocou isso, Fran. Foi dinheiro. Onde você conseguiu a grana para comprar tanta bebida?

Andrews parou de cronometrar. Quinze segundos!

— Eu administro um negócio, sabia? Consigo ganhar dinheiro! — insistiu Fran.

— O que você vai fazer se ele voltar? Vai lhe servir um uísque?

— Ele não vai voltar! — uivou Fran, amedrontada. — Por que voltaria?

Resnick sentiu que havia tocado na ferida da mulher.

— Bem, você foi à delegacia por vontade própria, minha querida... e estamos aqui agora, não é? E se ele a estiver vigiando?

O medo nos olhos de Fran aumentou.

— O cara não parece ser do tipo tolerante — prosseguiu Resnick. — E, se ele achar que você está nos contando coisas, pode querer fazer outra visita. Se você disser quem ele é, vamos tirar esse cara das ruas e colocá-lo atrás das grades. E aí você poderá ficar sentada em seu adorável apartamento e se embriagar à vontade, certa de que tão cedo ele não voltará a bater à sua porta.

Quando ele terminou, Fran soltou soluços terríveis e infantilizados, com a barriga subindo e descendo enquanto expelia o ar dos pulmões em expirações curtas e bruscas. Andrews sentiu tanta pena dela que entregou-lhe o próprio lenço. Quando ela assoou o nariz com espalhafato, Resnick levantou-se bruscamente, derrubando o pufe para trás.

— Prenda esta mulher por obstrução de justiça — ordenou a Andrews. — Vamos, querida, levante-se. Já estou de saco cheio de suas mentiras.

Fran uivou e estendeu a mão para Andrews, que, sem pensar, a amparou.

— Ah, por favor, não me prenda! Eu contei tudo o que sei. Não consigo me lembrar de mais nada, juro, eu não consigo.

Andrews livrou a mão e tentou levantá-la. Era como tentar erguer um peso morto.

— Por favor, não me prenda — lamentou-se Fran. — Eu queria que Boxer estivesse aqui... Ele cuidaria de mim. Onde ele está? Eu quero Boxer!

— Boxer está morto — cuspiu Resnick. — Morto por quem espancou você quase até a morte. Se realmente se importa com ele, Fran, vai me dizer quem lhe fez isso!

Os gemidos de Fran subiram uma oitava. Andrews recuou para preservar os tímpanos. Resnick teve a decência de fazer uma pausa e deixar a mulher se lamentar por um instante. Transcorrido tempo suficiente, ele voltou a se agachar diante dela.

— Agora ouça, Fran — disse Resnick com firmeza. — Se você foi paga para ficar calada, nós vamos nos desentender.

— Eu não fui...

— Cale a boca e me escute porque estou perdendo a paciência com você! Eu sei que você se machucou, mas outras pessoas sofreram consequências ainda mais graves.

Resnick se levantou, pegou uma das sacolas de compras cheia de bebidas, ergueu-a e se aproximou.

— Quem deu o dinheiro para que você comprasse tudo isso? Eu sei que você não ganha o bastante alugando quartos neste pulgueiro. Quem foi? Vamos, Fran, quem?

Enquanto o inspetor balançava o saco pesado, uma das alças se rompeu e as garrafas se espatifaram no chão. A cerveja marrom espumou no tapete. Fran se jogou para a frente e uivou outra vez.

— Aargh, a minha cerveja! Minha cerveja!

Fran afundou o rosto entre as mãos e voltou a chorar.

Frustrado por não conseguir dobrar a mulher, Resnick ficou com o rosto muito vermelho.

— Você vai me dizer quem atacou você e quem deu o dinheiro para ficar calada...

— Eu não sei! Eu não sei! Já disse mil vezes. Um sujeito simpático apareceu procurando por Boxer e eu o levei até o andar de cima. O outro veio depois... o que me atacou. Eu não conheço nenhum deles. Juro que não. Não me lembro de

mais nada.

— Tente! — ladrou Resnick.

— Eu estava tão cansada! Eu disse para aquela mulher...

Resnick a interrompeu.

— Que mulher?

— A que ligou. Eu disse: “Ele saiu.”

— Espere um instante!

Resnick se concentrou no novo detalhe.

— Uma mulher telefonou para Boxer?

— Sim, foi o que acabei de dizer.

Andrews observou como o tom de voz do chefe mudou outra vez.

— Quando, Fran? — perguntou, incentivando-a a prosseguir. — Quando ela ligou?

— Foram duas vezes. Na primeira, falou com Boxer.

Fran voltou a baixar a cabeça entre as mãos. Ela estava exausta e confusa.

— E na segunda vez?

Resnick fez uma pausa para que Fran pudesse pensar, depois insistiu delicadamente:

— Veja, querida, isso é muito importante. O que você estava fazendo quando ela ligou pela segunda vez?

— Assistindo à televisão.

— O que estava passando?

Fran olhou para Resnick.

— *Coronation Street*.

— Boa menina. Então, a mulher ligou durante o programa *Coronation Street*. E o que ela disse?

— Ela disse que a ligação caíra na primeira vez. Mas, bem, Boxer já havia saído com o primeiro sujeito, o sujeito legal, então ela desligou na minha cara. Ah, meu Deus, Boxer! — sussurrou Fran meio que para si mesma. — Nunca mais voltarei a ver o meu Boxer.

— Então me ajude a descobrir quem o matou, Fran — insistiu Resnick. — Se alguma vez você sentiu algo por Boxer, me ajude!

Fran segurou o antebraço de Resnick.

— Ele foi ao hospital — sussurrou ela. — Ah, meu Deus... Ele apareceu lá e

me disse que me mataria se eu contasse para vocês.

E eu vou matar você se não me contar, pensou Resnick. Mas o que ele realmente disse foi:

— Eu vou proteger você.

— Ele era alto, com cabelo castanho-escuro. Olhos penetrantes, frios como gelo. Não era um bandido, Sr. Resnick, era um cavalheiro. Uma merda de um cavalheiro frio e insensível!

Resnick prendeu a respiração. Tirou uma foto A4 do bolso interno do casaco e mostrou-a para Fran.

— Foi este homem?

Fran afastou a foto para focalizá-la e, ao fazê-lo, Andrews viu que era uma foto de Harry Rawlins, a mesma que estava presa na parede da sala de Resnick com um buraco de dardo na testa. O inspetor suava, com o rosto vermelho como uma beterraba.

— Não.

— Olhe direito. Olhe para ele! — gritou Resnick, balançando a foto de Harry Rawlins diante do rosto da mulher. — Foi ele, não foi?

— Não.

— Sim. Foi ele! Harry Rawlins é o homem que a espancou até você ficar inconsciente. Diga... eu sei que foi ele!

No exato momento em que Andrews criou coragem para intervir, seu rádio estalou.

— Saia daqui! Como ela pode se concentrar com esse barulho? — vociferou Resnick.

Andrews saiu relutantemente.

Quando ele voltou após atender a chamada de rádio, Resnick ainda estava balançando a foto de Harry Rawlins diante do rosto de Fran e gritando a mesma pergunta diversas vezes:

— Foi ele? Foi ele?

Andrews brincou com a ideia de passar um rádio para Fuller e pedir que ele convencesse o velho a parar com aquilo, mas se fizesse isso ele se tornaria a piada da delegacia por não conseguir lidar com um aposentado lunático e delirante. Qualquer um podia ver que a descrição que Fran dera de seu agressor se encaixava à de Rawlins, mas também à de metade da cidade de Londres. E

Andrews não entendeu muito bem por que Resnick parecia convencido de que um homem morto voltara à vida e espancara Fran. Ele pousou a mão no ombro do chefe.

— Senhor, aconteceu algo importante que acabou de ser comunicado pelo rádio...

— Cale a boca, Andrews! — rosnou Resnick, afastando a mão dele. — Fran está prestes a confirmar que foi atacada por Harry Rawlins, não é, Fran?

Fran olhou para Resnick, aterrorizada com as possíveis consequências do que estava prestes a revelar.

— Não, Sr. Resnick. Não foi Harry Rawlins. Foi... foi Tony Fisher.

* * *

Enquanto dirigiam em silêncio de volta à Yard, Andrews olhou de soslaio para Resnick, se questionando se deveria denunciar o estranho comportamento dele para o inspetor-chefe. Resnick parecia esgotado e derrotado, como se tivesse desistido de tudo. Sequer estava fumando — sendo que ele sempre fumava dentro do carro. Quando dobraram a última esquina antes da delegacia, Andrews ousou dizer:

— O chamado pelo rádio, senhor. Era Fuller. O rapaz morto pela van dos correios hoje de manhã era Carlos Moreno. O mecânico dos irmãos Fisher.

Resnick não deu sinal de ter ouvido o que o outro lhe dissera. Simplesmente ficou olhando pela janela.

CAPÍTULO 26

Fuller estava satisfeito com seu trabalho matinal — ele fizera muita coisa sem ter Resnick fungando em seu cangote. Sorriu ao imaginar o tipo de manhã que Andrews tivera. Com certeza tinha sido horrível.

Fuller havia preparado um relatório completo para Resnick, detalhando cada evidência incriminadora encontrada no pátio de Carlos. Pelo visto enfim teriam algo contra os irmãos Fisher. Um dos carros recuperados era um Jaguar marrom com dano frontal e placas falsas no porta-malas. Uma verificação posterior das placas revelou que um Jaguar marrom se envolvera em uma operação em Manchester, fora perseguido, mas conseguira despistar a polícia. Fuller ordenou que analisassem as digitais encontradas dentro e fora do veículo e ficou radiante ao ser informado de que batiam com as de Carlos e dos irmãos Fisher, mas que as placas falsas estavam limpas. Isso sim era trabalho policial de verdade, nada a ver com perseguir fantasmas. E Fuller se sentia bem por isso. Os Fisher estavam vivos e prestes a serem presos.

Ele já conversara com o inspetor-chefe Saunders. Informara sobre a morte de Carlos e dera as boas-novas sobre digitais dos Fisher no Jaguar. Fuller ainda estava mexendo os pauzinhos para ser transferido para a equipe do assalto de Mayfair e esperava que isso aumentasse as suas chances de êxito. Saunders o parabenizara pela ótima manhã de trabalho, mas voltou ao assunto do maldito George Resnick.

— Cadê o seu chefe? — quis saber Saunders. — Ainda caçando fantasmas?

— Não sei dizer, senhor — respondeu Fuller.

Saunders o ignorou e disse:

— Assim que voltarem, quero ver Resnick e Andrews, separadamente, na minha sala. Não deixe que o sujeito saia de novo sem falar comigo.

Fuller voltou para a sala principal com um sorriso presunçoso no rosto. Ele sabia onde Resnick estava: Andrews lhe dissera pelo rádio que o inspetor estava intimidando Fran para que dissesse ter sido atacada por um homem morto. Fuller

esperava que Andrews tivesse coragem de denunciar Resnick por isso.

Ele ergueu os olhos quando Resnick e Andrews entraram na sala. *É hoje*, pensou. *É hoje que ele será afastado*. Fuller não conseguiu evitar um sorriso de deboche, que Resnick percebeu.

— Por que você está tão feliz?

— Identifiquei o mecânico dos Fisher, senhor. Andrews não contou?

O inspetor deu de ombros, desinteressado.

— Grande coisa. Fiz a gorda admitir que foi Tony Fisher quem a espancou.

Fuller ficou surpreso. Andrews ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça.

— Ela está com tanto medo que jamais vai testemunhar contra ele — intrometeu-se Andrews. — Você pode prender Tony Fisher, mas todos nós sabemos que ele nunca vai confessar e, sem o depoimento dela, por que se dar ao trabalho? Ele vai ser liberado no mesmo dia e logo vai dar outra surra naquela mulher ou, pior, matá-la.

Resnick ficou sem palavras. Nunca tinha ouvido Andrews falar tanto de uma só vez. Fuller acrescentou:

— Então, se pudéssemos incriminar Tony Fisher por outra acusação, ela se sentiria mais segura e abriria o jogo, certo?

— Você está falando do seu excelente trabalho policial relativo à batida na oficina de Carlos? — perguntou Resnick com um sorriso mal-humorado. — Então, onde está a evidência que livrará Londres dos Fisher?

— Na sua mesa, senhor — respondeu Fuller, apontando.

Se o seu relatório era bom o bastante para Saunders, definitivamente era bom o bastante para Resnick.

Quando Resnick pegou o relatório, Fuller acrescentou:

— Ah, sim, Andrews, Saunders quer falar com você.

— Por quê? — perguntou Resnick.

— Não faço ideia — retrucou Fuller.

Andrews deu de ombros e saiu da sala.

Resnick entrou na sua sala nova envidraçada, mas mudou de ideia e voltou a sair.

— Eu pedi para instalarem as malditas persianas para não precisar ficar o dia inteiro olhando para suas caras horrorosas. Onde estão? Vá chamar Alice. Ela é a única que consegue as coisas aqui.

Quando Fuller saiu para procurar Alice, o inspetor sentou-se em seu “aquário de peixinho dourado”, abriu a pasta de Carlos Moreno e começou a ler, tirando meleca do nariz. Quando Fuller voltou cinco minutos depois, Resnick bateu no vidro, sorriu e chamou-o até a sua sala.

— Relatório interessante, Fuller. Bem completo e detalhado — disse o inspetor enquanto se sentava e colocava os papéis na mesa.

— Obrigado, senhor — respondeu Fuller. — Como pode ver, descobri evidências que podem incriminar os Fisher por roubo de carro e potencialmente ligá-los a um esquema de comércio ilegal de bebidas em Manchester. Isso lhe dará a chance de convencer Fran a prestar depoimento contra Tony pelo ataque. Se ele já estiver preso, ela não terá o que temer.

Resnick olhou para ele, balançou a cabeça e deu um tapinha no relatório.

— Isto não nos leva a nada! O Jaguar estava com as placas verdadeiras quando você o recuperou e está registrado em nome da boate dos Fisher, de modo que as digitais deles no carro são inúteis.

Fuller pareceu constrangido.

— Bem, as placas falsas estavam no porta-malas... e batem com as de um Jaguar marrom usado no trabalho de Manchester.

— E daí, porra? Os Fisher têm um advogado caro que acabará com o seu caso. Ao deixarem Carlos Moreno fugir e ser esmagado por uma van dos correios vocês deram aos Fisher um alibi perfeito. Se me permite dizer, Fuller, você é mais burro do que eu pensava. Os Fisher vão jogar toda a culpa em Carlos e sair impunes.

Fuller se sentiu murchar totalmente. Resnick estava certo. O Jaguar estava em uma oficina, então bastava os Fisher dizerem que tinha sido Carlos quem usara o carro na operação de comércio ilegal de bebidas em Manchester. Com a morte de Carlos, não havia ninguém para contestar qualquer alegação dos Fisher.

Humilhado, Fuller deu meia-volta para sair.

— Espere — disse Resnick, reabrindo a pasta. — Seu relatório diz que a denúncia contra a oficina de Moreno foi feita por uma mulher anônima.

Fuller assentiu.

— Uma mulher desconhecida também ligou para a pensão de Boxer Davis na noite em que ele foi morto.

Resnick estalou os dedos para o subordinado.

— Dê uma olhada naquela caixa com as minhas coisas ali embaixo e pegue o

registro de chamadas telefônicas.

Fuller revirou a caixa de pastas que Alice embalara para a mudança, achou o registro e o entregou a Resnick.

Enquanto Resnick folheava os registros de chamadas telefônicas de e para a casa de Dolly Rawlins, Fuller viu Andrews sair da sala de Saunders. Parecia deprimido — o que, portanto, animou Fuller. As coisas estavam se encaminhando para uma conclusão. Todos os atalhos de Resnick, sua falta de profissionalismo e sua negligência com a burocracia, sua louca obsessão com o caso Rawlins, tudo isso estava vindo à tona e seria o início do seu fim. Andrews teria contado a Saunders sobre a foto de Harry Rawlins que Resnick carregava no bolso todo o tempo. O inspetor-chefe o veria como o doente obsessivo que de fato era.

Andrews bateu à porta aberta da sala de Resnick e avisou:

— O inspetor-chefe Saunders quer vê-lo, senhor.

Resnick o ignorou e continuou a correr o dedo pelos números discados, verificando se o número de Boxer ou se a chamada anônima para a delegacia na noite em que Carlos morrera constavam dela. Ao pé da terceira página, a lista de números subitamente terminava: nenhum registro, nenhuma nota nem informação. Resnick se levantou, derrubou a cadeira e fechou a pasta com força.

— Bem, espero que Saunders me diga o que diabos está acontecendo porque parece que ele está me mantendo no escuro e não vou tolerar isso! Primeiro ele cancela a vigilância, então ele cancela os malditos grampos telefônicos! O que estou fazendo aqui, afinal?

Ele foi em direção à sala do chefe.

Andrews ainda parecia triste.

— O que você disse para Saunders, afinal? — perguntou Fuller.

Andrews suspirou e enfiou as mãos nos bolsos.

— Foi só ele quem falou.

Era frustrante. Fuller esperava que Andrews tivesse denunciado o episódio lunático de Resnick com Fran. Andrews prosseguiu:

— Resnick me deu uma avaliação ruim e Saunders disse que eu não consegui alcançar a média, então a partir do mês que vem vou voltar para a divisão e para os crimes de rotina. Não consigo acreditar! Trabalhei tão pesado quanto qualquer outro, fiz o que me foi pedido e nunca deixei Resnick na mão.

Fuller suspeitou que Andrews estava prestes a ser cortado. Ele lamentava pelo

colega e disse isso, mas o fato era que, embora Andrews fosse um bom sujeito, investigar assaltos à mão armada estava um pouco além de sua competência. Trabalhar na divisão, investigar roubos e danos ao patrimônio era mais compatível com seu perfil.

— Não se preocupe. Isso aqui é uma montanha-russa — disse Fuller enquanto se afastava. — Então, sussurrou para si mesmo: — Estou a caminho de uma promoção e você será rebaixado.

Quando a bomba explodiu na sala de Saunders, todo o anexo ouviu o ribombar da voz de Resnick, que berrava a plenos pulmões. Todos os olhos se voltaram para a divisória de vidro da sala do inspetor-chefe e viram Resnick vermelho de raiva, batendo o punho na mesa do superior. Quando olhou para trás, Resnick viu Fuller, Andrews e outros mais olhando em sua direção. Ele abriu a porta da sala do inspetor-chefe e saiu para o corredor.

— Vocês estão se divertindo com esta cena? ESTÃO?

Todos no anexo de repente fingiram estar ocupados: houve um reboiço geral e alguns começaram a recolher papéis, enquanto os datilógrafos digitavam freneticamente e os policiais pareciam todos na correria para fazer súbitas chamadas urgentes, tirando os telefones do gancho. Exceto Fuller. Este olhou diretamente para Resnick por pelo menos cinco segundos antes de desviar o olhar.

— Quer saber? — disse Andrews, enquanto observava Fuller se vangloriar. — Você é mais filho da puta do que ele. Ele não é um merda de propósito. Você sim.

De volta à sala de Saunders, Resnick firmou os dois punhos na mesa do inspetor-chefe enquanto se inclinava e o encarava. Saunders batia com o lápis afiado no bloco de recados.

— Cancelei o grampo telefônico na casa da viúva de Rawlins quando soube dele há alguns dias. Para início de conversa, você não pediu a minha autorização nem a de outros superiores, o que significa que o grampo era ilegal, isso sem falar do custo de se ter um policial monitorando e anotando o número de todas as chamadas que entram e saem da casa, dia e noite. Cancelei a vigilância praticamente pelo mesmo motivo. Eu não tinha como justificar dois policiais sentados do lado de fora da casa de Rawlins com o assassino de Boxer Davis à solta.

— Por que você não me disse que tinha cancelado o grampo? — questionou Resnick, tentando recuperar a compostura. — Dolly Rawlins pode ter sido quem telefonou para Boxer Davis e denunciou Carlos Moreno. Foi uma mulher, senhor. Uma mulher telefonou para Boxer Davis duas vezes na noite em que ele morreu. Você deveria ter me avisado.

Saunders se recostou, descrente.

— Eu deveria ter avisado? George... você tem alguma ideia de quantas vezes procurei você e descobri que estava fora sabe Deus onde? Deixei uma cópia deste memorando na sua mesa. Se você não leu, não é problema meu.

— Estou tão perto, senhor...

— Perto do quê, exatamente?

Resnick conteve a respiração, tentando manter a calma. Ele já explodira uma vez e sabia que aquilo era o mais longe que podia ir antes que Saunders revidasse. Eles tinham sido amigos por tanto tempo...

O inspetor-chefe baixou o lápis, inclinou-se e cravou a faca:

— O caso Rawlins está encerrado, George. Você e seus homens devem ajudar no caso do assalto de Mayfair. O pessoal tem algumas pistas boas e estão precisando de reforço.

— Ah, não, não, não, por favor, só mais duas semanas. Terei algo em duas semanas — implorou Resnick, compartilhando tudo o que tinha com o velho amigo. — Sabemos que há um quarto homem e estou muito perto de identificá-lo. Quando conseguir, resolvo quatro casos de uma só vez. O sujeito está ligado a todos eles, eu sei que está. Rawlins tem a ver com todos esses casos. Parece razoável que o quarto homem também tenha.

— Quem você acha que é? — perguntou Saunders.

— Estou perto. Mas preciso de mais um tempo. Um pouco mais, é tudo o que eu peço. O quarto homem e essa mulher que anda ligando para as pessoas... Eles são a chave de tudo.

— Pensei que Fran era a chave. Na semana passada, Boxer Davis era a chave. Na semana anterior, Len Gulliver era a chave.

Saunders balançou a cabeça. Ele tinha ouvido o bastante e não voltaria atrás.

— Estou seguindo ordens superiores, George. Seu caso está encerrado.

— Você está desistindo de mim! — retrucou Resnick.

Saunders quebrou o lápis em dois e disse com os dentes trincados:

— Como se atreve? Como diabos você se atreve? Você recebeu o caso Rawlins graças à minha recomendação. Nenhum oficial superior além de mim achava que você estava preparado, George, mas eu lutei e consegui o caso para você. O caso que você quis concluir durante toda a sua carreira. Mas tudo o que você encontrou, George, foram becos sem saída. Nenhuma pista nem evidência útil. Eu estou de mãos atadas.

Resnick baixou a cabeça em um misto de vergonha e desespero. Conhecia bem o sistema para entender os motivos de Saunders, mas ainda assim estava odiando aquilo.

— Eu sei o que o filho da puta do Harry Rawlins fez com você — prosseguiu Saunders. — Mas agora você está levando essa rixa pessoal longe demais. Desista, George, é melhor você seguir em frente para...

Resnick o interrompeu.

— Que rixa pessoal?

— Você entendeu perfeitamente o que eu quis dizer.

Resnick inclinou-se sobre a mesa e voltou a bater o punho.

— O sujeito é um maldito criminoso e...

— O sujeito está morto! — gritou Saunders, fazendo o outro se calar. — Andrews me contou o que aconteceu com Fran. Ele me contou sobre a foto de Harry Rawlins. E você estava errado, porque ela admitiu que foi Tony Fisher quem a atacou. Odeio dizer isso, George, mas você está agindo de maneira obsessiva e precisa encarar os fatos: Rawlins está morto e enterrado.

Resnick abriu a boca, mas Saunders ergueu a mão para impedi-lo.

— Se você não quiser ser transferido para o assalto de Mayfair, sugiro que tire umas férias. O superintendente-chefe vai aprovar sua licença.

Resnick olhou para Saunders.

— Parece que você está certo disso. Até já perguntou para ele, não é?

Resnick sustentou o olhar de Saunders.

— Imagino que ele também já tenha aprovado a minha transferência caso eu queira ser transferido, não é?

— Ele aprovou sua transferência há meses, George. Eu venho lutando para mantê-lo aqui, atuando no caso que você quer resolver, fazendo o trabalho no qual sei que você era excelente.

— Era?

A palavra de Saunders feriu Resnick como uma faca.

— Então imagino que seja inútil perguntar se o superintendente leu o meu pedido de promoção.

Saunders preferiu ignorar o último questionamento de Resnick. E então divagou, mencionando como George era bom policial e como ele tinha certeza de que dessa vez conseguiria a promoção, talvez para uma delegacia mais tranquila onde pudesse terminar seu tempo de serviço. Disse que sabia que, por direito, George deveria estar sentado no seu lugar.

— Então, por que não estou? — rebateu Resnick.

— Por causa do maldito Rawlins, George! Essa coisa pessoal entre vocês...

— Não é pessoal! O cara é só um bandido.

— Um bandido morto — disse Saunders, voltando a bater na mesma tecla.

— Morto ou não, ele é responsável por dezenas de assaltos não solucionados e estou muito perto de resolver todos — repetiu Resnick.

Mas ele já ouvira o suficiente e odiava que fossem condescendentes com ele. Levantou-se e cutucou Saunders com o dedo.

— Você tem razão, meu jovem. Eu deveria estar sentado no seu lugar já há muito tempo. Você, eu e todos neste maldito lugar sabemos que só não estou por causa de Harry Rawlins. Você está certo. É pessoal. Como não seria, não é? Só que agora não é mais. Agora se trata de um bom e sólido trabalho policial. Eu quero aqueles livros contábeis, quero o quarto homem e quero a mulher dos telefonemas. Porque é assim que vamos limpar Londres! E, só para a sua informação, senhor, pessoas atentas, pessoas bem informadas não acreditam que Rawlins esteja morto.

Resnick inspirou profundamente, inalando oxigênio para se acalmar. Enfiou a mão no bolso, tirou dali a sua carteira de identificação policial e atirou-a na mesa de Saunders.

— Pode arquivar o meu pedido de promoção. Estou me demitindo da Polícia Metropolitana.

Saunders suspirou e se levantou. Não era o que ele queria, mas Resnick passara dos limites e Saunders cansara de tentar acalmá-lo.

— Acho melhor você levar seu pedido de demissão ao superintendente-chefe.

— Vou resolver isso com você! Pessoas bem informadas... Sabe? Boxer Davis, Dentes Verdes, eu. Os Fisher... Todo mundo está com medo de alguém maior e

mais desagradável do que eles! Pode anotar o que estou dizendo, Saunders: você ainda vai ouvir falar de Harry Rawlins. Ele está lá fora em algum lugar, vivo e bem... Eu sei disso. E não será a mim que ele voltará para assombrar, será você!

Agora Saunders estava convencido de que George estava perdendo o juízo.

— Por favor, George, vá para casa e descanse. Não tome decisões precipitadas aqui e agora.

— Minha demissão estará na sua mesa amanhã cedo. Era isso o que você queria todo o tempo, não é? Bem, espero que as cabeças de todos vocês rolem quando descobrirem que eu estava certo.

Ele saiu intempestivamente da sala.

* * *

Resnick estava no térreo caminhando em direção à saída do prédio quando parou por causa de um acesso de tosse. Não conseguia recuperar o fôlego e seu coração estava batendo tão depressa que achou que saltaria para fora do peito. Apoiado na parede à espera do ataque cardíaco que tinha certeza ser iminente, viu Alice vindo em sua direção. Ela acelerou o passo quando viu o estado em que ele estava.

— Respire fundo, senhor, respire fundo.

Resnick sabia o que fazer quando ficava assim, mas a atenção e a gentileza de Alice ainda eram reconfortantes. Especialmente naquele momento. Ela deu tempo para que ele recuperasse o fôlego e perguntou se gostaria de um copo de água.

— Não precisa, vou ficar bem — respondeu Resnick. — Mas preciso que você me faça um favor, Alice querida. Quero que escreva uma carta.

— Não posso... — Alice começou a dizer, tentando explicar que não trabalhava mais para o departamento dele.

Contudo, mais uma regra quebrada não prejudicaria nem a ele nem a Alice.

— Não — disse Resnick. — Eu realmente preciso que você faça isso por mim, Alice, por favor. É minha carta de demissão.

— Ah, senhor.

Alice não sabia o que dizer.

— Eles arquivaram o meu caso, então vou me demitir.

Resnick parecia muito infeliz, de cabeça curvada enquanto lhe dizia calmamente o que queria que ela escrevesse.

Alice não estava prestando atenção. Ela nunca prestava quando ele ditava cartas. Geralmente escrevia o que sabia que ele teria dito se tivesse tido tempo de pensar com calma. Ela faria o mesmo neste caso. Se imaginou dizendo: “Vou me demitir com você, George. Ambos queremos coisa melhor.” Só a ideia de realmente chamá-lo de “George” lhe provocava um nó na garganta e ela desejou que não precisasse dizer nada antes daquilo passar. Ele sempre fora muito rabugento, mas era o rabugento dela. Ele era o policial mal-humorado, brilhante, detestável e dedicado dela, e ninguém além dela sabia como lidar com ele.

Quando terminou, Resnick olhou para Alice.

— Quando fizer a vaquinha para comprar o meu presente de aposentadoria, nada de máquina de chá, está bem?

Alice tentou sorrir, mas só tinha vontade de chorar.

Ele se inclinou e a beijou levemente no rosto.

— Obrigado por tudo, Alice. E obrigado por me aturar.

Observando Resnick se afastar com seu casaco velho e a pasta roída pelas traças, Alice finalmente cedeu. Era a primeira a admitir que seus sentimentos por um homem tão notoriamente desagradável eram difíceis de entender. Mas sabia qual era a sua posição em relação a Resnick, sabia o seu papel, sabia que o ajudava a ser o melhor policial possível cobrindo sua retaguarda, ouvindo suas queixas, tranquilizando-o quando ele tinha suas dúvidas e protegendo-o de... bem, principalmente dele mesmo. E ela havia falhado com ele. Resnick dera um propósito à sua vida e isso era mais do que qualquer outro homem fizera por ela. Resnick não tinha ideia do quanto ela o amava — e, agora, nunca mais teria.

CAPÍTULO 27

Bella tirou a máscara de pintura e recuou para respirar um pouco de ar fresco. Gotas de suor escorriam pela sua testa e pelo seu rosto. Ela olhou com orgulho para a van Ford Escort que seria seu veículo de fuga. Nunca havia pintado um veículo, mas já aplicara spray bronzeador em diversas strippers nos bastidores da boate Z-Easy, e aquilo era praticamente a mesma coisa.

Duas semanas antes, quando Dolly comprou a van — sob um nome falso e em dinheiro vivo —, o veículo era vermelho. Agora era de um branco reluzente. O motor estava um tanto avariado, mas Linda trabalhara nele e agora o carro estava com muito mais potência sob o capô. Linda tinha aprendido muito sobre motores com Carlos durante as poucas semanas em que estiveram juntos, e o mais importante foi como “senti-lo”. Carlos disse que ela poderia ler manuais se quisesse, mas que isso não substituíria a intuição. Essa estratégia podia ter funcionado para ele, mas ela também leu os manuais — principalmente os dos veículos no depósito de Dolly. Se houvesse alguma falha mecânica durante o assalto, elas seriam presas. Simples assim.

Bella caminhou em direção a Shirley, que cantarolava enquanto aplicava adesivos nas laterais da van de fuga.

— A van está pronta e à sua disposição.

Shirley ergueu os olhos.

— Você acha que esses adesivos estão legais, Bella?

Ela se importava com a opinião de Bella. A outra assentiu.

— Muito profissionais. Com isso e com as placas falsas parecerá uma autêntica van GLC.

No outro extremo do depósito, Linda estava sentada em uma caixa, limpando as espingardas de cano serrado. Sua expressão era sombria, com os lábios estreitados, e volta e meia ela olhava para a porta de entrada. Estava esperando por Dolly.

— Está tudo bem, Linda? — perguntou Bella, preocupada que a amiga explodisse de novo quando Dolly chegasse.

Era início da noite e Bella estivera de olho em Linda o dia inteiro. A certa altura, tentou persuadi-la a ir para casa, mas Linda se recusou. Permaneceu sentada no depósito, esperando, como um fio tenso prestes a se partir.

Bella se inclinou e sussurrou ao ouvido dela:

— Eu sei que você está sofrendo por causa do Carlos, mas perder a cabeça com Dolly não vai trazer ele de volta. Espere até o trabalho terminar e, assim que receber a sua parte, poderá chamá-la do que quiser. Vai poder até dar um tapa na cara dela se isso fizer com que se sinta melhor. Está me ouvindo, Linda?

— É difícil, Bella. É como se ela tivesse arrancado a minha alma... mas farei o possível para manter a boca fechada. Não quero prejudicar você e a Shirl.

Bella fez um carinho em seu ombro e foi instalar as placas falsas na van.

Dez minutos depois, Dolly entrou e deixou uma bolsa de compras no chão. Ainda estava animada e ansiosa para contar para as garotas os acontecimentos daquela manhã.

— Consegui as rotas e os horários do carro-forte — anunciou com um sorriso radiante.

Shirley e Bella voltaram-se para parabenizá-la. Dolly acenou para que Linda se juntasse ao grupo e, então, abriu um espaço na mesa, colocou nela o mapa de rotas que Brian Marshall lhe dera e acendeu um cigarro. Bella queria perguntar como ela conseguira o mapa, mas, se quisesse que elas soubessem, Dolly já teria dito.

— Vamos lá. Passei a tarde percorrendo esta rota — começou Dolly. — Umaseis ou sete vezes. Fazendo cronogramas e procurando a melhor posição onde estacionar a van de bloqueio antes de irmos para a passagem subterrânea, essas coisas.

Ela folheou rapidamente os outros papéis que lhe foram entregues por Brian.

— Agora, temos a data e a hora exatas... Será duas semanas antes do programado.

— Por quê? — questionou Linda, apenas para ser desagradável.

— Porque essa oportunidade é a que oferece o melhor equilíbrio entre quantidade de dinheiro e meios de realizar o trabalho com sucesso e rapidez. Temos que estar atentas a horários de pico de trânsito, obras na pista, feriados

escolares, todo tipo de coisa. Estou cuidando disso, Linda, não se preocupe.

Como de costume, o tom condescendente de Dolly irritou Linda, mas ela mordeu a língua e Dolly prosseguiu:

— Memorizem a rota e, então, vamos queimar o mapa. Percorram esse trajeto tantas vezes quanto acharem necessário para decorarem todos os trechos complicados. Semáforos, rotatórias, faixas de pedestre, qualquer lugar em que as coisas possam dar errado.

Um trem passou ruidosamente sobre o depósito e o pastor-alemão latiu. Wolf respondeu. Linda sentia a raiva aumentar.

— Também marquei no mapa o ponto onde o carro de fuga ficará estacionado. Decorem isso também. Precisamos levá-lo do local de embarque até o estacionamento, onde os seus próprios carros estarão à espera, para que vocês os usem para irem ao aeroporto. Cronometrem tudo até o último segundo. Façam o trajeto diversas vezes, até serem capazes de fazê-lo de olhos vendados. Já inventaram as suas justificativas de férias?

Todas estavam preparadas. Os planos precisavam estar acima de qualquer suspeita. Ou Linda se demitiria do fliperama, ou cavaria a própria demissão, e Bella deveria deixar o emprego na boate de striptease. Ninguém devia suspeitar que elas mantiveram algum contato. Shirley estava incomodada por ter de mentir para a mãe, mas mentiria. Era preciso.

— Certo, aqui estão as passagens para o Rio de Janeiro. Todas tiraram passaportes? Há dois voos nesse dia, então reservei passagens para Bella e Linda no primeiro. Shirl, você vai mais tarde no mesmo dia. Fiquem longe umas das outras até pousarem. Decorem o horário e o número de seus voos e o peso permitido das bagagens. Não podemos deixar que alguma de vocês seja detida por algo tão idiota quanto excesso de bagagem!

Dolly riu e Bella e Shirley foram educadas o bastante para acompanhá-la, embora um pouco tarde demais. Dolly parecia mais animada do que o habitual enquanto conferia tudo em seu precioso bloco de notas.

— Certo — disse em um tom de voz animado. — Vamos ver o que vocês fizeram.

Ela ficou satisfeita com o trabalho. A pintura e os adesivos na van estavam muito bons, e as placas eram de uma van Ford branca que viram no trajeto até a praia de Brighton. Bella demonstrou a rapidez com que os adesivos poderiam ser

removidos e as placas falsas da van, trocadas pelas verdadeiras.

Dolly aproximou-se de Linda, que estava dando uma olhada nas velas de ignição do veículo.

— Você já arranjou a van principal? Agora vai ter que roubá-la com mais urgência.

Linda não conseguiu encarar Dolly.

— Estou de olho em uma van Leyland de lavanderia, bem grande. É perfeita e acho que vai ser moleza roubá-la.

— “Grande” quanto? Caberá aqui ou teremos de escondê-la em outro lugar?

Antes que Linda pudesse responder, Shirley se intrometeu:

— No mercado em que a minha mãe trabalha. Ela tem uma vaga de garagem no subterrâneo. Podemos esconder a van lá, sem problemas. Vans de entregas entram e saem de lá o tempo todo, então não vai levantar suspeitas.

Dolly permaneceu concentrada em Linda.

— Você acha que consegue ainda esta semana?

— Acho que consigo quando quiser — respondeu Linda bruscamente, esforçando-se para não explodir.

Ela se afastou de Dolly.

— Precisamos disso logo, Linda! — disse Dolly, erguendo a voz enquanto seguia a outra pelo depósito. — Precisamos trocar as placas e reforçar o para-choque traseiro com uma barra de metal... Tem certeza de que uma van de lavanderia vai aguentar o impacto de um carro-forte pesado na traseira?

Linda a ignorou e pegou uma das espingardas no carrinho de ferramentas. Gostaria de apontá-la para Dolly e acabar com ela ali mesmo.

— O que houve com Linda? — perguntou Dolly para Bella.

Bella deu de ombros e começou a limpar as placas falsas com um pano, para remover as digitais. Dolly suspeitou que Bella sabia do que se tratava. Ela olhou para Linda. Wolf estava cheirava os pés dela e, no segundo seguinte, Linda chutou o cachorrinho, fazendo-o ganir de dor. Dolly perdeu a paciência.

— Nunca mais ouse chutá-lo! — gritou, aproximando-se e apontando o dedo para o rosto de Linda.

— Então mantenha esse pulguento longe de mim — retrucou Linda.

— Vamos lá, desembucha. Qual é o seu problema?

Linda manteve a cabeça baixa e murmurou:

— Nada.

— Tem a ver com eu ter pedido que você se livrasse do mecânico?

Linda a encarou.

— Fiz o que você pediu. Ele não será mais problema.

— Bom — comentou Dolly friamente. — Ele sabe de alguma coisa?

— Se soubesse, não importaria. Ele morreu.

Atordoadas, Dolly ficou em silêncio. Por um instante, se perguntou se Linda estava tentando fazê-la se sentir culpada, mas a expressão de raiva e tristeza nos olhos dela mostravam que estava falando muito sério.

— Sinto muito, Linda. O que aconteceu?

— Eu vi, Dolly. Eu vi tudo. Você quer os detalhes ou “ele morreu” não basta?

— Eu sinto muito, Linda, de verdade. Você deveria ter me contado assim que aconteceu.

— Por quê? O que você teria feito para eu me sentir melhor quanto ao fato de ter sido levada a matar meu namorado? Porque foi isso o que aconteceu, Dolly. Você disse para eu denunciá-lo, a polícia deu uma batida na oficina, ele fugiu... e foi atropelado por uma van.

Linda se afastou antes de fazer algo de que pudesse se arrepender.

Quando Dolly começou a segui-la, Bella a deteve.

— Ela apareceu transtornada no meu apartamento — disse Bella em voz baixa. — Viu Carlos debaixo das rodas da van, na poça do próprio sangue. Então dê um desconto a ela, ok? Deixe Linda ficar com raiva de você. Deixe que ela desconte isso em você. Ela precisa culpar você, Dolly, porque a única outra pessoa a quem pode culpar é a si mesma. Você dá conta disso. Ela não. Você quer que esse assalto siga em frente? Então melhor engolir esse sapo.

Bella entrou na sala, onde Linda tremia enquanto tentava preparar uma xícara de chá.

Dolly observou Bella abraçar Linda. Ela gostaria de poder fazer o mesmo. Gostaria de poder voltar a dizer o quanto lamentava. Mas sabia que Linda nunca a consideraria uma amiga, assim como considerava Bella. Tudo o que podia fazer era fornecer dinheiro suficiente para que Linda levasse a vida que desejava. Mentalmente, Dolly revisou os seus planos para o dia. Pretendia fazer um ensaio geral com as garotas, mas decidiu dar um tempo para Linda tomar o seu chá.

Enquanto esperava, Dolly pegou uma das espingardas e tentou engatilhá-la,

mas seu dedo escorregou e ficou preso entre o cão e o percussor. Ela sufocou um grito, mas não conseguiu deixar de exclamar:

— Ai! Puta que...

Da sala, Linda riu em tom de deboche. Dolly olhou ao redor, aborrecida, mas deixou passar após um olhar de advertência de Bella. Soltou o dedo e sacudiu-o até a dor diminuir. Uma enorme bolha de sangue já estava se formando. Pronto... tudo bem agora.

— Certo, vamos pegar as máscaras e os macacões para ensaiarmos! — gritou Dolly.

Dessa vez, ela queria praticar liberar o arnês e pegar a espingarda e a marreta. Bella empunharia a motosserra, Linda a espingarda e, então, Bella pegaria a outra espingarda.

— Repetiremos tudo até se tornar algo instintivo — explicou Dolly. — Não quero que nada de mal aconteça com nenhuma de nós.

Ela tentou não olhar para Linda.

Todas saíram do anexo e foram até a grande e imunda garagem principal. Uma velha van de transporte de móveis, sem rodas e com uma das portas faltando, faria o papel da van de bloqueio. Shirley já instalara o arnês no banco do motorista. Era onde Dolly estaria sentada e segura no momento em que pisasse nos freios, forçando o carro-forte a bater em sua traseira. O arnês tinha de ser forte o suficiente para firmar Dolly em seu assento durante o impacto e simples o bastante para ser desatado no momento seguinte. Precisavam fazer aquilo direito. As ações de Dolly dariam início ao assalto. Se ela não conseguisse se soltar, todas seriam alvos fáceis.

Dolly guardou a marreta na van. Sua espingarda oscilava à altura da cintura, presa a uma tira improvisada. Então, sentou-se no banco do motorista e atou o arnês. Shirley observou cada movimento, certificando-se de que as faixas não estavam torcidas, muito apertadas ou muito frouxas.

— Assim que Linda conseguir a van de lavanderia, vou transferir o arnês e você vai poder praticar para valer — disse Shirley.

Dolly jogou o corpo de um lado a outro no assento. O arnês se manteve firme. Então fez sinal de positivo para Shirley.

— Certo — disse Dolly. — Estou na van de lavanderia, toda amarrada, com a espingarda ao meu lado e a marreta na traseira. O carro-forte está atrás de mim e

vocês estão na van atrás do carro-forte. Bella, você estará com a sua espingarda e a motosserra. Shirley, você estará com a sua espingarda. Linda, você estará dirigindo.

Dolly olhou para as garotas, posicionadas junto à porta lateral da van.

— Por enquanto, fiquem de pé atrás dessa van. Faremos tudo desde a parada até o momento em que abrirei as portas traseiras.

Shirley, Linda e Bella se alinharam atrás da van de transporte de móveis.

— Prontas? — gritou Dolly.

— Prontas — gritou Bella. — Estou cronometrando.

— Na marca de vinte metros eu piso no freio, o carro-forte bate na minha traseira, eu avanço e, então, bato nele de ré. Agora, o carro-forte está imprensado entre a minha van e a de vocês.

Empolgada, Shirley, se intrometeu:

— Eu corro até o carro-forte e quebro a antena para que eles não possam pedir ajuda pelo rádio.

— Cala a boca, Shirley! — sussurrou Bella. — Você não vai fazer isso ainda... Dolly não terminou a parte dela...

Dolly prosseguiu, alheia a Bella e Shirley:

— Eu desato o arnês...

Houve um súbito silêncio. As garotas olharam umas para as outras. Estavam reunidas junto às portas traseiras da van e tudo o que conseguiam ouvir era Dolly murmurando “mas que merda!”. Bella parou o cronômetro e todas esperaram.

Shirley perguntou:

— Precisa de ajuda com o...?

— NÃO!

Elas ouviram a fivela do arnês cair no chão. Bella voltou a acionar o cronômetro.

Dolly gritou:

— Desato o arnês, vou até as portas traseiras e...

Com um forte chute de dentro para fora, as portas traseiras da van se abriram, revelando Dolly de pé, pernas afastadas como um homem, brandindo a marreta acima da cabeça. Uma das portas da van bateu no ombro de Shirley e a arremessou para longe. Mas a marreta era tão pesada que Dolly tombou para trás.

Bella parou o cronômetro outra vez.

— Não levante a marreta — disse ela. — Mantenha a meia-altura, como fez na praia.

Dolly se levantou.

— De novo, do começo.

As três mulheres se posicionaram junto às portas traseiras da van ouvindo Dolly gritar sua rotina. Dessa vez, quando chutou as portas traseiras, Dolly rodou a marreta à altura dos braços, soltando-a ao final do gesto, fazendo com que voasse pela garagem, forçando as garotas a se jogarem para o lado para não serem atingidas. Então ela levantou a espingarda até o quadril, apontou para o carro-forte imaginário e gritou:

— Ninguém se mexe!

Caída no chão, Bella gritou:

— Droga, Dolly! Você não avisou que soltaria a marreta!

— Vou ter que jogar a marreta no para-brisa do carro-forte! É claro que vou soltá-la.

— Eu quis dizer agora!

Bella ficou de pé e ajudou Linda e Shirley a se levantarem.

Dolly olhou para as três da traseira da van e perguntou:

— Que tal?

No que Linda respondeu:

— Bem, ficaria muito mais convincente se você soltasse a trava de segurança da espingarda.

— Ah, porra! — xingou Dolly enquanto olhava para a arma. — Toda vez eu prendo o meu dedo nesse negócio. Você vai ter que me ajudar, Linda.

Sem pensar, Linda deu um passo à frente e ensinou a Dolly como soltar a trava de segurança. Bella observou Linda dando instruções a Dolly com paciência e gentileza. As duas conseguiam interagir bem quando era realmente necessário. De repente Bella percebeu o que de fato estava testemunhando: uma funcionária de fliperama ensinando uma voluntária de convento a usar uma espingarda... Ela balançou a cabeça, levou a mão à boca e riu. Às vezes, era difícil acreditar no que estavam fazendo.

Quando Dolly aprendeu a soltar a trava de segurança da espingarda, Linda se reposicionou ao lado de Bella e Shirley.

— Certo, vamos ouvir o que você vai dizer — disse ela.

Dolly ergueu a arma na altura do quadril e gritou:

— Ninguém se mexe! Guarda na traseira, mostre o seu rosto na escotilha!

Três rostos inexpressivos encararam Dolly.

— É isso o que você vai dizer? — questionou Shirley.

— Bem, o que você quer que eu diga? “Mãos ao alto, isto é um assalto”?

— Vamos lá pessoal, decidam-se. Preciso ir trabalhar — pediu Bella, reiniciando o cronômetro.

Linda deu um passo à frente para ajudar.

— Não é o que você está dizendo. O problema é como. Esse tom de voz está igual ao da porra do Bambi! Além de morrerem de rir, os guardas vão saber que a voz é de uma mulher e a polícia vai vir direto atrás da gente.

— Você consegue deixar o timbre mais grave? — sugeriu Shirley. — Em um concurso de beleza do qual participei havia um quadro em que cantávamos, e eu precisei aprender a cantar um semitom mais baixo do que o que canto normalmente...

— NINGUÉM SE MEXE! — berrou Dolly.

Bella balançou a cabeça.

— Ainda parece o Bambi, só que mais alto. Ponha algo na boca e tente outra vez.

Shirley entregou a Dolly um lenço branco com um “S” vermelho bordado no canto. Dolly enfiou-o na boca e, dessa vez, ao gritar, suas palavras soaram completamente ininteligíveis e ela quase se engasgou.

— Vamos deixar isso para outro dia, ok? — disse Dolly, cuspidando o lenço no chão. — Seja como for, Bella precisa ir trabalhar.

Enquanto Bella vestia sua roupa de couro de motociclista, Dolly observou as outras três conversarem a respeito de Carlos. Colegas fofocando, tranquilizando-se mutuamente, tratando-se como melhores amigas. Por um instante, sentiu uma pontada de inveja, mas sabia que precisava manter distância.

Dolly deu as últimas ordens da noite:

— Certo, escutem. Agora que tudo está se encaminhando, devemos nos manter afastadas umas das outras o máximo possível, OK? Sei que vocês só podem conversar a respeito de certas coisas entre si, mas vão precisar esperar até que estejam as três juntas no Rio de Janeiro.

— As quatro — corrigiu Bella. — Até que estejamos as quatro no Rio de

Janeiro.

— Não comece com isso outra vez — disse Dolly, pegando o casaco e a bolsa de tweed.

Bella continuou mesmo assim:

— É a única parte do plano com a qual ainda não concordo, Dolly. Mas é algo fácil de corrigir.

Dolly colocou a bolsa no chão.

— Vamos lá, Bella, diga o que você quer dizer! Você não quer voar até o outro lado do mundo porque... O quê? Porque não vai saber onde o dinheiro estará escondido, certo?

— Na mosca — respondeu Bella.

— E você precisa saber porque não confia em mim, não é? Você ainda não confia em mim! Até agora eu tirei quase sete mil libras do meu bolso e confiei esse dinheiro a vocês. Quando o assalto terminar e todas seguirmos em direções diferentes, quem realmente terá algum dinheiro, Bella? Eu? Não. Será você. O dinheiro vai estar na traseira do carro de fuga, enquanto eu vou estar na maldita van de lavanderia que ainda não roubamos. Alguma vez eu duvidei da sua honestidade e insinuei que você pode fugir com o dinheiro logo após o assalto? Não! Eu não faria isso com você. Eu não tomo decisões apenas em meu benefício, eu tomo decisões para proteger todas nós.

Dolly voltou-se para as três mulheres. Shirley e Linda se posicionaram ligeiramente atrás de Bella em busca de proteção.

— Eu conheço vocês muito, muito melhor do que pensam — continuou Dolly. — Acham que, após alguns drinques, Linda conseguiria manter a boca fechada sobre o dinheiro caso soubesse onde ele está? Acham que Shirley não se sentiria tentada a dar algumas centenas de libras para a mãe?

Ela fez uma breve pausa para ver se alguma delas teria coragem de retrucar. Não tiveram.

— Não vou dizer onde o dinheiro ficará escondido porque basta alguém dar com a língua nos dentes para termos não apenas a polícia como também todos os bandidos de Londres atrás de nós, incluindo os Fisher, que, como vocês devem ter notado, estão na deles. Boxer foi assassinado, a oficina de Carlos foi alvo de uma batida policial... é por isso que os irmãos Fisher estão com o rabinho entre as pernas. Os dois estão assustados, confusos e não sabem o que está acontecendo.

Tudo o que sabem é que parece que alguém deve estar atrás deles, mas não fazem ideia de quem. Eles acham que é Harry... o que é bom.

— Bom discurso — disse Bella. — Mas não se trata de confiança. Trata-se de saber onde vai estar o dinheiro caso algo aconteça com você.

Agora, o rosto de Dolly estava vermelho de raiva e ressentimento.

— Você acha que eu já não pensei nisso depois de tudo o que passamos? Deixei uma carta para cada uma de vocês com o meu advogado, para o caso de eu morrer. Nelas vocês vão encontrar o que querem tão desesperadamente saber.

Além de ficarem surpresas ao ouvir Dolly mencionar tais cartas, aquilo também lhes pareceu um acréscimo muito conveniente à conversa. A dúvida estava estampada nos olhos das três.

— Acreditem ou não em mim — disse Dolly com a voz cansada. — Mas façam o assalto como planejamos.

Enquanto ela pegava a bolsa, Shirley disse:

— Eu acredito em você.

Dolly puxou a luva sobre o dedo ferido e estremeceu. Então olhou para Shirley e sorriu.

— Obrigada, Shirley.

Ela se encaminhou para a porta. Seus passos eram curtos e lentos. Parecia velha e cansada.

— Fugir com o dinheiro, hein? — Dolly riu. — Como eu conseguiria gastar um milhão de libras sozinha?

Bella deu de ombros e sorriu.

— Primeiro precisamos colocar as mãos na grana, meu bem.

— Foi você quem disse isso, Bella. E agora cabe a vocês decidirem se farão ou não o assalto. Depois me digam o que decidiram. Vamos, Wolf.

Wolf estava dormindo enrolado na cadeira da sala e não ouviu o chamado da dona. Bella o pegou, foi até Dolly e entregou-lhe o cachorro.

— Certo — disse, encarando Dolly. — Tudo continua conforme o planejado.

* * *

Dolly moveu-se lentamente em direção à porta, ansiosa para sair dali antes que qualquer uma delas percebesse como estava perto das lágrimas. Ela não tinha

deixado carta alguma com o advogado. Tinha mentido para fazer com que confiassem nela. Mas agora ela as escreveria, apenas para o caso de algo acontecer com ela. Sentiu-se um pouco rejeitada e traída por Bella e Linda — e depois de tudo o que ela lhes dera! Abraçou o cachorrinho em busca de conforto e beijou sua cabeça.

— Vamos para casa, meu bebê, vamos para casa — sussurrou.

Enquanto Dolly caminhava com cuidado nos paralelepípedos da rua às escuras, Wolf olhou por sobre o ombro e rosnou baixinho. Dolly olhou para trás e viu um rato desaparecer dentro de um dos depósitos.

— Ssshhh, Wolf. É só um rato.

Mas os olhos do cão, como dois grandes pires escuros, estavam concentrados em algo mais.

* * *

Dez minutos depois que Dolly foi embora, Bella saiu. Então Linda foi embora também e, finalmente, Shirley. Ao abotoar o casaco, Shirley percebeu que o cachorro da porta ao lado não latira quando as outras se foram. Ela afastou aquele pensamento e, chegando à porta principal, apagou as luzes fluorescentes do teto, ignorando o gotejar de água que ecoava pelo depósito cavernoso. Estava prestes a abrir a porta quando ouviu um barulho, uma espécie de arrastar de pés que parecia vir do lado de fora. Aproximou-se para ouvir melhor, com a orelha contra a porta, e começou a tremer. Então acendeu sua lanterninha e iluminou o depósito às escuras.

Bill Grant estava pressionando o rosto contra a parede fria enquanto olhava para o interior da garagem através dos vãos dos tijolos vazados. A loura parecia olhar diretamente para ele. Quando a luz da lanterna se voltou em sua direção, ele recuou um pouco para evitar que seus olhos rebrilhassem sob o feixe de luz. Quando o feixe passou, Grant voltou ao posto de observação.

— Você é linda — murmurou. — Eu poderia cuidar de você até no escuro, minha querida. Você ficaria em segurança ao meu lado.

Shirley enfim criou coragem para abrir a porta principal e sair em meio à noite escura. Ela parou e, quando seus olhos se adaptaram à parca luminosidade, praticamente correu até a rua principal.

— A última acabou de ir embora — disse Grant, virando-se no ponto de observação junto à parede.

Ele riu, um riso grosso de fumante com um fundo de sujeira. Recostou na parede de braços cruzados.

— Quem diria, hein? As garotas realmente vão fazer esse negócio.

Afastando-se da parede, limpou o pó dos tijolos da manga do casaco. Seu depósito era idêntico ao de Dolly, embora muito mais sujo, com fileiras de carros depenados cobertos de poeira e cocô de pombo. Uma lanterna iluminou o rosto de Grant e ele ergueu a mão diante dos olhos.

— Você poderia fazer o favor de reacender as luzes agora que elas foram embora?

A lanterna foi desligada.

Harry Rawlins segurou o pastor-alemão pela coleira para desamarrar o pano que prendia as suas mandíbulas como uma focinheira improvisada. O cão começou a latir e a rosnar, uma saliva grossa pingando das presas brancas e longas. Subitamente, Harry o soltou e o cão avançou em direção a Grant, que pulou para trás, assustado. A corrente ligada à coleira terminou a poucos centímetros de Grant, forçando a cabeça do animal para trás. Harry riu.

— Puta merda! — exclamou Grant, tremendo.

Harry olhou para o cachorro, que rosnava de boca aberta e com os dentes brilhando.

— Ela está seguindo meus planos ao pé da letra — disse Harry. — Quer dizer então que, ao fim do trabalho, ela será a única a saber onde o dinheiro estará escondido. E aí nós agiremos, Bill. Vai ser fácil como roubar doce de criança.

CAPÍTULO 28

Linda esperou nervosamente em Warrington Crescent perto do Colonnade Hotel, um pequeno e elegante estabelecimento vitoriano em Maida Vale. Era manhã de terça-feira, logo após o nascer do sol, e ela estava com frio, apesar de usar um suéter vermelho e um casaco acolchoado.

O noroeste de Londres não era o território dela. Não havia ninguém ali que a conhecesse, ou mesmo que notasse a sua presença. Nas últimas semanas, ela visitara a área em cinco ocasiões. Em sua segunda visita, viu a van Leyland de lavanderia; nas duas visitas seguintes, confirmou que ela fazia entregas regulares no Colonnade Hotel — até que enfim chegou o grande dia.

Linda raramente ficava nervosa, mas, enquanto esperava, teve de enxugar as palmas das mãos suadas na calça e sentiu o coração disparar. Sim, estava com medo. Mais do que isso, porém, estava empolgada. Ela, que nunca entendera o brilho nos olhos de Joe sempre que ele partia para um trabalho, agora compreendia. Consultou o relógio: a van estava a menos de dez minutos de distância. Linda se sentia invencível. O motorista não fazia ideia de que ela o andara observando, de que o observava naquele momento e de que ele estava prestes a perder o veículo. *Coitadinho*, pensou para si mesma.

O motorista da Leyland estacionou junto à entrada lateral do hotel, assim como ela o vira fazer em ocasiões anteriores. Linda o observou realizar sua rotina habitual, empilhando cestos de roupa limpa em um carrinho e levando-os até a entrada lateral do hotel. Quando tocou a campainha e entrou, assobiava despreocupado. Linda tinha cerca de três minutos para roubar a van antes que ele voltasse com os sacos de roupa suja.

Ela foi até a van — não muito rápido, não muito devagar — e desejou que Dolly estivesse observando aquilo. Seu planejamento meticuloso, seu preciso senso de oportunidade — sim, Dolly ficaria impressionada. Deu uma olhada como quem não quer nada ao redor do perímetro antes de ocupar o banco do

motorista. Pegou uma chavinha de fenda do bolso do casaco, a enfiou no tambor de ignição e girou-a para ligar a van. O tambor não se moveu. Linda não entrou em pânico: sabia o que fazer em seguida. Ela vira Joe fazer ligações diretas em automóveis várias vezes para que pudessem voltar para casa após uma noitada. Ela mesma fizera aquilo umas três ou quatro vezes. Abriu o tambor de ignição, puxou os fios e uniu dois deles. Então, pisou no acelerador algumas vezes para injetar gasolina no carburador e juntou os outros dois fios para acionar o motor de arranque. Quando o motor começou a funcionar, ela sorriu para si mesma... como nos velhos tempos.

Linda levou a van direto para a vaga subterrânea usada pela mãe de Shirley e outros comerciantes do mercado para guardarem seus veículos, carrinhos de mão, mesas e produtos. O trajeto de três quilômetros foi emocionante: os olhos de Linda iam o tempo todo da estrada para o espelho retrovisor. Ela estava hiperalerta, assimilando cada detalhe. Chegou a notar uma dupla de policiais displicentes fazendo a ronda. Sorriu. Eles não faziam a menor ideia do que estava acontecendo.

Ao chegar ao mercado, Linda avançou lentamente através das fileiras de caminhões e vans que descarregavam frutas e legumes, procurando por Shirley. Viu a outra de pé, ao lado do estacionamento, acenando com vigor. Shirley conseguira duas cópias da chave da mãe e removera uma pilha de caixas velhas de frutas e verduras para abrir espaço no fundo da vaga. Linda entrou de ré e Shirley bateu nas portas traseiras para indicar o momento de parar.

Linda estava orgulhosa ao mostrar a van para Shirley.

— É perfeita, bonita e também é grande, olha só o tamanho do para-choque traseiro! Resistiria ao impacto de um tanque de guerra.

Shirley abriu a porta do motorista em silêncio, deixando que a outra curtisse seu momento.

— Só tem um assento, então Dolly pode ir rápido daqui até as portas traseiras... Bem, quando ela aprender a se livrar do arnês!

— Acho que você conseguiu um bom veículo — elogiou Shirley, encorajando Linda.

Então, percebeu o dano no tambor de ignição.

— O que diabos aconteceu aqui?

— Bem, o motorista dificilmente me entregaria as chaves, não é? —

argumentou Linda. — Mas comprei um tambor antes de roubar a van. Eu sabia que provavelmente teria que estragar o original. Demora uns trinta minutos para trocar.

Trocar o tambor de ignição era algo que Linda nunca fizera, mas vira Joe fazer. Parecia fácil e, agora que a van estava escondida em um lugar seguro, ela teria tempo para resolver esse problema.

Após cobrirem o veículo com uma lona para esconderem os logotipos nas laterais, Linda perguntou para Shirley se ela trouxera as placas falsas.

— Claro. E tinta spray para apagar os logotipos, como você pediu.

Shirley entregou uma chave para Linda.

— Esta é a chave do cadeado do portão. Espere ao menos dez minutos depois que eu sair e certifique-se de que está tudo seguro antes de ir embora.

— Pode deixar, Dolly — zombou Linda.

As duas riram, relaxando um pouco.

— Anda — disse Linda, abrindo o capô e olhando para o motor. — Dê o fora e me deixe trabalhar.

Em vez de ir embora, Shirley se aproximou do ombro de Linda e olhou para o motor.

— Funciona bem? — perguntou, ansiosa.

— Mais ou menos — respondeu Linda. — Mas só vou saber depois de ter mexido um pouco nele, não é? Então, se você me deixar trabalhar...

— Para mim soou como se estivesse nas últimas... Tem certeza de que vai ficar bom?

— Entendo muito mais de motores do que você, Shirl. Quando eu terminar a revisão essa van vai correr como um Maserati.

Shirley estava farta da rapidez com que Linda passava de agradável a insuportável.

— De nada! — gritou ao ir embora. — Por ter conseguido as chaves, por ter trazido a tinta e por ter esperado no frio congelante a manhã inteira por...

— OBRIGADA! — gritou Linda com um enorme sorriso no rosto.

Shirley se calou na metade da frase, mas ainda assim saiu bufando. Linda voltou-se para o motor da van e seu sorriso lentamente desapareceu. *Merda. É um pouco diferente de uma van normal...*

* * *

Shirley ainda estava irritada ao chegar ao apartamento da mãe naquela tarde. Entrou e chamou por Audrey, que gritou dizendo que estava no quarto e que sairia em um minuto. A princípio, Shirley pensou ter entrado no apartamento errado. Tudo estava muito limpo e arrumado — nenhuma caneca nem prato sujo à vista. Então, Audrey entrou na cozinha vestida para a noite, com maquiagem pesada e tanto laquê que o cabelo estava duro como uma tábua. Shirley quase cambaleou para trás ao sentir o cheiro forte do perfume da mãe.

— O que você achou do vestido? A procedência é meio duvidosa... Mas custou só cinco pratas!

Audrey desfilou diante da filha trajando um vestido de crimplene com lantejoulas.

Shirley tentou esconder seu horror diante da cor, do caimento e, bem, de tudo o mais naquele vestido. Audrey estava tão ocupada rodopiando que não percebeu os olhos da filha quase saltando das órbitas. Quando parou de girar, Shirley já tinha conseguido se recompor.

— É lindo — mentiu. — Onde está o Greg? Preciso que ele conserte o meu carro. A cabeça da alavanca de marcha continua saindo.

— Não me fale nesse garoto. Não depois do que eu o peguei fazendo...

— Sexo de novo?

Audrey abriu o armário da cozinha e dali de dentro caiu uma tábua de passar, uma pilha de roupa suja, alguns sapatos e um saco cheio de lixo. Longe de ter arrumado a casa, Audrey apenas escondera a bagunça. Por fim encontrou o que estava procurando.

— Seu irmão estava cheirando cola com esse negócio — disse ela, pressionando uma antiga máscara de gás contra o rosto. — Eu o encontrei completamente chapado. Não sabia o que fazer com ele!

Shirley olhou para a mãe. A voz de Audrey através da máscara soava baixa e grave, com um estranho eco abafado. Ela tirou a máscara da cabeça de Audrey.

— Isso é horrível — disse Shirley, nem um pouco interessada no que a mãe estava dizendo. — Realmente horrível.

Ela segurou a máscara com força.

— Pode deixar que vou me livrar disso para você, mãe. Não se preocupe,

Greg não vai encontrá-la.

— Que bom! — disse Audrey.

Ela então olhou para o próprio reflexo na janela da cozinha. A máscara de gás bagunçara seu cabelo.

— Ah, que bosta. Vou ter que arrumar o cabelo outra vez! Sabe aquele cara do mercado? — perguntou para Shirley com um enorme sorriso. — Bem, o cunhado dele me viu outro dia e disse que gostaria de ter uma chance comigo. Ele parece adorável, Shirl. E tem dinheiro.

— Ele não me parece nem um pouco adorável, mãe. E dinheiro não é tudo. Eu cuido de você, não cuido?

— Mas você não estará comigo para sempre. Eu preciso me virar. Ele vai me levar ao Golden Nugget.

— Você ao menos conhece o cara?

— É um encontro às cegas. Bem... é um encontro meio que às cegas. Ele me viu, mas eu não o vi. Mas o cara do mercado me disse que ele é bonito. Preciso arrumar o cabelo, Shirl. O que você vai fazer hoje à noite?

Shirley ainda estava analisando a máscara de gás. Seria perfeita. Ela mal podia esperar para dá-la a Dolly.

— Estou preparando as coisas para aquelas férias, mãe. Eu mencionei isso, lembra?

— Ah, lembro. Algumas semanas na Espanha vão fazer muito bem a você. Colocar um pouco de cor nesse rosto. Com um rosto bronzeado é possível fazer qualquer coisa, Shirley, meu amor. Aproveite todas as oportunidades que surgirem.

Audrey estava se referindo a ela agarrar um homem rico na Espanha. Shirley estava pensando no assalto. Aquela seria a única oportunidade que ela agarraria nas próximas semanas. Ela beijou o rosto da mãe.

— Boa sorte com o seu homem misterioso, mamãe.

Então, foi embora.

* * *

Linda estava com a cabeça enfiada no motor da van de lavanderia quando sentiu algo roçar a sua perna. Ela se sobressaltou, bateu a cabeça no capô aberto e viu

Wolf olhando para ela e abanando o rabo como um idiota.

— Ainda não está pronto — avisou Linda quando Dolly apareceu ao lado da van.

— Parece bom. Bom trabalho.

Até mesmo esse elogio irritou Linda. Dolly parecia um tanto surpresa, como se imaginasse que ela fosse roubar um carro ruim.

— Vou ajudar você.

Dolly tirou o casaco e colocou-o sobre uma caixa de maçãs no canto da vaga de estacionamento.

Antes que Linda pudesse dizer qualquer coisa, Dolly pegou a tinta spray, verificou se ninguém estava olhando e levantou a lona, revelando os logotipos na lateral da van.

— Combinei com as garotas no depósito daqui a duas horas — continuou Dolly. — Termine o que está fazendo. Enquanto isso eu vou pintar os logotipos e trocar as placas.

— Posso fazer tudo isso sozinha a tempo. Você pode continuar com... O que quer que precise fazer — disse Linda abruptamente.

Aquela van era seu território.

— Sou eu quem vai dirigir este veículo, Linda, então preciso verificar tudo — retrucou Dolly, fazendo uma pausa antes de prosseguir. — Ouça...

Um comerciante do mercado entrou no estacionamento. Dolly baixou a lona sobre o logotipo da van e escondeu a pistola de tinta. O homem cumprimentou as duas com um menear de cabeça, pegou uma caixa de legumes e foi embora. Linda esperou que Dolly terminasse a frase.

— Não estou aqui para conferir nada, Linda. Eu quero... Eu só quero que a gente termine este último pedaço do quebra-cabeça juntas. Agora está tudo nos conformes, então quero saber se estamos bem. Eu e você.

Linda encarou Dolly. Não gostava da outra e provavelmente nunca gostaria, mas não era isso o que Dolly estava buscando. Ela só queria saber se todas estavam no mesmo time. Só isso. Como não era muito boa com as palavras, Linda simplesmente pegou as placas falsas e disse:

— Você pinta. Eu instalo as placas.

Era tudo de que Dolly precisava.

Foram necessárias três mãos de tinta para ocultar o logotipo preto. E, embora

Linda tenha manchado de branco o casaco preto ao se curvar para instalar a placa traseira, tudo parecia correr bem.

Dolly ocupou o banco do motorista, que já estava com o arnês parafusado no lugar.

— Precisa dar uma boa afogada para ligar. Então, acelere lentamente — explicou Linda da porta.

A van ligou de primeira.

— Onde você vai se sentar? — perguntou Dolly.

Linda entrou na traseira da van e se instalou sobre uma cesta de lençóis brancos bonitos e limpos, provavelmente de um dos melhores hotéis de Londres. Dolly riu e as duas saíram para um test drive até o depósito.

A van morreu duas vezes no caminho, o que preocupou Dolly, mas aquilo não tinha a ver com o motor, que Linda ajustara perfeitamente. Tratava-se de um fio de contato solto no novo tambor de ignição. Com um pouco mais de fita isolante, a fiação foi fixada e a van não morreu mais.

* * *

Quando Dolly e Linda chegaram ao depósito, havia tensão no ar. Bella estava ocupada preparando e examinando as ferramentas e espingardas que usariam no assalto. Shirley tinha inspecionado os macacões e balaclavas tantas vezes que conhecia cada centímetro deles. Naquele momento, estava dando uma olhada nos passaportes e nas passagens aéreas de cada uma antes de guardá-las nas malas que todas, afora Dolly, tinham preparado para seu voo internacional. Bella dera seu aviso prévio na boate, Linda se demitira facilmente do fliperama e Shirley dissera para a mãe que viajaria de férias.

Ninguém falou muito. Àquela altura, não era mais necessário. Cada uma sabia exatamente o seu papel durante o assalto. Realizar os preparativos finais era emocionante: elas estavam prontas.

Bella colocou a motosserra na traseira da van que Linda iria dirigir. Então, guardou uma espingarda e a marreta em uma bolsa de hóquei, que ela fechou e colocou na traseira da van de lavanderia. No dia seguinte, Dolly deixaria a marreta na traseira e manteria a espingarda na cabine.

Dolly se sentou no banco do motorista da van enquanto Linda apertava as tiras

do arnês para que se ajustassem perfeitamente ao seu corpo acolchoado.

— Assim está bom, Dolly? — perguntou Linda.

— Parece perfeito.

— Certo, agora veja se você consegue se soltar.

Sem olhar, Dolly achou a fivela, pressionou a trava e se levantou antes que Linda terminasse a frase. Linda lhe entregou uma chave sobressalente do estacionamento.

— Vou levar a van de volta e estacioná-la no mesmo lugar, ok? Deixo a chave de ignição sob o arco da roda.

— Esse estacionamento subterrâneo é seguro? — perguntou Dolly.

— Comigo dormindo nos fundos, sim — disse Linda, sorrindo. — E lembre-se: afogue bem para ligar, então acelere lentamente.

Shirley colocou o macacão, a balaclava, os tênis e as luvas de borracha de Dolly em uma bolsa e a entregou a ela. Então, arrumou o restante do equipamento em pilhas bem ordenadas na mesa de trabalho com três bilhetes informando o que era de quem. Por fim, guardou a bagagem no porta-malas de seu Mini.

Shirley mostrou a máscara de gás para Dolly.

— Isso será perfeito para disfarçar a sua voz, Dolly. — Enquanto a outra colocava a máscara de gás, Shirley acrescentou: — Pode estar com um pouco de cheiro de cola.

— Cola? — brincou Linda. — O que você andou fazendo?

— Nada! — disse Shirley na defensiva. — Precisei colar o bocal porque estava um pouco frouxo.

Dolly pegou um pé de cabra, ergueu-o como uma espingarda, ficou de pé no meio do depósito e gritou:

— NINGUÉM SE MEXE!

— Cacete! — disse Bella. — Você não parece mais o Bambi!

Dolly levantou a máscara.

— Dá para perceber que sou mulher?

— Definitivamente não — confirmou Linda.

Dolly colocou a máscara na van, ao lado do outro kit. Ao olhar para a mão esquerda, reparou na aliança pela primeira vez em semanas. Rodou-a e tirou-a do dedo sem perceber que Bella estava ao seu lado.

— Estamos prontas — declarou a moça gentilmente.

Os olhos de Dolly cintilaram quando segurou o braço de Bella.

— Você acha que somos mesmo capazes de fazer isso?

Surpresa com o nervosismo de Dolly, Bella pegou em sua mão e sorriu.

— Com você na liderança, não tem como a gente falhar.

Dolly sorriu.

— Você precisa ficar de olho em Linda, ok? Não deixe que ela perca a cabeça.

Eu não quero que ela atire com aquela arma.

Bella deu de ombros e sussurrou para Dolly com um sorriso malicioso:

— Eu troquei a munição da espingarda dela por alguns cartuchos de festim que consegui com um amigo do Cabeça Oleosa. Se ela puxar o gatilho, ouviremos um estrondo, mas ninguém vai se ferir.

Dolly ainda estava remexendo na aliança.

— Shirley vai ficar com medo, mas está preparada e vai se sair bem. Dê apoio, ok, Bella? Mantenha a garota forte. Entende o que eu quero dizer?

Bella assentiu, mas estava preocupada com Dolly. Estaria começando a ceder sob todo aquele estresse? Afinal, ela estaria ao volante da van de lavanderia da qual dependia todo o assalto. Se Dolly perdesse o controle, todo o trabalho ficaria comprometido.

— Eu sei que isso vai ser mais fácil para nós três, Dolly. Digo, estaremos juntas apoiando umas às outras na van da retaguarda. Será mais difícil para você, sozinha na frente. Mas você vai se sair bem. De todas nós, é a mais preparada para fazer isso.

Os olhos de Dolly se estreitaram.

— Não se preocupe comigo. Não vou decepcionar vocês.

Ela girou o corpo e viu Shirley e Linda a encarando, aparentemente esperando por... alguma coisa. Dolly pigarreou e disse:

— É isso. Está tudo pronto, vocês estão prontas. Sei que vai ser difícil, mas tentem descansar antes do grande dia.

Dolly protelou suas palavras de despedida até estar quase saindo, para o caso de começar a chorar.

— Estou orgulhosa de vocês — disse.

Então, sem olhar para trás, ela chamou Wolf e se retirou.

As três mulheres sabiam que aquela seria a última vez que veriam Dolly até o dia do assalto. Ao se verem sozinhas, deram um abraço coletivo. Ninguém disse

uma palavra.

 Simplesmente ficaram ali, juntas.

CAPÍTULO 29

Na manhã do assalto, Linda chegou ao depósito e encontrou Shirley vomitando em uma pequena lixeira.

— Você está bem?

— Não! Meu estômago está embrulhado de nervoso — respondeu Shirley, aparecendo na porta da sala.

Estava branca como uma folha de papel, e seus olhos pareciam três vezes maiores do que o normal. Ela abraçou a lixeira cheia de vômito.

— Droga, Shirl! Você comeu alguma coisa estragada?

— Acho que tem mais a ver com o assalto à mão armada que estamos prestes a praticar! — rebateu Shirley.

Ela sabia que Linda também devia estar nervosa.

Tinha um pouco de vômito na parte da frente do macacão de Shirley. Ela achatara os seios fartos com bandagens, o que lhe garantiu uma aparência musculosa na metade superior do corpo, graças também aos braços acolchoados simulando bíceps volumosos. As coxas também estavam com um aspecto impressionante. De fato, do pescoço para baixo, Shirley parecia um homem corpulento.

Linda apurou o olfato.

— Você andou fumando? — perguntou.

— Fumei uns dois cigarros para me acalmar.

— Mas você não fuma! Você sempre afasta a fumaça de Dolly porque o cheiro embrulha o seu estômago. Não é de admirar que esteja vomitando, sua vaca idiota!

Linda passou por Shirley, pegou uma toalha, mergulhou uma ponta na pia da sala e depois limpou o vômito do macacão da outra. Notou como Shirley estava nervosa.

— Com aquela balaclava na cabeça talvez eu me sinta atraída por você —

brincou Linda, piscando o olho.

Shirley tirou o pano da mão de Linda e as duas riram.

— Sua vez — disse ela.

Linda tirou a roupa, puxou o macacão até a linha da cintura e fez um nó com as mangas enquanto Shirley envolvia seus peitos e a metade superior dos braços com bandagens.

— Essa é a coisa mais estranha que você já fez? — perguntou Linda.

Mais uma vez, as duas riram. Nenhuma delas sabia exatamente do que estavam rindo, mas a sensação era boa.

Naquele instante, Bella entrou. Ela sentiu o cheiro. Tinha de ser Shirley.

— Bom dia — disse Bella, sorrindo. — Vocês duas estão ansiosas, hein? Mal podem esperar até começarmos, né?

Shirley vomitou de novo na lixeira.

— Você está bem, Shirl? — perguntou Bella.

Shirley soltou um gemido fraco.

Para distrair Shirley, Linda pegou dois pares de luvas e entregou um para cada uma. Então, calçou as suas.

— Certo. A partir de agora, luvas. Ninguém toca em nada sem luvas, ok? Eu limpei tudo, então não vai restar nenhum vestígio da nossa passagem por este depósito depois que sairmos hoje.

— Que horas são? — perguntou Shirley, erguendo a cabeça da lixeira.

— Quase sete — respondeu Bella. — Você perdeu o seu relógio?

— Ele anda temperamental. Não devemos sincronizá-los ou algo assim?

Bella sorriu gentilmente.

— Estaremos todas na mesma van, querida. Não se preocupe com o tempo. Apenas fique ao meu lado.

* * *

Às sete, Dolly seguiu pela rua lateral até o estacionamento dos comerciantes do mercado. O estofamento pesado por baixo do macacão fazia com que oscilasse enquanto caminhava. Ela passara gel e puxara o cabelo para trás, achatando-o rente ao couro cabeludo, e levava a máscara de esqui no topo da cabeça. Enrolada, parecia um gorro de lã, embora pudesse ser baixada rapidamente sobre

o rosto.

Dois homens que descarregavam caixas de frutas não notaram sua presença, e outro sujeito por quem ela passou disse:

— Bom dia, companheiro.

Ele achou que ela era um homem! Perfeito.

Dolly tirou a lona da van. Então apalpou o espaço sob o arco da roda direita em busca da chave, mas não a encontrou imediatamente. Será que Linda se esquecera de deixá-la ali? Ela se curvou e olhou sob o arco da roda, mas ainda assim não conseguiu encontrá-la. Os dois homens olharam para ela. Dolly tentou controlar o pânico enquanto apalpava toda a circunferência da roda. Então um brilho de metal no chão, embaixo do eixo, chamou a sua atenção. Ela soltou um suspiro de alívio e pegou a chave.

Entrou na van e, respirando fundo para se acalmar, verificou se a bolsa de hóquei contendo a espingarda e a marreta estava lá. Abriu a bolsa, colocou a marreta em uma pilha de roupas perto das portas traseiras e escondeu a espingarda debaixo do banco do motorista. Então, sentou-se ao volante, puxou o arnês sobre os ombros, atou-o e apertou as tiras o máximo que pôde. Moveu-se para a frente e para trás para se certificar de que estava segura.

Enfiou a chave na ignição, girou, mas o motor não pegou. Ela tentou mais duas vezes, sem sucesso.

— Vamos lá, vamos lá...

Pelo canto do olho, percebeu os dois comerciantes olhando em sua direção, mas não ousou olhar para eles para não encorajá-los a se aproximarem para ajudá-la. Dolly baixou a cabeça para recuperar a compostura. *Ah, Linda... se essa van não pegar eu vou matar você.* Dolly dirigira a van, estava familiarizada com o veículo. Por que não estava funcionando agora?

— Puxe o maldito afogador e bombeie o acelerador, cara! — gritou um dos comerciantes.

Dolly lembrou-se do que Linda lhe dissera.

O motor pegou e parecia funcionar bem. Dolly ergueu a mão em agradecimento. Ao engatar a primeira, soltou o pé da embreagem depressa, fazendo com que a van saltasse para a frente. Ouviu os comerciantes rirem dela.

— Mas que idiota! — gritou um deles.

Dolly os ignorou. Só queria sair dali.

* * *

No depósito, Bella ergueu a motosserra para testá-la uma última vez. Tinha acolchoado tanto os ombros que estava parecendo um halterofilista sob efeito de esteroides. Ao ligar a ferramenta, o cordão escorregou de sua mão. Nunca tinha feito aquilo usando luvas de borracha na altura do cotovelo e, ali dentro, suas mãos estavam muito suadas. Algumas tentativas depois, pegou o jeito. Então, notou que Linda estava olhando para as suas mãos.

— Você está obcecada, mulher! Pelo amor de Deus, eu estou de luvas. Estou com elas bem aqui nas mãos, ok? — disse Bella enquanto guardava a motosserra na traseira da van.

Linda olhou para Shirley. Não era o fato de ela ainda não ter posto as luvas que a estava irritando.

— Você está de sombra! Você colocou uma merda de uma sombra nos olhos!

— Não, não coloquei! — gritou Shirley. — Estou assim por que não dormi direito e estou vomitando.

Quando Bella passou por Linda, sussurrou:

— Deixe Shirley em paz, está bem? Leva só alguns segundos para remover.

— Não é maquiagem! — repetiu Shirley, aproximando-se de Linda para que ela pudesse ver mais de perto. — Me deixem em paz... Simplesmente me deixem em paz! Eu não sou idiota.

Bella se colocou entre as duas.

— Parem com isso! Vocês não estão com raiva uma da outra, só estão estressadas. Mas se controlem, está bem?

Gentilmente, Linda pousou a mão no ombro de Shirley. Palavras não eram mais necessárias.

Linda abriu a porta da van no lado do motorista, entrou e enfiou a espingarda debaixo do assento do carona.

Bella pousou o braço sobre os ombros de Shirley.

— É hora de irmos. Dolly deve estar a caminho de sua posição inicial. É isso aí, senhoras... Estão prontas?

Shirley e Linda assentiram.

— Então vamos nessa!

Bella e Shirley abriram as portas da garagem para que Linda saísse, então as

trancaram e embarcaram na traseira da van. Nenhuma delas percebeu que as portas da garagem onde vivia o enorme pastor-alemão estavam abertas, nem viu o homem de cabelos escuros que as observava de dentro de uma BMW.

* * *

Oito meses antes, Terry Miller, Joe Pirelli e Jimmy Nunn haviam saído daquele mesmo depósito a bordo de uma van para praticarem o mesmo assalto.

— Vamos! — gritou Terry.

Jimmy fez sinal de positivo. Quando ele ergueu a mão, Terry reparou no relógio de Harry em seu pulso.

— Caramba! Que relógio bonito!

Jimmy olhou para ele e sorriu.

— Ele disse que o trocava por um modelo mais recente quando tudo terminasse. Fica bem em mim, não é?

Jimmy girou o punho para fazer a luz refletir no mostrador incrustado de diamantes.

Terry olhou para Joe e ambos sorriram com malícia.

— Esse não é o único modelo que Harry vai trocar depois deste trabalho — debochou Terry, indicando com a cabeça um Jimmy alheio à conversa. — A mulher dele é a maior gata, e Jim não dá conta do recado. Agora, Harry...

Joe riu quando Jimmy saiu do depósito com a van.

— Um relógio por uma garota. Para mim parece um bom negócio.

CAPÍTULO 30

Não demorou muito para que Dolly fosse do estacionamento subterrâneo do mercado até a sua posição inicial, a uns dois minutos da garagem da empresa de segurança em Battersea. Agora, estava parada em uma rua lateral com o motor ligado. De onde estava, podia ver a entrada da garagem e, quando as portas pesadas de ferro começaram a se abrir, ela sabia que o carro-forte sairia, dobraria à direita e, depois, entraria novamente à direita ao fim da rua... avançando em sua direção. O céu estava claro e as ruas, vazias — as condições eram perfeitas. O tráfego da hora do rush mal havia começado, e Londres não fazia ideia do que estava prestes a acontecer.

Timing seria um elemento fundamental à medida que o espaço entre o carro-forte e o veículo da frente aumentasse — era ali que a van de Dolly precisaria estar: bem diante do carro-forte. Não poderia haver nada entre eles.

O carro-forte estava a quarenta metros de distância, depois trinta. Quando chegou a vinte, Dolly calmamente entrou na rua principal. Tinha cronometrado tudo com perfeição. O carro-forte nem precisou frear para deixá-la passar.

Enquanto cruzavam a York Road em direção à rotatória da Ponte Waterloo, Dolly percebeu como fora importante obter o plano de rota. Dali a alguns minutos, ela dobraria à esquerda na rotatória e seguiria para o norte pela Ponte Waterloo, em direção à passagem subterrânea da Strand. Ela rezava para que as garotas tivessem deixado o depósito e estivessem em suas posições.

Enquanto seguiam para a passagem subterrânea da Strand, Dolly moveu o carro levemente para o lado de modo a ter uma visão melhor pelo espelho retrovisor. Linda estava posicionada atrás do carro-forte. Dolly voltou para a sua pista e diminuiu a velocidade para trinta quilômetros por hora para que os veículos à frente se distanciassem. Então pisou mais no acelerador e observou o velocímetro.

Ao entrarem na passagem subterrânea, a van de lavanderia ganhou velocidade

mais depressa do que ela esperava: cinquenta, sessenta, sessenta e cinco. Dolly olhou para o retrovisor. O carro-forte estava bem atrás dela, próximo à sua traseira. Dolly acelerou ainda mais. Quando o velocímetro chegou a oitenta quilômetros por hora, ela vislumbrou a luz ao fim da passagem subterrânea e puxou a balaclava sobre o rosto. Olhou de novo para o espelho e, certificando-se de que a distância entre ela e o carro-forte estava correta, pisou no freio. O carro-forte chocou-se contra a traseira da van e sua dianteira ficou completamente amassada com a batida. Dolly foi projetada para a frente, mas o arnês a protegeu da força total do impacto.

Engatando a primeira, ela avançou alguns metros e, então, engatou a ré, batendo o para-choque traseiro da van contra a frente danificada do carro-forte. Dolly ouviu o barulho de metal amassado e vidro quebrado e, em seguida, o sibilar do vapor que emanava do radiador. Agradeceu a Deus pelo arnês: tinha sido projetada para a frente com tanta força que achou que seu tórax se romperia. Então desatou a fivela, pegou a máscara de gás na marcha e foi para a traseira da van. Posicionou-se diante das portas traseiras com a máscara de gás no rosto, a espingarda pendurada ao seu lado e a marreta em mãos. Foi quando chutou as portas traseiras e arremessou a marreta no meio do para-brisa do carro-forte. O vidro blindado sequer rachou. Dolly ergueu a espingarda, com o peito estufado, e apontou-a para dois seguranças atordoados e em pânico.

— NINGUÉM SE MEXE! — gritou.

Sua voz soou grave, distorcida e assustadora. Os guardas de segurança levantaram as mãos. Um deles gritou para o guarda na traseira do veículo:

— Estão armados!

Exatamente ao mesmo tempo, Shirley abriu as portas traseiras da van de perseguição e lançou duas bombas de fumaça em direção aos carros que vinham atrás. Na mesma hora, a fumaça sibilou e se espalhou pela rua, dificultando a visibilidade. Ela subiu no carro-forte e, com um alicate que pegara no bolso, cortou a antena de rádio.

Tirando a espingarda de debaixo do banco do carona, Linda posicionou-se na traseira da van de perseguição. Um homem estava quase saindo de seu Fiat, mas Linda ergueu a arma e acenou. O sujeito voltou depressa para dentro do carro e trancou as portas no exato momento em que outro carro batia na sua traseira. O segundo motorista engatou a ré, mas o carro morreu. Linda correu e quebrou o

para-brisa do segundo carro com o cabo da espingarda. Uma mulher aterrorizada gritou e cobriu o rosto, dando tempo para que Linda pegasse as chaves da ignição e as jogasse longe. Então, voltou à sua posição inicial: pernas separadas, espingarda erguida.

Bella saltou da van de perseguição atrás de Shirley, correu até a lateral do carro-forte e ligou a serra elétrica. Fagulhas voaram para todos os lados enquanto a ferramenta cortava o metal como se fosse manteiga.

O som era ensurdecedor na traseira do carro-forte, e o segurança tremia de medo ao observar a lâmina emergir através do metal. Ele não fazia ideia do que havia do outro lado, do que ou de quem viria dali, nem de se sobreviveria.

Demorou menos de trinta segundos para que Bella fizesse um corte grande o suficiente para forçar o metal para trás. Shirley entregou a espingarda para Bella, que a introduziu no buraco recém-aberto. Ela acenou com o cano da arma para as portas traseiras e o guarda as abriu.

Quando Bella entrou na traseira do carro-forte, o segurança aterrorizado abriu o compartimento de dinheiro. Então, ela o obrigou a sair da van. Linda apontou a espingarda em sua direção e gesticulou para que ele se deitasse no chão. Tremendo de medo, ele obedeceu.

Shirley subiu na traseira do carro-forte e começou a cortar a gaiola de arame interior com um alicate. Aquela era a parte mais lenta do processo e, após alguns segundos, Bella afastou Shirley para o lado, voltou a ligar a motosserra e, com um único golpe, abriu um espaço grande o bastante para que tivessem acesso aos malotes de dinheiro. Rapidamente, Shirley começou a colocá-los na mochila aberta às costas de Bella e, assim que terminou, bateu no ombro da parceira.

Na segurança do interior de seus carros, os motoristas apavorados viram Bella assumir o posto de Linda. Segurando a espingarda para manter as pessoas e os guardas sob controle, Linda correu até o carro-forte para que Shirley pudesse encher sua mochila. A respiração de Linda se acelerou. A máscara de esqui molhada entrava e saía de sua boca. Enquanto Shirley fazia o trabalho, Linda sentiu a mochila ficando cada vez mais pesada. Quando estava totalmente cheia, Linda enfiou o restante do dinheiro na mochila de Shirley.

Quando Linda e Shirley estavam saindo do carro-forte, a alça da mochila de Shirley agarrou na trava da porta e ela ficou ali pendurada como uma boneca de pano. Linda já estava correndo em direção à saída do subterrâneo no lado da

Strand, mas Bella se adiantou para soltá-la. Então as duas seguiram os passos de Linda tão depressa quanto as suas pernas lhes permitiam, cada uma sob o peso de um terço de milhão de libras nas costas.

* * *

Dolly ainda mantinha sua posição na traseira da van de lavanderia, com o coração disparado. Viu Linda passar por ela, e então Bella. Ao olhar para fora da van, viu dois homens correndo atrás de Shirley. Um deles se jogou e a derrubou no chão com um baque pesado. O revestimento amorteceu a queda, mas Shirley torceu o tornozelo.

Rápida como um raio, Dolly saltou da traseira da van e disparou um tiro para o alto. Os dois heróis de ocasião se jogaram no chão. Levaram as mãos à cabeça para se proteger da chuva de azulejos quebrados do teto. Um pedaço de azulejo cravou no pescoço de um deles e o sujeito começou a gritar, dizendo que fora baleado.

Shirley se levantou com dificuldade e correu até a saída do subterrâneo. Só conseguiu dar alguns passos antes de começar a mancar por causa da dor e do inchaço instantâneo no tornozelo. Mas seguiu em frente e não olhou para trás.

Dolly olhou para a bagunça que estavam deixando para trás e agradeceu a Deus por ninguém ter se ferido gravemente. Nunca sentira tanto medo na vida. As testemunhas estavam deitadas nos bancos da frente de seus carros. O segurança da traseira do carro-forte estava deitado no chão de barriga para baixo, assim como os dois metidos a herói. A sensação de poder era inebriante — mas ela precisava dar o fora.

Olhou para o subterrâneo, para a distância que Shirley conseguira percorrer. Ela não estava longe e agora arrastava a perna ferida. Linda e Bella estavam fora de vista. Atrás de Dolly, os seguranças da dianteira do carro-forte estavam abrindo as portas para sair. Ela ainda tinha um cartucho na espingarda de cano duplo e, ao pular da traseira da van de lavanderia, atirou no teto do subterrâneo bem acima do carro-forte. Os dois seguranças se agacharam e correram de volta até a entrada da passagem subterrânea.

Linda e Bella chegaram ao veículo de fuga com os falsos logotipos da GLC na lateral, mas Shirley ainda não saíra da passagem subterrânea. Elas jogaram as

mochilas na traseira da van e Bella subiu logo atrás. Linda se sentou ao banco do motorista e ligou o motor. A princípio, Bella achou que Linda iria embora sem Shirley, mas, então, ela gritou:

— Segure firme!

E então acelerou em direção ao tráfego que se aproximava. Os carros desviaram, subiram nas calçadas e bateram uns nos outros enquanto Linda passava por cima da divisória central da pista e voltava para a passagem subterrânea. Quando Shirley saiu cambaleando à luz do dia, Linda puxou o freio de mão com força e a van fez uma curva de cento e oitenta graus, de modo que agora a traseira estava voltada para Shirley. Bella abriu a porta traseira e, com os braços estendidos, agarrou Shirley, puxando-a para dentro. Linda acelerou. Os pneus giraram em seco, queimando borracha, e a van partiu em alta velocidade.

Dolly estava bem atrás de Shirley na van de lavanderia e estava prestes a alcançá-la quando a viu sendo puxada por Bella... As três estavam a salvo! Dolly pisou no acelerador e dirigiu na mesma direção, desviando para evitar o caos que Linda deixara para trás.

* * *

Dolly ouvia o som das sirenes da polícia ao longe e sabia que poderia estar em apuros. A velocidade de sua fuga fora reduzida por causa de Shirley. Era agora ou nunca. Quando alcançou um beco lateral, desacelerou, pegou uma sacolinha, abriu a porta da van e pulou, já correndo no ar mesmo antes de seus pés tocarem o chão.

Agora desgovernado, o veículo atingiu a vitrine de uma loja. O vidro quebrou e duas clientes saíram correndo para salvar as próprias vidas. Dolly correu por um beco lateral, arrancando a máscara de gás e as luvas e jogando-as em uma lixeira. Quando se aproximou do fim do beco, passou a caminhar, esperando já ter recuperado o fôlego quando saísse dali e se misturasse aos transeuntes. Enrolou a balaclava na cabeça para que voltasse a parecer um gorro de lã, misturou-se à multidão e dirigiu-se aos banheiros vitorianos subterrâneos perto do Museu do Transporte em Covent Garden.

* * *

Linda seguiu pela Kingsway e, então, entrou à esquerda nas ruas secundárias da Strand, em direção a um edifício-garagem. Parou na Floral Street, perto do mercado de Covent Garden, que estava razoavelmente tranquilo. Linda e Shirley entregaram suas balaclavas para Bella, que as enfiou em um saco de lixo preto junto com a sua. Bella saltou da traseira da van e, depois de garantir que ninguém estava olhando, arrancou os adesivos da GLC da van Escort e os rasgou em dois antes de também colocá-los no saco de lixo. Então, tirou as duas placas falsas, expondo as placas com os números verdadeiros que estavam por baixo. As falsas foram as últimas coisas a entrarem no saco antes de Bella amarrá-lo e jogá-lo em uma pilha de lixo a ser recolhido. Havia poucas pessoas por perto, e nenhuma delas parecia estar prestando atenção. *Graças a Deus vocês estão concentrados em suas vidas*, pensou Bella ao pular de volta no assento do carona, ao lado de Linda.

Shirley estava deitada na traseira da van cercada pelas mochilas e se debulhando em lágrimas. Bella girou o corpo no assento e segurou a mão dela com força.

— Nós conseguimos, Shirley, nós conseguimos. Nós conseguimos!

* * *

Ao chegar aos banheiros, Dolly estava ofegante. Desceu a escada correndo, agarrando-se ao corrimão de metal em busca de apoio e entrou em um reservado, onde se sentou no vaso. Suava como louca e sentia como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco. Enquanto tentava acalmar o ritmo da respiração, ficou tão tonta que teve de se apoiar na parede do cubículo para evitar um desmaio. Então fechou os olhos e se concentrou em respirar normalmente. À medida que seu corpo começava a se acalmar, sua mente gritava: *Eu consegui! Meu Deus, Harry. HARRY, EU CONSEGUI!*

Dolly respirou fundo, soltando o ar devagar, e, quando sentiu a pulsação desacelerar, levantou-se e tirou a balaclava, o macacão e os tênis. Por baixo, vestia um suéter escuro e uma calça e, abrindo a sacola que havia trazido, tirou dali um par de sapatos, um fino casaco que ia até a cintura e um cachecol. Depois de vesti-los, pegou sua bolsa e pendurou-a no ombro. Consultou o relógio e rezou para que as outras tivessem chegado com segurança ao edifício-garagem. Sentia-se tentada a ir direto para lá, uma vez que era tão perto, mas precisava se ater ao plano.

* * *

No edifício-garagem de três andares, Linda dirigia nervosamente e se perguntava se Dolly conseguira escapar em segurança. Bella leu a preocupação em seu rosto.

— Não perca seu tempo se preocupando com Dolly. Ela é uma vaca velha e durona.

Linda sorriu. Às vezes, Bella era uma tremenda leitora de mentes.

Após deixarem Shirley em seu Mini no segundo andar, Linda estacionou perto do Mercedes de Dolly no último andar e ela e Bella transferiram as mochilas cheias de dinheiro para o porta-malas antes de irem para o Ford Capri de Linda. As duas deram uma última olhada no dinheiro empilhado no porta-malas do Mercedes de Dolly.

— A gente deu tanto trabalho para ela — comentou Linda. — Mas aqui estamos nós, com o dinheiro. Poderíamos facilmente guardá-lo no porta-malas do meu carro em vez de colocar no carro dela. Ela nunca nos questionou a esse respeito e eu sinto...

Bella fechou o porta-malas do Mercedes.

— Ela sabe.

No porta-malas do Capri, pegaram algumas roupas em suas malas e desceram a escada até o banheiro feminino no térreo para se trocarem. Não havia nenhum sinal de Shirley, de modo que ambas imaginaram que ela havia descartado o macacão e saído com a roupa que vestia por baixo.

* * *

Após recuperar a compostura, Dolly saiu do banheiro. Por sorte, um caminhão de lixo estava parado no trânsito de modo que, aproximando-se como quem não quer nada, ela jogou a sacola na caçamba do veículo. Atravessou a praça do mercado, seguiu pela James Street e foi para a estação de metrô de Covent Garden, que agora estava movimentada com as pessoas a caminho do trabalho. Ela comprou um cartão de viagem válido por um dia e desceu lentamente o longo lance de escada até a plataforma. Dava para ouvir o rumor dos trens mais abaixo. Era muito bom enfim poder parar de correr.

* * *

Linda trocou de roupa e estava pronta para sair, mas suas mãos tremiam tanto que borrou o batom e precisou refazer a maquiagem duas vezes. Ela e Bella abraçaram-se longamente antes da despedida. Vestindo um casaco elegante e um chapéu combinando, Bella saiu do edifício-garagem carregando sua mala e chamou um táxi na rua principal.

— Para o aeroporto, querido — disse ao taxista.

O motorista mal conseguiu acreditar na própria sorte.

— Fico feliz em sair da cidade, senhorita — disse ele. — Tive uma manhã infernal! Aconteceu alguma coisa mais cedo na passagem subterrânea da Strand. O engarrafamento foi imenso...

* * *

Dolly saiu do metrô duas estações depois, em Piccadilly Circus, atravessou a plataforma e pegou o trem seguinte de volta a Covent Garden. Ela parou no pé da longa escadaria e olhou brevemente para cima antes de decidir que o elevador seria a melhor opção: já fizera exercício suficiente por um dia. Uma vez na rua, caminhou casualmente até o edifício-garagem, parando de vez em quando para admirar as vitrines. Viaturas patrulhavam a Long Acre devagar, mas, fora isso, o trânsito estava parado em todas as direções. Aquilo não a preocupou. Ela não precisaria fugir às pressas. Era apenas uma mulher fazendo compras.

* * *

Quando entrou no primeiro andar do edifício-garagem, Linda viu o carro de Shirley, parou e saiu para ver o que estava acontecendo. Shirley estava sentada no banco do motorista, ainda de macacão, curvada de dor. Linda abriu a porta do carro. Aquilo não era bom. Shirley devia estar a caminho do aeroporto havia muito tempo. Elas tinham de embarcar em seus voos.

— Vamos, garota — disse Linda. — Sei que você está sentindo dor, mas, por enquanto, precisa aguentar. Pelo menos tire esse macacão e, quando chegar ao

aeroporto, poderá ir ao banheiro para trocar de roupa.

Shirley saiu do carro mancando e apoiou-se no teto, enquanto Linda a ajudava a tirar o macacão, que enfiou em um saco de lixo.

— Vou jogar isto fora para você — disse Linda. — Agora vamos. Precisamos retomar o plano.

Shirley entrou em seu carro, abriu o porta-luvas e pegou um estojo de maquiagem. Olhou para Linda através das lágrimas e sorriu desanimada.

Linda riu.

— Independentemente do que aconteça, você sempre tem que estar deslumbrante, não é, Shirl?

Depois de voltar para o Capri, ela se foi.

Ao entrar no edifício-garagem, Dolly viu o carro de Linda se afastar. O alívio que sentiu foi tão esmagador que mal conseguiu evitar subir correndo a escada até o Mercedes. Quando chegou ao terceiro andar e abriu o porta-malas, sorriu. As três mochilas estavam ali dentro. Ao entrar no carro, Dolly abriu o porta-luvas, pegou uma peruca e óculos escuros e vestiu seu segundo disfarce do dia.

Saindo do edifício-garagem, ela quase bateu no Mini de Shirley quando ele saiu da vaga, parou, avançou novamente e acabou batendo na parede do estacionamento, amassando o para-choque. Dolly parou cantando pneu, pulou e correu até Shirley. Antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa, Shirley abriu a janela. Estava aos prantos.

— É o meu tornozelo — choramingou. — Não consigo pisar direito na embreagem, dói muito. Eu não sei o que...

Sem esperar que ela terminasse a frase, Dolly abriu a porta e ajudou Shirley a sair do Mini, amparando-a enquanto caminhavam até o Mercedes. Chegando ao seu carro, ela baixou o banco da frente e acomodou Shirley no de trás. A outra estremeceu de dor.

— Tem um cobertor. Cubra a cabeça... rápido. Onde está a sua passagem? — perguntou Dolly.

— Na minha bolsa embaixo do banco do motorista... e um dos meus tênis simplesmente saiu do meu pé.

Dolly correu até o Mini, pegou a bolsa e o tênis de Shirley e jogou-os no banco de trás.

— As chaves, as chaves, Dolly! Estão na ignição. E minha mala... e a minha

mala?

Dolly fechou a porta do carona e entrou de novo no Mercedes.

— Não há espaço para a sua mala, e temos de ir agora. Cale a boca e cubra-se.

Com Shirley chorando sob o cobertor no banco de trás, Dolly seguiu para o aeroporto. Perto de Covent Garden, ouviram as sirenes da polícia. O trânsito ainda estava parado. Dolly percebeu que não havia como levá-la ao aeroporto com rapidez — e, de qualquer forma, serem vistas juntas em um aeroporto seria uma péssima ideia, mesmo que Dolly apenas a deixasse lá. Elas teriam de voltar para a casa de Dolly e decidir o que fariam.

* * *

Eram 9h45 quando Dolly finalmente entrou na Totteridge Lane, que estava vazia exceto por alguns carros estacionados. Seu coração estava disparado quando chegou à entrada de casa. Ao sair do carro para destrancar as portas da garagem, sussurrou pedindo que Shirley ficasse coberta e em silêncio. Com o cobertor sobre a cabeça, Shirley não fazia ideia de onde estava.

Uma vez dentro da garagem, Dolly abriu a porta do carona e baixou o banco.

— Estamos na garagem da minha casa, querida. Você pode sair agora.

Enquanto Dolly ajudava Shirley a sair do carro, o som de uma sirene fez com que ambas congelassem. A sirene se aproximava cada vez mais.

— Ah, meu Deus, é a polícia, Dolly! Eles pegaram a gente, Dolly... O que vamos fazer? — exclamou Shirley, com a voz ficando mais aguda a cada palavra.

Resistindo à tentação de dar um tapa na cara de Shirley, Dolly levou a mão até a sua boca com delicadeza.

— Ssssh.

Olhando através da janelinha da porta da garagem, viu uma viatura estacionando do lado de fora da casa, com a luz azul piscando. Dois policiais uniformizados e dois à paisana saíram do carro e ela reconheceu o sargento Fuller. Voltando-se para Shirley, Dolly a empurrou de volta para o banco traseiro do carro.

— Cubra-se outra vez, não se mova e não faça nenhum barulho — sussurrou.

Ela tirou a peruca e os óculos escuros, jogou-os em cima de Shirley e voltou a cobri-la.

Dolly destrancou a porta que levava à cozinha. Precisava pensar rápido. Tirando o suéter, jogou-o no cesto de roupa suja e pegou o roupão usado que jogara ali na véspera. Ao vê-la, Wolf saltou de sua cama, latindo animadamente junto aos pés da dona e pulando de alegria. Dolly ligou a cafeteira. Ela a usara pela última vez às seis da manhã e sabia que ainda restava pelo menos três quartos de café ali dentro.

— Agora não, querido — disse para Wolf. — Mamãe está ocupada.

Então, abriu um armário, tirou um pacote de cereal, colocou um pouco em uma tigela, pegou uma garrafa de leite da geladeira e derramou sobre o cereal. Ela nunca se movera tão depressa em toda a vida.

A campainha tocou. Alguém mantinha o dedo no botão. Dolly apostou que era o adolescente arrogante, o tal de Fuller. Wolf correu até a porta, latindo e pulando contra as silhuetas que via através dos vitrais.

Dolly abriu um pacote de Ryvita, suspirou profundamente, expirou e deu uma mordida no biscoito. A campainha continuou a tocar. Tentando controlar a respiração, ela gritou:

— Calma, calma! Estou indo. Estou indo!

No corredor, ela pegou Wolf no colo antes de finalmente abrir a porta.

Como imaginara, era Fuller quem estava tocando a campainha. Os outros policiais estavam atrás dele aguardando instruções.

Fuller passou por Dolly e entrou no corredor. Nem se preocupou em exibir seu documento de identificação policial. Praticamente empurrou Dolly até a sala enquanto um policial subia a escada, e outros dois começaram a revistar os cômodos do primeiro andar.

— Troque de roupa ou pegue um casaco, Sra. Rawlins. Você virá conosco para a delegacia — avisou Fuller.

— Vocês não têm esse direito! Não mesmo. Vocês sequer têm um mandado! — gritou Dolly, cutucando-o com o dedo.

Com um sorriso presunçoso, Fuller tirou um mandado de busca do bolso do casaco.

— Quer apostar? — desafiou ele, depois indo para a cozinha de Dolly.

Na cozinha, havia apenas uma porta entre Fuller e a garagem. Entre ele e Shirley. Contudo, por baixo do roupão, Dolly estava completamente vestida. Seria impossível inventar uma desculpa para isso.

— O que vocês estão procurando desta vez? — perguntou Dolly, detendo Fuller no corredor.

— A senhora ficará sabendo quando chegar à delegacia, então vá se vestir. A menos que queira ir para lá de roupão.

O coração de Dolly disparou quando ela subiu a escada e foi ao seu quarto. Que Deus impedisse Fuller de revistar o Mercedes: ele não apenas encontraria Shirley como também as mochilas com o dinheiro roubado. Talvez, se continuasse a desacatá-lo, eles a levassem mais rapidamente à delegacia, de modo que agarrou o casaco e correu de volta para o andar de baixo no exato momento em que Fuller colocava a mão na maçaneta da porta da garagem.

— Do que se trata tudo isso? — gritou Dolly. — Você vai perder o seu distintivo por causa disso! Quero ir para a delegacia agora mesmo. Vamos acabar logo com isso. Se é para ir, vamos logo.

Ignorando-a, Fuller abriu a porta da garagem, inclinou-se para a frente e olhou para o carro. Enquanto ele apalpava a parede em busca do interruptor de luz, Dolly gritou:

— Muito bem!

E caminhou em direção à porta da frente.

Fuller virou-se para ela.

— Aonde você vai?

— Vou levar o meu cachorro para passear — gritou Dolly. — Se você não vier agora, eu vou sair.

Fuller bateu a porta da garagem e passou por Dolly.

— Você não vai a nenhum lugar além da delegacia, Sra. Rawlins.

Agora era Fuller quem liderava o caminho até a porta da frente, com Dolly mais atrás, ainda reclamando.

— Eu já estou de saco cheio de vocês! Quanto antes vocês fizerem suas perguntas idiotas, mais cedo vou poder voltar aos meus afazeres... e é melhor que vocês me tragam de volta.

Fuller abriu a porta da frente e disse:

— Deixe o cachorro, por favor. Ele não virá conosco.

* * *

Shirley ouviu a voz de Fuller quando ele abriu a porta da garagem e, com medo de fazer barulho, mordeu a mão com força, quase cortando a pele. Ficou ali deitada ouvindo o tumulto, que agora se transferira para o acesso de veículos no lado de fora da casa.

Dolly ainda gritava:

— Se quando eu voltar ele tiver mijado no meu tapete, vou mandar para você a conta da lavanderia! — gritou. — E para qual delegacia iremos dessa vez?

— Para a maior de todas — respondeu Fuller. — A Scotland Yard.

Shirley saiu do Mercedes, mancou até a porta da garagem e olhou pela janelinha, repetindo o que Dolly fizera dez minutos antes. Dolly foi colocada na viatura, que partiu em seguida. No súbito silêncio, Shirley se recostou no carro, com o peito arfando. Aquela tinha sido por pouco. Se os policiais tivessem tocado o capô do Mercedes, saberiam que Dolly havia saído. A mente de Shirley disparou ao recordar tudo o que acabara de ocorrer, tentando descobrir o que fazer em seguida. Dolly acabara de salvar a sua pele ao esbravejar contra a polícia... Na verdade, podia ter prejudicado a si mesma com aquilo. O que Shirley não conseguia entender era como a polícia tinha chegado ali tão depressa. E por quê? Além disso, por que detiveram e levaram Dolly?

* * *

Eddie Rawlins esperou que a viatura fosse embora para voltar a se sentar. Bill telefonara mais cedo e dissera para ele ir até a casa de Dolly e esperar que ela voltasse. Quando Bill lhe disse que Dolly realizaria o assalto de Harry, Eddie quase se mijou de tanto rir. “*Como é que uma mulher conseguiria fazer algo assim?*” Mas quando Bill disse que ela estava com os livros contábeis de Harry contendo o plano detalhado, Eddie acreditou.

Enquanto esperava a viatura desaparecer na esquina, Eddie se perguntou o que diabos estava acontecendo. Como e por que a polícia aparecera tão depressa na casa de Dolly? O que dera errado? Eddie coçou a barba por fazer. Talvez alguém a tivesse denunciado, mas os policiais não ficaram muito tempo na casa e também não tinham saído dali com sacolas cheias de dinheiro. Será que não tinham encontrado? Será que o dinheiro ainda estava na casa ou já estaria em outro lugar? Eddie pensou muito sobre o que fazer em seguida... mas ele não era de tomar

grandes decisões. Poderia procurar uma cabine telefônica e ligar para Bill ou poderia entrar na casa de Dolly e ver se ela deixara um milhão de libras em algum lugar. Acabou optando pelo caminho mais fácil.

Shirley ouviu Wolf uivar por Dolly na cozinha. Ao se aproximar mancando para consolar o cãozinho, ouviu um som borbulhante e, ao se virar, viu a cafeteira fervendo a água. Meu Deus, como ela estava nervosa! Ao se abaixar para pegar Wolf no colo, o cão voltou a cabeça bruscamente para a porta fechada que levava ao corredor e começou a latir. Shirley tentou acalmá-lo, mas ele continuou latindo alegremente para a porta da cozinha.

Eddie decidira resolver tudo em uma tacada só: entraria na casa de Dolly, daria uma olhada e depois ligaria para Bill dali mesmo. Não seria necessário procurar uma cabine telefônica.

Lenta e silenciosamente, ele forçou a porta francesa da sala de estar com um pé de cabra e foi direto para a cozinha a fim de ter acesso ao Mercedes na garagem. Se Dolly realmente havia acabado de voltar para casa após um assalto à mão armada no início da manhã, aquele era o único lugar onde o dinheiro poderia estar — a menos que ela o tivesse deixado em outro local no caminho.

Eddie abriu a porta da cozinha apenas alguns centímetros para que Wolf soubesse quem ele era antes de abri-la completamente. Sabia que, quando assustado, até mesmo o menor cão poderia ser tornar uma ameaça, mas Wolf estava latindo de alegria. Aliviado, Eddie abriu a porta por completo e ficou surpreso ao ver uma loura parada junto à cafeteira. Em pânico por ter sido pego invadindo a casa de Dolly, ele ergueu as mãos e avançou para Shirley. Ela vira o seu rosto, e ele não gostou disso.

Para Shirley, foi como o momento em que Tony Fisher a atacara. *Desta vez não, seu filho da puta*, pensou. Então, berrando como uma alma penada, desferiu-lhe um soco forte com o punho direito.

Eddie praticara um pouco de boxe naquele mesmo dia, com Harry. Levantou a mão esquerda para bloquear o soco ao mesmo tempo que golpeava com a direita, visando o maxilar de Shirley. A garota estava em tal estado e seu tornozelo ainda estava tão fraco que ela tropeçou para trás no momento em que o punho de Eddie atingiu o seu queixo, o que reduziu a intensidade do golpe. Shirley contra-atacou imediatamente, arranhando os olhos do sujeito e chutando-o com toda a força com a perna boa. Eddie agarrou-lhe os pulsos e separou-lhe os braços.

— Onde está a merda do dinheiro, sua vadia? — gritou e, soltando a mão, deu um tapa em seu rosto com toda a força.

A princípio, Wolf achou que aquilo era algum tipo de brincadeira e pulou sobre as patas traseiras, latindo alegremente e abanando o rabo. Mas o tom de raiva na voz de Eddie, seguido pela bofetada no rosto de Shirley e, então, pelo grito agudo dela, foi demais para o cãozinho, que cravou os dentes na perna do homem. Os dentinhos de Wolf não machucaram muito, mas pegaram Eddie de surpresa, e, naquela fração de segundo, Shirley conseguiu se desvencilhar. Ao se voltar para a bancada da cozinha, ouviu Wolf soltar um ganido alto.

Shirley pegou a cafeteira, abriu a tampa e jogou o líquido marrom ainda borbulhante no rosto de Eddie, atingindo os seus olhos. Ele gritou de dor enquanto o café fervendo queimava seu rosto e pescoço. Meio cego, ele virou e saiu correndo da cozinha até o corredor, trombando em uma mesa e derrubando um vaso de flores.

Shirley ouviu o vaso quebrar ao atingir o chão de madeira do corredor. Na sequência, ouviu a porta da frente se abrir e os passos pesados de Eddie no cascalho do lado de fora, na entrada casa. Segundos depois, o som de um carro sendo ligado e indo embora. No estranho silêncio que se seguiu, Shirley se encolheu sentada na cadeira da cozinha e apoiou a cabeça entre as mãos. Seu queixo doía, o tornozelo latejava e a cabeça rodava. Ela começou a chorar: um misto de medo e alívio. Não fazia ideia de quem era o intruso, mas o sujeito claramente estava atrás do dinheiro, o que significava que deveria saber do assalto. Meu Deus... Como Shirley queria que Dolly estivesse ali naquele momento!

Enxugando os olhos, ela olhou para a cozinha. Havia manchas de café por toda a parede, indo até o teto, junto à porta aberta para o corredor, mas ela não achava que Dolly ficaria aborrecida com aquilo. Então percebeu: estava tudo muito silencioso.

— Wolf? — sussurrou. — Wolf?

Ficou de pé. Talvez Wolf tivesse seguido o homem até a rua. Mas ao olhar para o canto da cozinha, percebeu que as coisas estavam muito, muito piores do que ela imaginava.

— Ah, não, não, não... Por favor, meu Deus, não...

Wolf estava imóvel. Shirley se ajoelhou ao seu lado, implorando silenciosamente. *Por favor, que ele esteja bem...* Ela tocou no corpinho do cão, mas

não houve resposta. Um filete de sangue escorria da boca de Wolf. Shirley se sentou no chão da cozinha ao lado do cadáver do companheiro mais amado de Dolly e chorou. Acariciando seu pelo branco e macio, imaginou quanto conforto ele devia oferecer a Dolly quando ela o amparava em seus braços. Como Dolly ficaria sem ele? Sem Wolf, ela não tinha mais ninguém que a amasse.

CAPÍTULO 31

Arnie Fisher serviu uma dose de Bisodol na tampa de plástico que veio com o frasco, engoliu-a e soltou um arroto ruidoso. A morte de Carlos o abalara muitíssimo. Não que ele se importasse de fato com o rapaz. Mas os boatos estavam se espalhando. Não apenas sobre a sua ligação com ele: o ataque de Tony a Shirley Miller também estava sendo comentado. Arnie tentara controlar o irmão, mas agora sentia que o cerco começava a se fechar.

Ele começou a suar. O que realmente o aterrorizava era a possibilidade de Boxer Davis ter dito a verdade a respeito de Harry Rawlins. Se Rawlins estivesse mesmo vivo, haveria sérias consequências. Por muitos anos, Arnie receptara bens roubados por Rawlins, além de ter envolvimento em diversas outras fraudes e assaltos. Precisava manter o irmão maluco sob controle.

Naquele exato instante, Tony abriu a porta do escritório.

— Olha — disse ele, mostrando um exemplar do *Evening Standard*. — Primeira página. ASSALTO OUSADO A CARRO-FORTE.

Ele bateu o jornal na mesa diante de Arnie.

— Todo mundo está falando disso. Quatro mascarados... roubaram centenas de milhares de libras. Goste você ou não, aquela desgraçada da Dolly Rawlins deve ter um dedo nisso. Vou até lá cortar a garganta daquela filha da puta...

Arnie levantou-se e atirou um volumoso peso de papel no irmão. Acabou errando. Suando profusamente, foi até a frente da escrivaninha e segurou Tony pelo colarinho da camisa.

— Escute bem, Tony — disse ele com urgência. — Precisamos recuar e sair do radar. Você já assustou essa mulher o bastante, e eu não quero que aquele filho da puta do Harry Rawlins corte a minha garganta.

Empurrando o irmão para longe, Arnie voltou para trás da escrivaninha e destrancou uma gaveta, de onde tirou um grosso maço de dinheiro.

— Tome isto e pegue o primeiro voo para a Espanha. Fique lá até ouvir

notícias minhas. Desta vez, Tony, você vai me obedecer ou eu juro por Deus que terá o mesmo destino que Boxer Davis.

Tony sorriu e pegou o dinheiro, guardando-o no bolso interno do casaco.

— Você é quem manda.

No que Arnie retrucou calmamente:

— É melhor você acreditar mesmo nisso, porque eu estou protegendo você. Até segunda ordem, não dê as caras por aqui. Vou pedir que os rapazes na Espanha cuidem de você.

No passado, Tony sempre conseguira argumentar com o irmão, mas nunca vira Arnie tão determinado. Dava quase para sentir o cheiro de seu medo.

— Vou embora hoje à noite — disse ele.

— Bom garoto.

Arnie observou Tony sair. Esperava que desta vez o irmão lhe desse ouvidos, porque, assim que tomasse algumas providências, também se juntaria a ele na Espanha. Pegou o jornal e olhou as manchetes. Com Harry Rawlins morto, Arnie estaria livre dele e de seus infames livros contábeis. Mas se Rawlins estivesse vivo — bem, nesse caso, Arnie se sentia condenado à morte.

* * *

Dolly estava esperando por Fuller sentada na sala de interrogatórios da Scotland Yard. Ela já olhara uma pilha de fotos de criminosos disposta na mesa e fora questionada se reconhecia algum deles como associados de seu falecido marido. Mesmo que reconhecesse, jamais diria qualquer coisa. Fazer isso talvez tirasse a polícia da sua cola, mas Dolly não queria levar fama de dedo-duro. Ao consultar o relógio, viu que eram onze e meia. Batia o pé, na esperança de irritar a policial de prontidão junto à porta. Odiava aquele rosto inexpressivo e seu olhar atento.

— Existe alguma possibilidade de eu conseguir uma xícara de café? — perguntou Dolly.

Não houve resposta. A policial sugou os dentes.

— Olha só, Uri Gellar... se você continuar com isso, suas algemas vão começar a dobrar! — disse Dolly com sarcasmo.

Ainda assim, a policial não esboçou reação. Dolly acendeu outro cigarro e olhou de novo para o relógio.

— É o meu cachorro, entende? O coitado já deve estar louco a essa altura. Ele não consegue se segurar por muito tempo. Eu também não, na verdade. Ei! Estou falando com você! Alguma ideia de por quanto tempo eles vão me manter aqui? Quer dizer, do que se trata tudo isso, afinal?

Dolly acenou com o cigarro para os retratos dos criminosos à sua frente, espalhando cinzas.

— Eu já disse que não conheço nenhum deles. O que fez esse negro que vocês estão procurando?

Ainda nenhuma reação. Dolly começou a assobiar o tema de *Dixon of Dock Green*.

O sargento Fuller entrou e sentou-se à sua frente. A imprensa estava enlouquecida. Exigiam saber o que a polícia estava fazendo em relação ao assalto, se tinham algum suspeito e se aquilo tinha ligação com um assalto semelhante ocorrido recentemente, no qual três homens morreram. Fuller não havia conseguido tirar nada do inspetor-chefe Saunders, que parecia um coelho surpreendido pelos faróis de um carro. O escritório era um pandemônio.

Dolly tragou o cigarro.

— Por quanto tempo você vai me manter aqui?

Fuller olhou para Dolly.

— Pelo tempo que for necessário.

A porta se abriu de novo e o inspetor-chefe Saunders entrou na sala. Ele chamou Fuller e ambos conversaram um pouco junto à porta. Dolly pensou ter ouvido algo a respeito de deter os seguranças para ver se não se tratava de um caso com participação de gente de dentro da empresa, mas não conseguiu ouvir com clareza.

— Com licença — disse Dolly para Saunders com falsa cortesia. — Odeio interromper a conversa de vocês, mas vi os retratos e não há ninguém que eu reconheça ou que já tenha visto, de modo que, se vocês não se importam, tenho um cachorro em casa esperando por mim.

Saunders foi até Dolly.

— O seu marido tem algum conhecido negro, seja como amigo ou em sua folha de pagamento?

Dolly fez uma pausa como se estivesse refletindo.

— Não que eu saiba.

— Então isso é tudo, Sra. Rawlins, a senhora pode ir — disse Saunders, para a surpresa de Dolly e o aborrecimento de Fuller. Ele se voltou para a policial e disse:

— Mostre a saída para a Sra. Rawlins.

Quando a mulher abriu a porta, um policial fez entrar o segurança que dirigia a van. O homem tinha pequenos cortes em um dos lados do rosto. O sujeito passou a poucos centímetros de Dolly, que recuou, dando-lhe passagem.

Quando Dolly saiu, Fuller colocou os retratos dos criminosos na mesa diante do segurança.

— Algum destes homens está envolvido no assalto de hoje?

O homem tremia. Tudo o que ele conseguia dizer era que achava que um dos assaltantes era negro por causa da cor de seus olhos através da balaclava. Fuller sentou-se com um suspiro e começou tudo de novo, do início ao fim, mas sabia que seria inútil. O segurança ainda estava em estado de choque — e todos os suspeitos tinham usado máscaras.

* * *

Dolly voltou para casa de táxi, pagou a corrida e quase dançou enquanto subia o acesso de veículos. Estava se sentindo incrivelmente bem. Ao abrir a porta da frente, chamou por Shirley. Mal podia esperar para tranquilizá-la.

— Estou na sala — gritou Shirley.

Dolly começou a falar pelos cotovelos, contando tudo o que acontecera, as perguntas que a polícia lhe fizera e como estavam relacionando o assalto a um possível comparsa de Harry Rawlins.

— Um dos seguranças estava lá, Shirl, quer dizer, bem ali. Tão perto de mim quanto você está agora, e ele nem desconfiou.

Dolly conferiu o estado do cabelo no espelho com ornamentos dourados sobre a lareira.

— Droga, estou um horror! — Atestou, rindo. — Eles suspeitam que um dos assaltantes seja negro... O que me faz ter pena de todos os negros de Londres esta noite.

— Isso é bom — murmurou Shirley.

Ela estava sentada com a cabeça baixa, o olho e o rosto ferido voltados para

longe de Dolly. Sabia que precisava contar o que acontecera com Wolf, mas simplesmente não conseguia dizer nada.

Dolly se serviu de uma grande dose de conhaque.

— Quer um, Shirl?

— Não, obrigada, Dolly. Mas eu preciso contar uma coisa.

— Vá em frente, meu bem. O que foi? Aconteceu algum problema?

Nesse exato momento, o telefone tocou duas vezes e parou de tocar.

— Só um segundo, Shirl...

Dolly ergueu a mão. Um segundo depois, o telefone voltou a tocar. Dessa vez, ela atendeu.

Pelo visto, a pessoa do outro lado da linha estava lhe contando uma longa história. Finalmente, Dolly disse:

— O voo de Shirley foi cancelado, então ela encontrará vocês um pouco mais tarde do que o planejado. Nada com o que se preocupar. Boas férias, querida... sim, sim, está tudo bem por aqui.

Dolly desligou o telefone.

— Era Linda. Ela já passou pelo controle de passaportes e logo estará voando. Tudo está...

Quando se voltou para Shirley, Dolly viu o corte no lugar onde o anel de Eddie ferira sua pele delicada e o hematoma que agora se formava ao redor.

Batendo o copo de conhaque na mesa do telefone, Dolly se aproximou rapidamente.

— Meu Deus, garota, o que aconteceu com você?

Ela se sentou e segurou a mão trêmula de Shirley.

— Alguém invadiu a casa... — gaguejou a moça. — Ele queria saber onde estava o dinheiro...

Dolly ficou alarmada.

— Você o viu?

Shirley assentiu.

— Você sabe quem era? Ele machucou você?

Shirley balançou a cabeça.

— Na verdade, não.

— O dinheiro. Ele levou o dinheiro?

Shirley encarou Dolly.

— Não, ainda está no carro.

Dolly mudou completamente de atitude. Recuperou a compostura e logo voltou ao seu eu habitual.

— Como ele entrou? Você deixou ele entrar?

— Não! Ele entrou pela porta francesa nos fundos.

O telefone tocou três vezes e ficou em silêncio. Voltou a tocar dois segundos depois. Dolly atendeu. Dois toques para Linda, três toques para Bella: esse era o código que tinham combinado. Bella também estava prestes a embarcar e estava ligando para perguntar se estava tudo bem com Dolly.

— Está tudo bem. Shirley não pegou o avião por causa do tornozelo inchado. Ela está comigo e vai pegar um voo daqui a alguns dias. Divirta-se.

Dolly desligou antes que Bella pudesse fazer mais perguntas e se serviu de mais conhaque.

Shirley voltou-se para Dolly.

— Juro que nunca vi esse homem antes, Dolly! Ele simplesmente veio para cima de mim e, então, ele chutou...

Shirley ainda não conseguia falar. Ela baixou a cabeça e cobriu o rosto.

Dolly sentou-se de novo ao lado de Shirley e pousou a mão no joelho dela.

— Certo, querida, acalme-se para podermos conversar. Aqui, tome um gole do meu conhaque.

Dolly pegou as mãos de Shirley e as colocou ao redor do copo de cristal.

— Acalme-se. Vou deixar Wolf sair antes que ele regue as plantas para mim.

Shirley tinha de dizer algo antes que Dolly chegasse à porta da sala.

— Sinto muito, Dolly. Eu sinto muito.

Dolly parou.

— Wolf estava me protegendo. Ele mordeu o sujeito e... eu não vi exatamente o que aconteceu, mas ele estava bem no meio da confusão, mordendo e latindo, e então...

Shirley começou a chorar. Dolly reagiu de um modo que a outra nunca tinha visto. Parecia uma criança perdida e assustada.

— Por favor, me diga que ele está bem.

Nervosa, Dolly pegou um fio de algodão solto na costura da calça. Tudo o que ela conseguia fazer era olhar para Shirley.

— Onde ele está?

— Na cestinha dele. Eu o coloquei lá — disse Shirley, com a voz chorosa.

Shirley seguiu Dolly até cozinha e observou quando ela se ajoelhou ao lado do cachorrinho imóvel. Ela pegou seu corpo flácido, abraçou-o e ninou-o em seus braços. Ele ainda estava quente quando sua dona fez carinho em seu pescoço. A voz dela soou cheia de tristeza.

— Ah, meu amorzinho, meu pobre amorzinho.

Dolly demorou uns dois ou três minutos para dizer adeus a Wolf enquanto Shirley a observava em silêncio da porta da cozinha. Em dado momento, Dolly visivelmente enrijeceu. Todo o seu corpo se retesou, sua boca se tornou uma linha rígida e fina. Então ela baixou Wolf com delicadeza na caminha e acariciou sua cabeça. Ficou de pé, abriu uma gaveta e tirou dela uma toalha de mesa rendada, que colocou no chão da cozinha. Envolveu delicadamente o corpinho do cachorro, como faria com um bebê em um batismo. Ela o pegou e virou-se para Shirley.

— Enterre-o no jardim, dentro da cesta, com as tigelas e as coleiras. Enterre tudo o que você encontrar que tenha pertencido a ele.

Dolly beijou a cabeça de Wolf, entregou-o para Shirley e pegou as chaves do carro.

— Onde você vai, Dolly? Por favor, não me deixe aqui sozinha — implorou Shirley.

— Preciso resolver umas coisas, mas não vou demorar. Em dois dias nós duas vamos sair do país. Agora não há mais motivo algum para eu ficar, não sem o meu bebê. Feche a porta da garagem depois que eu sair.

Dolly saiu pela porta da cozinha e foi até a garagem antes que Shirley pudesse fazer mais perguntas. Shirley mancou até a cestinha, colocou Wolf nela, recolheu a tigela e a coleira e levou tudo para o jardim.

Ao abrir a porta da garagem e se aproximar do carro, Dolly não conseguiu se conter. A dor e o torpor do luto eram idênticos ao do dia em que seu bebê morreu no hospital. Harry não estava com ela na hora — estava ausente “a trabalho” — e ela fora levada de ambulância até o hospital com dores abdominais. Faltavam semanas para a data prevista para o parto. Dolly lembrou-se da parteira gentil que lhe entregara o corpo ainda quente de seu filho morto. Ele era lindo. Sua pele pálida era perfeita e, ao introduzir o dedo mínimo em sua mãozinha, ela chorou copiosamente, orgulhosa por seu garotinho ter lutado tanto e conseguido

chegar tão longe, e agradeceu pelo tempo que ambos compartilharam. Ela lhe disse que era a cara do pai e que estava muito triste por não ter podido conviver por mais tempo com ele. A dor de sua perda era agravada pelo fato de estar deitada em uma ala repleta de outras mulheres que embalavam carinhosamente seus recém-nascidos.

Na época, Dolly não sabia como contar aquilo para Harry quando ele enfim aparecesse no hospital. Ele ficara tão feliz com a notícia da gravidez... Seu amor ficara ainda mais forte e ele fora muito afetuoso, prometendo cuidar dos dois. Estivera o tempo todo imensamente orgulhoso com a perspectiva de ser pai — ainda mais de um menino — e, de muitas maneiras, Dolly estava mais transtornada por causa de Harry do que por si mesma. Ela ansiava dar tudo o que o marido desejasse; seu amor por ele era imenso. Dolly pressentiu o momento em que chegou ao hospital. Antes mesmo que ele atravessasse as portas da ala da maternidade, ela já havia sentido sua presença.

Estava morta de medo de dar a terrível notícia, mas, ao vê-lo entrar pelas portas duplas, Dolly notou a expressão de tristeza em seus olhos e percebeu que o médico já havia feito isso por ela. Harry nunca fora de demonstrar emoção, mas, naquele dia, não conseguiu se conter. Os dois choraram juntos e se abraçaram com tanta intensidade que Dolly ainda se lembrava da sensação dos braços fortes de Harry ao redor de seus ombros. Também se lembrava da voz dele quando sussurrou ao seu ouvido: “Nunca mais, Dolly. Não posso perder mais nada.” E esse foi o momento em que terminaram as suas esperanças de formar uma família.

Quando ela teve alta, Harry passou semanas sem trabalhar. Ficou ao lado dela até que estivesse fisicamente bem, servindo-lhe as refeições na bandeja, levando bebida na cama e até mesmo fazendo o trabalho doméstico... ou tentando fazer.

Dolly apoiou a cabeça no teto do carro enquanto se lembrava de como Harry a ajudara a lidar com sua trágica perda: o dia em que ele voltou para casa com uma bolinha de pelo branco e colocou-a delicadamente no seu colo.

— Acho que devemos chamá-lo de Wolf — sugerira Harry com um sorriso carinhoso.

Mas seus olhos transmitiam uma mensagem diferente. Eles diziam: “Isto é um ponto final. Este é o seu bebê. Assunto encerrado.” Ele não estava sendo indelicado; estava sendo prático. Suas vidas tinham de voltar a ser como antes, o que não seria possível com tanta tristeza e luto pairando no ar. A vida tinha que

continuar.

Dolly lembrou-se de ter segurado Wolf em seus braços e de tê-lo ninado como a um bebê. Ele se aconchegou e adormeceu quase instantaneamente. Ele estava muito feliz, e ela também. Mas agora... agora ela sentia a dor da perda dilacerando seu corpo. Um som — não um grito, mas um som grave e profundo de angústia e raiva emergiu de dentro dela. Dolly se virou e deu um soco na parede da garagem. Então, socou mais duas vezes. Só quando viu a marca dos dedos ensanguentados na parede foi que deu por si e parou. A dor que lentamente preenchia o seu peito se transferiu para a mão e a dissuadiu da vontade de ficar em posição fetal até morrer.

CAPÍTULO 32

Resnick raspou a fatia de pão nos restos da gema de ovo e chupou-a antes de engoli-la. Então pousou caprichosamente a faca e o garfo no prato. Tomou um gole de chá e olhou para a cozinha limpa e arrumada. A frigideira e o prato sujos eram as únicas coisas fora de lugar. Do rádio de sua mulher, Kathleen, que estava no andar de cima, emanava a voz do DJ irlandês Terry Wogan. Resnick suspirou.

Meu Deus, espero me sair bem no golfe.

Fazia muito tempo que ele não jogava golfe, de modo que foi procurar seu jogo de tacos no armário embaixo da escada. Precisou remover botas, um tripé de tiro e um velho aspirador de pó para alcançá-los. Alguns tacos estavam um pouco enferrujados e os sapatos de golfe estavam cobertos de mofo, mas seriam fáceis de limpar. Se ele os deixasse na mesa da cozinha sobre um jornal ao lado da escova e da lata de graxa, Kathleen os engraxaria para ele. Era assim que seus sapatos geralmente eram engraxados.

Ele tirou um taco putter e quatro bolas da bolsa. Deixando a caneca de chá vazia no chão do corredor, começou a dar tacadas em sua direção. Estava muito fora de forma, mas ali de pé, concentrado e de cabeça baixa, sorriu ao pensar que tinha algo para distrair a mente do trabalho.

No andar de cima, Kathleen ouviu as bolas de golfe batendo no rodapé do corredor. Ela fez um bico e gritou:

— George! George, o que você está fazendo?

Resnick golpeou a bola seguinte com força e ela entrou na caneca, quebrando-lhe o fundo e fazendo-a rodopiar.

— Isso! — gritou Resnick.

— George!

A caneca parou de rodar. O lado que estava voltado para ele tinha a inscrição: “Melhor Chefe.” Tinha sido um presente de amigo oculto de sete anos antes. Ele sabia que tinha sido de Alice, já que ela preencheria a caneca com os chocolates

favoritos dele e também comprara uma garrafa de seu uísque predileto. Alice era assim: ele mencionava algo de passagem, como uma bebida favorita, e ela se lembrava. Resnick olhou para a caneca por um instante, então para o rodapé mais atrás e, depois, para o resto do corredor. Meu Deus, que tédio era aquela decoração. Havia um estranho toque feminino aqui e ali, mas o conjunto era maçante e desagradável.

Resnick pegou o putter e a bola de golfe e subiu a escada.

Kathleen estava deitada na cama com os jornais e a bandeja de chá matinal ao seu lado.

— Vou pintar o corredor — anunciou Resnick, posicionando a bola de golfe no tapete e preparando-se para sua primeira tacada no quarto.

Kathleen sequer ergueu os olhos. Ela virou uma página do jornal.

— Vista-se primeiro, querido — zombou.

— Não estou dizendo que vou pintar agora. Preciso planejar antes.

— É o que você está fazendo agora? Planejando?

— Vou voltar a jogar golfe — disse Resnick, exultante.

— Um pouco de ar fresco vai lhe fazer bem — retrucou ela. — Sem contar que vai me dar um pouco mais de espaço — acrescentou em voz baixa.

Resnick golpeou a bola de golfe com o putter. Ela ricocheteou no rodapé, atravessou o quarto, bateu no guarda-roupas e na penteadeira e parou dentro do chinelo de Kathleen.

— Buraco em uma tacada! — exclamou Resnick, socando o ar.

Kathleen o ignorou. Ele estava apenas tentando irritá-la. Resnick era um inferno quando estava entediado.

— De que cor? O corredor. De que cor você vai pintar?

— Branco? — disse ele.

Kathleen diria a cor que ele deveria pintar.

— Pêssego deve ficar legal — disse ela. — Combina com o abajur que eu comprei. E, se você também pintar a sala, pêssego seria a cor perfeita para destacar as cortinas.

— Que seja pêssego, então — concordou Resnick, pouco se importando com a cor do corredor ou da sala.

Ele tirou a bola de golfe do chinelo de Kathleen e colocou-a de volta no tapete. Estava prestes a dar a tacada quando a viu olhando para ele por sobre os

óculos. Ele se inclinou sobre o putter, como se aquilo fosse uma bengala.

— Quais são seus planos para hoje? — perguntou Resnick.

Kathleen baixou o jornal, tirou os óculos e sorriu para ele, o que o irritou. Ela não fazia aquilo com muita frequência.

— Pretendo pôr alguma ordem no armário embaixo da escada. Depois vou lavar sua louça do café da manhã. Então, sem dúvida, vou engraxar seus sapatos de golfe e, bem, se você for fazer a pintura, ficarei na Marjorie pelo resto do dia.

Kathleen colocou os óculos e voltou sua atenção para o jornal.

Resnick olhou para ela. Ele sentia mais carinho por Alice do que por aquela mulher sentada na cama. Alice era boa para ele; ela tolerava os seus maus hábitos melhor do que Kathleen, além disso era gentil. Resnick não conseguia se lembrar de quando Kathleen deixara de ser gentil. Ele se perguntou se a mulher pensava o mesmo a seu respeito e por um instante sentiu muita vergonha por não ter notado que seu casamento acabara. A sensação logo se esvaiu: a verdadeira tragédia era o fato de ele não se importar.

Subitamente, Resnick se esticou por cima da cama e aumentou o volume do rádio. O locutor dizia:

— Prosseguem as investigações sobre o assalto à mão armada a um carro-forte na passagem subterrânea da Strand, ocorrido no início desta manhã. Supõe-se que quatro homens mascarados escaparam com mais de um milhão de libras. A polícia está procurando uma van Leyland branca usada no assalto e uma van GLC branca na qual os suspeitos escaparam...

Resnick arrancou a camisa do pijama e começou a se arrumar.

* * *

Harry Rawlins ouvia exatamente a mesma notícia em um radinho portátil. Ele sabia que os âncoras gostavam de florear a história para o público e duvidou que o montante chegasse a mais de um milhão de libras — calculou entre seiscentas e setecentas mil —, mas, mesmo assim, ainda estava com raiva por não saber o paradeiro do dinheiro. Em um ataque de fúria, deu um tapa no rádio, que voou de cima da mesa e se espatifou na parede.

Trudie se sobressaltou. Ela estava à mesa da cozinha, limpando o rosto de Eddie com antisséptico e cotonetes. As queimaduras de café escaldante se

transformaram em bolhas dolorosas e os arranhões em suas pálpebras e ouvidos provocados pelas unhas belamente feitas de Shirley eram de um vermelho escuro e ardente. Eddie estremecia de dor enquanto Trudie tocava seu rosto, mas ele não tirava os olhos de Harry.

Harry estava em um estado de espírito volátil. Acendeu um cigarro, deu um trago profundo e lentamente deixou a fumaça exalar de seu nariz enquanto olhava de cara feia para o primo nervoso.

— Ela simplesmente me atacou, Harry, como um gato selvagem. Eu nunca vi nada igual! Não sei quem era aquela mulher.

A partir da descrição que Eddie lhe dera, Harry sabia bem quem era a mulher, mas não disse nada. Consultou o relógio barato que estava usando e, então, voltou-se para Eddie.

— Seu rosto está péssimo. Deve estar doendo muito.

— Está, Harry. Quando eu puser as mãos naquela vaca, ela vai sofrer.

Trudie olhou para Harry. Ela se sentia desconfortável quando eles falavam sobre violência, principalmente contra mulheres. Naquele momento, o bebê começou a chorar no quarto. Harry parecia a ponto de explodir. Ele fez um movimento com a cabeça para que ela fosse olhar a criança, mas Trudie continuou limpando o rosto de Eddie. Harry se levantou, chutou uma cadeira e deu um passo em sua direção. Trudie entrou no quarto e fechou a porta em silêncio.

— Você tem certeza de que a polícia não encontrou o dinheiro? — perguntou Harry, inclinando-se sobre a mesa.

Eddie engoliu em seco.

— Tenho quase certeza de que não, Harry — respondeu com a voz trêmula.

— Eles não ficaram muito tempo na casa antes de enfiarem Dolly na viatura e irem embora. Ela estava xingando horrores e nenhum deles saiu carregando sacolas. Na verdade, não estavam carregando nada.

Harry foi até a janela, pegou o cigarro e o atirou em direção à pia. Mas errou o alvo e o cigarro caiu no chão. Ele apoiou a cabeça na janela fria e cerrou os punhos. Sentia-se incrivelmente frustrado. Estava acostumado a ter o controle absoluto de tudo. Enquanto o vidro esfriava a sua irritação, os músculos de seu rosto se contraíam. Assaltar era um negócio para homens, e o fato de Dolly ter conseguido fazer aquilo o enfurecia. Tudo o que ele queria fazer naquele

momento era pegar o dinheiro e desaparecer. Aquele dinheiro não era dela, era dele: eram os seus planos, os seus livros contábeis, os seus contatos, o seu cérebro... e Dolly estava recebendo todo o crédito. Mas de repente um sorriso tomou conta de seu rosto. Ele não podia deixar de admirar a coragem dela. Harry sabia que Dolly estaria sob o efeito de pura adrenalina e esperava que ela soubesse como controlá-la. Com a cabeça ainda encostada ao vidro, ele riu alto. *A porra da Shirley Miller*, pensou. Portanto, era de se supor que Linda Pirelli também estivesse envolvida. Era inacreditável.

— Mulheres, hein, Eddie? — disse ele em voz alta.

Eddie não fazia ideia do que Harry estava falando, então optou por sorrir em um silêncio cauteloso.

Harry se voltou para o primo e recostou-se no peitoril da janela. Sua voz era baixa, como se estivesse falando para si mesmo.

— A polícia deve ter revistado a casa. Se Dolly estava sendo arrogante com eles, é provável que já tivesse escondido o dinheiro em algum lugar. E, mesmo que não tenha, a loira que esbaldou a sua cara logo vai contar para ela que alguém está procurando a grana... Você fodeu mesmo com tudo, Eddie.

Subitamente, Harry atravessou a sala e deu um forte soco no nariz de Eddie, que caiu da cadeira com um grito de dor. Harry ficou de pé ao seu lado como um gigante ameaçador. Eddie preparou-se para uma surra, que felizmente não veio. Ele suspirou aliviado quando o outro voltou a olhar pela janela. Seu nariz latejava e, quando viu o sangue na manga da camisa depois de limpá-lo, achou que poderia estar quebrado.

— Chame o Bill. E vigie Dolly como um falcão, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana — ordenou Harry. — Não a perca de vista.

— Devemos esperar ela sair e revistar a casa? — perguntou Eddie.

Harry se virou.

— Foi isso o que eu disse? Eu disse “revistar a casa”, Eddie? Eu por acaso disse isso?

Eddie baixou a cabeça e se calou.

— Você tem que ficar de olho nela. Até agora ela está seguindo os passos do livro, do meu livro, então eu sei o que ela fará depois. Dolly vai precisar lavar o dinheiro. Há contatos nos livros contábeis que ela pode usar. Mas só vai fazer isso quando tiver certeza de que está em segurança, já que precisará estar com o

dinheiro em mãos. E é nessa hora que iremos atacar. E, se ela não tomar logo a iniciativa, lhe farei uma visita.

Harry estava com um brilho malicioso nos olhos.

— Mas ela acha que você está morto, Harry!

Harry sorriu.

— Bem, então será uma grande surpresa, não é? Agora se manda, vamos, saia.

Eddie saiu pela porta, assustado com o que Harry poderia ser capaz de fazer.

— Não quero machucá-la, Harry. Não quero fazer isso com Dolly. Eu não conseguiria. Já me sinto mal pelo maldito cachorro, mas uma pessoa... e uma mulher...

Harry interrompeu Eddie.

— O que tem o cachorro?

Eddie congelou, desejando nunca ter aberto a boca.

— Quando a loira me atacou — murmurou ele. — Eu... eu não tenho certeza, mas acho que devo ter pisado nele. Ele me mordeu e ela estava arranhando a minha cara. Eu dei um soco nela e chutei o... bem, ele estava latindo muito e, depois, já não estava mais.

A expressão de ódio de Harry fez Eddie recuar pela sala de estar. Ao atravessar a porta, ele se virou para correr, mas, rápido como um raio, Harry agarrou-o pelo pescoço, girou-o e jogou-o contra a parede.

— Eu vou matar você, seu verme patético — rosnou Harry na cara de Eddie. — Você não é capaz de matar Boxer Davis, mas consegue matar um poodle. Isso diz bem quem você é, Eddie. Apenas lembre-se disso: foi você quem levou Boxer até aquele beco, foi você quem o colocou na frente do carro de Bill. Se Dolly cometer um erro porque perdeu o cachorro e as coisas começarem a dar errado, será você o acusado pela morte de Boxer.

Eddie ficou aterrorizado. Por que diabos Harry estava sendo tão ameaçador?

— Mas é só um cachorro — murmurou.

Com toda a força, Harry desferiu um soco na barriga de Eddie e sussurrou:

— Agora ela está sofrendo por sua causa. E pessoas sofrendo cometem erros.

Ele o empurrou para fora com tanta força que Eddie tropeçou e caiu sentado no chão. Harry olhou para ele com desprezo.

— Chame o Bill. Vigie Dolly. Isso é tudo.

E bateu a porta.

Segurando a cabeça entre as mãos, Harry vagou pela sala de estar lutando contra um turbilhão de emoções. Ele odiava o fato de Dolly ter conseguido se sair bem no que ele falhara. Ele queria tirar tudo dela para mostrar quem é que mandava — mas, meu Deus, se Wolf realmente estivesse morto... A ideia de puxar o tapete de Dolly em um momento de tanta fragilidade, em que ela estaria tão pilhada pela adrenalina, não agradava Harry nem um pouco. Dolly era uma mulher forte. Iria se recuperar. Mas, se ela de fato tivesse acabado de perder seu bebê, roubar-lhe a vitória seria, bem... ele não conseguiria lidar com a culpa, e era por isso que queria matar Eddie.

Desde antes do assalto malsucedido, Harry decidira que deixaria Dolly, motivo pelo qual não se importou nem um pouco em dar o seu relógio para Jimmy Nunn. Seu plano era fugir para a Espanha com Trudie e o bebê e nunca mais voltar. Para isso, porém, ele precisava de dinheiro, muito dinheiro. Ao se afastar do inferno no túnel da Strand naquele dia fatídico, ele não sabia o que fazer em seguida. O fato de Dolly ter ficado meio transtornada com a sua perda e, então, ter se adiantado e realizado o assalto que era dele tinha sido a sua salvação. Agora, tudo o que ele precisava fazer era encontrar o dinheiro.

Trudie voltou para a sala e perguntou:

— Por que você bateu nele?

Harry a ignorou e entrou no quarto. Ela o seguiu.

— Você não deveria pressionar Eddie tanto assim, sabia? E se ele se voltar contra você e contar tudo para Dolly, o que você acha que ela vai fazer?

Ainda ignorando-a, ele começou a tirar a camisa.

— Eu vou dizer o que ela vai fazer — insistiu Trudie. — Ela vai fugir com o dinheiro e você nunca mais vai encontrá-la.

Harry deu de ombros, tirou a camisa, jogou-a em um canto e recostou-se na cama com um sorriso sensual que dizia “venha aqui”. Ele não queria mais falar naquele dia.

— Você promete que não fará nenhuma besteira, Harry? — implorou Trudie.

Mas ela já estava distraída com o corpo musculoso de Harry. E sentiu o desejo crescer. Ele a deixava assim desde a primeira vez em que o viu.

Trudie conhecera Harry Rawlins mais de um ano antes de Jimmy Nunn, seu marido, começar a trabalhar para ele. Ela estava em uma noite só para garotas com Shirley Miller e ambas tinham ido à boate dos Fisher para tentar a sorte na roleta.

Harry estava lá sozinho e Shirley, que o encontrara algumas vezes antes, os apresentara. Trudie se sentiu instantaneamente atraída e flertou com ele. Shirley lhe dissera para desistir daquilo já que Harry era casado e, mesmo que não fosse, não era um homem com quem se envolver. Trudie não se importou: ela o desejava e nada que Shirley dissesse a impediria de ter o que desejava.

Harry estava na mesa de blackjack quando Trudie sentou-se ao seu lado e roçou a coxa na perna dele. Ele se virou e ela sorriu, sedutora. Conseguiu o resultado desejado. Ele apertou sua perna por baixo da mesa e deslizou um dedo pelo interior de sua coxa. A sensação de formigamento que atravessou o corpo de Trudie foi de uma tortura deliciosa. Ela não queria parar. Quando Harry fez menção de tirar a mão, ela a agarrou e aproximou-a de sua virilha. Por causa das sensações que ele lhe provocava, Trudie teria deixado que ele a possuísse ali mesmo, na mesa de blackjack.

Após esse primeiro encontro casual, seguiram-se diversas noites de sexo proibido e apaixonado, geralmente em hotéis baratos, na traseira de um carro, no bosque — na verdade, em qualquer lugar onde não pudessem ser pegos. Não importava onde ou quando, Trudie estava sempre sob os caprichos de Harry.

Ela se lembrou da expressão de Harry naquela tarde especial, em um hotel barato qualquer, quando contou que estava grávida dele. No começo, Harry teve dúvidas e perguntou se o bebê não seria de Jimmy. Trudie garantiu que não: ela e Jimmy não faziam sexo havia mais de um mês. Harry a abraçou. Ele a abraçou e a beijou e, então, deitou a cabeça em sua barriga. Trudie não conseguia ver seu rosto, mas sabia que estava com lágrimas nos olhos.

Quando a criança nasceu, Harry esperou sentado no carro em frente ao hospital até Jimmy ir embora. Então, foi até a ala da maternidade. Estava calado, como se houvesse algo perturbador naquele lugar, e ela percebeu a expressão de adoração em seus olhos: o menino que Dolly não fora capaz de lhe dar. Mas ele não disse isso em voz alta.

Harry segurou o bebê e beijou sua cabeça delicada e macia. No entanto, logo o sorriso transformou-se em uma testa franzida e seus olhos se estreitaram com desconfiança.

— Por que Jimmy estava aqui se este bebê não pode ser dele? — questionou.

— Eu menti — explicou Trudie. — Eu menti para ele quanto ao tempo de gravidez. Eu juro, Harry, pela minha vida, o bebê é seu...

Harry se acalmou, mas ela nunca esqueceu a expressão maligna em seu rosto quando acariciou a cabeça do bebê e sussurrou:

— Se eu descobrir que você mentiu para mim, você vai se arrepender.

Trudie saiu de seu devaneio assim que Harry a puxou para a cama e enfiou a mão dentro de seu roupão, tocando-lhe o seio. Então, puxou-a para cima dele e tirou-lhe o roupão, deixando-a totalmente nua. Quando Harry queria sexo, seu sorriso alterava todo o seu rosto, suavizando a expressão. Ela achava difícil crer que se tratava do mesmo homem que a intimidara e que espancara Eddie havia apenas dois minutos.

Harry sentou-se, começou a beijar-lhe o pescoço e desceu lentamente até os seios. Envolvendo as pernas na cintura dele, ela o apertou com firmeza enquanto seu corpo começava a formigar e a estremecer. Nenhum dos homens com quem ela já transara tinha lhe provocado os surtos de excitação que Harry provocava. Ele a deitou de costas delicadamente e começou a beijar cada centímetro de seu corpo. As semanas que ambos tinham permanecido trancados desde a “morte” de Harry não haviam influenciado em nada o desejo que ela sentia. Tudo o que ele precisava fazer era tocá-la, e em segundos Trudie sentia necessidade de tê-lo dentro de si. Quando faziam amor, ele nunca dizia uma palavra sequer. E não precisava dizer, porque o sexo era muito bom, embora ela desejasse que uma vez, ao menos uma, ele dissesse que a amava.

CAPÍTULO 33

No convento, Dolly teve de agir depressa na sala de aula vazia. As crianças voltariam do almoço em poucos minutos. Ficou aliviada ao ver que os armários embutidos coloridos que doara estavam agora instalados e em uso. Todos, exceto os de cima, que eram altos demais para as crianças guardarem seus casacos e brinquedos. E era ali que o dinheiro do assalto ficaria até Dolly estar pronta para buscá-lo. Ela não conseguia pensar em melhor guardião do que a madre superiora.

A caminho do convento, Dolly dera uma passada no depósito. Era arriscado, mas ela precisava de um lugar seguro para dividir o dinheiro em quatro partes iguais e guardá-lo em quatro bolsas idênticas. Também havia tirado uma pequena quantia de cada uma das bolsas e transferido para uma menor. Aquele seria o dinheiro que gastariam nas semanas seguintes.

O suor escorreu de sua testa e entrou nos seus olhos quando ela ergueu as quatro malas até os quatro armários superiores. Cada um tinha a sua própria chave: uma para ela, as outras três para Bella, Linda e Shirley. Após trancar todos e guardar as chaves no bolso, Dolly começou a passar cola no verso de grandes cartazes infantis. Após serem colados nas portas, ninguém saberia que havia armários ali.

Quando faltava colar apenas um cartaz, Dolly ouviu o sino tocar, anunciando o fim do almoço. Ela rapidamente mergulhou um pincel em um dos potes de cola que alinhara na mesa de trabalho e o passou no verso de um cartaz com o poema “Little Miss Muffet”.

— Olá, Sra. Rawlins, ainda não saiu de férias? — perguntou a irmã Teresa ao entrar na sala.

Ela parecia surpresa.

Sem querer, Dolly derrubou um pincel da mesa e se curvou para pegá-lo.

— Vou embarcar em um ou dois dias — disse ela alegremente. — Pensei em usar alguns cartazes com poemas infantis para decorar o armário antes de partir...

Dolly percebeu que o quinto saco de dinheiro estava no chão. Estava aberto e as notas podiam ser vistas no topo.

— Ah, meu Deus... — murmurou um pouco mais alto do que pretendia.

— Posso lhe ajudar em alguma coisa? — perguntou a irmã Teresa.

Dolly fechou a bolsa e ficou de pé.

— Só preciso colar este último cartaz.

Quando Dolly terminou de passar a cola, a irmã Teresa a ajudou a fixar o último cartaz no lugar e ambas se afastaram para admirar o resultado final.

— São maravilhosos, Sra. Rawlins. É tão amável de sua parte! Esses cartazes certamente ajudarão as crianças a aprenderem os poemas — disse a religiosa.

Dolly sorriu para si mesma. *Perfeito*, pensou. Não se via nenhuma fenda ou buraco de fechadura na fileira de cima. Não parecia haver armários ali.

A sala de aula estava repleta de crianças rindo e tagarelando. Uma delas, uma garotinha particularmente adorável chamada Isabelle, agarrou-se à perna de Dolly, como sempre fazia. Isabelle nunca falava muito, mas seu afeto incondicional fazia Dolly se lembrar um pouco de Wolf. Ela sentiria falta daquelas crianças — e da generosidade incondicional das freiras.

Dolly passou a tarde estudando o alfabeto com Isabelle e com as outras crianças, desfrutando daquela aula: seria a última. Ela adorou o tempo em que trabalhara no convento — era tão puro, tão simples e agradável. Tudo o que as crianças queriam de Dolly era o seu tempo: e isso era algo que ela lhes dava de bom grado. Sem dúvida sentiria falta da simplicidade da vida ali.

Às quatro e meia, Dolly deixou o local e foi até a agência de viagens mais próxima. Lá, reservou uma passagem de primeira classe para o Rio de Janeiro em um voo na manhã seguinte. Quando perguntada se gostaria de reservar uma passagem de volta, Dolly disse que não tinha certeza de por quanto tempo ficaria, de modo que deixaria para comprar lá. Então, dirigiu dois quilômetros até outra agência de viagens, na qual fingiu ser a Sra. Shirley Miller, e reservou uma passagem de classe econômica para o Rio de Janeiro no mesmo voo.

* * *

Resnick ficou em casa o dia inteiro, sentando-se um minuto, levantando-se no seguinte, vagando pela sala de estar e fumando sem parar enquanto esperava

impacientemente pela ligação do inspetor-chefe Saunders. O cinzeiro da sala de estar estava cheio, mas ainda assim ele forçou a guimba ali antes de acender outro cigarro.

Olhou para o relógio. Já eram seis da tarde e ele sentia o cheiro de fígado e bacon que Kathleen estava preparando para o jantar. O telefone tocou uma vez e ele atendeu, mas era apenas a parceira de bridge de Kathleen, Margaret.

— Desculpe, Margaret — disse Resnick depressa. — Kathleen não está e preciso desligar porque estou esperando um telefonema muito importante.

Kathleen surgiu por trás de Resnick e arrancou o telefone de sua mão. Ele olhou para ela claramente contrariado, mas a mulher o ignorou.

— Não demore — disse ele.

Kathleen o empurrou para a cozinha.

— Vá procurar o que fazer, George... Fique de olho no jantar para mim. Vamos. Rápido.

Cinco minutos depois, Kathleen terminou o telefonema e voltou para a cozinha, onde George fígava pedaços de bacon e fígado com o garfo. Kathleen deu-lhe um tapa nas costas da mão e franziu os lábios.

— Pare de beliscar. E não minta para as minhas amigas só porque está esperando um telefonema imaginário.

Enquanto preparava o jantar, Kathleen percebeu que suas palavras o tinham abalado, mas ela era uma defensora da sinceridade.

— Você está aposentado, George. Vá jogar golfe ou pintar o corredor, como disse que faria.

A expressão de Resnick era idêntica à de um cão abandonado.

— Nossa, mas como você é teimoso! — continuou Kathleen. — Então ligue para eles se quiser.

— O caso é meu. Eles vão me ligar.

— O caso não é seu, George. Não mais.

Kathleen escorreu as batatas e pegou o espremedor na gaveta. Resnick tomou-lhe o espremedor e começou a descarregar a sua frustração na panela com as batatas, esmagando-as. Kathleen o observou. Ela nunca gostou de ser casada com um policial. Resnick não era o tipo que conseguia deixar o trabalho na delegacia. Sempre o trazia para casa, embrulhado no estômago, e às vezes era horrível conviver com ele. *Mas George fora da polícia é muito pior do que George na polícia,*

pensou. Ela detestava vê-lo tão irritado, mas não se importava mais em consolá-lo.

Enquanto continuava a massacrar as batatas, Resnick gritou para a mulher:

— Eu disse a eles! Disse que todos aqueles assaltos estavam relacionados. Que todos tinham sido arquitetados pela mesma pessoa. O maldito Rawlins! Eu disse que não deviam subestimá-lo. Nunca se deve subestimar Harry Rawlins.

— Harry Rawlins! Harry Rawlins! — gritou Kathleen. — É tudo o que ouço há anos. Tudo que deu errado em sua carreira sempre foi culpa do maldito Harry Rawlins! Será que não seria culpa sua, George?! É claro que não, não é mesmo?! A culpa é de um sujeito que está morto.

Resnick jogou o espremedor na pia, espalhando fragmentos de batata nos azulejos da cozinha. Foi para o corredor e pegou o chapéu e o casaco.

— Você precisa aceitar, George! — gritou Kathleen. — Não vou ficar aqui parada vendo você caminhar para a sepultura antes da hora, está me ouvindo? Não conte comigo para isso!

— Por mim tudo bem! — gritou Resnick antes de sair e bater a porta da frente.

* * *

Ele entrou em seu antigo e maltratado Granada e o dirigiu até a casa dos Rawlins. Não sabia por que estava indo para lá. O carro parecia seguir por conta própria. No fundo, ele sabia que ninguém da delegacia ligaria para ele. Por que fariam isso? Ele já era. Fazia anos que sua opinião já não importava. Resnick esperava que a Yard estivesse um pandemônio e que Saunders levasse um pé na bunda. Ele sorriu ao imaginar o ex-chefe sendo rebaixado um ou dois escalões.

Subitamente, Resnick começou a achar que Saunders e os outros o quiseram fora da corporação para poderem assumir o caso e ficarem com o mérito quando encontrassem Harry e o prendessem. Quanto mais pensava a respeito, mais se convencia de que estava certo. Todos ali tinham prejudicado deliberadamente sua carreira ao longo do caminho porque o queriam fora! Bem, agora ele mandaria todo mundo à merda. Resolveria aquilo por conta própria!

— O cachorro morto aqui ainda está bem vivo — murmurou Resnick para si mesmo. — Eu vou prender Harry Rawlins. Harry Rawlins é meu.

CAPÍTULO 34

Eddie ajeitou o retrovisor do carro de Jimmy Nunn. Bill Grant estava esparramado no banco do carona, roncando. Eddie notou um carro que parou e estacionou uns cinquenta metros mais atrás. O motorista saiu, acendeu um cigarro e caminhou lentamente em sua direção pelo outro lado da rua. Seu ritmo era lento demais para alguém que pretendia ir a algum lugar, e Eddie ficou preocupado. Então cutucou Bill, acordando-o.

— Um cara atrás de nós está vigiando a casa do Harry. Ainda não consegui ver o rosto dele...

— Continue olhando para a frente — disse Bill. — Ajeite o espelho para que eu possa vê-lo quando passar pelo próximo poste de luz. Rápido.

Eddie fez o que lhe foi pedido.

— Merda! — sussurrou Bill quando o rosto do sujeito foi temporariamente iluminado pela luz do poste. — É o maldito Resnick! Foi ele quem me prendeu da última vez. E ele sempre foi obcecado por pegar Harry.

— É melhor a gente ir embora? — perguntou Eddie.

— Não. Mas se abaixe para que ele não veja o seu rosto.

* * *

Resnick viu a mão ajeitando o retrovisor, mas não reconheceu o carro. Ao passar, parou e olhou para a sola do sapato, como se tivesse pisado em cocô de cachorro. Só conseguiu ter uma visão lateral do rosto do carona e, embora achasse que conhecia o sujeito de algum lugar, não conseguiu identificá-lo. Mas o motorista olhara em sua direção por uma fração de segundo e ele teve certeza de que era Eddie Rawlins. Resnick decorou o número da placa do carro antes de continuar a caminhar pela rua e passar pela casa de Rawlins. A luz na sala estava acesa, mas o resto da casa estava às escuras.

Após dar a volta no quarteirão, Resnick voltou para a rua onde Eddie e Bill estavam estacionados, entrou em seu carro e foi embora. Ele parou na esquina e anotou o número da placa.

— O que você está aprontando, Eddie? — sussurrou para si mesmo. — E para quem você está trabalhando? Alguém que conhecemos?

Sorrindo, ele colocou um cigarro entre os dentes e o acendeu.

* * *

— Melhor a gente dar o fora. E se ele voltar com mais policiais? — murmurou Eddie quando Resnick foi embora.

— E o que ele vai fazer? Prender a gente por estarmos sentados dentro de um carro? Vou falar com Harry. Ele nos dirá o que fazer.

Bill saiu do carro e esticou as costas, estalando os ossos.

— Fique acordado até eu voltar.

— Pegue um táxi, senão você vai demorar uma eternidade.

— Andar por quilômetros em linha reta é um luxo que não tenho há anos, companheiro. Não se preocupe. Na volta, pegarei o carro de Trudie.

Ao ser deixado sozinho, Eddie não se sentiu seguro, mas achou que estaria mais seguro do que ao lado do homem que esmagara e matara Boxer Davis sem pestanejar.

* * *

Ao sair da agência de viagens, Dolly comprou comida antes de ir para casa logo após anoitecer. Estava tão cansada que não notara Eddie no carro de Jimmy Nunn do lado de fora de sua casa e, quando Resnick chegou, ela estava no jardim dos fundos com Shirley.

As duas mulheres olhavam o montículo de terra recém-escavada, decorado com uma cruz de bambu e uma flor.

— Eu não sabia se ele gostava de flores... — disse Shirley, sem saber o que dizer.

— Ele gostava de mijar nelas — disse Dolly.

Shirley a viu esboçar um leve sorriso.

— Principalmente as rosas do vizinho.

— Então devo ir lá e roubar uma para ele?

Dolly olhou para Shirley. Às vezes a garota dizia coisas idiotas, mas Dolly a adorava por causa disso.

— Não, querida. Essa está ótima. Obrigada por ter cuidado dele por mim. Eu jamais conseguiria enterrá-lo.

— Não foi nada.

Após um minuto, Shirley perguntou:

— Será que eu poderia tomar um banho? Estou um pouco suja e fedida depois de tanta escavação.

Às nove da noite, ambas estavam exaustas. Após o banho, Shirley vestiu uma camisola e um roupão que Dolly lhe emprestara. Ela olhou pela janela do quarto de Dolly através de uma frestinha nas cortinas, verificando a rua.

Dolly saiu do banheiro e foi até a cama.

— Tudo trancado?

Shirley assentiu.

— Tranquei todas as portas e janelas. E preparei o seu leite.

Ela apontou para a mesa de cabeceira.

Dolly pegou o copo, abriu a gaveta, pegou um sonífero do frasco e engoliu.

— Quer um? — perguntou. — Vai ajudar você a pegar no sono com esse tornozelo machucado.

— Sim... — murmurou Shirley, ainda olhando pela janela. — Dolly... Já é a terceira vez que olho pela janela desde que você voltou e toda vez vejo aquele BMW com dois homens dentro. Agora, porém, há apenas um. Estão muito longe, não consigo ver os rostos direito. Você acha que é a polícia ou...

Dolly juntou-se a Shirley na janela.

— Deve ser a polícia — disse Dolly, tentando tranquilizá-la. — O homem que apareceu mais cedo não vai voltar, querida. Não com a polícia lá fora.

Ela não queria que Shirley entrasse em pânico, mas, apesar de não poder ver o rosto do motorista, sabia que o carro que as vigiava não era uma viatura descaracterizada.

— Certo, vamos dormir — disse Dolly ao se arrastar até a cama. — Se não dormir, eu estarei acabada amanhã. Tome o seu comprimido e esqueça tudo até o sol nascer.

Shirley se sentou na beira da cama de Dolly e tomou o comprimido com um pouco do leite que aquecera. Na mesa de cabeceira, notou uma foto de Harry e Dolly. Pareciam um casal muito feliz e amoroso: Dolly com um lindo vestido de grife e Harry muito elegante, trajando um terno caríssimo. Bons tempos.

— Você se saiu bem hoje — disse Dolly, sorrindo para Shirley. — Forte e corajosa. Estou muito orgulhosa. Agora vá para a cama e me deixe dormir um pouco.

Shirley pegou a leiteira, oferecendo-a para Dolly caso ela quisesse beber mais um pouco, mas ela balançou a cabeça e fechou os olhos. Enquanto bebia, Shirley olhou para a outra. Era como se os eventos do dia a tivessem envelhecido dez anos: ela parecia muito cansada e abatida. Tocando levemente a mão de Dolly, Shirley sussurrou:

— Que Deus a abençoe.

Por um segundo, Dolly segurou e apertou a mão de Shirley com tanta força que chegou a doer, então a soltou.

Shirley levou o resto do leite para o quarto de hóspedes e o colocou na mesa de cabeceira. O cômodo era maior do que o quarto em que dormia em sua própria casa e lindamente decorado com fotos de Dolly e Harry em férias, festas e na companhia de amigos. Ao terminar o leite, ela vagou pelo cômodo. *Que vida ela teve*, pensou. De repente, porém, parou, atraída por uma fotografia na penteadeira. Shirley pegou o porta-retrato, com o coração disparado, e correu até o quarto de Dolly.

— Acorde! — disse ela com urgência, acendendo a luz da mesa de cabeceira e sacudindo Dolly.

Dolly não despertou imediatamente, mas, quando abriu os olhos e viu o olhar de pânico no rosto de Shirley, ficou alerta na mesma hora.

— Quem é esse homem no meio, abraçando você e Harry? Quem é ele, Dolly?

Shirley tremia ao estender a fotografia. Dolly esfregou os olhos e esperou um segundo para conseguir focá-los.

— É Eddie. Eddie Rawlins, primo de Harry. Por quê?

— Foi ele, Dolly! Foi ele quem invadiu a casa e atacou a mim e ao Wolf.

Dolly se sentou e pegou a foto de Shirley.

— Você tem certeza?

— Não estou inventando, Dolly! Eu juro que foi ele! Eu sei que foi ele. No início, Wolf agiu como se o conhecesse e, é claro, realmente o conhecia. E se ele estiver no carro lá fora? E se ele voltar?

Dolly agarrou a mão de Shirley.

— Ele não vai voltar. Não depois de ter enfrentado você. O dinheiro está a salvo. Nós estamos a salvo. Como eu disse, é a polícia que está lá fora. Confie em mim, Shirl. Você confia em mim, não confia?

Shirley assentiu. Ela confiava cegamente em Dolly.

Dolly levou Shirley de volta para o quarto de hóspedes e a colocou na cama.

— Eu vou cuidar de você, querida. De você, de Linda e de Bella. Por favor, não se preocupe tanto. Eu sei que tudo isso é muito novo para você, mas estou metida nessa história já há vários anos, então confie em mim quando eu lhe digo que tudo ficará bem.

Ela desligou o abajur da mesa de cabeceira e ficou ali sentada até que Shirley adormecesse.

Ao voltar para o quarto, Dolly pegou a fotografia que Shirley lhe mostrara. Então, foi até a janela, abriu a cortina ligeiramente e olhou para o carro estacionado. Estava muito escuro para ver o interior, então Dolly apenas ficou ali, observando com toda a paciência do mundo. Por fim, outro carro passou pela rua e iluminou um pouco o rosto do homem no banco do motorista. Sentiu como se tivesse sido atravessada por uma lâmina de gelo.

— Ah, Eddie — ofegou. — É ele. É o idiota do Eddie.

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto sua mente começava a trabalhar. Eddie não tinha colhões para fazer nada por conta própria, muito menos invadir sua casa, atacar Shirley e matar o pobre Wolf.

— Quem está mexendo as suas cordinhas, Eddie?

Mas ela já temia saber a resposta.

O isqueiro Dunhill de ouro no apartamento de Jimmy Nunn.

O assassinato brutal de Boxer Davis.

Aquele homem no depósito, Bill Grant, que sabia quem ela era.

Eddie Rawlins fazendo um trabalho para alguém dentro e, agora, fora de sua casa.

Dolly se sentou na beira da cama segurando a cabeça cansada e confusa entre as mãos.

— É um boato — disse ela, tentando se convencer. — É um boato que eu inventei. Não é verdade. Nunca foi verdade!

Por mais inacreditável, terrível e doloroso que fosse, Dolly não conseguia afastar a ideia da cabeça.

— Não, não, não, não! Eu vi o relógio dele.

Toda a esperança de dormir foi por água abaixo. Agora seus olhos estavam bem abertos e seu coração parecia prestes a explodir.

— Mas eu vi o relógio dele — gritou. — Eu vi o relógio dele!

CAPÍTULO 35

Kathleen Resnick ouvia George se movendo no andar de baixo. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Era quase meia-noite. Ele estava bêbado, andando de um lado para o outro com um copo de uísque em uma das mãos e um cigarro na outra. A última vez que ficara assim foi quando sua suspensão chegou às manchetes dos jornais. Na ocasião, ele bebeu até apagar, dormiu com um cigarro aceso na mão e quase incendiou a casa.

Vestindo o roupão, ela desceu a escada para lhe dar uma bronca. A sala estava tomada por fumaça de cigarro. Kathleen estava prestes a falar, mas Resnick ergueu a mão. Ele estava ao telefone, equilibrando o fone entre o ombro e o ouvido, com bloco de notas e caneta em mãos. Não estava bêbado. Muito pelo contrário. Estava cheio de energia.

— Sim, sou o inspetor-chefe Saunders, da Yard. Estou no meio de uma investigação e preciso saber o nome do proprietário do carro cuja placa acabei de lhe passar. É muito urgente.

O que diabos era aquilo? Kathleen atravessou a sala esfumaçada e parou ao lado do marido com os braços cruzados. Seja lá o que ele estivesse fazendo, obviamente era algo indevido.

— Desculpe, o quê? James, o quê? Nunn... e o endereço?

Resnick rabiscou as informações no bloco de notas.

— Obrigado, policial. Muito gentil de sua parte.

George desligou e abriu o catálogo de telefones ao lado do aparelho.

— O que você acha que está fazendo fingindo ser o Saunders? — questionou Kathleen.

Resnick estava folheando o catálogo.

— Eu precisava checar a placa de um carro no sistema da polícia, então telefonei para a delegacia local. Eu não podia dizer quem eu sou, certo? Onde está o número da casa de Alice? Ele não estava anotado na nossa agenda?

Kathleen não conseguia acreditar.

— Você não pode ligar para a pobre mulher a esta hora da noite!

Quando George olhou para a esposa, sua expressão era severa e cruel.

— Sim, eu posso! Se existe alguém com quem posso falar a esta hora da noite, este alguém é Alice. Agora você pode levar seus olhares de desaprovação de volta para a cama e me deixar fazer o meu trabalho, ok?

Ele achou o número de Alice e pegou novamente o telefone.

Kathleen subiu a escada.

— Você não tem mais trabalho — gritou enquanto subia.

Resnick esperou enquanto o telefone de Alice tocava diversas vezes. Olhou para o relógio. Talvez Kathleen estivesse certa, mas aquilo não podia esperar, era muito importante.

— Alice?

— O que houve?

Alice não ficou com raiva por ter sido acordada à meia-noite. Ela estava preocupada com o fato de Resnick estar com problemas.

— Nada de errado, querida. Ouça, preciso que você me faça um favor amanhã cedo.

Alice estava sentada em sua penteadeira, com uma caneta e um pedaço de papel em uma das mãos e o telefone na outra. Ao anotar as instruções de Resnick, olhou-se no espelho. Meu Deus, ela estava a cara da mãe! Tinha aplicado um creme grosso no rosto e usava uma camisola que afugentaria qualquer homem. Agradeceu a Deus por Resnick ter preferido ligar em vez de ir até sua casa.

— Ninguém pode saber disso, OK, Alice? Você é a única pessoa a quem posso apelar. Posso contar com você?

Alice olhou para seu reflexo tenebroso e sorriu.

— É claro que pode, senhor.

CAPÍTULO 36

Trudie deixara Bill entrar no apartamento e ele agora esperava para ser atendido por Harry. Bill torceu o nariz. O apartamento pequeno e imundo fedia a urina de bebê. Ele ainda estava se retorcendo de nojo quando Harry saiu do quarto enrolado em uma toalha.

— Achei que deveria informá-lo — disse Bill, sorridente.

Ele achou graça em ter interrompido a transa de Harry e Trudie. Já Harry não estava sorrindo.

— Dolly ainda está em casa — prosseguiu Bill. — Ela voltou logo após anoitecer e não saiu desde então. Liguei para Ray, mas não há nenhum sinal de que ela tenha tentado lavar o dinheiro. Ele disse que vai continuar de olho.

Harry levou o dedo aos lábios e foi até a cozinha. Bill o seguiu e fechou a porta. Harry pôs a chaleira para ferver e recapitulou:

— Quando Dolly voltou da delegacia, a loira deve ter contado sobre a visita de Eddie... Espero que o tenha descrito apenas como “um cara”, não como o idiota do meu primo. Não creio que a loira o conheça, então acho que podemos ficar tranquilos quanto a isso. Mas você disse que Dolly saiu de carro?

Bill assentiu.

— Então ela escondeu o dinheiro, certo? Onde ela o esconderia?

Bill ajeitou o peso do corpo. Estava ficando de saco cheio de tudo aquilo e não entendia por que Harry simplesmente não o deixava fazer uma visita a Dolly para obrigá-la a falar.

— Aquele tal de Resnick, da polícia, apareceu e deu uma boa olhada na casa — acrescentou. — Estava sozinho. Ficou só uns minutos.

Harry riu.

— Não se preocupe com ele. Resnick é um idiota cuja competência se limita a investigar crianças roubando doces da loja da esquina.

Ele entregou a Bill uma xícara de chá e vagou pela cozinha, muito pensativo.

— Se nada acontecer até as seis da manhã, volte para me buscar e nós três invadiremos a casa. Eu cuido de Dolly e você e Eddie mantêm a outra quieta. Eddie lhe deve uma boa bofetada depois do que ela fez com o rosto dele.

— Você quer a minha opinião? — perguntou Bill, mordendo o lábio e tomando um gole de chá. — Deveríamos ter entrado naquela maldita casa e pegado o que queremos já há várias horas. Toda essa hesitação deu tempo para a sua mulher esconder o dinheiro e agora...

Enquanto Bill falava, Harry apertou a toalha ao redor cintura e atravessou a cozinha. Agarrou Bill pelo pescoço e o pressionou contra a parede. Harry já sabia qual era a opinião de Bill. Sabia o que se passava em sua mente pervertida.

— Eu tomo as decisões aqui, está me ouvindo? E você... você só faz o que eu mandar!

Bill ficou parado contra a parede, evitando contato visual e colocando o chá para o lado para evitar derramá-lo. Bill não tinha medo de Harry — nesse aspecto, eles eram páreo um para o outro —, mas Harry era o chefe e Bill respeitava isso. Harry tinha o dinheiro, o cérebro, a reputação e o poder. Bill não tinha nada disso, então mordeu a língua. Gostava de viver nas sombras, mas quem o conhecia sabia que ele era um homem que resolvia as coisas de forma rápida e discreta. Era por isso que as pessoas o contratavam. Bill jamais dedurou alguém, jamais deduraria. Nas três ocasiões em que espancara alguém a pedido de Harry, não deixara nenhuma pista que ligasse o chefe à surra. Valia a pena pagar por esse tipo de discricção, e Harry pagava bem.

Quando Harry soltou Bill, Trudie entrou na cozinha com o bebê chorando no colo. Ainda irritado, Harry se virou para ela.

— Que merda você quer agora? — reclamou, sabendo que ela estava apenas bisbilhotando.

Bill aproveitou a oportunidade para se esgueirar pela porta aberta. Trudie parecia nervosa.

— Vim só pegar uma xícara de chá e um pouco de leite para o bebê. Só isso.

* * *

Resnick estava à espreita do lado de fora do apartamento de Jimmy Nunn. Tinha parado atrás de alguns carros estacionados a fim de ter uma boa visão sem se

expor. Viu um homem sair do prédio e o reconheceu como sendo o carona do carro estacionado em frente à casa de Dolly; o carro em que Eddie Rawlins estava ao volante.

Quando o sujeito passou sob o fecho de luz de um poste, Resnick deu uma boa olhada.

— Eu conheço você — sussurrou, levando um dedo à testa, tentando lembrar o nome que pertencia àquele rosto. — De onde eu conheço você?

O homem entrou em um Ford Granada e foi embora. Resnick decidiu ir atrás dele e logo ambos estavam de volta às redondezas da casa de Dolly Rawlins. Resnick estacionou ao dobrar a esquina. Não sabia bem qual seria o seu próximo passo até conseguir identificar o sujeito misterioso. *Pense, pense, pense...* Resnick fechou os olhos e revisou mentalmente o rosto de todos os bandidos que havia prendido ao longo dos anos. Toda vez que topava com um beco sem saída, balançava a cabeça em sinal de frustração. Então, seus olhos se arregalaram.

— Merda. É o Grant! — disse, perdendo o fôlego.

Resnick esfregou os olhos com as costas das mãos, distorcendo por um instante as feições do sujeito enquanto seu cérebro trabalhava além do limite para descobrir o que diabos estava acontecendo. Ele precisava conversar com alguém... Jamais pensou que diria isso, mas desejou que Fuller estivesse sentado ao seu lado. Ele era um baita babaca, mas também era um policial decente e que sabia escutar, relutante ou não, quando Resnick falava. Ao contrário de Andrews, que, sinceramente, não passava de um guarda de trânsito.

— Certo — disse Resnick, como se Fuller estivesse ao seu lado. — Bill Grant. Por que ele está vigiando a casa de Rawlins? Por que ele pegou o carro de Jimmy Nunn? De onde ele conhece Eddie Rawlins? Você está trabalhando para alguém, Bill Grant... Eu conheço você... Você suja suas mãos por quem paga mais.

Resnick gostaria de poder pedir apoio, gostaria de poder prender Eddie Rawlins e Bill Grant e, então, fazer uma busca no apartamento de Jimmy Nunn.

Naquele instante, o Ford Granada dobrou a esquina. Resnick se abaixou e, enquanto o carro passava, se levantou apenas o suficiente para ter um vislumbre do rosto do motorista. Era Eddie Rawlins. Então, Bill Grant devia estar naquele exato momento do lado de fora da casa de Dolly Rawlins, a bordo do BMW de Jimmy Nunn. Estavam fazendo uma vigilância em turnos: dois carros, dois soldados obedecendo ordens. Mas para quem estavam trabalhando? Resnick, é

claro, sabia muito bem a resposta.

* * *

Incapaz de pegar no sono, Dolly entrou no quarto de hóspedes onde Shirley dormia para ter uma visão melhor da rua. Lá fora, Eddie estava sozinho no BMW. Ela precisava saber com certeza se ele era o homem que invadira a casa.

Dolly sacudiu Shirley. Como a outra não acordou, Dolly arrancou-lhe as cobertas.

— Anda, Shirley. Acorde — disse Dolly com firmeza.

Finalmente, os olhos de Shirley se abriram e Dolly a ajudou a se levantar.

Juntas, espiaram por trás das cortinas quando Bill Grant chegou a bordo do Granada e trocou de lugar com Eddie. Shirley tremia como uma folha ao vento. Obviamente estava aterrorizada por ver Eddie. Dolly a abraçou.

— Eddie Rawlins, primo de Harry. O sujeito é um covarde, Shirley. Um ser desprezível que bate em mulheres e mata cachorros. Ele não é nada, está me ouvindo? E ele não vai mais machucar você. Isso eu posso lhe garantir.

A sinceridade na voz de Dolly fez com que Shirley se sentisse segura — ela adorava o modo como Dolly conseguia fazer isso. Desejou que sua mãe fosse forte como ela.

Shirley não reconheceu o outro homem, mas Dolly, sim. Era o sujeito que batera à porta do depósito e se apresentara como Bill Grant. Dolly estreitou os olhos e sussurrou: “Idiota!” Todos os movimentos que elas executaram no depósito devem ter sido observados por Grant. Se ele sabia de tudo desde o início, não é de admirar que Eddie tenha vindo até a casa em busca do dinheiro...

Dolly precisava descobrir uma forma de saírem de casa apesar da vigilância de Bill e então despistá-lo caso as seguisse. E, se Eddie voltasse, haveria a complicação extra de ter que lidar com dois homens em dois carros perseguindo-as. Física e mentalmente esgotada para pensar direito, Dolly sentia medo, e isso era novidade para ela. Desejava que Shirley houvesse conseguido embarcar para o Rio de Janeiro como planejado: se Dolly entrasse em colapso, ao menos teria alguma privacidade. Mas Shirley estava ali e, como uma criança, precisava ser tranquilizada o tempo todo.

Enquanto Shirley preparava algo para comerem, Dolly andava para lá e para cá

pela casa. Não queria comer, mas precisava ficar sozinha para pensar. Eram quase duas da manhã e seu voo só sairia de Heathrow ao meio-dia. O aeroporto ficava, quando muito, a uma hora de distância dali, e elas iriam para lá às dez horas. Dolly suspirou. Deixar a casa à luz do dia não seria uma boa ideia — ela sabia que teriam melhores chances de despistá-los se partissem encobertas pela escuridão.

Após um tempo, Dolly teve uma ideia. Era um plano parcial e um tanto ultrajante, mas, que diabos! Ao longo dos últimos meses ela se habituara a isso. Foi até a cozinha.

— Pensei em fazer uma fritada, Dolly, você quer...

— Precisamos sair daqui entre quatro e quatro e meia — interrompeu Dolly.

— Você confia na sua mãe?

Shirley desligou o fogo.

— Sim, é claro.

— Ela sabe dirigir?

— Sim — respondeu Shirley, esperando que Dolly revelasse o seu plano.

— E você tem um irmão, certo?

— Greg. Ele mora com a minha mãe.

— Certo — disse Dolly, apontando o dedo para Shirley. — Peça para Greg ir buscar o seu carro no edifício-garagem em Covent Garden. Diga a ele para estacioná-lo em Mount Close, aquele grande beco sem saída que fica na segunda rua à direita de quem sai da minha garagem. Diga a ele para deixar a porta do motorista destrancada e as chaves embaixo do banco. Também para ligar para cá quando tiver terminado.

Shirley parecia insegura.

— Às duas da manhã ele deve estar chapado em algum lugar ou em coma na cama. Se ele estiver em casa, certamente posso fazer com que minha mãe o acorde. Mas se ele tiver saído...

— Bem, então vamos torcer para que ele esteja na cama. Diga que, caso o seu carro tenha desaparecido ou se tiver sido roubado, ele vai ter que se virar para arranjar outro. Mas, independentemente do que aconteça, eu preciso de um carro, qualquer carro, estacionado no beco sem saída às quatro horas, o mais tardar. Diga que darei cem libras para ele. E mande sua mãe vir para cá o quanto antes. Deixarei o dinheiro do seu irmão com ela. Entendeu tudo?

— Sim — confirmou Shirley. Ela tirou um prato do armário e pegou a

frigideira para preparar o café da manhã.

Dolly atravessou a cozinha rapidamente, pegou duas fatias de pão e jogou-as no prato de Shirley, deixando marcas profundas de dedo na massa branca e macia.

— Prepare um sanduíche. Coma enquanto fala ao telefone.

* * *

Cinco minutos depois, Dolly se inclinou sobre o corrimão e gritou para Shirley, que saiu da cozinha com um sanduíche na mão.

— Está chamando sem parar, mas ninguém atende — informou Shirley. — Vou continuar tentando...

Cinco minutos depois, Dolly voltou a se inclinar sobre o corrimão. Estava segurando uma tesoura.

— Sem sorte — disse Shirley. — Meu irmão pode estar na casa da namorada e eu não tenho o número dela, e minha mãe às vezes põe tampões nos ouvidos para dormir...

— Bem, continue tentando — disse Dolly, apontando a tesoura para ela.

— Você vai cortar o cabelo?

— O quê?

— Como um disfarce? Eu não preciso cortar o meu, preciso?

— Sinceramente, Shirley, às vezes não entendo como o seu cérebro funciona. Você prefere ficar na cadeia para sempre ou cortar seus belos cachos dourados? Escolha!

Shirley ficou parada no corredor, passando os dedos pelo cabelo e refletindo sobre como ficaria de cabelo curto. Dolly revirou os olhos e voltou para o andar de cima.

— Nós não vamos cortar o cabelo! Ligue para a sua mãe!

Shirley voltou a ligar para a casa da mãe e, desta vez, alguém atendeu, mas não se ouvia nada do outro lado da linha.

— Mãe, é você? — gritou Shirley.

— Não, sou eu... — disse Greg com a voz arrastada. — Por que você está ligando para cá a essa hora da madrugada?

Ele estava bebendo e, provavelmente, cheirando Deus sabe o quê. Mas Greg ficou imediatamente sóbrio quando Shirley mencionou as cem libras.

Ela gritou para Dolly:

— Vou me arrumar. Greg vai fazer o que a gente pediu e minha mãe está a caminho.

No andar de cima, Dolly fechou os olhos e suspirou aliviada. Estava no quarto principal, queimando as últimas páginas dos livros contábeis na lata de lixo de metal do escritório de Harry. As capas de couro não queimavam, mas, enquanto observava as páginas se transformarem em cinzas, picou todas com a tesoura.

Em sua última visita ao banco, teve dúvidas quanto a trazer os livros contábeis para casa, mas ficou feliz por ter optado por trazê-los, já que não teria outra oportunidade. Não revelou a localização deles para as garotas para a sua própria proteção. Afinal, aquilo que elas não sabiam não poderia prejudicá-las.

De pé diante da penteadeira, Dolly sorriu para si mesma. Olhou para a sua coleção de cosméticos e perfumes de grife e, então, jogou tudo no chão com um golpe rápido do braço. Ela estava pronta; sentia-se bem.

Então olhou para as cinzas na lata de lixo. O único meio de Harry proteger a si mesmo e chantagear os outros estava destruído. De uma forma ou de outra, ela se certificaria de que a notícia se espalhasse.

Após dar uma última olhada no quarto, seus olhos se voltaram para a mesa de cabeceira e para sua foto com o marido. Ela pegou o porta-retrato, colocou-o no chão, voltado para cima, e pisou com força, movendo o calcanhar e triturando o vidro.

— Filho da puta — murmurou com os dentes cerrados.

Então, pegou duas malas e deixou aquele quarto para sempre.

Dolly levou as malas para a sala e se sentou. Tirou as passagens aéreas da bolsa, então abriu uma das malas e começou a tirar algumas roupas masculinas perfeitamente dobradas, que empilhou no braço da poltrona.

Shirley estava terminando de aplicar batom e ajeitar o cabelo no espelho da penteadeira. Considerando a hora, estava com uma ótima aparência. Ao descer a escada, o cheiro do café da manhã se misturava ao perfume forte de Dolly. Na sala, Shirley a encontrou com as duas malas vermelhas, uma delas aberta. O fundo estava forrado com pacotes de dinheiro.

— Há mais de cem mil aqui — anunciou Dolly. — Dinheiro para gastarmos no Rio de Janeiro. O suficiente para vivermos bem por pelo menos dois meses ou mais. Sente-se, querida, preciso que você me escute com atenção.

Shirley se sentou, obediente.

— Duas malas idênticas, certo? Uma com uma etiqueta vermelha, a outra com uma etiqueta azul.

— Certo — concordou Shirley, a testa franzida de concentração.

A mala com a etiqueta vermelha era a que estava aberta no chão com o dinheiro dentro.

— A mala com a etiqueta vermelha foi limpa de cima a baixo, por dentro e por fora. Portanto, não tem nenhuma digital nossa. Absolutamente nenhuma. Então não toque nesta mala sem luvas.

Dolly entregou a Shirley um par de belas luvas de seda creme.

— A mala vermelha com etiqueta vermelha é a que tem o dinheiro e está limpa. Não tocarei nela sem luvas — repetiu Shirley. — São lindas — acrescentou.

— Considere-as como um presente — retrucou Dolly, voltando rapidamente ao assunto. — A mala vermelha com etiqueta azul é minha. A mala vermelha com a etiqueta vermelha e com o dinheiro no fundo terá roupas masculinas no topo.

— Entendi — confirmou Shirley. — Eu acho que...

Dolly continuou.

— Você vai levar a mala de dinheiro e a sua própria mala...

— E se meu carro tiver sido roubado? — questionou Shirley em pânico.

— Então compraremos outra mala e roupas para preenchê-las. Mas seu carro vai estar lá. Não consigo imaginar nenhum ladrão respeitável roubando aquela lata velha. Certo, Shirl? Pois bem, eu vou ficar com a mala vermelha com a etiqueta azul, onde vou guardar minhas roupas, e passarei com ela normalmente pelo check-in. Você ficará com a mala do dinheiro e a sua própria mala. Na área de check-in, procure por um cara, um chamariz, alguém que possamos usar.

— Como um pombo! — exclamou Shirley.

— Mais como um pato, mas sim, você entendeu. Precisa ser homem.

— Sim, entendi. Roupas masculinas. E assim apenas as impressões dele estarão na mala caso a alfândega a reviste. É isso, certo?

Shirley estava orgulhosa de si mesma por ter entendido o plano tão depressa.

— Isso mesmo, Shirl. Sendo assim, você vai precisar achar um homem que esteja viajando com pouca bagagem. Então vai dizer para ele que não sabia que

havia limite de peso. Faça o papel da loura burra, diga que, com duas malas, você ultrapassaria o limite e que não quer pagar excesso de bagagem. Jogue um charme e convença o sujeito a passar a mala de dinheiro como se fosse dele.

Shirley mordida a ponta do dedo através da luva de seda.

— Não faça isso! Foram presente de aniversário! — repreendeu Dolly.

— Desculpe — disse Shirley, baixando as mãos e recapitulando todo o plano para si mesma.

Dolly prosseguiu:

— Quando pousarmos no Rio de Janeiro, a mala de dinheiro...

— Etiqueta vermelha — sussurrou Shirley para si mesma.

— ...e minha mala idêntica...

— Etiqueta azul.

— ...estarão juntas na esteira. Eu vou pegar o dinheiro e passarei pela alfândega.

— E eu então levo a sua mala? — perguntou Shirley, começando a ficar confusa.

Dolly estava prestes a explodir, mas precisava ter paciência para que Shirley também mantivesse a calma.

— Não, não de imediato... deixe ela rodando na esteira e me observe. Se a alfândega me parar e me obrigar a abrir a mala, vou fingir surpresa por haver roupas masculinas nela e mais surpresa ainda caso encontrem o dinheiro. Vou dizer que devo ter pegado a mala errada. Então vou voltar para a esteira, pegar a mala com a etiqueta azul, que é a minha mala, com as minhas roupas. E aí vou negar ser dona da outra.

Shirley estava com as mãos no peito arfante, respirando profundamente. Parecia um coelho pego pela luz dos faróis de um carro. Mas estava ouvindo... realmente estava prestando atenção. Um tornado poderia ter varrido a sala que Shirley não teria tirado os olhos do rosto de Dolly.

— Agora, escute bem — prosseguiu Dolly, objetiva. — Se, e somente se, eu passar com segurança pela alfândega, você vai pegar a minha mala. Se você for parada, não terá problema porque as suas duas malas estarão cheias de roupas femininas.

Dolly terminou de falar com um sorriso triunfante. O plano era maravilhoso!

Mas Shirley estava confusa. Ela se jogou na poltrona.

— Nunca vou me lembrar de tudo isso!

Dolly controlou a irritação e se sentou no braço da poltrona. A última coisa de que ela precisava agora era que Shirley pirasse.

— Claro que você vai conseguir, querida. Veja tudo o que você fez até agora! Comparada ao assalto, a troca de malas será moleza. Então, ao seu próprio tempo, repita tudo mais uma vez, apenas para ter certeza.

Shirley recomeçou, mas Dolly não estava ouvindo. Seus olhos estavam voltados para o relógio. Onde estava a maldita Audrey? Enquanto Shirley repetia todo o plano, Dolly se levantou, foi até a janela e abriu ligeiramente a cortina. Bill Grant ainda estava lá, observando.

Shirley começou a se queixar:

— Não entendo por que estamos correndo esse risco, Dolly. Quero dizer, por que temos de levar essa quantidade de dinheiro conosco? É loucura! Não precisamos de tudo isso. E se você for pega?

Dolly cerrou os punhos e seu rosto se retorceu.

— Quem está assumindo o risco sou eu! — disse ela. — Quem vai passar pela alfândega com a grana no Rio de Janeiro sou eu, não você. Você não precisa fazer nada além de carregar a minha mala e a sua. Se as autoridades não acreditarem, quem vai ser presa sou eu, então cale a boca e faça sua parte do combinado, ok?

Shirley estava quase chorando, não porque Dolly estivesse gritando com ela, mas porque o estresse que sentia era tanto que até mesmo uma coisa pequena poderia tirá-la do prumo. Ela pegou as roupas de Harry e jogou-as na mala.

— É assim que você faz as malas para sair de férias? — questionou Dolly.

Shirley parou o que estava fazendo e balançou a cabeça.

— Por favor, guarde tudo direito porque se a alfândega abrir a mala não quero que suspeitem de nada.

Shirley tirou as roupas de Harry e dobrou cada item antes de guardá-lo ali dentro, cobrindo o dinheiro.

— O que faremos se você for presa? — perguntou calmamente. — Eu, Bella e Linda ficaremos sem dinheiro e sem ter como voltar para casa.

De repente, Dolly ficou lívida. Ela vinha investindo milhares de libras desde o início e agora Shirley só conseguia pensar nela mesma e nas outras garotas. Para as três, ela não passava de um maldito banco que lhes fornecia dinheiro sempre que necessário. O que elas não percebiam era que ela não tinha mais dinheiro — ou,

ao menos, nenhum dinheiro do qual pudesse dispor imediatamente. Tudo o que possuía estava naquela mala. Se Dolly fosse presa, todas passariam por grandes dificuldades — mas ao menos as outras três passariam por grandes dificuldades em uma piscina.

Shirley fungava pateticamente enquanto arrumava as roupas de Harry sobre o dinheiro. Dolly sabia que ela estava assustada e que, de todas as garotas, ela era a menos egoísta. Nunca questionara onde o dinheiro seria escondido ou quando receberiam as suas partes. Shirley só estava com medo e precisava se certificar de que tudo sairia bem. Dolly falou gentilmente:

— Deixei com Bella e Linda uma grande soma em dinheiro. O suficiente para mantê-las caso eu seja pega.

Shirley sorriu.

— Se bem conheço aquelas duas, já devem ter torrado o dinheiro à essa altura.

— Talvez você esteja certa — disse Dolly. — Mas, Shirl... se eu tivesse algum dinheiro, querida, eu o daria para você. No momento estou sem nenhum. Por que você não tira alguns milhares da mala e guarda na bolsa caso tudo dê errado? Que tal?

Shirley levantou algumas das roupas de Harry e olhou para o dinheiro na mala. Ela estava na dúvida — sabia exatamente o que Bella e Linda diriam caso estivessem ali.

— Esse dinheiro não é só seu, Dolly. Pertence a nós quatro. Arriscar perder cem mil talvez não seja a coisa certa. Talvez ambas devêssemos tirar alguns milhares de libras e guardá-los em nossas bolsas, não?

Dolly se conteve. Ela entendia as preocupações de Shirley, mas a garota não era lá muito esperta. Ela estava preparada para explicar aquilo quantas vezes fosse necessário enquanto esperavam Audrey chegar, porque Dolly precisava que Shirley jogasse o seu jogo a partir daquele instante.

— Vamos precisar de muito dinheiro, muito mais do que alguns milhares, porque não voltaremos para a Inglaterra por um tempo — explicou Dolly. — Não até as coisas esfriarem por aqui. Quanto mais levarmos, mais seguras estaremos.

Shirley estreitou os lábios e continuou a fazer a mala. Finalmente, perguntou para Dolly se ela gostaria de tomar uma xícara de chá ou de comer alguma coisa. Ela não comia nada havia horas. Dolly não respondeu. Em vez disso, foi até o

armário de bebidas, serviu-se de uma dose de conhaque e se sentou.

— Telefone outra vez para a sua mãe — pediu. — Se ela atender, pergunte por que diabos ainda não saiu de casa.

Quando Shirley saiu da sala, Dolly cravou o calcanhar no denso tapete creme e olhou em volta. Conseguiria vender aquela casa por um bom preço, isso sem mencionar os móveis e as antiguidades. Ela torceu os calcanhares, cravando-os mais fundo no tapete, imaginando que fosse a foto dela e Harry esmagada no quarto. Então, sua perna relaxou e seus olhos se encheram de lágrimas: ela quase podia sentir Wolf se aconchegando aos seus pés, o corpo quente contra o seu tornozelo. A tristeza se transformou em raiva e Dolly se decidiu. Tudo pertencia a ela agora. Se era para fazer o papel da viúva inconsolável, diria para seus advogados venderem o imóvel.

Ela se levantou, foi ao escritório de Harry e procurou a escritura da casa na gaveta da escrivaninha, que dobrou e guardou na bolsa. Aquela escrivaninha era tão arrumada, tão sem uso e tão... apática. Era um belo móvel, mas, no fim das contas, poderia ter pertencido a qualquer um. Não havia nada ali que gritasse “Harry Rawlins”. Sem personalidade, sem nada a dizer sobre seu dono. O resto da casa dizia muito sobre eles como casal, mas Dolly percebia agora que isso se devia principalmente a ela. Foi ela quem preencheu aquele espaço com coisas bonitas e o transformou em um lar. Era a sua personalidade que estava estampada em cada cômodo. Harry não havia deixado muitos vestígios de si mesmo em lugar nenhum. Ele era um mistério. *Como você pode ter sido tão idiota durante tanto tempo?*, perguntou-se Dolly.

Mais uma vez, se sentiu preenchida por um senso de lucidez. Ela vasculhou o pequeno gabinete de arquivos no canto do escritório de Harry e encontrou uma cópia do testamento dele e de seus últimos extratos bancários. Guardou tudo na bolsa, junto com a escritura da casa. Ela era a única beneficiária no testamento e, legalmente, Harry estava morto e enterrado. Assim que seus advogados tivessem vendido a casa, ela lhes pediria que transferissem o dinheiro para um banco no Brasil. Ela conseguiria pelo menos 150 mil libras só com o imóvel.

Uma vez instalada no Rio de Janeiro, Dolly cancelaria qualquer transação bancária desnecessária. A primeira coisa a ser eliminada seria o valor mensal do aluguel do apartamento de Iris Rawlins em St. Johns Wood. Dolly jamais continuaria enviando dinheiro para uma mulher a quem desprezava. Iris precisaria

se virar sozinha, e Dolly esperava que ela fosse obrigada a sair do apartamento e se instalar em um asilo de idosos. Só a ideia de ver Iris nessas condições fez Dolly sorrir. Mas a ideia de Harry saber que a mãe estava em um asilo a fez parar de sorrir. As atitudes que Dolly tomasse nesse sentido seriam irreversíveis. Ao ver Iris e a si mesmo sem teto e sem dinheiro, ele mataria Dolly caso a encontrasse.

Ela sentia saudades do tempo em que era feliz e ignorava as traições do marido. Harry a deixara acreditar que ele estava morto, ele a deixara chorar e enterrar um estranho — um homem que ela agora achava ser Jimmy Nunn. Afinal, se Harry estivesse mesmo escondido no apartamento de Trudie, Jimmy não poderia estar por perto. E aquele bebê... seria filho de Harry?

Dolly fechou os olhos, tentando tirar essa ideia da cabeça. Mas não conseguiu. As lágrimas abriram caminho pelas pálpebras cerradas e escorreram por seu rosto. Se Harry simplesmente tivesse decidido ser feliz com outra mulher e a deixado, poderia tê-lo perdoado. Teria sido difícil, mas ela teria entendido porque também teria feito qualquer coisa para ter uma família. Mas Harry não apenas a deixara por outra mulher; ele a destruíra com suas mentiras, enganações e crueldade. Como ela poderia saber o que era verdade e o que era mentira?

* * *

Shirley parou à porta do escritório e repetiu a mesma coisa pela terceira vez. Dolly estava a quilômetros de distância.

— Ninguém atende na casa da minha mãe. Ela deve estar a caminho.

Dolly tomou o conhaque. A bebida atingiu seu estômago com força, emanando calor. Ela olhou para o relógio. Eram quase três e quinze. Shirley e Dolly voltaram para a sala. Dolly se serviu de outra dose e sentou-se diante de Shirley, que lhe disse para pegar leve porque não seria boa ideia chegar bêbada ao aeroporto. Dolly cruzou as pernas, deu alguns chutinhos no tapete com a ponta do sapato, pegou um cigarro e o acendeu.

— Jogue um para mim, Dolly — pediu Shirley.

Dolly arremessou um cigarro como se fosse um dardo, que pousou no colo de Shirley.

— Pouco tempo atrás você odiava o fedor de cigarro — observou Dolly.

— Todas nós mudamos nos últimos meses, Dolly. Seria difícil não mudar.

O telefone tocou e Dolly quase morreu de susto. Ambas ouviram, congeladas: um, dois, três, quatro toques. Sem parar.

— Deve ser o Greg — disse Shirley.

Ela atendeu, cautelosa a princípio, mas então relaxou, limitando-se a dizer “sim” e assentir. Então desligou.

— Ele estacionou meu carro no beco, em frente ao número quinze. As chaves estão embaixo do banco. Disse para você não esquecer de entregar o dinheiro para a minha mãe.

Dolly deu um trago no cigarro e tomou um gole de conhaque.

— É engraçado Greg se preocupar com cem libras considerando quanto eu valho agora — disse Shirley, sorrindo. — Quanto você calcula, Dolly?

— Você vale umas duzentas e cinquenta mil libras, querida. Desse montante descontei o que paguei a você do meu próprio bolso... mas ainda assim é uma soma considerável.

Dolly se levantou e voltou a espiar através das cortinas.

— Merda! — exclamou. — Eddie voltou.

Shirley se juntou a ela perto da janela e ambas observaram Eddie e Bill perto um do outro, sussurrando.

— Os dois juntos complicam as coisas.

— Por quê? — perguntou Shirley, com olhos arregalados e ausentes.

Dolly se afastou. Era inacreditável Shirley ter conseguido sobreviver até aquela idade, mas, afinal, ela tivera Terry para cuidar dela. Dolly se sentou, acendeu outro cigarro com a guimba do que estava fumando e jogou o resto do antigo no cinzeiro. Agora, seu pé se movia espasmodicamente, irrequieto.

Ambas ficaram sentadas em silêncio, ouvindo o tique-taque do relógio no consolo da lareira. Shirley olhou para Dolly de soslaio. Seus lábios se moviam como se ela estivesse falando consigo mesma.

— O que vamos fazer, Dolly? Como vamos despistar os dois?

— Em nome de Deus, onde está a sua mãe?

Dolly estava cansada de ter de responder a perguntas idiotas.

Shirley voltou a se aproximar da janela. Bill estava sentado no capô do BMW com Eddie ao seu lado.

— O que impede esses dois de invadirem a casa? — perguntou Shirley. — O que os impede de revistar a mala e encontrar o dinheiro?

Perguntas! Sempre perguntas! Dolly queria gritar para Shirley: “Harry! É Harry quem está impedindo Bill e Eddie de invadirem a casa!” Os dois deviam ter ordens de observar e nada mais, caso contrário já teriam invadido. É claro que essas ordens poderiam mudar em um piscar de olhos, mas, naquele momento, prevalecia um impasse.

Shirley estava ficando ansiosa.

— Quando eles virem esse dinheiro, vão querer o restante! Vão querer tudo. Não consigo imaginar o que eles fariam para conseguir isso.

— Então não imagine! — gritou Dolly. — Não fique aí parada imaginando o que pode acontecer.

Dolly respirou fundo. Precisava acalmar Shirley.

— O dinheiro está em segurança, querida. Eles nunca vão encontrá-lo.

— Mas só você sabe onde o dinheiro está... e se alguma coisa acontecer com você, o que faremos?

Dolly fechou os olhos e desviou o olhar de Shirley.

Shirley estava entrando em pânico.

— Por que eles estão só observando? Por que não fazem nada?

— Fique calma.

— Calma?! Como você consegue, Dolly? Como consegue ser tão fria? Parece uma pedra! O que você está escondendo?

Dolly não podia acreditar que Shirley escolhera aquele momento para tomar coragem e se transformar em Linda.

— Quem é aquele sujeito com o primo de Harry? Outro parente?

— Meu Deus! — exclamou Dolly. — Do nada seu cérebro começou a fazer hora extra?

— Bem, você não parece assustada com o fato de que eles podem entrar aqui a qualquer momento e nos matar! Só pode ser porque você sabe que eles não vão entrar, certo? Você sabe. Como? Vocês fizeram um acordo, não fizeram?

Não parecia possível, mas a expressão de Dolly se tornou ainda mais austera, com lábios estreitados e maxilar tenso. Shirley estava à mil, estimulada pelo medo.

— Você e Eddie têm planos? Eu impedi que ele pegasse o dinheiro daquela vez, não é? Estou me sentindo muito inferiorizada aqui, Dolly, e quero saber agora onde está o restante do dinheiro!

Dolly cruzara os braços com força para evitar o impulso de dar um tapa em

Shirley que arrancaria a cabeça dela do pescoço. Mas, então, Shirley voltou a abrir sua boca frenética:

— Se você pretende colocar Eddie no lugar de Harry, eu quero o meu dinheiro primeiro!

Com o rosto deformado por uma raiva incontrolável, Dolly avançou e deu um tapa de mão cheia no rosto de Shirley, que assimilou o golpe sem pestanejar e devolveu o tapa com tanta força que Dolly teve de dar um passo atrás para não cair.

— O que acabei de dizer sobre você e Eddie terem um acordo não foi certo — assumiu Shirley. — Mas quero saber onde está o dinheiro, Dolly. Quero saber por mim, por Linda e por Bella.

Dolly chegara ao limite. Tinha perdido a vontade de argumentar ou justificar os seus atos. Se tudo desse errado, até então ela queria ser a única que a polícia poderia interrogar a respeito do dinheiro — mas agora não estava mais se importando com isso.

— O dinheiro está no convento — revelou Dolly. — Há uma fileira de armários novos na sala de jogos das crianças. Os quatro armários de cima, fora de alcance, estão cobertos com cartazes de poemas infantis. Está tudo lá. Quatro armários, quatro mochilas, quatro partes iguais. Tudo pronto para quando for seguro voltar para casa.

Dolly se sentou no sofá e abriu a bolsa.

— Tenho uma chave para cada uma de vocês. Quando chegar a hora de pegar o dinheiro, basta mencionar meu nome.

Dolly ficou de pé e encarou Shirley enquanto lhe entregava as chaves, uma a uma.

— Aqui está a chave de Linda, a de Bella e a sua.

Havia tanta decepção nos olhos de Dolly que Shirley não soube o que dizer. O silêncio foi interrompido pelo toque da campainha.

— Deve ser a minha mãe — sussurrou Shirley.

Tudo o que elas podiam fazer naquele momento era prosseguir com o plano. Todas precisavam umas das outras. Tudo o mais teria de esperar.

* * *

Eddie viu uma mulher vestindo um casaco surrado, botas e um lenço de cabeça à porta de Dolly. Quando a porta se abriu e ela entrou, Bill e Eddie se entreolharam.

— Talvez seja a faxineira — especulou Eddie.

— Ah sim, deve ser mesmo — disse Bill com sarcasmo. — A minha faxineira também chega pro serviço às quatro da manhã. Deve ser uma das outras que participaram do assalto. Vou contar para o Harry.

Ele entrou no BMW e foi embora.

Eddie voltou para o Granada e retomou a vigília.

* * *

Quando Shirley e Audrey entraram na sala, Dolly já havia recuperado a compostura e estava sentada, sorrindo, tomando a quarta dose de conhaque.

— Você conhece a Sra. Rawlins, mamãe?

— Linda casa — elogiou Audrey, afetando uma voz elegante e tentando fingir que já estivera em uma casa como aquela.

— Sente-se.

Dolly apontou para uma poltrona. Ela abriu a bolsa.

— Aqui estão as cem libras para Greg e duzentas para você, pelo incômodo que lhe causamos.

— Puta merda! — exclamou Audrey, pegando o dinheiro.

Shirley revirou os olhos com a mesma rapidez com que a fachada de elegância da mãe desmoronou.

— O que eu gostaria que você fizesse, Audrey, é levar o meu carro para Londres, seguir rumo ao sul, atravessar Croydon e, então, pegar a A23 em direção a Gatwick.

Dolly falava como se fosse a coisa mais natural do mundo pedir que uma estranha fizesse algo assim às quatro horas da manhã.

Audrey olhava para Dolly com a boca tão escancarada que corria o risco de babar no casaco.

— Não tenho certeza se entendi...

— Mãe — interrompeu Shirley, tragando um cigarro que tinha acabado de acender. — Apenas faça o que Dolly está pedindo. Por favor.

— Desde quando você fuma? — gritou Audrey.

— Mãe!

Dolly voltou ao assunto:

— Mais uma coisa, Audrey. Um sujeito em um Ford Granada provavelmente vai seguir você. Seria ótimo se você conseguisse despistá-lo em Croydon. — Dolly se levantou. — Agora você me dá licença um minuto?

Quando Dolly saiu da sala, Audrey se levantou.

— O que diabos está acontecendo, Shirl? Você vai embora com ela? Por quê?

— Por favor, mãe. Tem gente da pesada atrás dela e eu estou ajudando, só isso.

— Só isso! Só isso? Isso é o bastante, meu amor. Essa mulher está metendo você em confusão, não é? Porque nós podemos ir embora agora mesmo e...

— Não, mãe.

Shirley baixou a cabeça, lembrando-se da discussão que ela e Dolly tinham acabado de ter.

— Ela é minha amiga e eu quero ir com ela.

Audrey pegou o cigarro de Shirley, tragou profundamente e soltou um anel de fumaça enquanto admirava a sala elegante.

— Um Mercedes! — disse ela, rindo. — Aposto que você não disse a ela que ainda não passei no exame de motorista.

* * *

Quando Dolly voltou ao andar de baixo, trazia um vestido de grife, sapatos de couro envernizado e um lenço de cabeça.

— Há um vestíbulo perto da porta da frente. Vá para lá e troque de roupa.

Perplexa, Audrey fez o que lhe fora pedido pelo bem da filha. Bem-vestida — e de costas — Audrey se parecia muito com Dolly. De frente, ainda tinha cara de feirante, mas, com o lenço na cabeça, maquiada e de óculos escuros, o disfarce seria bom o bastante para enganar Eddie.

O casaco de Audrey era horrível e estragava todo o efeito, por isso Dolly foi ao armário do corredor e voltou com o longo casaco de vison preto que Harry lhe dera de presente no aniversário de dezoito anos de casamento. Eddie estivera naquela festa e elogiara o casaco. Aquilo definitivamente o enganaria.

Dolly ergueu o casaco e Audrey enfiou cuidadosamente os braços nas mangas.

— Nossa, é lindo — disse Audrey, distraída. — Lindíssimo, não é, Shirly?

Audrey acariciou os próprios braços. O casaco era macio como seda. Ela estava se sentindo o máximo.

Shirley e Dolly se levantaram e examinaram Audrey da cabeça aos pés. Embora as coisas ainda estivessem tensas entre as duas, elas sabiam que aquela etapa do plano precisava transcorrer sem problemas. Se duvidasse por um segundo que Audrey era Dolly, Eddie não iria atrás dela e as duas não poderiam escapar.

Dolly é uma mulher estranha, pensou Audrey. *É muito metódica, mas também nervosa*. Além disso, Shirley também parecia muito tensa. Ela não conseguia entender por que a filha estava indo embora com a velha Dolly Rawlins. Não conseguia entender como nem por que as duas também tinham se tornado amigas. Na verdade, não entedia como se conheciam. Audrey sabia que os maridos das duas tinham morrido, mas elas nunca tinham sido amigas. Acima de tudo, Audrey se perguntava quem estava atrás de Dolly e por que Shirley estava disposta a se colocar na linha de fogo. Quanto ao papel de Audrey naquilo tudo, a verdade é que ela dançaria nua na porta da delegacia por duzentas libras. Sendo assim, dirigir um Mercedes vestindo um casaco de vison seria um prazer.

Dolly e Shirley assentiram uma para a outra. Audrey estava pronta. Dolly então lhe entregou as chaves do Mercedes.

— Pode ficar com o vison — disse ela. — Shirley, querida, você por favor poderia pegar os meus óculos escuros na gaveta da penteadeira?

Quando Shirley saiu da sala, Dolly se virou para Audrey.

— Preciso que você me faça outro favor.

Ela entregou um envelope a Audrey. Ao ver os olhos da idiota se iluminarem, Dolly se inclinou lentamente em sua direção.

— Preciso que você compre um selo e poste isso para mim. Ainda hoje.

Audrey ficou claramente desapontada, mas, quando enfiou o envelope no bolso do casaco de vison, sorriu. *Envio uma carta e ganho um casaco de vison*, pensou consigo mesma. *Nada mau para um dia de trabalho, Audrey. Nada mau mesmo*.

O que ela não sabia era que o envelope continha a escritura da casa, uma cópia do testamento de Harry e uma carta com instruções para que os advogados de Dolly vendessem o imóvel e tudo o que havia dentro. Então, o advogado depositaria o dinheiro em uma nova conta. Dolly estava decidida. Ela não voltaria atrás.

* * *

Quando Shirley entrou no quarto de Dolly, o cheiro de queimado ainda pairava no ar, embora não houvesse nenhum sinal de incêndio ou qualquer coisa queimada à vista. Os objetos da penteadeira ainda estavam espalhados pelo chão, onde tinham sido jogados. Um frasco de esmalte quebrara ao bater na parede junto ao guarda-roupas e o conteúdo cor de ameixa se infiltrava lentamente no tapete creme. Shirley ficou chocada ao ver uma bagunça daquelas em uma casa tão impecável e atribuiu o fato a algum colapso nervoso de Dolly. Procurando nas gavetas da penteadeira, ela enfim encontrou os óculos escuros e estava quase saindo quando notou um trapo no tapete. Ela abriu a porta do armário devagar e ficou sem ar. Não havia uma única peça de roupa no guarda-roupa de Harry que não tivesse sido cortada em pedaços. Até os sapatos haviam sido rasgados ou manchados com um arco-íris de tonalidades de esmalte. Dolly deveria estar muito atormentada para agir de modo tão destrutivo, mas fora forte o bastante para esconder aquilo durante toda a madrugada. Shirley percebeu que havia muito mais em Dolly Rawlins do que ela imaginara.

* * *

De volta à sala, Dolly devolveu o casaco surrado e as botas com revestimento de lã a Audrey.

— Guarde no porta-malas do Mercedes — instruiu Dolly.

— Na verdade, talvez eu precise ir com as botas. Não manejo bem a embreagem usando sapatos de salto alto.

— Não há embreagem — explicou Dolly. — O Mercedes é automático.

— O quê?

Ah, meu Deus, pensou Dolly. Terei de dar um curso de direção intensivo para essa idiota!

— Vamos para a garagem. Vou mostrar como funciona.

Dolly estava sendo o mais paciente possível, considerando que agora eram quase quatro e meia e ela e Shirley precisavam ir para o aeroporto para não perderem o voo para o Rio de Janeiro.

Audrey sentou no banco do motorista e Dolly explicou o funcionamento dos

dois pedais e da alavanca de marcha. Dolly percebeu que a outra estava confundindo esquerda com direita, de modo que deu um forte soco na coxa esquerda de Audrey.

— Não use a perna que está doendo, certo, querida?

* * *

As duas voltaram a entrar na casa, onde Shirley entregou os óculos escuros para a mãe para que completasse o disfarce. Audrey inspirou profundamente. Aquela era a coisa mais emocionante que já lhe haviam pedido para fazer.

— Bem — disse para a filha. — Divirta-se enquanto estiver fora. E imagino que nos vemos na volta, certo?

Audrey se inclinou para dar um beijo na bochecha de Shirley, mas a filha a agarrou e a abraçou com força.

— Tchau, mãe — sussurrou Shirley.

— Vamos. Temos que ir.

Dolly não queria que Audrey começasse a pensar que havia algo de errado.

— Eu te amo... — acrescentou Shirley, afastando-se depressa da mãe.

Então, foi até porta da frente para abrir as portas da garagem pelo lado de fora, de modo que Eddie a visse.

* * *

Audrey engatou a ré no Mercedes e começou a recuar pelo acesso de veículos. Shirley acenou da porta da frente:

— Até mais, Dolly!

E começou a fechar as portas da garagem.

Nervosa, Audrey acelerou demais e o carro disparou pelo acesso de veículos. Então pisou no freio e girou o volante ao mesmo tempo. As rodas traseiras derraparam para a direita e, em pânico, ela engatou a marcha avante. O carro saiu em alta velocidade pelo lado errado da rua, mas Audrey logo voltou para a pista correta e seguiu em frente.

Eddie observou tudo. Assim que o motor do Mercedes de Dolly foi ligado, ele fez o mesmo com o Ford Granada. Dolly não costumava sair aos trancos pela rua

de um jeito tão desajeitado, mas ele achou que ela agiria assim estando com pressa. *Talvez esteja em pânico*, pensou. Se fosse esse o caso, tirar o dinheiro dela seria como roubar doce de criança. Eddie sorriu para si mesmo enquanto pensava em toda a grana que ele, Bill e Harry ganhariam.

— Idiota — murmurou enquanto saía atrás do Mercedes. — Teve todo esse trabalho por nada. Vamos pegar você, Dolly Rawlins.

* * *

Da sala de estar, Shirley viu o carro de Eddie dobrar a esquina. Dolly estava parada atrás dela, pronta para partir, segurando as duas malas.

— Ele já foi.

Shirley pegou uma das malas da mão de Dolly e ambas foram até a porta da frente.

— Vamos então, Shirl. Do jeito como sua mãe dirige, talvez não ganhemos o tempo necessário.

As duas correram o mais depressa possível pela rua em direção ao beco sem saída onde o Mini estava estacionado. O tornozelo de Shirley ainda estava doendo e cada passo era uma agonia.

— Você ainda está aí? — gritou Dolly sem olhar para trás.

— Logo atrás de você — respondeu Shirley, lutando contra a dor.

Então, a adrenalina começou a fazer efeito e Shirley acelerou o passo, encurtando o espaço entre ela e Dolly. Quando chegaram ao veículo, jogaram as duas malas idênticas no porta-malas, em cima da mala de Shirley.

Shirley se inclinou sobre assento do motorista para pegar as chaves. Impaciente, Dolly dava tapinhas no teto do carro.

— Vamos, querida — disse Dolly. — Sua mãe provavelmente já bateu em algum lugar e Eddie logo vai descobrir que não sou eu.

— Não consigo encontrar... — Shirley congelou. — O que Eddie faria com ela?

Dolly percebeu que a piada não tinha caído bem.

— Nada, Shirl, eu garanto. Ele é um covarde.

— Não foi isso o que você disse mais cedo — retrucou Shirley, ainda procurando as chaves. — Você disse que ele era um cara que bate em mulheres e

mata cachorros. Bem, ela é mulher, Dolly, e se ele encostar um dedo nela...

Shirley se ergueu com as chaves do carro na mão. Dolly pegou o molho e disse gentilmente:

— Eu sei, querida... você vai matá-lo.

Shirley olhou bem para Dolly.

— Não, Dolly. Ele não.

Shirley foi até a porta do carona, deixando Dolly encarando o vazio. Talvez tivesse perdido Shirley de vez. Dolly usara Audrey e Greg para conseguir o que queria. O que precisava. Greg poderia acabar na prisão e Audrey ser assassinada. Shirley, a menina que certa vez a vira como uma mãe, agora a odiava.

Mas Dolly resolveria tudo. Quando ambas estivessem em segurança, ela resolveria tudo.

CAPÍTULO 37

Alice sabia que poderia se meter em apuros caso fosse pega, talvez até perdesse o emprego, mas estava fazendo aquilo porque George Resnick lhe pedira.

Ela estava no escritório desde as seis da manhã. Ninguém da administração estava ali para a flagrar. Pegando em sua mesa as anotações e os arquivos cuidadosamente datilografados, colocou-os em uma sacola de plástico, atravessou o corredor e saiu da delegacia. Nenhum dos policiais do turno da noite pareceu se importar quando ela passou por eles.

Como combinado, Resnick a estava esperando no pé-sujo da esquina. Quando ela chegou, ele estava tomando café e comendo um sanduíche de ovos com salsicha temperado com molho inglês. Alice se sentou e ele fez sinal para a garçonete.

— Prazer em vê-la, garota — disse ele, sorrindo e exibindo restos de pele de salsicha entre os dentes.

— O prazer é todo meu, senhor — respondeu ela, observando o molho marrom que escorria pelos dedos de Resnick.

Se ele deixasse aquilo cair nos papéis, todos saberiam quem os manuseara. Resnick estava sempre derramando coisas em documentos importantes, e todas as suas pastas eram decoradas com rodela de café da base da caneca imunda.

A garçonete trouxe um bule de chá para Alice, e Resnick sorriu. Ela odiava chá, mas aceitou, grata pelo gesto: era raro Resnick lhe pagar alguma coisa. Ela se levantou, pegou alguns guardanapos no balcão e entregou-os a Resnick, esperando que limpasse as mãos pegajosas antes de entregar a ele a primeira pasta. Ela então resumiu as informações mais importantes:

— Não há muito a respeito de Jimmy Nunn. Ele não tem ficha, então obtive todas as informações do Serviço Social. Parece que Nunn tinha grandes esperanças de se tornar piloto de corrida e tem duas condenações por direção perigosa e excesso de velocidade. É casado com Trudie e têm um filho de seis meses.

Recebe auxílio-maternidade, não é contribuinte, está desempregado há dois anos e, de acordo com a assistência social, não saca o seguro-desemprego há dois meses.

— Por que será, Alice? — perguntou Resnick. — Prisão? Não. Viajando? Provavelmente não. O cara tem um filho de seis meses... Será que está empregado? Duvido muito, depois de dois anos parado. Morto?

Ele olhou para Alice, que quase conseguiu ouvir as engrenagens girando em seu cérebro.

Alice passou a segunda pasta para Resnick, que era maior do que a primeira.

— William Grant saiu da prisão de Brixton há nove meses — explicou ela. — Lesão corporal grave, roubo, incêndio criminoso.

— Homicídio?

Alice se serviu de uma xícara de chá.

— Nenhuma condenação por homicídio. Mas você vai ver que seus crimes são... qual seria a palavra?

— Aleatórios? — sugeriu Resnick.

— Sim. Muitas vezes não há conexão com a vítima, nada é roubado... É como se ele estivesse agindo em nome de outra pessoa e ganhando a vida assim.

Resnick voltou a sorrir. Ele adorava o modo como às vezes o cérebro de Alice funcionava da mesma maneira que o dele. Ela tinha um tremendo instinto.

— Você está certa, Alice. Ele é um capanga contratado. A última vez que eu o preendi, ele manteve a postura de “nada a declarar” do começo ao fim.

Resnick olhou para a foto. Definitivamente, era o mesmo homem que ele vira saindo da casa de Jimmy Nunn.

— E, agora, a pasta sobre o último assalto ao carro-forte.

Alice a passou para Resnick.

Ele leu rapidamente. Página após página exemplificando o *modus operandi* de Harry Rawlins. Ele sabia que tinha sido o maldito Harry Rawlins quem realizara aquele assalto. Não conseguiu esconder o sorriso malicioso.

— Eu o peguei, Alice. Nós pegamos o filho da puta!

Alice consultou o relógio. A qualquer momento o pessoal do turno do dia estaria iniciando as suas atividades.

— O senhor... não fará nada estúpido, certo? — perguntou.

Resnick fechou a pasta e a devolveu para Alice, que guardou toda a papelada

de volta na sacola. Ele sorriu de novo e disse:

— Estou de volta, Alice. Eles estavam errados quanto a Harry Rawlins estar morto. E vou provar isso.

Resnick olhou para a expressão preocupada no rosto de Alice, que agarrava a sacola de plástico junto ao peito com suas mãos grandes. Ele se inclinou sobre a mesa e deu um beijo molhado em seu rosto.

— Não se preocupe comigo. Não gosto de ver você preocupada... ainda mais por minha causa.

Alice conseguiu abrir um sorriso trêmulo antes de se levantar e sair do restaurante. Seu coração estava disparado. Em parte porque sabia que Resnick iria atrás de Harry Rawlins por conta própria e em parte porque ainda sentia seus lábios quentes e pegajosos em seu rosto.

* * *

Em vez de ir direto contar para Harry sobre a chegada da mulher misteriosa à casa de Dolly, Bill foi aos depósitos na Liverpool Street. Ele achava que a mulher fazia parte da equipe do assalto. Harry estava disposto a sair em campo aberto e confrontar Dolly em sua casa. Se o dinheiro estivesse lá, Bill conseguiria a sua parte ínfima e Harry ficaria com a maior. Mas se o dinheiro estivesse no depósito e Bill o encontrasse por conta própria... bem, então, foda-se Harry Rawlins.

Ele não se deu conta do tempo que havia perdido enquanto revistava todos os cantos do depósito. Acabou não encontrando nada e, ao consultar o relógio, percebeu que já passava das sete. Ele estava uma hora atrasado: deveria buscar Harry às seis.

Quando chegou à casa de Trudie, Bill estacionou, saiu do carro e subiu a escada até o apartamento. Ao bater à porta, estava ofegante.

Trudie abriu a porta. Ela o olhou de cima a baixo, como se Bill fosse um vagabundo.

— Entre. Harry está esperando você há uma hora.

Bill deu um tapinha no relógio quando entrou na sala.

— Desculpe, Harry. Este relógio pifou de novo. Mas não está acontecendo nada na sua casa: elas estão lá sentadas como dois patinhos.

— É mesmo? — disse Harry. — Então alguém está mentindo.

Harry vestia calça jeans azul, camiseta branca com gola alta, casaco azul e um par de tênis.

— Como assim? — perguntou Bill, nervoso.

Harry se aproximou dele com um olhar ameaçador.

— Onde você esteve, Bill? O que andou fazendo?

— Eu cochilei um pouco depois que deixei Eddie... Estou exausto, Harry.

Bill não se atreveu a dizer que passara no depósito. Percebeu a expressão de raiva no rosto de Harry.

— O que aconteceu?

Os olhos de Harry se iluminaram de ódio.

— Enquanto você estava cochilando, Doll deu uma volta em vocês dois! Ela chamou alguém para se fazer passar por ela e fugir no Mercedes. Aquele idiota do Eddie mordeu a isca e agora não temos a mínima ideia de para onde ela foi. E você pode ter certeza de que agora o dinheiro não está mais na casa.

Bill percebeu que tinha estragado tudo.

— E onde está o Eddie?

— Ele me telefonou mais cedo. O carro dele quebrou, então está voltando para cá de ônibus. Quando ele chegar, iremos para a casa e revistaremos o lugar de cima a baixo. Deve haver alguma coisa lá. Alguma pista de para onde Dolly foi ou onde ela escondeu o dinheiro.

* * *

Dolly parou na rodoviária de Victoria para deixar Shirley. Ela pegaria o ônibus para Heathrow e Dolly continuaria de carro, para que ninguém suspeitasse que viajariam juntas. A rua estava lotada, mesmo àquela hora da manhã, e a ideia de trombar com estranhos enquanto levava uma mala com cem mil libras estava deixando Shirley apavorada.

— Não posso fazer isso, Dolly. Eu quero ficar com você.

Toda a sua coragem anterior desaparecera.

Por outro lado, Dolly voltara a assumir o controle total da situação.

— Eu também queria que ficassemos juntas, querida — mentiu. — Mas você sabe por que temos de nos separar. Não podemos ser vistas chegando ao aeroporto no mesmo carro. Ninguém pode suspeitar que nos conhecemos.

Vamos.

Ela saiu do carro, abriu o porta-malas, tirou a mala de dinheiro e a mala de Shirley, que colocou diante da porta do carona. Pela janela, Dolly percebeu que Shirley estava chorando de cabeça baixa.

Maldição, pensou Dolly. Era só o que me faltava!

Ao voltar para o carro, disse com uma voz carinhosa:

— Vamos, querida. Em algumas horas estaremos voando. Amanhã a essa mesma hora estaremos na beira da piscina com Linda e Bella bebendo... Bebendo o que quer que seja que eles bebem no Rio de Janeiro.

Shirley encarou Dolly com olhos de cachorrinho.

— Tudo bem — disse Dolly por fim. — Você pode ficar comigo. Coloque as malas de volta no porta-malas.

Assim que a garota se afastou, Dolly jogou a bolsa de Shirley do lado de fora do carro, fechou a porta do carona, ligou o motor e partiu antes que Shirley percebesse o que estava acontecendo. Ela estava prestes a gritar e a xingar Dolly, mas, então, olhou em torno e se conteve. A ideia de chamar a atenção para si mesma era ainda mais assustadora do que a de ir até Heathrow sozinha.

* * *

Eddie chegou ao apartamento de Jimmy Nunn suado e exausto. O ônibus não tinha passado e ele precisou correr por quase dois quilômetros. Quando Harry abriu a porta, puxou-o para dentro pelo cachecol, apertando com tanta força que o rosto dele ficou azul. Eddie empurrou os ombros sólidos do primo, mas ele não se moveu nem um milímetro.

Harry falou calmamente, em voz baixa:

— Você é um inútil, sabia, Eddie? Se eu matar você aqui e agora, quem é que vai sentir a sua falta, hein? As casas de apostas, talvez.

Os olhos de Eddie estavam esbugalhados e o rosto vermelho, e ele agarrou o casaco de Harry, que o encarou e esperou até que ele parasse de se mexer.

Atrás de Harry, Bill disse:

— Este não é um bom lugar de onde remover um cadáver, Harry. É muito movimentado.

Harry soltou o cachecol e Eddie caiu no chão, ofegante. Bill o ajudou a se

acomodar no sofá e se sentou ao seu lado.

Harry começou a andar de um lado para o outro na frente dos dois, respirando profundamente para se acalmar.

— Se ela sumir... se o dinheiro sumir... eu vou matar vocês dois. A começar por você.

Harry apontou para Eddie.

Eddie estava aterrorizado. Soltou sem querer uma risada de nervoso. Harry atravessou a sala, pronto para espancá-lo até a morte, mas Bill se levantou, ficou entre os dois para conter Harry e o empurrou para trás com toda a força.

— Eu disse que aqui não! — gritou Bill, rezando para que Harry o ouvisse. — Estou tentando ajudar você, Harry! Ele pode ser um inútil, mas estamos na sua casa. Sua garota e o seu filho estão logo ali. Se você quiser Eddie morto, bem, farei isso quando tudo acabar. Quando conseguirmos o dinheiro e fizermos Dolly pagar por tê-lo feito de idiota. É com ela que você está furioso, Harry, não com ele. Eddie é um zero à esquerda.

A raiva diminuiu. Aos poucos, Harry se acalmou e foi para longe de Eddie a fim de não voltar a perder a cabeça. Bill olhou para o parceiro e piscou. Era como receber o sorriso de um crocodilo antes de entrar em um rio.

— Vamos voltar para a casa e deixar o lugar em pedaços.

Ele pegou o casaco.

— VAMOS!

Saindo do quarto, Trudie correu e agarrou o braço de Harry.

— Por favor, Harry! Já é dia. Fique em casa, eu imploro. Se você for visto, estará tudo acabado.

Harry avançou em direção a Eddie e voltou a agarrar seu cachecol. Eddie quase mijou nas calças, mas Harry enrolou o cachecol ao redor do próprio pescoço, puxando-o para cima de modo a cobrir o nariz e a boca.

Por uma fração de segundo, ocorreu a Bill que ele e Eddie poderiam enfrentar Harry: ele não daria conta dos dois em uma luta. A ideia durou até ele olhar para um Eddie trêmulo esfregando o pescoço dolorido e tentando andar em linha reta. Os dois foram atrás de Harry e saíram do apartamento.

Trudie correu até a janela a tempo de ver os três homens entrarem no BMW de Jimmy. Quando partiram, ela percebeu que um carro estacionado ali perto saiu logo atrás. O carro parou e só voltou a se mover quando outro veículo se

posicionou entre ele e o BMW. Ao fim da rua, o BMW dobrou à esquerda, o carro logo atrás pegou a direita, mas o carro suspeito esperou a passagem de uma van para se posicionar atrás do BMW e também dobrar à esquerda.

Trudie bateu as mãos contra o vidro. Não havia nada que pudesse fazer. Ela nem sabia onde era a casa de Harry e Dolly.

O bebê gritou do quarto. Trudie sabia bem como a criança estava se sentindo: ela também queria gritar e desabafar. Tudo estava dando terrivelmente errado. Harry tinha sido tão cuidadoso até ali, e, então, a maldita Dolly Rawlins resolveu praticar um de seus assaltos! *Aquela vagabunda idiota. Aquela vagabunda horrorosa, velha e idiota!*

Trudie correu até o quarto e gritou:

— CALA A BOCA!

O bebê, que estava sentado no cercado, chorando sem motivo aparente, aumentou o volume. Trudie sentia como se o seu mundo estivesse a ponto de ruir e, de súbito, deu um forte tapa na criança. Imediatamente arrependida, ela pegou o filho no colo e o abraçou. Abalada pelo tapa, a criança se calou enquanto Trudie caía no choro.

* * *

Ao chegar em Heathrow, Shirley esperou nervosa enquanto o motorista do ônibus tirava as suas malas do compartimento de bagagem. *Espere até eu voltar a vê-la*, pensou com raiva. *Vou dizer exatamente o que penso. E vou contar para as garotas que você me largou no meio da rua. Linda vai odiar você ainda mais quando souber disso!* Ela percebeu que estava parecendo uma criança mesquinha e mal-humorada, mas, naquele momento, a raiva a ajudava a manter o foco.

Colocou as duas malas em um carrinho de bagagem e, ao entrar no terminal, checkou o horário do voo para o Rio de Janeiro no painel eletrônico acima do balcão da companhia aérea. Ela empurrou o carrinho até a fila do check-in, inspirou profundamente e começou a observar os passageiros em busca de um idiota adequado.

— Jovem, pouca bagagem... — repetiu para si mesma.

O pensamento de flertar com um completo estranho a enchia de pavor. Ela era surpreendentemente ruim no quesito flerte com qualquer um que não fosse um

jurado de concurso de beleza. Parou por um instante para colocar a cabeça no lugar e então praticou uma piscadinha.

Após cerca de vinte minutos, começou a ficar preocupada. Até aquele momento, todos na fila tinham malas grandes, e ela não vira Dolly em lugar nenhum. E se o plano falhasse logo no primeiro obstáculo por ela não ter conseguido encontrar um único sujeito ingênuo viajando com pouca bagagem?

Shirley moveu o carrinho para cima e para baixo, à espreita. Quinze minutos se passaram sem que alguém adequado entrasse na fila. Ela começou a ficar desesperada: talvez tivesse de correr o risco de levar a mala e pagar excesso de bagagem com o dinheiro que trazia na bolsa. Não queria fazer isso porque os números de série das notas poderiam ser rastreados.

De repente, viu um possível candidato. Um rapaz malvestido com apenas uma mochila entrou no fim da fila e começou a verificar os documentos. Shirley tirou a passagem e o passaporte da bolsa, aproximou-se depressa por trás dele e bateu com o carrinho em seu calcanhar.

— Nossa, mil desculpas. Essa é a fila do voo para o Rio de Janeiro?

Fingindo estar nervosa, ela deixou cair a passagem e o passaporte. O rapaz se inclinou para pegá-los e os devolveu para ela.

— Sou muito idiota — continuou Shirley, encenando brilhantemente o papel da loura burra. — Sou modelo e estou indo fazer meu primeiro ensaio internacional no Rio. Acredita que esqueci dessa coisa de excesso de bagagem e trouxe duas malas cheias? Vestidos e biquínis.... Só que agora estou preocupada e não sei o que fazer porque não tenho dinheiro para pagar pelo excesso. Eu preciso muito de dezessete biquínis e...

Ela nem precisou terminar a frase.

— Por que não me deixa ajudá-la? — ofereceu o jovem antes de pegar a mala de Shirley do carrinho.

Ela pousou a mão sobre a dele.

— A outra é um pouco mais pesada — disse ela. — Se você não se importar...

Evidentemente, o rapaz não se importava. Ele piscou para ela e pegou a mala de dinheiro.

Sentindo-se muito orgulhosa de si mesma, Shirley manteve uma conversa educada enquanto esperavam na fila para o check-in. Ele fedia a suor, parecia sujo e desleixado, mas sua voz sugeria que era educado, embora claramente não fosse

muito esperto. Ela ficou aliviada ao ver seu novo amigo — que se apresentara como Charles — fazer o check-in e colocar a mala de dinheiro na esteira rolante. A atendente colou uma etiqueta adesiva na alça e Shirley observou suas cem mil libras sendo encaminhadas para o avião.

Quando chegou a vez de Shirley fazer o check-in, ela sussurrou para a atendente:

— Por favor, você poderia dar um jeito de eu não ter que me sentar perto daquele cara?

A mulher olhou para Charles e sorriu, compreensiva e, graças à solidariedade feminina, Shirley ficaria em um assento a dez fileiras de distância do sujeito.

Charles se manteve ao seu lado durante o controle de passaportes e na sala de embarque. Ele se gabava de viajar para vários destinos e de ter atravessado vários países pegando carona, aproveitando o passeio e fazendo todo tipo de trabalho para pagar as despesas da viagem. Os pais eram ricos, mas ele se recusava a explorá-los e sempre encontrava maneiras mais baratas e econômicas de viajar. *Meu Deus!*, pensou Shirley enquanto tomava o champanhe que Charles lhe pagara, *ele é tão chato!* Finalmente, ela pediu licença e disse que precisava dar um telefonema importante para seu agente antes do embarque.

Shirley procurou em cada restaurante, lanchonete, pub e adega — até mesmo nos banheiros —, mas não viu Dolly em parte alguma. Parecia que ela não embarcaria para o Rio de Janeiro. Shirley sabia que não podia voltar atrás, não agora que a mala de dinheiro já estava no avião: ela teria de ir para o Brasil e contar para Bella e Linda que tinham sido enganadas! Ela inspirou profundamente enquanto pensava em seu plano de ação. Todas voltariam para Londres no próximo voo, iriam ao convento e... *Ah, meu Deus, e se o resto do dinheiro não estivesse lá? E se nunca tivesse estado lá? E se...* A cabeça de Shirley estava prestes a explodir quando ela olhou para a única área do aeroporto na qual não procurara. E ali, na janela da sala vip da primeira classe, viu a maldita Dolly Rawlins tomando café da manhã.

* * *

Bill Grant ajustou de novo o espelho e olhou para trás.

— Não é uma viatura, mas definitivamente está mantendo um veículo entre

nós.

— Técnica policial clássica.

Eddie parecia em pânico.

Harry olhou para o carro, recostou-se no assento e balançou a cabeça.

— Não importa quantas vezes você espante algumas moscas, elas sempre voltam.

Havia ódio genuíno em sua voz. Os outros dois não pediram mais detalhes.

— Sigo em frente? — perguntou Bill.

Ir à casa de Dolly em plena luz do dia era uma má ideia, ainda mais com alguém na cola deles.

— Nada muda — grunhiu Harry.

Ele olhou de novo pelo retrovisor, apenas para ter certeza, e disse com os dentes cerrados:

— Meu Deus, achei que tinha feito a caveira desse cara, que tinha acabado com ele há tanto tempo... Ele me seguiu durante anos como um cão de caça atrás da presa. E admito que chegou muito perto. Muito.

— E agora ele está de volta... — observou Bill.

Harry se perguntou como diabos Resnick podia estar atrás dele. Como sabia que ele ainda estava vivo? Talvez não soubesse... Será que estava vigiando Eddie e Bill por causa do assassinato de Boxer Davis? Harry puxou o cachecol um pouco mais para cima do rosto. Estava certo de que não fora visto quando deixaram o apartamento de Jimmy e duvidava que, tantos anos depois, Resnick o reconhecesse somente pelos olhos. Sorriu por trás do cachecol. Se Bill e Eddie fossem presos pela morte de Boxer, não seria problema dele.

Bill não aguentou mais e perguntou:

— Então ele é da polícia?

— O cara aí atrás é simplesmente o infame inspetor George Resnick.

— Merda! O que a gente vai fazer, Harry? — balbuciou Eddie.

— Não se preocupe, meu filho, a sorte de Resnick termina aqui — disse Harry.

Bill estacionou a uns cinquenta metros da casa de Dolly e Resnick não teve escolha senão passar por eles. Sua intenção era dar uma volta completa no quarteirão e estacionar a uma distância segura sem ser visto. Contudo, enquanto Resnick passava por ele, Harry provocou o velho, puxando o cachecol até o

queixo e revelando o rosto. O interior do carro estava muito escuro para que o inspetor tivesse certeza, mas seus batimentos cardíacos se aceleraram, informando-o que o sujeito que acabara de ver era de fato Harry Rawlins...

Rapidamente, Harry cuspiu suas ordens:

— Eddie, abra a garagem. Bill, ele é todo seu.

Eddie atravessou a rua correndo como lhe fora ordenado. Bill saiu do carro e se escondeu atrás de uma cerca viva. Harry escorregou para o banco do motorista e levou o BMW para a garagem.

Estacionado do outro lado da rua, Resnick olhou para a casa de Rawlins. Estava agarrado ao volante e, quando finalmente o soltou, percebeu que as mãos tremiam como gelatina. Viu Eddie fechar uma das portas e outro homem sair da garagem e fechar a segunda porta. O desconhecido fez uma pausa, olhou diretamente para Resnick e acendeu um cigarro. A chama logo iluminou todos os traços do rosto que Resnick perseguia havia tantos anos.

— Rawlins! — murmurou.

Um largo sorriso atravessou o rosto de Resnick. Ele estava certo! Ele esteve certo o tempo todo!

Mas o inspetor foi pego completamente desprevenido quando a porta do motorista se abriu e os golpes do soco inglês de Bill choveram em seu rosto. Preso pelo volante, Resnick não conseguia fugir nem se defender. Levantou as mãos para tentar se proteger, mas era tarde demais. Sua cabeça era projetada para a frente e para trás pelo ataque selvagem, até que sentiu a mão agarrá-lo pelo cabelo e bater seu rosto diversas vezes contra o volante. Quando começou a perder a consciência, luzes brilharam diante de seus olhos: vermelhas, azuis, amarelas, uma massa de cores brilhantes do arco-íris. Ele ouviu o som do nariz se quebrando quando o punho de Bill voltou a atingir o seu rosto. E tudo o que Resnick podia fazer era desejar desmaiar para que a dor terrível terminasse.

Finalmente, seu corpo ficou flácido e tombou para o lado, com a parte superior parcialmente para fora do carro. Bill recuou e chutou a cabeça do inspetor com toda a força, fazendo-a tombar em direção ao assento do carona. Olhando para os dois lados, Bill bateu a porta do carro, guardou o soco inglês no bolso e atravessou a rua casualmente em direção à casa. O ataque violento contra Resnick havia durado menos de trinta segundos.

Embora Bill achasse que tinha fechado a porta do carro, o braço direito de

Resnick ficou preso no vão. O sangue escorria pelos seus dedos, o rosto estava coberto de sangue, mas ele não sentia mais dor, apenas a brisa fresca que soprava enquanto a porta do carro se abria devagar, centímetro por centímetro, liberando seus dedos esmagados. Ele não conseguia se mexer, não conseguia gritar. Incapaz de abrir os olhos inchados e ensanguentados, Resnick simplesmente ficou ali, esperando que alguém o encontrasse.

Enquanto Bill atravessava a rua e desaparecia na escuridão da garagem de Dolly, um homem que passeava com o cachorro se aproximou do carro de Resnick.

* * *

Quando Bill entrou na garagem pela porta entreaberta, Eddie já estava revistando o lugar.

— Harry está no andar de cima — contou.

Bill foi para a sala, onde abriu uma faca retrátil e começou a cortar o sofá e as almofadas, as mesmas que já haviam sido cortadas por Tony Fisher e que foram cuidadosamente costuradas por Dolly. O sangue de Resnick em suas mãos estava manchando o tecido, mas Bill achou que aquilo não tinha importância.

No andar de cima, Harry estava parado próximo à porta do berçário vazio. Não havia nenhuma mobília. A única coisa que lhe dizia que aquele fora o quarto de seu filho era o papel de parede azul-claro com ursos de pelúcia dançarinos. Suas narinas se inflaram à medida que uma raiva estranha e dolorosa invadia a sua alma. Ele soube naquele momento que, onde quer que Dolly estivesse, não tinha intenção de voltar. Aquele quarto significava tudo para ela. Wolf significava tudo para ela. Ele significava tudo para ela. Tudo se fora. Dolly não tinha nada para o que voltar.

No quarto de hóspedes, a cama desfeita informou a Harry que a loura passara a noite ali. Ele procurou, mas não encontrou nada. Fervilhava de raiva: precisava encontrar algo rapidamente, qualquer coisa que o levasse até o dinheiro. Dolly tinha uma clara vantagem e estava escondendo muito bem suas pistas. Se ele não encontrasse algo que indicasse para onde ela fora — e rápido —, o jogo estaria acabado e ele ficaria sem nada.

No quarto principal, deparou-se com o cheiro de queimado e um panorama

de destruição — os cosméticos espalhados, a foto esmagada e pisoteada. Dolly era uma mulher naturalmente caprichosa. Ele conhecia aquele quarto como a palma de sua mão, mas agora não sabia dizer onde cada coisa estava, porque tudo estava fora de lugar. Harry pegou uma garrafa de creme facial entornada e colocou-a de volta na penteadeira, então pegou a foto emoldurada e devolveu à mesa de cabeceira do lado que pertencera a Dolly. Depois, foi até o guarda-roupas dela, abriu-o e viu que faltavam roupas e sapatos. Foi até o seu próprio guarda-roupas e descobriu que tudo fora cortado, rasgado ou manchado com esmalte.

— Filha da puta! — sibilou.

O palavrão não foi por causa das roupas perdidas, mas por causa do ódio que Dolly deve ter sentido ao destruir as roupas de grife que ele tanto valorizava. Aquilo era obra de uma mulher traída, uma mulher magoada — e uma mulher que não tinha nada a perder. Não havia dúvida de que Dolly sabia que ele estava vivo.

Os últimos vestígios da antiga vida de Harry jaziam em farrapos diante de seus olhos. Quando ele bateu a porta do guarda-roupas, o espelho do lado de fora se quebrou.

— Sete anos de azar...

À porta do quarto, Eddie calou a boca antes que Harry fizesse isso.

Harry seguiu o cheiro até a lata de lixo de metal e viu papel queimado no fundo. Não era possível discernir do que se tratava à primeira vista, mas as capas de couro cortadas só podiam significar uma coisa. Ele enfiou a mão na lixeira e pegou um punhado de cinzas que deixou escorrer por entre os dedos como neve preta. Seus livros contábeis. Destruídos.

Ele cerrou os punhos. Queria gritar. Já não tinha nada e, ao que parecia, Dolly tinha tudo. Como ela ousava? Como é que ela ousava fazer uma coisa assim?

— Eu vou matar essa mulher — murmurou. — Juro por Deus que vou. Com minhas próprias mãos.

Eddie não ouviu as palavras de Harry e não tinha ideia do que ele acabara de descobrir.

— Devo continuar revistando? — perguntou. — Não se preocupe, Harry. Sua Trudie vai arrumar essa bagunça em um piscar de olhos. E o seu berçário enfim terá alguma utilidade...

Harry foi tomado por uma raiva incontrollável e chutou Eddie no saco,

fazendo-o cair de joelhos. Ele queria matar Eddie, queria arrancar-lhe o coração e enfiá-lo em sua boca, mas o canalha não valia o esforço. Harry se virou, soltou um baita rugido e socou a porta do armário, abrindo um buraco através da madeira. Farpas se cravaram em sua mão, mas ele não sentiu nada.

Enquanto Eddie gemia do tapete, Bill subiu as escadas.

— Harry, vem cá ver isso...

Bill parou ao topar com Harry imóvel, com os ombros caídos, o peito tremendo e sangue escorrendo dos dedos. Seus olhos estavam tão irritados quanto os do próprio demônio. Bill se perguntou se Harry estaria fora de si. Caso estivesse, ele daria o fora dali. Ele era um bandido cauteloso que nunca matava nem mutilava movido pela raiva, mas sempre lançando mão de violência controlada. Então disse ao chefe o que subira para dizer, no caso deste conseguir voltar à realidade:

— Encontrei algo no jardim. Enterrado. Você está interessado em saber o que é ou só quer matar todo mundo?

Harry piscou e seu olhar vidrado desapareceu. Ele estava passando por cima de Eddie, que ainda estava caído no chão segurando as bolas, quando o telefone tocou. Harry congelou. Ele atravessou o quarto e, após dois toques, o telefone parou de tocar. Harry se deteve. O telefone tocou novamente e, dessa vez, continuou tocando. Ele foi até o aparelho e estendeu a mão para atender. Sabia que era Dolly; tinha que ser. Não queria dar aquela satisfação a ela, mas precisava atender. Harry se sentou na cama e lentamente tirou o fone do gancho. Ninguém disse nada, mas, através do eco de um estranho silêncio, ele conseguiu senti-la.

— É você, Doll?

A ligação caiu.

Harry arrancou o telefone da parede e jogou-o pelo quarto.

CAPÍTULO 38

A mão de Linda estava trêmula quando ela desligou o telefone do quarto de hotel. Ela se sentia entorpecida e os pelos de seus braços estavam arrepiados, como se uma lufada de ar gelado tivesse atingido o seu corpo. Olhou para Bella, que estava na porta do banheiro trajando outro vestido que comprara na loja do hotel na noite anterior. Dessa vez, era um vestido de seda verde e branco e ela estava enrolada da cabeça aos pés em uma túnica combinando, como uma deusa grega.

— Seja sincera, Linda, você acha que eu deveria trocar esse vestido pelo azul ou fazer um agrado para mim mesma e comprar os dois?

Linda estava olhando para a parede. Aquela voz: ela conhecia aquela voz...

Bella estava distraída e colocou na cabeça um chapéu coberto de lantejoulas em um ângulo jovial.

— O que você acha? O chapéu combina com essa roupa?

Elas estavam no Rio de Janeiro havia algumas horas, mas Bella enlouquecera na boutique do hotel. O dinheiro que Dolly lhe dera acabara em um piscar de olhos, e sua cama estava coberta de sacolas com roupas, bolsas, sapatos e trajes de banho. Os funcionários do hotel já estavam tratando Bella como se ela fosse Shirley Bassey, o que faziam muito bem: ela já tinha gastado milhares de libras ali e continuava esbanjando.

Bella olhou para Linda. Ela estava começando a ficar nervosa.

— Você telefonou para Londres outra vez? Shirley vai chegar quando tiver de chegar. Pare de se preocupar. Se você ligar outra vez, vou jogar o telefone na piscina.

Enquanto Bella gastava uma fortuna com roupas, Linda estava torrando dinheiro com bebidas. Tinha bebido todas as garrafas em miniatura do frigobar e chamara o serviço de quarto tantas vezes na noite anterior que eles deixaram de perguntar o que ela queria, limitando-se a trazer-lhe o “de sempre”. Ela estivera bêbada a noite inteira, mal dormira e agora estava ficando neurótica, imaginando

que coisas terríveis teriam acontecido com Shirley.

Bella atirou um de seus trajes de banho em Linda, atingindo-a na cabeça.

— Qual é, Linda, pare de se preocupar com Shirley. Dolly me disse que o tornozelo dela não estava bom e que ela embarcaria depois. Vamos dar um mergulhinho matinal? Vi uns caras bem bonitos na piscina noite passada.

Linda parecia confusa.

— Dolly disse para mim que o voo de Shirley tinha sido cancelado. Não disse que o tornozelo dela estava muito ruim para ela poder viajar. Por que contou uma história diferente para cada uma de nós? Alguma coisa aconteceu.

— Alguma coisa tipo...? — perguntou Bella com sarcasmo.

— Tipo... Eu não sei. Mas estou realmente preocupada com ela agora.

— Não seja idiota, Linda. Esse álcool todo está confundindo o seu cérebro.

Bella começou a tirar a roupa para experimentar um de seus novos biquínis. Ela o ergueu para que Linda desse uma olhada.

— O que você acha? Minúsculo e sensual, mas elegante e sofisticado, certo?

Linda não respondeu.

— Olha só, meu bem, se andarmos por aí parecendo duas mulheres bem-sucedidas, então seremos tratadas como tal. Se parecermos gentinha, seremos ignoradas. Vamos nos divertir, nadar e, depois, podemos jantar no restaurante da cobertura.

— Eu acabei de ligar para a casa de Dolly — disse Linda afinal. — Um homem atendeu. Ele disse... “É você, Doll?”

Bella ficou atônita e ofegou:

— Não pode ser.

— Ele é o único que a chama de “Doll”. Ela mesma disse isso.

Desesperadamente, Bella tentou ser a voz da razão:

— Você já ouviu a voz dele? Pense, Linda, você já ouviu a voz de Harry Rawlins?

— Não quando eu estava sóbria... — respondeu Linda com uma risada desanimada, tentando pensar direito. — Ele tinha uma voz grave, aveludada. Joe sempre disse que o tom de voz grave de Harry conseguia derreter chocolate. Era ele, Bella. Eu sei que era ele. “É você, Doll?” Calmo demais. Aquele filho da puta está vivo e Dolly está com ele.

— Então, onde está Shirley?

Agora, Bella estava tão preocupada quanto a outra.

Linda se levantou.

— Você é uma idiota, Bella! Encheu o quarto de coisas caras pelas quais não pode pagar e agora está sem dinheiro! A gente precisa sair daqui!

— Calma aí, calma aí!

— Calma? Shirley pode estar morta e enterrada no jardim da casa de Dolly. Ou pior, ela pode estar na polícia agora. E ela não duraria dois minutos em um interrogatório policial! Estamos ferradas! Mas, bem, se eu tiver de cumprir pena, não pretendo fazer isso em uma prisão no Rio de Janeiro.

Linda foi depressa até a janela do quarto, depois até a porta e o frigobar — que estava vazio —, então se virou para uma bandeja de prata com tampa. Levantou a tampa, mas não havia bebida alguma ali.

— Linda! — gritou Bella. — Apenas pare! Se Dolly nos traiu com Harry, como é que ele está na casa dela, atendendo o telefone como se não soubesse onde ela está? Por que os dois não estão fugindo para o outro lado do mundo? Não pode ser Harry. Deve ser a polícia. Provavelmente eles estão lá sentados feito idiotas porque não sabem mais o que fazer. Dolly e Shirley devem estar a caminho. Você vai ver.

Inesperadamente, Linda começou a chorar. Bella a abraçou.

— Ouça, meu amor. Se elas não chegarem em um ou dois dias, a gente dá o fora. Assim como fugimos daquele bordel quando éramos jovens e sensuais.

Linda se apoiou pesadamente sobre o ombro de Bella.

— Ah, Bella. A gente não nasceu para ter sorte na vida, não é mesmo? — Linda suspirou. — Tudo o que eu sempre quis foi ser piloto de corrida e me tornar a primeira mulher campeã mundial de Fórmula 1. Eu daria uma boa surra em James Hunt... dentro e fora da pista.

Bella riu, assim como Linda, relaxando. Além da janela aberta da varanda, a banda da piscina começou a tocar e a música “River Deep, Mountain High”, de Ike e Tina Turner, preencheu o ar. Linda foi a primeira a começar a cantar, baixinho à princípio e, então, aumentando o volume.

Bella se juntou a ela e ambas se uniram em um crescendo, cantando a plenos pulmões, pulando e balançando os braços. À medida que a música se aproximava do fim, elas pararam de dançar e recuperaram o fôlego. Não saber o que estava acontecendo era o que estava matando as duas.

— Vamos ficar bem, não é, Bella? — perguntou Linda.

— Todas nós vamos.

Bella era ótima em tranquilizar bêbados paranoicos.

— Vamos chamar o serviço de quarto.

Enquanto esperava que alguém respondesse, o sorriso de Bella esvaeceu. O homem que atendera o telefone na casa de Dolly era um aspecto verdadeiramente preocupante. Se fosse Harry, então Dolly com certeza as traía. Se fosse a polícia, Bella calculou que Dolly e Shirley já estariam em uma cela. E, se fosse alguém trabalhando para os Fisher, então só Deus sabe onde Dolly e Shirley estariam. Fosse qual fosse o caso, Bella levaria todas as suas compras de volta para a boutique e pediria reembolso. Daria mais um dia para Dolly e Shirley e, então, fugiria com Linda.

CAPÍTULO 39

A polícia posicionou carros em cada extremo da rua de Dolly, bloqueando a entrada e a saída. O vizinho abraçava o cachorro com força enquanto repetia a sua história para o inspetor-chefe Saunders. Ele encontrara o homem gravemente ferido dentro do carro. Disse que o sujeito estava perdendo e recobrando a consciência, mas conseguiu murmurar que era policial.

— Ele está morto? — perguntou.

— Não — respondeu Saunders rapidamente, sem tempo para bater papo. — Por favor, vá com os policiais uniformizados para que eles possam tomar o seu depoimento completo.

Ele conduziu o morador até a viatura mais próxima.

Olhando para a rua escura, Saunders viu o sargento Fuller ajoelhado junto à porta do carro de Resnick. Ele desviou o olhar, quase envergonhado. Vira o estado em que Resnick estava e, mesmo então, apesar de toda a dor, o homem dissera apenas uma palavra: “Rawlins.” Saunders estava certo disso. Claro que ele poderia estar delirando, alucinando ou mesmo com dano cerebral... de modo que Saunders preferiu obter provas antes de dizer qualquer coisa.

Quando reuniu coragem de falar de novo com Resnick, o inspetor-chefe agarrou um policial uniformizado e disse:

— Preciso ter certeza de que o inspetor Resnick está em segurança antes de entrarmos na casa de Rawlins. Pegue o rádio e apresse a maldita ambulância. Diga a eles para não ligarem as luzes nem as sirenes. Abordagem silenciosa.

Resnick estava esparramado no banco do motorista, com sangue escorrendo do rosto a partir de vários cortes profundos. Sua respiração soava como terríveis suspiros guturais.

Saunders se inclinou em direção ao carro.

— A ambulância está a caminho, George. Você está me ouvindo? Está a caminho, então aguenta firme.

O peito de Resnick emitia um som áspero quando respirava, mas ele conseguiu assentir levemente. Saunders balançou a cabeça, se afastou e sussurrou para Fuller:

— O que ele estava fazendo aqui sozinho, bancando o superpolicial?

Fuller não se deu ao trabalho de responder. Não era necessário. Ambos sabiam exatamente por que Resnick estava ali sozinho: porque tinha sido esse o canto no qual seus próprios colegas o encurralaram.

Resnick soltou um som áspero quando tentou falar, seguido de um gorgolejar e uma tosse que salpicou sangue no para-brisa. Saunders estremeceu.

— É preciso desobstruir as vias aéreas, Fuller. Veja se ele tem próteses dentárias. Não o deixe morrer asfixiado, pelo amor de Deus. Não na rua. Fique aqui e, se ele disser alguma coisa, anote. Alguém vai dançar por causa disso, e não serei eu.

— Claro... senhor — retrucou Fuller.

A pausa antes do “senhor” reproduzia o mesmo desdém que Fuller já havia demonstrado para com Resnick. Quando Saunders se afastou, Fuller balançou a cabeça, desgostoso. De fato, o inspetor-chefe era o cretino puxa-saco e covarde que Resnick sempre disse que era.

Fuller voltou a se agachar e olhou para a figura lamentável e alquebrada de Resnick. Ele odiara aquele homem por muito tempo, mas agora não olhava para um inimigo: olhava para uma vítima. Uma vítima brutalizada que merecia respeito e cuidado. Tirou uma gaze limpa e esterilizada de uma caixa de primeiros socorros e se inclinou para dentro do carro.

Resnick abriu um pouco os olhos e observou Fuller através de uma neblina rubra de sangue.

— Senhor, limparei a sua boca para ajudá-lo a respirar melhor, ok? — explicou Fuller. — Você tem prótese dentária?

Resnick conseguiu assentir de leve. Fuller enfiou o dedo em sua boca e apalpou. Subitamente, pedaços de alguns dentes verdadeiros que haviam se quebrado durante o ataque caíram no colo de Resnick. Fuller soltou a armação de plástico. Era uma placa com dois dentes laterais.

— Colocarei no seu bolso, tudo bem? A prótese estará à disposição quando puder voltar a usá-la. Os pedaços de dentes de verdade você pode deixar sob o travesseiro para a fada dos dentes.

Fuller sorriu e jurou ter visto os olhos do velho se estreitarem ligeiramente. Podia ter sido um sorriso, mas também podia ter sido um lampejo de dor.

Ele tirou o casaco e cobriu delicadamente os ombros e o peito de Resnick.

— Não queremos que você fique resfriado, não é? Sinto muito, George. Era uma merda trabalhar com você, mas isso aqui não é certo em lugar nenhum. E me desculpe. Vou pegar esse cara para você. Seja lá quem fez isso, eu vou pegá-lo.

Resnick ofegou. O sangue escorria de sua boca e de seu nariz enquanto ele tentava virar a cabeça em direção a Fuller. Suspirou e ergueu a mão quebrada, com os dedos enegrecidos e azulados e sangue penetrando na manga do casaco. Então apontou para o lado esquerdo do peito e tentou falar, mas Fuller não entendeu o que ele queria dizer. Resnick conseguiu levantar a mão mais um pouco em direção ao lado esquerdo do peito e deu dois tapinhas ali.

— É o seu coração? Você está tendo um ataque cardíaco? — perguntou Fuller.

Resnick puxou o casaco de Fuller e apontou para o interior de seu terno. Então, exausto, sua cabeça tombou para o lado e ele desmaiou.

Fuller revistou o bolso interno do casaco do homem e tirou dali um pedaço de papel amarrotado. Quando começou a ler, viu o pessoal da ambulância correndo em sua direção com uma maca. Ele saiu da frente e guardou o papel no bolso. Do outro lado da rua, Saunders ergueu o polegar para que todos fossem para a casa de Rawlins.

* * *

Harry estava logo atrás de Bill, que, empunhando uma pá, escavava a terra macia sob um salgueiro. Nenhum deles notou a cruz de bambu que caíra no chão e agora estava coberta pela terra jogada por Bill. Não demorou muito para Bill descobrir uma toalha de mesa de renda branca.

— Uma mulher não enterraria um milhão em dinheiro vivo sem antes embrulhá-lo com todo o cuidado!

Ele riu e rasgou o pano, tentando desesperadamente vasculhar o conteúdo.

Quando Bill chegou perto, Eddie percebeu o que estava enterrado dentro do pano e recuou.

— Ah, merda! — gritou Bill ao abrir o pano e ser atingido pelo fedor intenso.

Ele se levantou, com as mãos cobertas de terra e sujeira.

Harry pegou o corpo de Wolf pelo cangote e o ergueu em direção a Eddie, com o ódio tomando conta de seus olhos.

— Veja o que você a obrigou a fazer! Você fez Dolly enterrar o seu bebê! OUTRA VEZ!

Harry pressionou Wolf contra o rosto de Eddie, esfregando bosta de cachorro nele. Eddie recuou e vomitou em meio aos arbustos.

De repente, ouviram o som da porta da frente sendo atingida por uma marreta.

— POLÍCIA, ABRAM!

Bill correu em direção à cozinha para tentar chegar ao BMW. Eddie ficou imóvel por um instante e depois foi correndo atrás de Bill.

Harry não entrou em pânico. Foi depressa para o canto oposto do jardim e avançou por trás dos arbustos. Estava se arranhando a cada passo, com espinhos rasgando cada pedaço de pele exposta, mas permaneceu em silêncio. Parou junto ao muro de dois metros, olhou para cima, levantou as mãos e ergueu o corpo. Quando as palmas das mãos tocaram os cacos de vidro que ele cimentara no topo do muro havia anos, a dor tomou conta de seu corpo. Ele queria gritar, mas ficou ali pendurado com os olhos bem fechados e a testa apoiada nos tijolos.

Então Eddie surgiu atrás dele, correndo pelo jardim. Harry sabia que a polícia viria logo atrás, de modo que puxou o corpo para cima, fazendo uma careta de dor. Eddie viu Harry em cima do muro.

— Harry! Harry, me ajude!

Com os olhos voltados para o primo, Eddie não viu o corpo de Wolf no chão. Ele tropeçou no cachorro, tombou na lama e a polícia o cercou.

De cima do muro, enquanto silenciosamente tentava evitar os cacos de vidro, Harry olhou para Eddie, cercado por três policiais uniformizados. Olhou para o corpo de Wolf e sorriu para si mesmo. *A vingança é doce, garoto.* Pulou para o outro lado do muro e desapareceu na escuridão do beco dos fundos.

Na rua, Bill empunhava seu soco-inglês e lutava pela própria vida. Tinha muito a perder. Não havia como ele simplesmente ser preso. Socou e chutou ferozmente, mantendo dois policiais à distância. Mesmo quando mais dois policiais se aproximaram, ele se manteve firme. Por fim, um deles conseguiu desferir um golpe na lateral de sua cabeça, deixando-o torto por tempo suficiente para que os outros pudessem assumir o controle. No minuto seguinte, Bill estava

caído no chão, encolhido como uma bola, protegendo-se com os braços enquanto quatro cassetetes golpeavam sua cabeça e seu corpo.

Do lado de fora da ambulância onde Resnick jazia envolto em cobertores e estava sendo atendido pelos paramédicos, Fuller observou os policiais levarem Bill Grant para a viatura. O sujeito estava ensanguentado, quebrado e algemado, mas ainda xingava e resistia. Fuller não era parte do grupo que estava fazendo as prisões, pois tinha preferido ficar com Resnick. Se ele dissesse alguma coisa, Fuller queria ter certeza de que suas palavras seriam registradas corretamente. Não deixaria que Saunders distorcesse os fatos nem culpasse Resnick por algo que não fosse de fato culpa dele: Resnick já era culpado de um monte de coisas naquele caso confuso...

Quando os agentes passaram por Fuller, um deles lhe entregou o soco-inglês de Bill Grant. Boa parte do sangue coagulado e do cabelo que haviam se prendido durante o ataque ficara no tecido do interior do bolso de Bill, mas traços ainda eram visíveis no objeto. Fuller olhou para o sujeito forte, jovem e agressivo, contido por quatro policiais, então para o velho gordo e ofegante deitado na ambulância. De repente, foi tomado por uma combinação incontrollável de raiva e culpa. Ele odiava a ideia de ficar sentado com Resnick em um carro cheio de fumaça, mas, naquela noite... naquela noite, desejava ter estado ao seu lado. Resnick não merecia aquela surra. Ninguém merecia ser espancado daquela maneira.

Antes de se dar conta do que estava fazendo, Fuller colocou o soco-inglês na mão direita, foi até Grant e deu-lhe um forte soco na altura dos rins. Ele conseguiu dar mais um golpe antes de ser afastado dali.

Quando Fuller subiu na traseira da ambulância com Resnick, viu Eddie sendo levado para uma viatura. O sujeito chorava e gritava.

— Eu tenho o direito de estar aqui! A casa é do meu primo! Estou tomando conta do lugar para ele. Não fiz nada de errado.

Na ambulância, a cabeça de Resnick se voltou para Fuller, que estava sentado ao seu lado. Agora, o sangue escuro coagulava ao redor de sua boca e pelo nariz. Seus olhos, como os de um animal ferido, encaravam Fuller.

— Dei para o sujeito que fez isso algo para que se lembre de você — disse Fuller. — Ele não vai esquecer tão cedo.

Mas Resnick não parecia se importar. Quando tentou falar, mais sangue

brotou de sua boca. O paramédico baixou uma máscara de oxigênio sobre o seu rosto e ele fechou os olhos.

* * *

Harry estava agachado atrás da grossa cerca viva do jardim do vizinho dos fundos. Arrancara os forros dos bolsos da calça e os envolvera nas mãos feridas, agora fechadas para estancar o sangramento. Sentia pequenos cacos de vidro enterrados nelas. De seu esconderijo, esperou a ambulância ir embora, seguida pela van da polícia, pelas viaturas e, aos poucos, pelos espectadores, até que a rua ficou vazia. Ainda assim, esperou mais meia hora, para o caso de a polícia voltar. Por fim, quando se certificou de que a área estava livre, foi até a rua e olhou em volta: era como se o circo tivesse deixado a cidade. Tirou o cachecol de Eddie do bolso do casaco, enrolou-o no pescoço e puxou-o sobre a boca e o nariz. Então, enfiou as mãos nos bolsos do casaco e seguiu pela rua casualmente.

CAPÍTULO 40

Shirley entrou no avião com a passagem na mão e, sem saber onde era o seu assento, virou à esquerda. Uma comissária de bordo de pé junto à cozinha perguntou se ela estava viajando de primeira classe e Shirley lhe mostrou a sua passagem. A comissária lhe lançou um sorriso sem graça e disse que os assentos da classe econômica ficavam à direita. Enquanto a mulher educadamente a conduzia de volta à classe econômica, a garota viu Dolly sentada junto à janela da primeira classe, tomando champanhe e lendo a *Vogue*.

— Típico — murmurou.

Para piorar as coisas, Shirley ficou em um assento de corredor, onde as pessoas esbarrariam nela, e, para piorar ainda mais as coisas, descobriu que Charles estava sentado ao seu lado.

— Troquei de lugar para ficar perto de você! — disse ele, sorrindo. — Agora podemos nos conhecer melhor!

Ela não comia nada havia horas, então aproveitou a comida de bordo. Depois da refeição, colocou os fones de ouvido e virou-se para assistir a um filme. Não estava nem um pouco interessada naquilo, mas qualquer coisa seria melhor do que ter de ouvir Charles falando sobre todos os países que visitara.

Shirley adormeceu durante o filme e, mais uma vez, sentiu alguém esbarrando nela. Tirou os fones e estava prestes a dar uma bronca em quem quer que fosse quando viu Dolly de pé ao seu lado. Dolly lhe pediu desculpas como se Shirley fosse uma completa estranha antes de se dirigir ao banheiro. Depois de verificar que os banheiros estavam todos vazios, Dolly tirou um cigarro do maço e o acendeu. Shirley se juntou a ela, com os fones ainda pendurados no pescoço. Enquanto conversavam, as duas sorriam como se estivessem simplesmente matando o tempo.

— Temos problemas — disse Dolly calmamente. — A alfândega no Brasil funciona diferente da nossa. Não há luz vermelha nem verde: todo mundo sai

pelo mesmo lugar e os agentes simplesmente param aqueles que decidirem revistar. É aleatório, mas temos de nos arriscar. Tudo bem para você?

O coração de Shirley ficou apertado e ela sibilou:

— Não, não está tudo bem. É loucura correr esse risco! Os agentes vão estar de olho em qualquer deslize e você sabe como eu fico nervosa.

— Quem vai correr o risco de transportar a mala de dinheiro sou eu — lembrou Dolly. — Sem ela, não teremos como nos manter no Rio de Janeiro... ou como sair do maldito país, se for necessário. Se eu for detida por algum funcionário da alfândega, tudo o que preciso que você faça é criar uma distração.

Shirley retorcia o fio dos fones. Ela sabia que Dolly estava correndo o risco maior. Não tinha escolha senão apoiá-la.

— Devo interpretar o seu silêncio como um sim?

— Que tipo de distração devo criar?

— Você vai pensar em alguma coisa. Ainda tem seis horas antes de aterrissarmos — disse Dolly ao sair.

Shirley entrou no banheiro. Segurou a cabeça entre as mãos, sentindo-se enjoada. Quando voltou ao seu lugar, o filme estava acabando. Na tela, os vilões do Costa Brava eram presos com o dinheiro roubado. Shirley pediu um conhaque duplo para acalmar os nervos e organizar as ideias. De olhos fechados, fingiu dormir.

* * *

Harry se moveu silenciosamente pelo quarto escuro, tentando não acordar Trudie. Suas mãos pararam de sangrar, mas ao encher uma bolsa e abrir uma gaveta na penteadeira, ainda sentiu a dor dos cortes. Pegou o seu passaporte e procurou as cinquenta libras que Dolly dera a Trudie. Pensar em Dolly fazia as suas entranhas se retorcerem de ódio. Ele daria o troco: ele a encontraria e, mesmo depois de ter recuperado o dinheiro, faria com que ela sofresse por ter feito aquilo. Harry revistou a gaveta e estremeceu de dor quando a palma da mão roçou em uma escova de cabelo. Um dos cortes maiores voltou a se abrir. Ele inspirou através dos dentes e soltou um leve gemido.

Trudie acordou e viu um vulto revistando a penteadeira. Rapidamente, Harry foi até o lado da cama e tapou sua boca com a mão.

— Sou eu, Harry — sussurrou, e ela relaxou.

Trudie agarrou seu braço, afastou a mão dele do rosto e sentiu algo molhado ao redor da boca. Ao acender a luz da mesa de cabeceira, viu o sangue na mão de Harry.

— Silêncio, fique calada, não acorde o menino — pediu ele, limpando o sangue do rosto dela.

Trudie olhou para as mãos de Harry e viu os diversos cortes ensanguentados.

— Onde você estava? Fiquei acordada um tempão esperando! O que você fez? Harry se levantou.

— Onde estão as cinquenta libras que ela lhe deu?

Trudie abriu a boca para questionar, mas Harry fez um gesto para que se calasse.

— Você não encontrou o dinheiro, não é? — disse ela. — E onde estão Eddie e Bill?

Harry a ignorou, pegou a bolsa de Trudie e puxou as cinquenta libras e o que restava do auxílio-maternidade. Ele enfiou o dinheiro no bolso do casaco e abriu a gaveta da mesa de cabeceira. Grudado no fundo com fita adesiva estava o passaporte falso que Bill lhe arranjava. Ele o enfiou na bolsa e saiu do quarto.

Trudie se levantou e foi atrás dele.

— Aonde você vai, Harry? Aonde você vai? Você não está me abandonando, está?

Harry balançou a cabeça, mas Trudie correu até a porta e se colocou na frente dele.

— Você vai voltar para Dolly? Você ainda a ama ou é por causa do dinheiro?

Harry ficou cara a cara com ela e cuspiu as palavras:

— Não ouse dizer o nome dela. Ela se foi... para sempre!

Trudie o agarrou.

— O dinheiro... onde está o dinheiro?

Harry a empurrou para o lado e abriu a porta. Trudie o agarrou com força.

— Eu te amo muito, Harry. Por favor, fique. Preciso de você aqui comigo... Eu te amo.

Harry abraçou Trudie com força e apoiou a cabeça dela em seu ombro quando a mulher começou a chorar. Então ergueu seu queixo, olhou-a nos olhos e sussurrou:

— Eu sei, mas não posso ficar. Nós fomos até a casa. Nem Dolly nem o dinheiro estavam lá. Então a polícia apareceu e foi um inferno. Eddie e Bill foram presos e nós dois sabemos que o meu primo não vai ficar de boca fechada se passar um tempo em uma cela. Não tenho escolha, Trudie. Preciso ir.

Trudie soltou um som próximo a um uivo e Harry tapou sua boca com a mão.

— Eu vou voltar para você, prometo, mas preciso me virar sozinho durante um tempo.

Ele foi até o patamar da escada. Chorando, Trudie segurou o casaco dele, puxando-o para trás. Harry parou e a empurrou para que ela o soltasse.

— Não vou deixar. Não vou deixar você ir! — disse ela, chorando tanto que chegava a tremer.

Harry segurou seu rosto pelas bochechas e as apertou com força.

— O garoto... Ele é meu filho, não é? Não é?

Trudie estremeceu quando ele apertou seu rosto com mais força.

— Claro que é seu — respondeu, encarando seus olhos cruéis e impassíveis.

— É melhor que seja. É melhor mesmo que seja meu! Vou voltar para vocês dois.

Então deu as costas para Trudie. Ela o segurava com tanta força que Harry teve de afastar a mão dela bruscamente e, ao fazê-lo, ela caiu para trás.

Harry desceu correndo a escada enquanto Trudie batia a cabeça na parede, mas ele não olhou para trás. Trudie se sentiu tonta ao se arrastar até o corrimão.

— Seu babaca! — gritou enquanto se debruçava e olhava para o pé da escada. — Você está correndo para ela, não é? Vá em frente, CORRA PARA ELA! Ela sempre foi o cérebro por trás dos seus planos e você nunca percebeu isso!

Curvando-se na escada, ela chorou ainda mais.

A Sra. Obebega saiu do apartamento no andar de baixo e olhou para cima.

— A senhora está bem, Sra. Nunn? Sra. Nunn, a senhora está bem? — perguntou, subindo a escada em direção a Trudie.

Mais abaixo, ouviram madeira se estilhaçar quando a porta da frente foi arrombada e bateu na parede interna, seguido pelo som de pesadas botas subindo a escada.

O sargento Fuller liderava a batida. O endereço de Jimmy Nunn mal era legível no pedaço de papel ensanguentado que Resnick lhe dera. Ao ver Trudie no chão, Fuller lhe mostrou a sua identificação policial e passou por ela.

— Onde ele está? Me diga agora, onde ele está? — gritou Fuller por sobre o ombro.

— Ele foi embora... Ele foi embora... Agora SAIAM DAQUI! — gritou Trudie diversas vezes, cada vez mais histérica.

Os inquilinos saíam de seus apartamentos enquanto policiais uniformizados invadiam o prédio. No patamar superior, Fuller ergueu Trudie pelo roupão enquanto mais agentes entravam no apartamento. Um deles chutou a porta do quarto e acordou o bebê, que começou a berrar.

Fuller segurou Trudie pelo braço e a puxou até a porta da frente.

— Onde está Jimmy? É melhor você me dizer onde ele está, Sra. Nunn, ou juro que também a prenderei.

Trudie então soltou uma gargalhada sonora, um som enlouquecido. Como uma agulha em um disco arranhado, ela repetia:

— Eu não sei de nada, eu não sei de nada, eu não sei de nada.

CAPÍTULO 41

As filas no controle de passaportes no Aeroporto Internacional do Galeão eram longas. Dolly e Shirley ficaram em filas diferentes e não olharam uma para a outra em momento algum. A espera deixara alguns passageiros irritados e rabugentos, mas, quando se queixavam, os funcionários brasileiros da imigração se enrolavam ainda mais.

Afastadas uma da outra, Dolly e Shirley foram até a coleta de bagagem, onde alguns passageiros já levavam as suas malas para a alfândega. O ar-condicionado esfriava a sala espaçosa, e a música ambiente era um samba com uma batucada repetitiva que, combinada à conversa animada dos passageiros brasileiros e com o voo extremamente longo, tornava a experiência exaustiva.

Shirley distinguia a cabeleira loira de Dolly em meio ao grupo de passageiros que abriam caminho até a esteira de devolução. Junto à saída única havia uma fileira de mesas desmontáveis com um funcionário da alfândega em cada extremidade e outros dois junto às portas de saída. Todos estavam armados e observavam os passageiros como falcões. Shirley sentiu o suor escorrer pela testa enquanto abria caminho até a esteira.

À espera de suas malas, ela olhou para uma das mesas desmontáveis, perto da qual uma fila de passageiros esperava para passar. Seu coração disparou: todas as malas estavam sendo revistadas. As roupas estavam sendo espalhadas ao longo das mesas enquanto passageiros e funcionários de alfândega discutiam em voz alta. Shirley se aproximou de Dolly por trás e sussurrou em seu ouvido, a voz inaudível em meio ao tumulto:

— Eles estão revistando todo mundo. Não faça isso.

Dolly não se virou para ela, mas disse:

— Você sabe o que fazer. Agora fique longe de mim.

Uma das malas vermelhas apareceu na esteira, mas elas não conseguiram ver se a etiqueta era vermelha ou azul. Enquanto observavam e esperavam que a mala se

aproximasse, alguém a pegou. Dolly estava prestes a tomar uma atitude quando Shirley chutou o seu pé.

Com uma mochila às costas, Charles sorriu para Shirley.

— Essa mala é sua, certo? Quer que eu a carregue para você?

— Não, estou bem, obrigada. Ainda preciso esperar pela outra.

Ele se aproximou, fedendo ainda mais após o voo longo, e disse:

— Não me importo de esperar aqui com você... Achei que talvez pudéssemos jantar, fazer um passeio ou simplesmente ficarmos juntos. O que acha?

Shirley precisava se livrar dele. Ela se virou e falou em voz baixa, embora com firmeza:

— De jeito nenhum... Cai fora!

Charles não esperava uma rejeição tão repentina e, dando um passo atrás, pisou no pé de uma gorda, que gritou e o empurrou com força. Ele começou a cair para trás e, quando se voltou para recuperar o equilíbrio, sua mochila atingiu outra mulher, que o xingou em português. Pedindo desculpas a todos em volta, ele se afastou com a cabeça baixa.

Shirley se virou para dizer para Dolly deixar a mala na esteira, só que ela não estava mais lá, mas a mala sim. Shirley não conseguia criar coragem para pegá-la, mas então notou que era a mala com a etiqueta azul. Enquanto todos olhavam para Charles, Dolly pegara a outra mala vermelha, trocara-a pela mala de dinheiro e fora embora casualmente.

A boca de Shirley estava seca e suas mãos suavam. Quando viu Dolly na fila com a mala de dinheiro ao seu lado, achou que ia desmaiar. Dolly parecia muito calma ao se aproximar do funcionário da alfândega, chutando a mala de dinheiro para a frente conforme avançava. Ao se dar conta de que Dolly ainda não levantara a mala com o dinheiro e que, portanto, não seria a próxima a ser revistada, Shirley se voltou para a esteira para recuperar a sua mala — que acabara de passar por ela pela segunda vez!

A mochila de Charles estava na mesa desmontável ao lado da mesa de Dolly. Dois funcionários da alfândega lidavam com ele, revistando todos os cantos de sua roupa à procura de drogas antes de decidirem levá-lo para uma revista geral.

Um funcionário da alfândega apontou para Dolly e, então, para a mala. Tentando não mostrar quanto ela era pesada, Dolly a ergueu sobre a mesa, deitou-a de lado e rapidamente colocou a bolsa por cima, apoiando as mãos nela.

O funcionário olhou para Dolly, estendeu a mão e estalou os dedos.

— Passaporte.

Ela o entregou. O funcionário olhou rapidamente e colocou o passaporte ao seu lado.

— Algo a declarar? — perguntou em um inglês sofrível.

Dolly sorriu com doçura e balançou a cabeça.

— Algum alimento ou vegetal? — perguntou, ainda a olhando fixamente.

— Não, mas tenho uma garrafa de gim que comprei no duty-free e alguns cigarros aqui na bolsa. Quer vê-los?

— Sim... Qual é a finalidade da sua viagem, senhora? Negócios ou turismo?

Ele parecia procurar por sinais involuntários de nervosismo.

— Turismo — respondeu Dolly com calma enquanto lentamente abria o zíper da bolsa.

Sua cabeça estava a mil e ela controlava cada nervo do corpo para evitar demonstrar qualquer sinal, qualquer contração, qualquer lampejo de emoção que pudesse fazer o funcionário ficar ainda mais desconfiado do que já estava. Dolly não fazia ideia do que acontecia atrás dela ou de onde Shirley estava, mas rezava para que ela se apressasse e iniciasse qualquer que fosse o plano de distração que bolara.

Shirley já havia pegado suas malas e estava na fila da alfândega. Olhando para Dolly, viu o funcionário tirar a bebida e os cigarros de sua bolsa e começar a revistar o conteúdo. O funcionário tirou a bolsa de cima da mala, devolveu-a para Dolly e começou a girar a mala de modo que a tranca ficasse voltada para ele. Shirley sabia que era agora ou nunca. Enfiou a mão na bolsa e começou a gritar:

— Socorro! Ah, meu Deus, me ajudem! Alguém roubou o meu passaporte!

Ela revirou a bolsa, inclinando-a de lado, e o conteúdo caiu no chão.

— Não está aqui, não está aqui! Eu fui roubada. Eu fui roubada!

Tudo parou e todos os olhos se voltaram para Shirley. Os dois funcionários junto à saída se aproximaram para ver o que estava acontecendo e o homem atrás de Dolly, erguendo os braços em sinal de desespero, começou a gritar algo em português, apontando para o relógio de pulso. O funcionário que estava atendendo Dolly mandou que ele se calasse, mas o sujeito não deixou barato e até mesmo Dolly entendeu o que ele queria dizer quando chamou o funcionário de idiota.

Fervilhando de raiva, o funcionário entregou o passaporte para Dolly, afastou a mala para o lado e fez um gesto para que ela saísse da frente. Então, virou-se para o sujeito atrás dela e bateu a mão na mesa.

Dolly pegou sua mala de cima da mesa. Estava acabado. Todos os olhos ainda estavam voltados para Shirley, que estava mais atrás na fila, ainda gritando de joelhos, revistando freneticamente o conteúdo de sua bolsa espalhado pelo chão. Dolly se misturou à multidão e caminhou devagar em direção às portas automáticas.

Somente quando se fecharam atrás de Dolly, Shirley ergueu o passaporte, indicando que o tinha encontrado. Os funcionários da alfândega levaram Shirley e suas malas para uma sala a fim de terem uma conversa com ela. Agora que Dolly conseguira passar pela alfândega, Shirley não estava mais nervosa: não tinha nada a esconder nem a declarar em nenhuma das malas.

Sem que Shirley soubesse, Charles estava sendo interrogado no cubículo da porta ao lado a respeito do tumulto que causara na esteira de bagagens. Ele estava às lágrimas ao explicar que, em Heathrow, ajudara uma mulher que estava com excesso de bagagem despachando uma das malas como se fosse sua e então, ao pousarem no Rio de Janeiro, se ofereceu para carregá-la. Ele esperava se dar bem com ela, por isso ficou muito abalado com a rejeição repentina.

Um dos funcionários que falara com Charles entrou na sala para se juntar aos dois que interrogavam Shirley. Seu inglês era bom o bastante para relatar o que Charles contara.

— Sinto muito — disse Shirley, com um pequeno muxoxo. — Eu não tinha dinheiro suficiente para pagar pelo excesso de bagagem, então acho que fui um tanto impertinente. Foi uma besteira e sinto muito. Mas eu não tinha a intenção de mentir. Aquele cara disse que não tinha problema e que ninguém se importaria. Eu fiz mal? Ah... — exclamou Shirley, entrando no modo louca burra. — O senhor acha que ele tinha segundas intenções?

Um funcionário pediu que ela esperasse e saiu da sala. Shirley estava começando a ficar nervosa, pois achava que àquela altura já estaria livre para ir embora. O funcionário voltou alguns minutos depois. Sentou-se à sua frente atrás de uma mesa, olhou para seus olhos azuis e perguntou:

— Por que a senhorita disse ao rapaz que faria um ensaio fotográfico para uma revista aqui no Rio?

— Eu menti — respondeu ela, inclinando a cabeça para fingir que estava envergonhada, mas também para esconder o nervosismo. — Eu meio que gostei dele, queria impressioná-lo e...

O funcionário deu um tapa na mesa, fazendo Shirley estremecer.

— Então, por que a senhorita o mandou dar o fora quando pousaram aqui?

Shirley se inclinou para a frente e disse em tom confidencial:

— Bem, no avião ele se sentou ao meu lado e então percebi quanto ele cheira mal. Quando ele se aproximou de mim na área de coleta de bagagem, foi horrível! Eu não queria magoá-lo, mas precisava ser sincera.

Os funcionários da alfândega caíram na gargalhada.

— Ele de fato cheira mal! — disse um deles. — Ainda mais em uma salinha de interrogatório! Pode ir embora, senhorita.

Então, abriu a porta para ela sair.

* * *

Alice encontrou Resnick em uma sala lateral da ala principal do hospital. Imóvel na cama alta, conectado a uma bolsa de soro, ele parecia surpreendentemente pequeno, e seu rosto estava tão inchado e ferido que era quase irreconhecível. Ao se aproximar, Alice reparou na prótese dentária de Resnick dentro de um pires no armário e teve de conter o choro. Puxando uma cadeira para o mais perto possível da cama, ela se acomodou para esperar.

* * *

A caminho do hotel, Shirley olhou pela janela do táxi enquanto o Rio de Janeiro passava lá fora e pensou em Terry. Ela nunca vivera algo tão emocionante. Mas tudo tinha acabado e ela estava livre — livre para fazer o que quisesse, para ser o que quisesse. E estava rica. Muito rica. Desejou poder compartilhar essa parte de sua vida com o homem que amava. Esse também era o sonho dele — bem, talvez não exatamente o Rio de Janeiro, ele era mais um garoto do East End, porém aquela era uma situação em que poderiam fazer tudo o que quisessem. Shirley mal podia acreditar que estava naquele lugar, e certamente não acreditava em como conseguira chegar até ali. Mal podia esperar para ver Linda e Bella, tinha tanto a

lhes dizer.

Nos primeiros minutos do encontro, nenhuma das três disse nada. Foram apenas gritos de alegria, risos, muitos abraços e muitas lágrimas. Shirley nunca fora abraçada com tanta força: era como se as duas nunca mais quisessem perdê-la de vista. Embora tivesse imaginado Linda e Bella se divertindo em uma piscina aquecida, elas a tinham imaginado em uma sala de interrogatório sendo assediada por algum policial inescrupuloso. Estavam incrivelmente aliviadas por estarem juntas outra vez.

Horas mais tarde, a vibração ainda estava a mil, assim como o champanhe. A suíte parecia mais um salão da Harrods, com caixas de lindos vestidos de grife espalhadas por toda parte. As três pareciam crianças animadas correndo de um lado para outro, gritando e dançando até tarde da noite, com rolhas de champanhe estourando.

Na porta ao lado, Dolly estava deitada na banheira. Podia ouvir as garotas gritando e rindo e estava feliz por elas. Ela chegara cerca de meia hora depois de Shirley, mas sua recepção fora mais comedida. Dolly desejava poder provocar emoções tanto em si mesma quanto nos outros, mas sempre fora tão fechada que não sabia como se expressar. *Eu acho que elas sabem o quanto as acho incríveis*, refletiu enquanto acendia outro cigarro e tomava um gole de champanhe. *Será que sabem como estou orgulhosa delas?* Quando Dolly dividiu as cento e vinte mil libras que trazia na mala, os olhos das garotas quase saltaram das órbitas.

Dolly olhou para o cigarro entre seus dedos enrugados. Ela estava no banho havia um tempo e a água agora estava morna, mas não se importou. À medida que a tensão se esvaía de cada músculo de seu corpo, já não se preocupava com mais nada. Fechou os olhos.

— Vamos, Dolly! — gritou Linda da sala de estar.

Dolly sorriu. Como ela sentira falta daquelas vozes! Uma rolha estourou da garrafa e as garotas gritaram como se fosse a primeira do dia, mesmo sendo a quarta. Ao tocar a espuma macia da banheira, lembrou-se de Wolf. Sentiu enjoo. Quando se levantou, ficou tonta e deslizou de volta para a banheira, e o cigarro caiu de seus dedos. Ao vê-lo afundando na água, Dolly teve vontade de chorar. Suas emoções estavam à flor da pele, mas se recusavam a sair. Não tinha certeza se a sua tristeza era por causa de Wolf, de Harry ou por ela mesma, mas, nua e sozinha, sentia-se incrivelmente vulnerável.

* * *

A quase dez mil quilômetros de distância, escondido em seu depósito fedorento com apenas o pastor-alemão como companhia, Harry Rawlins também se sentia vulnerável, mas por motivos bem diferentes. Ele nunca se sentira tão impotente e sozinho. Era um homem morto: não podia aparecer, não podia tocar no dinheiro de nenhuma de suas contas bancárias nem ir para casa. Teria que sair do país, mas não sabia quanto tempo precisaria esperar antes de poder fazer isso em segurança. *Dolly...* Ele cerrou os punhos ao pensar nela. Anos antes, tinham chorado juntos a perda de seu filho natimorto. Ele a traíra, mas ela o derrotara em seu próprio jogo de traição.

Mas aquilo ainda não havia terminado, não, de modo algum. Ninguém derrotava Harry Rawlins.

* * *

Shirley estava no quarto se admirando no espelho comprido, perguntando-se se deveria usar o vestido azul. *Não*, pensou, *o prateado é perfeito*. Ela recuou para admirar o corpo magro. *Cara, eu estou bonita... Na verdade, estou mais do que bonita: estou lindíssima.*

Bella entrou pela porta do quarto adjacente. Ela brilhava, coberta da cabeça aos pés por um vestido preto de lantejoulas.

— Bela bunda! — disse para Shirley, e ambas riram.

Ela gritou para que Dolly se juntasse à festa:

— Vamos, Dolly! — acrescentou Shirley. — Estamos todas à sua espera!

O dinheiro de Shirley estava separado em maços na mesa de centro. O de Linda estava empilhado em seu colo e ela cantava a plenos pulmões. O dinheiro de Bella estava jogado displicentemente em uma poltrona elegante. Ela cantou com Linda, fazendo sua própria versão maliciosa de “My Way”. Shirley rodopiou pela sala, adorando o toque de seu vestido na pele enquanto girava pagando calcinha. Para não ficar para trás, Bella entrou em modo Shirley Bassey e começou a cantar “Goldfinger” acima da voz de Linda. À medida que as garotas se soltavam, sem se importar com nada além daquele momento, a atmosfera ficava cada vez mais carregada de eletricidade.

Shirley bebeu mais champanhe, acendeu um cigarro e começou a desfilar pela sala como se estivesse em uma passarela. Linda se levantou com uma escova de cabelo em mãos, fingindo ser um microfone.

— E agora a Srta. Shirley Miller! Quais são os seus hobbies, Srta. Miller?

— Bem, eu gosto de crianças e de ROUBAR BANCOS! — gritou Shirley enquanto jogava um punhado de dinheiro para o alto.

* * *

Dolly ajeitou o roupão ao redor da cintura, limpou o espelho embaçado e olhou para o próprio rosto. Seu cabelo molhado pendia como rabos de ratos. Ela parecia — e se sentia — velha e abatida. Apoiou a testa no espelho frio. As lágrimas não vinham. *Acabou?*, pensou. A choradeira tinha chegado ao fim. Suas lágrimas secaram e estavam presas dentro dela.

Linda se serviu de um pouco de caviar do carrinho de serviço de quarto e tocou a pilha de notas de Dolly, que estava em uma bolsinha no sofá. Dolly explicara que dividira o dinheiro igualmente e que o restante estava escondido no convento. Também dissera ter descontado cinco mil libras de cada uma para cobrir as suas despesas iniciais. Todas ficaram mais do que satisfeitas com o acordo, mas, naquele momento, Linda estava preocupada com outra coisa. Ela se aproximou de Bella e sussurrou:

— Devo contar para Shirley sobre o telefonema?

Bella se virou e olhou feio para Linda.

— Não. Simplesmente esqueça. Você não tem certeza se era ele. Você concordou que pode ter se enganado, então esqueça.

Shirley se serviu de outra taça de champanhe.

— Sobre o que vocês estão falando?

Linda lançou um rápido olhar para Bella e sentou-se no sofá.

— Liguei para Londres... para a casa de Dolly. Eu sei que não devíamos fazer isso, mas, bem, eu fiz porque estava preocupada com você.

Shirley deu de ombros.

— Dolly não me disse nada.

Linda baixou os olhos.

— Não foi Dolly quem atendeu. Foi Harry.

Antes que Shirley pudesse dizer qualquer coisa, Linda continuou:

— Eu sei que era ele. Era o Harry.

Bella se serviu de outra taça de champanhe.

— Não vou discutir com você, querida. Já falamos sobre isso uma dezena de vezes.

Shirley não assimilou o que Linda acabara de dizer. Ela olhou para o quarto.

— Você tem certeza? Tem certeza de que era ele, Linda?

— Ele era o único que a chamava de “Doll” — argumentou Linda, começando a ficar nervosa. — O sujeito perguntou: “É você, Doll?” Só pode ser ele. Ele costumava ligar para Joe e a voz era idêntica. Eu estou dizendo: Harry Rawlins está vivo.

Todas ficaram em silêncio, olhando umas para as outras. Será que Harry estava vivo e, o mais importante, será que Dolly sabia disso o tempo todo? Shirley foi a primeira a quebrar o silêncio. Ela contou tudo para as outras: falou sobre as roupas de Harry em farrapos no guarda-roupas, sobre Eddie estar vigiando a casa dia e noite, sobre ele ter invadido a casa, matado Wolf e a agredido. Ela se levantou, como se tivesse tido uma revelação repentina, e exclamou:

— Eu sabia! Bem, na verdade, eu achei que ela devia estar de caso com o Eddie, mas Harry faz muito mais sentido. Então, ela nunca o perdeu.

Linda se levantou em uma fração de segundo, com o rosto contraído e feio. Ela chutou a mala de dinheiro.

— Isso foi só um agrado! Para ficarmos quietas. Quem vocês acham que vai ficar com o restante, hein? Harry deve estar esvaziando os armários do convento enquanto conversamos... isso se o restante do dinheiro realmente estiver lá.

Bella deixou a taça na mesa e também se levantou.

— Acalmem-se. Não sabemos se isso é verdade. Nós nem sabemos se ele realmente está vivo. Quer dizer, se ele está, por que ela viria para cá?

Nenhuma delas ouviu Dolly sair do banheiro.

Vestia um roupão de hotel pelo menos dois tamanhos maior e parecia a avó de alguém. As garotas não sabiam se ela ouvira o que disseram, mas Dolly não disse nada. Simplesmente foi até a mala de dinheiro e começou a transferir as roupas de Harry para um saco de lavanderia do hotel.

As garotas se entreolharam e Bella meneou a cabeça para Linda, que começou a falar cautelosamente:

— Liguei para Londres hoje de manhã, Dolly, para a sua casa.

Dolly parecia não escutar. Simplesmente abriu a própria mala e levantou um vestido cinza.

— Eu poderia usar este. Não vou ficar tão elegante quanto vocês, mas acho que serve. Ou um vestido de gala que eu tenho, acho que o coloquei em algum lugar por aqui.

— Harry está vivo? — perguntou Linda.

Dolly ergueu o vestido de festa e o segurou diante do corpo.

— O que vocês acham?

Linda deu um passo e arrancou o vestido de suas mãos.

— Harry atendeu o telefone. Ele está vivo, não é?

Os olhos de Dolly ficaram vidrados. Não lhe restavam energia nem vontade de prosseguir. Ela sentia como se alguém tivesse lhe dado um chute na boca do estômago. Uma sensação de queimação começou a se espalhar de dentro para fora e de baixo para cima, envolvendo todo o seu corpo, mas, quando falou, sua voz soou calma.

— Se é o que você diz, Linda — declarou, ainda de costas.

— Eu digo, Dolly. E você sabe que ele está.

Então, Linda fez a pergunta que estava na boca de todas:

— E o restante do dinheiro? O que você realmente fez com o dinheiro? Harry está com ele agora, não está?

Dolly ardia por dentro, a boca incrivelmente seca. Ela engoliu em seco.

— Vocês acham que estou trabalhando com o Harry? Vocês acham que eu sabia? — questionou ela, ainda sem encará-las.

Linda tentou agarrar o braço de Dolly, mas Bella a deteve.

— A gente só precisa saber o que está acontecendo, Dolly — explicou ela calmamente.

Dolly se virou e olhou para cada uma das garotas. Ela tremeu ao caminhar até o carrinho de bebidas. Tentou alcançar uma garrafa, mas sua mão chacoalhava tanto que não conseguiu de erguê-la. Então todo o seu corpo começou a tremer incontrolavelmente.

— Ele está vivo, Dolly? — insistiu Linda.

Dolly tremia como uma idosa frágil. Bella e Shirley se entreolharam, preocupadas com o fato de algo estar terrivelmente errado.

Aquela súbita e assustadora explosão de fúria emocional tomou a todas de surpresa. Dolly pegou tudo o que encontrou no carrinho de bebidas — copos, comida — e atirou pelo quarto. Ela pegou sua bolsa, tirou dali punhados do próprio dinheiro e os jogou em direção às três mulheres. No início, sua voz soou como um grunhido; então foi ficando cada vez mais alta e ela passou a rosnar como um cachorro louco:

— SIM, SIM, SIM, SIM, SIM!

As garotas se aproximaram umas das outras. Nunca tinham visto Dolly assim, nunca tinham visto alguém assim. Não tinham ideia do que fazer, como ajudar, como consolá-la, como curar a dor que ela estava sentindo.

Quando já não havia mais nada que Dolly pudesse arremessar, seu rosto se contorceu e ela começou a puxar o roupão, tentando rasgá-lo com as unhas. Sua cabeça se projetou para a frente e para trás e ela olhou para as garotas como um animal raivoso. Era algo horrível de se ver. Ela arrancou o roupão dos ombros e começou a arranhar os braços nus. Profundos lanhos vermelhos surgiram em sua pele e o tom de sua voz aumentou ainda mais.

— Vocês querem saber como foi? — gritou Dolly. — O que senti quando descobri? Foi como um incêndio dentro de mim. E ainda está queimando aqui: isso ainda está dentro de mim. Tirem isso de mim. Meu Deus, tirem isso de mim!

Dolly arranhou os braços mais profundamente até sangue começar a escorrer por seus dedos.

Os olhos de Linda quase saíram das órbitas. O rosto de Shirley começou a se contrair como o de uma criança amedrontada, mas foi Bella quem tomou a iniciativa. Linda achou que ela daria um tapa em Dolly para arrancá-la da histeria, mas ela a agarrou em um abraço de urso e a apertou tão forte quanto pôde. Dolly lutou para se livrar, mas seus braços estavam presos pela enorme força de Bella. Dolly chorou nos braços da outra e, quando Bella liberou o aperto, ela deslizou para o chão e caiu de joelhos.

Ninguém sabia o que fazer.

As lágrimas que havia muito Dolly queria chorar enfim começaram a jorrar. Ela chorou como jamais conseguira antes. Tinha se lamentado por Harry diversas vezes, mas aqueles terríveis soluços solitários eram diferentes e, embora a dor fosse excruciante, eram um alívio bem-vindo.

Sem conseguir mais suportar aquela situação, Shirley se adiantou para consolar

Dolly, mas Bella a deteve. Dolly precisava desabafar, porque manter aquilo dentro de si a estava matando. Os soluços continuaram até que ela finalmente ficou tão cansada que não tinha mais o que chorar. Ajudando-a a se levantar, Bella voltou a abraçá-la, balançando Dolly de um lado a outro, sussurrando em seu ouvido que estava tudo bem. Estava tudo bem agora. Tudo tinha acabado.

Nenhuma das garotas conseguia acreditar que aquela era a mulher forte com quem brigaram e discutiram por meses a fio. Linda estava se sentindo tão culpada que não conseguia olhar para Dolly e se limitou a sentar, abrindo e fechando as mãos. Shirley acendeu um cigarro, curvou-se e entregou-o para Dolly, mas ela estava tão exausta que sequer conseguiu levantar a mão para pegá-lo. Shirley levou o cigarro aos seus lábios e Dolly inalou a fumaça quente, tragando o cigarro como uma chupeta, enchendo os pulmões e soltando a fumaça lentamente.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas Dolly não se incomodou em limpá-las. Tentou se levantar, mas estava muito fraca, de modo que Bella a guiou até uma poltrona. Dolly então ficou ali imóvel, com a frente do roupão molhada de lágrimas e as mangas manchadas de sangue.

As garotas esperaram.

Finalmente, Dolly falou. Seu discurso foi um fluxo de pensamentos desconexos que ela tentou organizar:

— Eu suspeitei quando fui à casa de Jimmy Nunn... Mas não tinha certeza... e... Eu não queria acreditar que aquilo era possível... Eu pensei tê-lo enterrado, mas era Jimmy Nunn. Eu enterrei Jimmy Nunn... eu chorei por Jimmy Nunn... Harry devia estar dirigindo a van da frente... Eu sinto muito. Ele é o quarto homem e eu sinto muito, muito mesmo, pelo que aconteceu com os seus maridos.

— Mas então era Jimmy quem estava usando o relógio de Harry? — questionou Linda com sinceridade.

Dolly balançou a cabeça.

— Só Harry sabe...

Ela estendeu a mão para pegar outro cigarro. Shirley se adiantou e lhe entregou um. Dolly ficou sentada, fumando em silêncio. Então seu rosto de repente se retorceu e ela começou a tremer.

— A maneira como Trudie me olhou quando me apresentei! — disse ela. — Era como se eu fosse um pedaço de merda. Acho que ele estava lá, escondido.

Acho que Wolf percebeu. Acho que ele sentiu o cheiro do pai naquele apartamento imundo, assim como tinha sentido no depósito. — Dolly baixou a cabeça entre as mãos em sinal de descrença. — Eu amava tanto aquele homem... Ele era a minha vida, eu o amei desde o primeiro instante em que o vi.

Dolly fez uma pausa para tentar se acalmar.

— Mesmo quando descobri tudo, eu ainda... eu ainda o queria de volta.

Ela baixou a cabeça, constrangida.

— Eu ainda o amava, então queria estar com ele, mas não podia dizer isso a vocês de forma alguma. Eu estava muito envergonhada.

Dolly assoou o nariz na manga do roupão e olhou para as garotas.

— Eu não o teria deixado tocar no dinheiro de vocês. Ele teria de me matar primeiro.

Ela se levantou, alta e ereta. Então, apertou o cinto do roupão e passou as mãos pelo cabelo. Era uma lutadora: ela sempre fora e ainda havia muita força dentro dela para continuar lutando.

— Não deixei nada para ele — continuou. — Harry ficou sem o dinheiro, sem os livros contábeis, sem nada, sem sequer um lugar para morar. Eu vendi a casa e tudo o que havia lá dentro. No papel, ele está morto, então não há nada que ele possa fazer a respeito. Agora tudo o que ele pode fazer é fugir. E continuar fugindo.

Bella ergueu a mão como se tivesse ouvido o bastante.

— Acalme-se, Dolly, você não sabe com certeza se ele está vivo, nenhuma de nós sabe. Mas, mesmo que esteja, por que você vendeu tudo tão depressa? Você também ficou sem ter onde morar.

Dolly sorriu e a calma se espalhou pelo seu rosto.

— O que você vai fazer, Dolly? — perguntou Shirley.

— Vou comprar de volta vinte anos da minha vida.

Ela caminhou em direção ao quarto.

— É isso aí, Dolly. Vá se deitar — disse Linda.

Dolly se virou, com as mãos espalmadas no batente da porta do quarto enquanto recuperava as forças.

— Não estou cansada. Terei um rosto novo, até um corpo novo. Hoje em dia eles fazem maravilhas, e Deus sabe que eu sou rica o bastante para bancar. Vou comprar juventude com a minha parte do dinheiro e em pouco tempo vou estar

tão bem quanto qualquer uma de vocês.

Ela olhou para as garotas, balançando ligeiramente, então virou e entrou no quarto. Precisava ficar sozinha.

Bella se lembrou do dia na praia, quando estavam ensaiando o assalto. Ela se lembrou da forma como Dolly se puniu, desesperada para ser tão boa quanto as outras mulheres, vociferando que estava tão em forma quanto elas. Naquela ocasião, Bella sabia que Dolly estava fingindo, assim como estava fazendo agora. Ela era muito boa em esconder os seus verdadeiros sentimentos: na verdade, Dolly estava se sentindo velha e deslocada. Olhando para Shirley e para Linda, Bella viu que as duas acreditaram na cena e pensavam que Dolly faria uma plástica no rosto.

Shirley seguiu Dolly.

— Vamos. Vista o seu belo vestido! Uma mesa nos espera na melhor boate do Rio.

Dolly parou por um segundo, se recompôs e se virou para Shirley.

— Vou ficar aqui, mas vocês podem ir. Divirtam-se. Tenho uma nova vida para planejar.

Bella pegou o vestido de noite e mais alguns da mala de Dolly, além de outros que Linda e Shirley tinham comprado. Ela entrou no quarto, colocou os vestidos na cama e levou as mãos aos quadris.

— Não vamos aceitar um “não” como resposta, querida — disse ela para Dolly. — Então tire esse roupão enorme e vista um desses vestidos.

Dolly olhou para Bella, que viu brilhar em seus olhos a vontade de voltar a ser jovem.

— Sua nova vida começa aqui e agora, Dolly — sussurrou. — Não exige nenhum planejamento. — Então ela falou mais alto para que Linda e Shirley pudessem ouvi-la. — Linda fará o seu cabelo.

Linda correu até a gaveta da mesa de cabeceira, de onde tirou um secador.

— Eu sou ótima com as minhas mãos! — anunciou.

Enquanto as meninas riam, um sorriso tímido surgiu no rosto de Dolly.

Bella voltou a falar.

— E, para terminar, Shirley, nossa modelo profissional particular e estrela das passarelas, fará a sua maquiagem. Quando terminarmos, você ficará vinte anos mais jovem.

Shirley puxou Dolly até a penteadeira enquanto Linda corria até o quarto para pegar seus bobs térmicos. Sentada diante do espelho, Dolly tinha uma expressão infantil: a Cinderela prestes a ir ao baile.

— Qual você quer: o lamê prateado ou o de lantejoulas? — perguntou Bella, pegando os dois vestidos da cama.

Dolly a olhou através do espelho.

— Vou ficar igual a uma baleia nele, não é?

Bella riu e jogou o lamê para o lado.

— O de lantejoulas vai ficar perfeito!

Ela olhou para o reflexo de Dolly no espelho e deu uma piscadela, mas desviou o olhar quando viu a boca de Dolly começar a tremer. Bella não queria que ela voltasse a se emocionar. Dolly tivera a sua cota de abandono emocional... agora, ela precisava soltar o cabelo e ficar bêbada.

Quando começou a secar o cabelo molhado e embaraçado de Dolly, Linda nem percebeu que estava acariciando carinhosamente o ombro da outra com o polegar. Mas Dolly, sim. Era a primeira vez que Linda demonstrava algum sinal de amizade sincera, e Dolly se sentiu tão emocionada que não pôde deixar de segurar a mão dela. Linda fechou os dedos ao redor dos da outra e, olhando para seu reflexo no espelho, Dolly viu a culpa nos olhos dela.

— Vamos deixar tudo para trás, está bem, Linda? — disse Dolly calmamente.
— Todo o frio, toda a chuva, todos os erros.

Esse foi o perdão que Dolly ofereceu a Linda — e que Linda aceitou com um sorriso. Finalmente, havia um entendimento entre todas elas.

O quarto foi se enchendo de risos e conversa casual sobre penteados, vestidos e maquiagem. Dolly se sentiu amada naquele momento e, durasse ou não, ela aproveitaria cada segundo. A amizade entre elas a reconfortava, a fortalecia e fazia com que se sentisse querida. Por enquanto, ela era uma das “garotas”, mas, ao contrário de Shirley e Linda, Dolly não era viúva. Não mais. E ela nunca esqueceria o que Harry Rawlins a fizera passar.

Um dia ela o veria novamente. Um dia ele teria que encará-la.

Harry ainda estava vivo, e ela o encontraria. Onde quer que ele estivesse.

Sobre a autora



© Monte Farber

LYNDA LA PLANTE nasceu em Liverpool, Inglaterra. No início dos anos 1980, escreveu a minissérie de sucesso *Widows*, que foi indicada a dois BAFTAs e depois se transformou no livro *As viúvas*. Conhecida pela alcunha de “rainha dos dramas criminais”, a autora é best-seller mundial e uma das mulheres mais importantes da TV britânica, colecionando prêmios como Emmy, BAFTA e o Edgar Allan Poe Writer’s Award por seu trabalho como roteirista. Atualmente ela divide seu tempo entre Londres e Nova York.

Leia também



Pequenas grandes mentiras
Liane Moriarty



As garotas
Emma Cline



Mulheres sem nome
Martha Hall Kelly